

PREQUEL DO PREMIADO VIDEOGAME DA BOWWARE

MASS EFFECT™

ASCENSÃO

DREW KARPYSHYN





Outras obras do autor publicadas pela Galera Record:

Mass Effect – *Revelação*

Mass Effect – *Ascensão*

DREW KARPYSHYN

MASS EFFECT

ASCENSÃO

Tradução de
RYTA VINAGRE

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K27m Karpyshyn, Drew, 1971-
Mass effect [recurso eletrônico]: ascensão / Drew Karpyshyn; tradução Ryta Vinagre. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera, 2014.
recurso digital: il. (Mass Effect; 2)

Tradução de: Mass Effect: ascension
Sequência de: Mass Effect: revelação
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Agradecimentos, prólogo, epílogo
ISBN 978-85-01-06995-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título. III. Série.

14-16561

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original
Mass Effect – Ascension

Copyright © 2014 EA International (Studio & Publishing) Ltd.

Mass Effect, Mass Effect Logo, Bio Ware e Bio Ware logo são marcas registradas de EA International (Studio and Publishing) Ltd.

Publicado mediante acordo com Del Rey, um selo de Random House Publishing Group, divisão da Random House, Inc.

Todos os direitos reservados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-06995-5

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para minha esposa, Jennifer.
Eu não poderia fazer isto sem seu amor e apoio infinitos.

AGRADECIMENTOS

Este é o segundo romance Mass Effect e mais uma vez quero agradecer a toda a equipe Mass Effect da BioWare por ajudar a possibilitar tudo isso. Considero uma honra e um privilégio trabalhar com homens e mulheres de talento tão incrível. Sem sua criatividade, trabalho árduo, brilhantismo e paixão, Mass Effect não existiria.

PRÓLOGO

O noticiário na tela de vídeo bruxuleou com um fluxo constante de imagens que capturavam a morte e a destruição forjadas à Cidadela pelo ataque de Saren. Corpos de geth e de oficiais da C-Sec espalhavam-se ao acaso em torno das Câmaras do Conselho depois da batalha. Seções inteiras do Presidium foram reduzidas a metal queimado e retorcido. Pedacos derretidos e escurecidos de destroços que antes eram naves da frota da Cidadela flutuavam sem rumo pelas nuvens da Nebulosa da Serpente: um cinturão de asteroides nascido do banho de sangue e da carnificina.

O Homem Ilusivo¹ olhava aquilo tudo com um distanciamento frio e clínico. Já havia começado o trabalho de reconstrução e reparos da grande estação espacial, mas as repercussões da batalha iam muito além dos extensos danos físicos. Nas semanas que se seguiram ao devastador assalto dos geth, cada centro de mídia importante na galáxia foi dominado pelas imagens vívidas — e até então impensáveis.

O ataque abalou as potências galácticas em seu âmago alienígena, despojaram-nas de seu senso ingênuo de invencibilidade. A Cidadela, sede do Conselho e o símbolo de seu poder e posição inexpugnáveis, quase caiu para uma frota inimiga. Dezenas de milhares de vidas se perderam; todo o espaço do Conselho estava de luto.

Entretanto, onde outros viam uma tragédia, ele enxergava oportunidade. Sabia, talvez melhor do que qualquer um, que a repentina consciência da galáxia de sua própria vulnerabilidade podia beneficiar a humanidade. Era isto que o tornava especial: era um homem de visão.

Antigamente, ele tinha sido igual a todos os outros. Maravilhara-se com o resto das pessoas na Terra quando as ruínas protheans foram descobertas em Marte. Admirado, viu os vídeos que reportavam o primeiro contato violento da humanidade com uma espécie alienígena inteligente. Na época ele era um homem mediano, com um emprego mediano e uma vida mediana. Tinha amigos e família. Tinha, inclusive, um nome.

Agora todas essas coisas se foram, eliminadas pela necessidade de sua causa. Ele se tornara O Homem Ilusivo, abandonando e transcendendo sua existência comum em busca de um

objetivo muito maior. A humanidade livrara-se dos vínculos grosseiros da Terra, mas não encontrara a face de Deus. Em vez disso, descobriram uma comunidade galáctica e próspera: uma dezena de espécies espalhadas por centenas de sistemas solares em milhares de mundos. Como recém-chegada jogada na arena política interestelar, a raça humana precisava se adaptar e evoluir, se quisesse sobreviver.

Não podiam depositar sua fé na Aliança. Uma coalizão inchada de autoridades do governo e agências militares díspares, a Aliança era um instrumento desajeitado e obtuso vergado pelo peso de leis, convenções e o fardo esmagador da opinião pública. Interessada demais em conciliação e prostrando-se às várias espécies alienígenas, eles eram incapazes — ou não tinham disposição — de tomar as difíceis decisões necessárias para lançar a humanidade a seu destino.

O povo da Terra precisava de alguém que defendesse sua causa. Precisava de patriotas e heróis dispostos a fazer os sacrifícios necessários para elevar a razão humana acima de seus rivais interestelares. Precisava da Cerberus, e a Cerberus não existiria sem O Homem Ilusivo.

Como homem de visão, ele compreendia isso. Sem a Cerberus, a humanidade estava condenada a uma existência de subserviência humilhante aos pés de senhores alienígenas. Ainda assim, havia aqueles que chamariam de crime as suas ações. Antiético. Amoral. A história o vingaria, mas até lá ele e seus seguidores eram obrigados a existir às ocultas, trabalhando em segredo por seus objetivos.

As imagens no vídeo mudaram, mostrando agora o rosto de Shepard, comandante da Aliança. Primeiro ser humano a se tornar Espectro, Shepard fora fundamental na derrota de Saren e de seus geth... Ou assim alegavam os relatórios oficiais.

O Homem Ilusivo não pôde deixar de se perguntar o quanto esses relatórios oficiais omitiam. Ele sabia que havia mais no ataque do que um Espectro turian tratante liderando um exército geth contra o Conselho. Havia, primeiramente, a *Sovereign*, a magnífica nave de Saren. Os vídeos sustentavam que era uma criação geth, mas só um cego ou um tolo aceitaria tal explicação. Qualquer nave capaz de fazer frente ao poderio combinado das frotas da Aliança e do Conselho era avançada demais, muito além das capacidades de qualquer outra nave na galáxia, para ter sido criada por qualquer das espécies conhecidas.

Estava claro que havia certas coisas que aqueles no poder não queriam que fosse de conhecimento público. Tinham medo de provocar pânico, então torciam os fatos e adulteravam a verdade enquanto começavam o longo e lento processo de perseguir e exterminar os últimos bolsões de resistência geth espalhados pelo espaço do Conselho. Mas a Cerberus tinha pessoal na Aliança. Pessoal de alta patente. Em seu devido tempo, cada informação sigilosa do ataque seria filtrado até O Homem Ilusivo. Podia levar semanas, talvez até meses, para que ele soubesse de toda a verdade. Mas ele esperaria. Era um homem paciente.

Entretanto, não podia negar que estes eram tempos interessantes. Na última década, as três espécies com assento no Conselho — salarians, turians e asari — lutaram para manter a

humanidade em xeque, batendo uma porta depois de outra em sua cara. Agora aquelas portas haviam sido estouradas de suas dobradiças. As forças da Cidadela foram dizimadas pelos geth e a frota da Aliança tornara-se incontestavelmente a potência mais dominante da galáxia. Até o Conselho, fundamentalmente inalterado por quase mil anos, fora radicalmente reestruturado.

Alguns acreditavam que isso marcava o fim da tirania do triunvirato alienígena e o começo da ascensão irreprimível da humanidade. O Homem Ilusivo, porém, compreendia que manter o poder era muito mais difícil do que tomá-lo. Qualquer vantagem política que a Aliança pudesse obter no curto prazo seria, na melhor das hipóteses, temporária. Pouco a pouco, o impacto dos atos de Shepard e o heroísmo da frota da Aliança desbotariam na consciência coletiva da galáxia. A admiração e a gratidão de governos alienígenas aos poucos minguariam, substituídas pela suspeita e pelo ressentimento. Com o tempo, reconstruiriam suas frotas. E inevitavelmente as outras espécies mais uma vez competiriam pelo poder, procurando se elevar à custa da humanidade.

A raça humana dera um passo ousado à frente, mas a jornada estava longe de sua conclusão. Havia muitas outras batalhas a travar na luta pela dominância galáctica, em muitas frentes diferentes. Os ataques à Cidadela eram apenas uma peça pequena do quebra-cabeças maior e O Homem Ilusivo cuidaria deles em seu devido tempo.

Neste exato momento havia preocupações mais imediatas: sua atenção precisava se concentrar em outra parte. Como homem de visão, compreendia a necessidade de ter mais de um plano. Sabia quando esperar e quando avançar. E havia chegado a época de avançar com seus recursos dentro do Projeto Ascensão.

Nota

1. Originalmente, *The Illusive Man*. (N. da E.)

UM

Paul Grayson não costumava sonhar. Quando jovem, dormia sem a menor perturbação a noite toda. Mas esses dias de inocência já se foram havia muito tempo.

Eles estavam com duas horas de voo; mais quatro até chegarem ao destino. Grayson verificou a situação dos motores e do propulsor de massa da nave, depois confirmou sua rota nas telas de navegação pela quarta vez na última hora. Não havia muito mais que um piloto precisasse fazer naquele trajeto: tudo era inteiramente automático enquanto a nave estava em voo FTL².

Ele não sonhava toda noite, mas quase em noites alternadas. Podia ser um sinal da idade avançada, ou um subproduto das doses de areia vermelha que tomava ocasionalmente. Ou talvez fosse apenas consciência culpada. Havia um ditado salarian: a mente com muitos segredos jamais descansa.

Ele estava protelando, verificando sem parar os instrumentos e leituras para evitar o que estava por vir. Reconhecer o próprio medo e sua relutância permitia que ele confrontasse a situação — ou o obrigava a isto. A lidar com ela. Respirou fundo para se recompor, o coração martelando no peito enquanto ele se levantava lentamente da cadeira. Não tinha sentido algum em adiar isso por mais tempo. Chegou a hora.

Em certo nível, ele sempre sabia quanto estava sonhando. Tudo era recoberto por uma névoa estranha, uma película turva que conferia à falsa realidade um caráter desbotado e obscurecido. Entretanto, através desse filtro enevoadado, certos elementos seriam registrados com uma precisão minuciosa, os menores detalhes gravados indelevelmente em sua mente subconsciente. A justaposição aumentava a natureza surreal de seus sonhos, entretanto, também os tornava de certo modo mais nítidos e intensos do que seu mundo de vigília.

Os pés pisavam suavemente o corredor acarpetado ao saírem da cabine de comando e seguirem para a popa, à cabine de passageiros. Lá, Pel e Keo ocupavam dois dos quatro assentos, sentados um de frente para outro. Pel era um homem moreno, de ombros largos e pele morena. Seu cabelo era cortado em um estilo afro e ele tinha uma barba rala e preta estendendo-se pelo queixo. Sentado na cadeira de frente para Grayson enquanto este entrava na cabine, Pel se balançava suavemente no ritmo de uma música

que saía dos fones de ouvido. Seus dedos tamborilavam de leve na coxa, as unhas perfeitamente bem cuidadas roçando com suavidade o tecido preto de suas calças. A gravata ainda estava no pescoço, mas o paletó fora desabotoado e os óculos de sol espelhados estavam metidos no bolso direito. Seus olhos estavam quase fechados: ele estava perdido nos ritmos da música — uma imagem pacífica e tranquila que não parecia compatível com a reputação de um dos agentes de proteção pessoal mais importantes do Terra Firma.

Keo usava o mesmo terno do parceiro, exceto pela gravata, mas carecia do porte físico imponente que se esperava de uma segurança. Era 30 centímetros mais baixa do que Pel e talvez tivesse metade de seu peso, embora houvesse uma tensão em seus músculos fortes que sugeriam a violência que ela era capaz de infligir.

Era difícil determinar sua idade exata, porém Grayson sabia que Keo tinha pelo menos 40 anos. Com os progressos na nutrição e na terapia genética para reduzir os efeitos do envelhecimento, era comum que as pessoas parecessem tão jovens e saudáveis aos 50 anos como eram aos 30, e a aparência incomum de Keo dificultava ainda mais estimar o quanto seria jovem ou velha. Sua pele clara era da cor de giz, conferindo-lhe uma aparência espectral, e o cabelo prateado era raspado bem curto, permitindo vislumbres da carne branca feito massa de seu couro cabeludo.

O casamento entre várias etnias da Terra nos últimos dois séculos tornara a pele de alabastro uma raridade e Grayson suspeitava de que a palidez completa de Keo resultasse de uma deficiência de pigmento que ela nunca se incomodara em reverter... Embora fosse inteiramente possível que tivesse se submetido a clareamento eletivo de pele para fins estéticos. Afinal, a visibilidade era um aspecto fundamental de seu trabalho: deixe que as pessoas saibam que você está em serviço e elas pensarão duas vezes antes de fazer alguma idiotice. A estranha aparência de Keo definitivamente fazia com que ela se destacasse numa multidão, apesar de sua estatura.

A segurança estava de costas para Grayson, mas virou-se em seu assento para olhá-lo quando ele entrou na cabine. Parecia tensa e contida, pronta para qualquer coisa — um contraste completo com a tranquilidade de Pel. Ao contrário de seu parceiro, ela parecia incapaz de relaxar, mesmo nas circunstâncias mais banais.

— Qual é o problema? — perguntou Keo com a aproximação de Grayson, olhando desconfiada o piloto.

Grayson parou e levantou as mãos para que ficassem no nível dos ombros.

— Só vou pegar uma bebida — garantiu-lhe.

Seu corpo estava carregado de uma expectativa nervosa, e a ponta dos seus dedos chegava a formigar. Mas ele teve o cuidado de não trair nenhuma sugestão disso na voz.

Este sonho específico era por demais familiar. Nos últimos dez anos, ele revivera seu primeiro assassinato centenas, senão milhares de vezes. Recebera outras missões, é claro; outras mortes. A serviço da causa maior, ele tirara muitas e muitas vidas. Se a humanidade quisesse sobreviver — se quisesse triunfar sobre todas as outras espécies —, era necessário fazer

sacrifícios. Mas, de todos os sacrifícios, de todas as vidas que havia tirado, de todas as missões que completara, era com esta que sonhava mais do que qualquer outra.

Satisfeita que o piloto não representasse uma ameaça imediata, Keo virou a cara e se acomodou em seu assento, embora ainda parecesse pronta para atacar à menor provocação. Grayson cruzou atrás dela na direção da pequena geladeira no canto da cabine de passageiros. Engoliu em seco, sua garganta tão árida e apertada que chegava a doer. De algum modo, imaginou ver as orelhas de Keo se torcerem com o som de seu nervosismo.

Pelo canto do olho, enxergou Pel retirar os fones de ouvido, largando-os despreocupadamente no assento ao lado enquanto se levantava para se espreguiçar.

— Quanto tempo até pousarmos? — perguntou ele, as palavras parcialmente abafadas por um bocejo.

— Quatro horas — respondeu Grayson ao abrir a geladeira e examinar o conteúdo, esforçando-se para manter a respiração calma e controlada.

— Sem complicações? — perguntou Pel enquanto o piloto vasculhava o conteúdo resfriado da geladeira.

— Tudo está saindo de acordo com o cronograma. — Grayson passou a mão esquerda por uma garrafa de água enquanto a direita segurava o punho da lâmina longa, fina e serrada que ele escondera dentro do congelador antes do início da viagem.

Embora soubesse que era um sonho, Grayson estava impotente para mudar os eventos prestes a acontecer. O episódio continuaria sem nenhuma variação ou alterações. Estava preso no papel de observador passivo: uma testemunha obrigada a assistir pelos próprios olhos enquanto os acontecimentos se desenrolavam, seguindo seu curso original, o subconsciente recusando-se a permitir que ele alterasse a própria história pessoal.

— Acho que vou dar uma conferida na nossa Bela Adormecida — comentou Pel com indiferença, dando a Grayson a frase código para a ação final. Agora não haveria volta.

Só havia outro passageiro a bordo: Claude Menneau, um dos membros de mais alta patente do partido político pró-humano Terra Firma. Homem de vasta riqueza e poder, era uma figura pública carismática, embora não necessariamente agradável: o tipo de homem que podia pagar por uma nave interestelar particular, completa, com seu próprio piloto e uma dupla de seguranças em tempo integral para acompanhá-lo em suas viagens frequentes.

No que tinha se tornado uma rotina familiar, Menneau trancava-se na sala VIP da popa da nave pouco depois da decolagem. Ali, descansaria e se prepararia para seu iminente aparecimento público. Em algumas horas, deveriam tocar o solo do espaçoporto civil em Shanxi, onde Menneau falaria a uma multidão febril de partidários do Terra Firma.

Na esteira do escândalo do suborno da Nashan Stellar Dynamics, Inez Simmons havia sido obrigada a deixar seu papel de líder do partido. Estava claro que seria sucedida no leme do Terra

Firma ou por Menneau, ou por um homem chamado Charles Saracino, e ambos faziam viagens frequentes às várias colônias humanas para angariar apoio.

Menneau atualmente estava à frente das pesquisas por três pontos inteiros. Mas as coisas estavam prestes a mudar. O Homem Ilusivo queria que Saracino vencesse, e ele sempre conseguia o que queria.

Grayson ergueu-se da geladeira, escondendo a faca com a garrafa d'água, caso Keo olhasse. Para seu alívio, ela ainda estava sentada de costas para ele, sua atenção concentrada nas costas de Pel, que seguia seu caminho a passos longos e tranquilos para a sala VIP na traseira da nave.

A condensação gelada da garrafa de água deixou a palma de sua mão esquerda fria e úmida. A direita também estava úmida — quente e suada por segurar com força demais o cabo da arma. Ele deu um passo silencioso à frente, para se posicionar apenas centímetros atrás de Keo, de seu pescoço nu exposto e vulnerável.

Pel nunca seria capaz de chegar tão perto dela, não sem suscitar suspeitas e colocá-la em guarda. Apesar de quase seis meses trabalhando juntos como seguranças para Menneau, ela ainda não confiava inteiramente no parceiro. Pel era ex-mercenário, um matador profissional com passado sombrio. Keo sempre ficava de olho nele. Era por isso que tinha de ser Grayson. Talvez ela não confiasse nele — Keo não confiava em ninguém —, mas não vigiava cada um de seus movimentos como fazia com Pel.

Ele posicionou a arma para atacar, respirou fundo e investiu com a lâmina, levando-a em ângulo ascendente para o ponto macio do crânio, pouco atrás da orelha de Keo. Devia ser uma morte rápida e limpa. Mas sua hesitação momentânea custou-lhe caro: deu a Keo a oportunidade de sentir o ataque antes que ele acontecesse. Reagindo com um instinto de sobrevivência afiado por incontáveis missões, ela pulou de seu assento, girando o corpo e colocando-se de frente para o agressor enquanto a lâmina encontrava o alvo. Seus reflexos inacreditáveis a salvaram da morte imediata. Em vez de deslizar suavemente para o cérebro, a faca cravou fundo na carne de seu pescoço, onde ficou presa.

Grayson sentiu o cabo se libertar de sua mão suada enquanto cambaleava para trás, para longe de sua pretensa vítima. Parou quando bateu de costas na parede junto à pequena geladeira: não havia mais para onde ir. Keo agora estava de pé, olhando fixamente do outro lado do assento. Ele viu a certeza fria de sua própria morte iminente nos olhos dela. Sem o elemento surpresa, Grayson não era páreo para os anos de treinamento em combate de Keo. Nem mesmo tinha outra arma: sua faca ainda se destacava estranhamente ao lado do pescoço da mulher, o cabo tremendo um pouco.

Ignorando a pistola no quadril — Keo não se arriscaria a disparar a arma dentro de uma nave de passageiros em pleno voo —, ela sacou do cinto uma faca curta de aparência selvagem e saltou da cadeira que a separava de Grayson.

Foi um erro crítico. Grayson estragara o que deveria ter sido uma morte rápida, mostrando sua inexperiência. Isso levou Keo a subestimá-lo. Ela partiu para Grayson com agressividade demasiada, tentando encerrar rapidamente a luta, em vez de manter sua posição ou contornar cautelosamente os assentos. Seu erro tático dera ao adversário a fração de segundo necessária para recuperar a vantagem.

No instante em que ela se colocou de pé, Grayson investiu para a frente. Voando pelo ar, Keo não conseguiu refrear seu ímpeto nem mudar a trajetória, e os corpos dos dois se chocaram em um emaranhado. Grayson sentiu a faca de Keo cortar seu bíceps esquerdo, mas, em um combate corpo a corpo, a baixinha não teve alavancagem suficiente e a ferida foi superficial.

Ela chutou-o e tentou se afastar, rolando, procurando se desvencilhar e aproveitar sua velocidade e rapidez. Grayson não tentou impedi-la. Em vez disso, estendeu a mão e segurou o cabo da faca ainda alojada no pescoço dela. Puxou com um único movimento longo e suave enquanto ela se colocava novamente de pé.

Quando a lâmina se soltou, um gêiser carmim esguichou da ferida. A borda serrada abriu a artéria carótida. Keo só teve tempo de registrar um olhar de surpresa e incredulidade antes que a queda súbita na pressão sanguínea em seu cérebro a fizesse desmaiar e desabar, seu corpo flácido caindo no chão ao lado de Grayson.

Uma gota do fluido quente e pegajoso espirrou na cara e nas mãos de Grayson e ele saltou apressadamente com um grunhido de nojo, afastando-se do corpo até ficar mais uma vez preso contra a parede perto da geladeira. O sangue jorrava sem parar do buraco no pescoço, a intensidade do fluxo aumentando e diminuindo a cada batida do coração ainda ativo. Quando o músculo desistiu alguns segundos depois, o fluxo pulsante foi reduzido a um filete lento, mas constante.

Pel voltou da sala de trás menos de um minuto depois. Ergueu uma sobrancelha para o sangue que cobria Grayson, mas não fez comentários. Agindo calmamente, aproximou-se do corpo de Keo no chão e se curvou para verificar a pulsação, desviando-se cuidadosamente da poça de sangue em expansão de modo a não sujar os sapatos. Satisfeito, levantou-se e voltou a se sentar na cadeira onde antes estivera relaxando.

— Bom trabalho, Matador — disse com um leve sorriso.

Grayson ainda estava contra a parede ao lado da geladeira. Observava a vida de Keo se esvaír rapidamente em sangue, paralisado, hipnotizado pela cena macabra.

— Menneau está morto? — perguntou. Uma pergunta idiota, mas enquanto a descarga de adrenalina de seu primeiro assassinato baixava, sua mente parecia obtusa e lenta.

Pel fez que sim.

— Mas não foi tão suja como esta. Gosto de manter meus corpos limpos. — Ele pegou os fones de ouvido que ainda estavam na cadeira ao lado.

— Devemos limpar o sangue?

— Não tem sentido — informou-lhe Pel, colocando os fones nos ouvidos. — Assim que encontrarmos a equipe de coleta, eles vão jogar esta nave inteira no sol mais próximo. — O grandalhão fez uma pausa antes de acrescentar com os olhos cerrados, seu corpo voltando a se balançar no ritmo da música: — Não se esqueça de reclamar seu troféu.

Grayson engoliu em seco e se obrigou a entrar em movimento. Afastou-se da parede e se aproximou do corpo de Keo. Ela estava prostrada meio de lado, a pistola no quadril bem dentro de seu alcance. Ele

estendeu a mão trêmula para a arma...

O sonho terminava exatamente no mesmo ponto. E sempre que isto acontecia, Grayson acordava com o coração aos saltos, os músculos tensos e as palmas das mãos transpirando, como se o corpo estivesse revivendo a experiência junto com a mente subconsciente.

Na época ele não sabia — assim como ainda não sabia agora —, por que Menneau tinha de morrer. Só sabia que servia de alguma forma ao bem maior. Entretanto, isso não bastava. Ele era dedicado à causa, completamente leal à Cerberus e a seu líder. O Homem Ilusivo lhe dava uma ordem e ele obedecia sem questionar.

Excluindo o erro de permitir que Keo sobrevivesse brevemente a seu primeiro ataque, a primeira missão de Grayson tinha sido um sucesso completo. A equipe de coleta reuniu-se como eles no ponto de encontro combinado e a nave, junto com os corpos de Keo e Menneau, fora descartada. Houve suspeitas e teorias em torno do desaparecimento de Menneau e sua tripulação, mas, sem nenhuma prova que as apoiasse, acabaram por dar em nada. E com o principal rival fora da corrida, Charles Saracino tinha sido nomeado o líder do partido Terra Firma... Embora só fosse possível especular que importância isto teria para os planos de longo prazo do Homem Ilusivo.

O desempenho de Grayson impressionou seus superiores na organização Cerberus, levando a dezenas de atribuições na década seguinte. Mas tudo havia terminado quando Gillian foi admitida no Projeto Ascensão.

Grayson não gostava de pensar em Gillian. Não desse jeito, sozinho em seu apartamento, sentindo a pressão do escuro. Ele afastou o rosto dela de sua mente e rolou, na esperança de voltar a dormir. Ficou petrificado quando ouviu um barulho atrás da porta do quarto. Suas orelhas se aprumaram atentamente e ele só pôde distinguir vozes vindas da sala de estar de seu pequeno apartamento. Era possível que simplesmente tivesse deixado a tela de vídeo ligada quando cambaleou para a cama, fissurado demais pela areia vermelha para desligá-la. Era possível, mas improvável.

Agindo em silêncio, rolou para fora da cama, deixando um emaranhado de cobertores para trás. Vestindo apenas uma cueca samba-canção, seu corpo magro tremia no ar frio do quarto enquanto ele abria com cautela a gaveta da mesa de cabeceira e pegava a pistola. *A pistola de Keo*, sua mente o corrigiu, escavando sua lembrança mais uma vez.

Adequadamente armado, Grayson atravessou descalço o quarto a passos furtivos e passou pela porta entreaberta para o corredor. O apartamento estava às escuras, embora ele pudesse ver o brilho suave da tela de vídeo se derramando da sala de estar. Avançou bem agachado, tornando-se um alvo menor caso o invasor tentasse dar um tiro nele.

— Abaixе a arma, Matador. — A voz de Pel chamou enquanto ele se aproximava. — Sou eu.

Xingando em voz baixa, Grayson se ergueu e entrou na sala de estar, encontrando sua visita não convidada.

Pel estava esticado no sofá de frente para a tela de vídeo, assistindo a um dos canais de notícias. Ainda era uma figura grande e poderosa, mas engordara nos últimos dez anos. De certo modo agora parecia brando, um homem que claramente desfrutava de uma vida de luxo e prazeres.

— Meu Deus, você está péssimo — observou Pel quando Grayson entrou em seu campo de visão. — Pare de gastar todo seu dinheiro em areia vermelha e compre uma porcaria de refeição de vez em quando.

Enquanto falava, estendeu um pé e chutou a mesinha no centro da sala. Grayson estava intoxicado demais para se incomodar em limpar antes de ir para cama. Um espelho, uma lâmina de barbear e uma trouxinha de areia vermelha estavam à plena vista em cima da mesa.

— Me ajuda a dormir — murmurou Grayson.

— Ainda tem pesadelos? — perguntou Pel. Havia certa zombaria em sua voz.

— Sonhos — respondeu Grayson. — Com Keo.

— Eu também costumava sonhar com ela — admitiu Pel com um sorriso torto. — Sempre me perguntei como Keo seria na cama.

Grayson jogou a pistola na mesa com a parafernália das drogas e arriou na poltrona de frente para o sofá. Não tinha certeza se Pel estava ou não brincando com ele. Com Pel, nunca se sabia.

Ele deu uma olhada na tela de vídeo. Mostravam imagens da Cidadela recém-reformada. Dois meses antes, o ataque dominara a mídia, junto com os pensamentos e a consciência de cada ser do espaço do Conselho. Agora, porém, o choque e o horror começavam a esmorecer. A normalidade voltava, esgueirando-se de maneira lenta, mas definitiva, por todos os lados. Alienígenas e humanos voltavam à sua rotina cotidiana: trabalho, escola, amigos, família. Gente comum tocando a vida.

A história ainda tinha vida na mídia, mas agora restava aos eruditos e políticos analisar e dissecar. Um painel de especialistas em política — uma embaixatriz asari, um diplomata volus e um salarian aposentado do serviço secreto — aparecia no vídeo, e seus participantes debatiam as posições políticas dos vários candidatos que a humanidade considerava para o Conselho.

— Acha que O Homem tem alguma influência em quem escolhemos? — perguntou Grayson, apontando para a tela.

— Talvez — respondeu Pel com indiferença. — Não seria a primeira vez que ele se envolveria com política.

— Já se perguntou por que ele queria Menneau morto? — A pergunta saiu da boca de Grayson antes que sequer percebesse que a fazia.

Pel deu de ombros com indiferença, embora seus olhos trouxessem uma expressão preocupada.

— Pode ter cem razões diferentes. Não faço esse tipo de pergunta. E nem você deveria fazer.

— Acha que devemos obediência cega a ele?

— Só sei que acabou e que não há nada que você possa fazer para mudar isso. Gente como nós não pode viver no passado. Deixa um cara negligente.

— Eu tenho tudo sob controle — garantiu-lhe Grayson.

— Está na cara. — Pel bufou, gesticulando com a cabeça para a areia vermelha na mesa.

— Só me diga por que está aqui — pediu Grayson, cansado.

— O Homem quer que você visite a garota com outro lote de medicamentos.

— Ela tem nome — murmurou Grayson. — É Gillian.

Pel se sentou e curvou-se para a frente, as mãos nas coxas enquanto balançava a cabeça, exasperado.

— Não quero saber o nome dela. Nomes tornam as coisas pessoais. E a gente se atrapalha quando as coisas ficam pessoais. Ela não é uma pessoa: é só um recurso da Cerberus. Vai facilitar quando O Homem Ilusivo decidir que a menina é descartável.

— Ele não faria isso — argumentou Grayson. — Ela é valiosa demais.

— Por enquanto — grunhiu Pel. — Mas lá pelas tantas alguém vai entender que eles podem aprender mais se abrirem o crânio dela e cutucarem seu cérebro. E então, o que vai acontecer, Matador?

Uma imagem do corpo esfaляlado de Gillian, prostrado em uma maca médica, brotou na mente de Grayson, mas ele não ia morder a isca de Pel.

Além do mais, não vai acontecer. Eles precisam de Gillian.

— Sou leal à causa — falou Grayson em voz alta, sem querer discutir esta questão com Pel. — Farei o que for necessário.

— É bom ouvir isso. Detestaria pensar que você ficou molenga.

— Foi realmente por isso que veio aqui? — Grayson queria saber. — Ele trouxe você do Sistema Terminus só para dar uma olhada em mim?

— Você não responde mais a mim, Matador — garantiu-lhe Pel. — Só estou de passagem. Tive de resolver uns assuntos na Terra, então me ofereci para passar aqui quando voltava para deixar os suprimentos.

O grandalhão pegou um pequeno frasco de líquido claro no bolso do paletó e jogou para Grayson, que o apanhou tranquilamente com uma das mãos. Não havia rótulo no frasco: nada que indicasse o que seria ou o que poderia fazer, nenhum sinal de sua origem.

Feito seu trabalho, Pel levantou-se do sofá e se virou para sair.

— Vai denunciar a areia vermelha? — perguntou Grayson às costas de Pel, que chegava à porta.

— Não tem nada a ver comigo — respondeu sem se virar. — Você pode ficar chapado todas as noites, isso não me diz respeito. Vou me encontrar com um contato em Omega. Amanhã, a

essa hora, estarei afundado até o pescoço em alienígenas.

— Faz parte de meu disfarce — acrescentou Grayson na defensiva. — Combina com o personagem de pai perturbado.

Pel passou a mão no painel da porta e ela se abriu num silvo.

— Se você está dizendo, cara. A atribuição é sua.

Ele saiu para o corredor do prédio, depois se virou para um aceno de despedida.

— Não fique negligente, Matador. Detesto limpar a sujeira dos outros.

A porta se fechou com outro silvo, perfeitamente cronometrado com o final de suas palavras e eliminando qualquer oportunidade de Grayson responder.

— O filho da puta sempre fica com a última palavra — murmurou.

Com um gemido, saiu da poltrona e colocou o frasco na mesinha ao lado do saco de areia vermelha, depois voltou com relutância para a cama. Felizmente, os únicos sonhos que teve pelo resto da noite foram com sua filha.

Nota

2. Do inglês *Faster Than Light*, literalmente, mais rápido que a luz. (*N. da E.*)

DOIS

Kahlee Sanders andava a passos rápidos e confiantes pelos corredores da Academia Jon Grissom. Uma estação espacial construída sete anos antes na órbita da colônia humana de Elysium, foi batizada com o nome do contra-almirante Jon Grissom, o primeiro homem a viajar por um retransmissor de massa e uma das lendas vivas mais veneradas e respeitadas da humanidade.

Por acaso, Grissom também era pai de Kahlee.

Os sapatos dela, práticos, com saltos de dois centímetros, estalavam suavemente enquanto ela percorria o corredor do alojamento e seu jaleco de laboratório assoviava levemente a cada passo. Era quase uma hora depois do jantar e os alunos estavam em seus quartos, estudando, preparando-se para as aulas do dia seguinte. A maioria mantinha as portas fechadas, embora alguns preferissem deixá-las abertas e olhassem de seus e-books e telas de computador enquanto ela passava, a atenção atraída pelo barulho dos passos. Alguns sorriram ou assentiram; alguns mais novos até lhe deram um aceno entusiasmado. Ela respondia a todos da mesma forma.

Só poucas pessoas realmente sabiam que Grissom era seu pai e a relação deles, se pudesse ser chamada assim, nada tinha a ver com o cargo na Academia. Ela não via o pai com frequência; a última vez que falara com ele tinha sido havia mais de um ano. E tinha terminado, como parecia acontecer a cada visita, em uma discussão. O pai era um homem difícil de amar.

Grissom se aproximava dos 70 anos e, ao contrário da maioria das pessoas nesta era de medicina moderna, realmente aparentava sua idade. Kahlee estava no início dos 40, mas sua aparência era de uma mulher pelo menos uma década mais nova. De altura e peso medianos, estava em boa forma suficiente para continuar andando com a vivacidade da juventude. Sua pele ainda era macia, tirando algumas rugas mínimas em volta dos olhos quando ria ou sorria. E o cabelo na altura do ombro permanecia louro com mechas mais escuras, cor de areia: ela só teria de se preocupar com cabelos grisalhos dali a pelo menos trinta anos.

Seu pai, por outro lado, parecia *velho*. Sua mente — e a língua — ainda era afiada como sempre, mas o corpo estava seco e murcho. A pele dele era coriácea e dura, as feições afundadas

e abatidas, o rosto marcado por décadas lidando com a pressão e o estresse que acompanhavam um ícone vivo. O cabelo de Grissom, que rareava, estava quase inteiramente branco e ele se movimentava com a lentidão e meticulosidade dos idosos, chegando mesmo a andar com o corpo um tanto recurvado.

Imaginando-o, era difícil pensar no grande herói retratado pela mídia e pelos livros de história. Kahlee não podia deixar de se perguntar o quanto disso era intencional, uma fachada que Grissom erguia para afastar os outros. Seu pai dera as costas à fama, sem disposição para se expor como um símbolo da Terra ou da Aliança. Recusara-se a comparecer à consagração da Academia Jon Grissom e nos últimos sete anos tinha rejeitado dezenas de convites do conselho diretor para visitar as instalações, apesar do fato de a academia orbitar o planeta no qual fizera seu lar.

Deve ser melhor assim, pensou Kahlee consigo mesma. Que o público ficasse com sua memória: servia como um símbolo de nobreza e coragem mais adequado do que o velho cretino e misantropo que ele se tornara. Além disso, Kahlee tinha muito com o que se ocupar na academia sem ter de lidar com o pai.

Ela afastou os pensamentos de Grissom ao chegar a seu destino. Bateu uma vez na porta fechada.

— Entre — exclamou uma voz jovem e cautelosa, e um segundo depois a porta se abriu num silvo.

Nick estava deitado de costas em sua cama, o cenho franzido para o teto. Tinha 12 anos, embora fosse um tanto pequeno para a idade. Apesar disso, havia algo nele — um ar quase inconsciente de arrogância e crueldade — que o marcava mais como valentão do que como vítima.

Kahlee entrou e fechou a porta. Nick recusava-se obstinadamente a olhar e reconhecer sua presença. O computador da escola, fechado e ignorado, estava na mesinha no canto do quarto. Era evidente que ele fazia beicinho.

— Qual é problema, Nick? — perguntou ela, aproximando-se para se sentar na beira da cama.

— Hendel me colocou de castigo por três semanas! — exclamou o garoto, sentando-se de repente. Sua expressão era de ultraje e da mais completa indignação. — Ele nem mesmo me deixa jogar na net!

Os alunos da Academia Grissom eram bem tratados, mas, quando se comportavam mal, certos privilégios — acesso a games na Extranet, ver os programas preferidos nas telas de vídeo em seus quartos ou ouvir música — podiam ser retirados. Nick, em particular, estava muito familiarizado com este tipo de punição.

— Três semanas é uma eternidade! — protestou. — Isso não é nada justo!

— Três semanas é muito tempo — concordou Kahlee com um sóbrio gesto de cabeça, esforçando-se para que a sugestão de um sorriso não brincasse em seus lábios. — O que você fez?

— Nada! — Houve uma pausa sugestiva antes de ele continuar. — Eu só... Eu meio que... *Empurrei* Sessaun.

Kahlee meneou a cabeça, reprovando, expulsando por completo seu impulso de sorrir.

— Você sabe que isso não é permitido, Nick — disse ela com severidade.

Todos os alunos da Academia Grissom eram extraordinários de alguma maneira: gênios da matemática, bem-dotados em tecnologia, artistas brilhantes, músicos e compositores de primeira linha. Mas Kahlee só precisava lidar com os alunos envolvidos no Projeto Ascensão: um programa que pretendia ajudar crianças com aptidão biótica a maximizar seu potencial. Depois de preparados com amplificadores microscópicos conectados por seu sistema nervoso, era possível que indivíduos bióticos usassem impulsos eletromagnéticos gerados no cérebro para criar campos de efeito de massa. Com os anos de treinamento em foco mental e técnicas de *biofeedback*, esses campos podiam se fortalecer o suficiente para alterar o ambiente físico. Um biótico poderoso podia erguer e jogar objetos, paralisá-los, ou até mesmo despedaçá-los com nada além do poder da mente. Considerando este potencial perigoso, não era de admirar que houvesse regras estritas contra os alunos usarem suas capacidades fora dos ambientes adequadamente supervisionados.

— Você o machucou?

— Um pouco — confessou Nick de má vontade. — Ele bateu o joelho quando o derrubei. Não é grande coisa.

— É grande coisa — insistiu Kahlee. — Não pode usar a biótica nas outras crianças, Nick, você sabe disso!

Como todos os alunos do Projeto Ascensão de sua faixa etária, Nick foi submetido a sua cirurgia de implantação havia pouco mais um ano. A maioria das crianças ainda lutava para ter acesso a suas capacidades recém-descobertas, praticando os exercícios e as lições que lhes permitiriam coordenar seus novos amplificadores bióticos com os próprios sistemas biológicos. Nos dois primeiros anos, a maioria mal conseguia erguer uma caneta alguns centímetros da superfície de uma mesa.

Nick, porém, aprendia rapidamente. Com base no teste inicial, a maioria de seus colegas de turma quase certamente o alcançaria nos próximos anos; vários até poderiam superá-lo. Mas, neste momento, ele era muito mais poderoso do que qualquer um dos colegas... Forte o bastante para derrubar outro menino de 12 anos.

— Foi ele que começou — protestou Nick em autodefesa. — Ele estava sacaneando meus sapatos. Então só o *empurrei*. Não posso evitar se sou bom em biótica!

Kahlee suspirou. A atitude de Nick era inteiramente normal... E inaceitável. O Projeto Ascensão tinha dois objetivos principais: trabalhar com indivíduos bióticos numa tentativa de maximizar o potencial humano no campo e, mais importante aos olhos dela, ajudar os bióticos a se integrarem na chamada sociedade humana normal. Os estudantes não eram treinados apenas em técnicas bióticas, também eram expostos a um currículo de filosofia e instrução moral que os ajudaria a compreender as responsabilidades e obrigações que acompanhavam seu talento extraordinário.

Era importante que as crianças não amadurecessem com um senso de direito adquirido, ou a crença de que eram de algum modo melhores do que os demais devido a suas capacidades. É claro que esta costumava ser a lição mais difícil de ensinar.

— Sessaun é maior do que você, não é? — observou Kahlee depois de pensar por um momento.

— Todos os meninos são maiores do que eu — resmungou Nick, cruzando as pernas. Ele se curvou para pousar os cotovelos na guarda da cama, depois equilibrou o queixo nas mãos em uma exibição maravilhosa da flexibilidade que todas as crianças novas possuíam.

— Antes de você receber seus implantes, ele implicava com você? Ficava empurrando você porque era maior?

— Não — respondeu Nick, revirando os olhos ao sentir o sermão que estava por vir. — Isso seria errado — acrescentou respeitosamente, sabendo que era o que ela queria ouvir.

— Só porque você é maior, mais forte ou melhor na biótica, não quer dizer que possa fazer o que bem entender — disse-lhe Kahlee, sabendo que ele não ouvia metade de suas palavras. Ainda assim, tinha esperanças que de tanto repetir, um dia a mensagem fosse transmitida. — Você tem um dom especial, mas isso não o autoriza a machucar os outros.

— Eu sei — admitiu o menino. — Mas foi meio que um acidente. E eu pedi desculpas.

— Pedir desculpas nem sempre basta. Por isso Hendel o colocou de castigo.

— Mas três semanas é *taaanto* tempo!

Kahlee deu de ombros.

— Hendel já foi soldado. Ele acredita na disciplina. Agora vamos dar uma olhada na sua leitura.

O menino, ainda com o queixo nas mãos, tombou a cabeça para baixo, expondo a nuca. Kahlee estendeu a mão e o tocou cautelosamente pouco acima do colarinho, preparando-se para a pequena faísca que seria disparada na ponta de seu dedo. Nick deu um leve salto, embora estivesse mais acostumado com isso do que ela. Os bióticos costumavam soltar pequenas descargas agudas de eletricidade; seus corpos geravam estática naturalmente, como se tivessem acabado de atravessar um carpete com meias de lã.

Ela beliscou a pele de seu pescoço entre o polegar e o indicador da mão esquerda, enquanto, com a direita, pegava uma pequena agulha no bolso do jaleco. Havia um transmissor mínimo e

esférico na cabeça da agulha.

— Pronto? — perguntou Kahlee.

— Pronto — disse Nick entre dentes, e ela apertou a agulha no espaço entre duas de suas vértebras com uma pressão firme e constante.

O corpo do menino se retesou e ele soltou um leve gemido com a entrada da agulha, depois relaxou. Kahlee pegou uma omnitool em um dos outros bolsos e conferiu os indicadores para se certificar de que os dados de Nick estivessem sendo transmitidos corretamente.

— Você também já foi soldado? — perguntou Nick, ainda de cabeça tombada para a frente.

Kahlee pestanejou, surpresa. A Academia Grissom era uma instalação civil da Aliança. Grande parte do financiamento vinha da Aliança, mas na maior parte tinha como modelo um colégio interno, e não uma academia militar. Os pais tinham liberdade de visitar os filhos a qualquer hora ou retirá-los do currículo por qualquer motivo. Serviços de segurança, custódia e apoio eram proporcionados por militares plenamente fardados, mas a maioria dos instrutores, pesquisadores e da equipe acadêmica era de civis. Isto era particularmente importante para o Projeto Ascensão, uma vez que atenuava os temores de que a Aliança tentava transformar crianças em supersoldados bióticos.

— Antigamente eu era da Aliança — admitiu Kahlee. — Agora estou na reserva.

Uma programadora brilhante com talento para inteligências sintéticas e artificiais, Kahlee se alistara aos 22 anos, logo depois da morte da mãe. Passou 14 anos trabalhando em vários projetos de segurança máxima para a Aliança antes de voltar à vida civil. Nos anos seguintes, tinha trabalhado como consultora corporativa autônoma, solidificando sua reputação como uma das mais importantes especialistas no campo. E então, cinco anos antes, o conselho diretor da Academia Grissom lhe oferecera um cargo lucrativo no Projeto Ascensão.

— Eu achava mesmo que você já foi soldado — falou Nick com certa presunção. — Você é toda durona, como se estivesse pronta para brigar o tempo todo. Igualzinha a Hendel.

Por um momento, Kahlee ficou perplexa. Tinha treinamento básico de combate, obrigatório para todo o pessoal da Aliança. Mas não imaginava a si mesma trazendo alguma semelhança com um veterano endurecido pela batalha como Hendel. Cumprira a maior parte de seu serviço em laboratórios de pesquisa, cercada por computadores e outros cientistas, e não no campo de batalha.

A não ser por aquela vez que você ajudou Anderson a matar um mestre de batalha krogan, intrometeu-se uma pequena parte de sua mente. Ela tentou se livrar da lembrança. Não gostava de pensar em Sidon e em tudo que viera depois: perdera amigos demais ali. Mas, com a cara de Saren constantemente aparecendo nos noticiários nos últimos meses, era difícil não desencavar as lembranças. E sempre que via imagens da *Sovereign* atacando a Cidadela, não conseguia deixar de se perguntar se haveria alguma ligação entre a pesquisa ilegal do Dr. Shu Qian em Sidon e a imensa nave espacial alienígena que Saren tinha usado para liderar o assalto dos geth.

— Srta. Sanders? Acho que acabei.

A voz de Nick a trouxe de seus pensamentos ao presente. O transmissor no pescoço emitia um sinal sonoro fraco.

— Desculpe, Nick — murmurou ela, retirando a agulha. Nick se sentou reto, esfregando a nuca.

Ela colocou a agulha no bolso e verificou novamente a leitura na omnitool, verificando os dados de que precisava. Esta era a essência de seu trabalho no Projeto Ascensão. Os mais recentes implantes bióticos, popularmente chamados de configuração L4, eram equipados com uma rede de chips de inteligência virtual. Os chips IV monitoravam a atividade das ondas cerebrais de um biótico, aprendendo os padrões de pensamento complexos de seu hospedeiro e adaptando seu próprio desempenho para maximizar o potencial biótico.

Ao analisar os dados coletados nos chips, Kahlee e sua equipe também podiam fazer ajustes sutis e customizados no programa IV, coordenando as amplificações de um indivíduo, resultando em ganhos ainda maiores. Até agora, os testes revelaram uma aumento de 10 a 15 por cento na capacidade biótica em relação às configurações L3 mais antigas em 90 por cento dos objetos de estudo, sem nenhum efeito colateral aparente. Mas, como a maior parte da pesquisa no campo da biótica, eles só começavam a arranhar a superfície do que era possível.

Nick voltou a se deitar de costas na cama, esgotado pela provação de ter a coluna perfurada.

— Estou ficando mais forte, não é? — disse ele em voz baixa, sorrindo muito ligeiramente.

— Não tenho como dizer só olhando esses indicadores. — Kahlee fugiu da questão. — Preciso voltar ao laboratório e correr os números.

— Acho que estou ficando mais forte — falou o menino com confiança, fechando os olhos.

Um tanto alarmada, ela deu um tapinha gentil na perna dele e se levantou da cama.

— Descanse um pouco, Nick. — E o deixou sozinho em seu quarto.

TRÊS

Enquanto a porta do quarto de Nick se fechava às suas costas, Kahlee notou Hendel andando pelo corredor, com seu traje costumeiro de calça caramelo e uma camisa preta de manga comprida e apertada. Era um homem alto, com mais de 1,80 m, grosso no pescoço, no peito e nos braços, com uma barba bem aparada e bigode que cobriam o queixo e o lábio superior, mas deixavam as bochechas expostas. O cabelo marrom ferrugem e o nome eram uma evidência clara de sua origem escandinava. Porém, o tom mais escuro da pele e seu sobrenome, Mitra, sugeriam uma herança mista: ele na realidade nascera nos subúrbios dos arredores de Nova Calcutá, uma das regiões mais ricas da Terra.

Kahlee supunha que os pais de Hendel ainda morassem lá, embora não fizessem mais parte da vida dele. Sua relação disfuncional com Grissom não era nada se comparada à de Hendel com a família. Ele não falava com os pais havia mais de vinte anos, desde que o abandonaram no Programa de Treinamento e Aclimação Biótica, quando era adolescente. O Programa TAB, ao contrário da liberdade no Programa Ascensão desfrutado na Academia Grissom, acontecia em uma instalação militar ultrassecreta antes de ser fechada como um fracasso funesto. Os intelectos por trás do programa queriam que os instrutores do TAB agissem sem interferência das famílias, de modo que faziam todo esforço possível para convencer os pais de que os bióticos eram perigosos. Tentavam fazer com que se sentissem envergonhados e até temerosos dos próprios filhos, na esperança de separar os alunos de suas famílias. No caso de Hendel, fizeram um trabalho maravilhoso.

O homem se aproximava com velocidade e decisão, impelido por suas passadas longas e rápidas. Ignorava as crianças que olhavam curiosamente para ele de seus quartos, com um franzido marcando o rosto ao fitar atentamente o chão.

Ora, aí está alguém que sabe andar como um soldado, pensou Kahlee.

— Ei! — chamou Kahlee, surpresa, quando ele passou voando por ela, aparentemente sem se dar conta de sua presença. — Olhe por onde anda!

— Hein? — Hendel parou de repente e olhou por sobre o ombro. Só então pareceu perceber Kahlee. — Desculpe, estou com pressa.

— Eu acompanho você.

Hendel voltou a seu ritmo e Kahlee passou a andar ao lado. A cada poucos passos, ela precisava correr um pouco para acompanhá-lo.

— Você esteve agora com Nick? — perguntou ele.

— Ele está de mau humor — respondeu Kahlee. — Acha que você está sendo injusto.

— Ele tem sorte — grunhiu Hendel. — No meu tempo, ele teria recebido um tabefe na cabeça com força suficiente para fazer os ouvidos sangrarem. Agora só o que temos é o confinamento e as aulas. Não admira que metade dessas crianças saia daqui como rebeldes arrogantes e metidos a besta.

— Acho que tem mais a ver com o fato de ele ser adolescente do que ser biótico — observou Kahlee com um leve sorriso. Hendel falava duro, mas ela sabia que ele jamais permitiria que qualquer uma das crianças com quem trabalhava fosse machucada.

— Alguém precisa endireitar esse menino — avisou Hendel. — Ou vai acabar como um daqueles garotos que entram num bar, dão em cima da mulher de outro homem... Depois usam a biótica para derrubar o sujeito quando ele tenta esmurrar. Ele vai pensar que tudo não passa de uma grande brincadeira... Até que alguém no bar se irrite de verdade e bata uma garrafa na cabeça dele enquanto não estiver olhando.

Kahlee gostava de Hendel, mas ali estava mais um exemplo de sua visão pessimista e frequentemente fria da vida. É claro que havia alguma verdade no que ele disse: existiam bióticos que agiam como se fossem indestrutíveis, abençoados com superpoderes. Porém, havia limites para seus talentos. Levava tempo gerar um campo de efeito de massa, bem como concentração mental intensa e foco. A fadiga se estabelecia rapidamente. Depois de uma ou duas exibições impressionantes, um biótico ficava esgotado e acabava vulnerável como qualquer pessoa.

Havia vários casos documentados de bióticos gabando-se de seu poder: trapaceando nos dados ou na roleta em um cassino; alterando a trajetória da bola no meio de um jogo de basquete; até fazendo pegadinhas nas pessoas ao puxar suas cadeiras quando iam se sentar. As consequências para esses atos em geral eram graves. Sabia-se de turbas enfurecidas que atacavam ou até mesmo matavam bióticos em retaliação por tais ofensas menores, impelidas a uma reação extrema e exagerada por sua ignorância e medo.

— Isso não vai acontecer com Nick — garantiu Kahlee. — Ele vai aprender. Um dia vamos fazer com que entenda.

— Talvez um dos professores precise atingi-lo com um atordoador qualquer dia desses — replicou sem qualquer expressão.

— Não olhe para mim — protestou Kahlee, rindo, dando dois saltos rápidos para não ficar para trás. — Eu nunca carrego o meu.

Os atordoadores — pequenas armas de eletrochoque fabricadas pela Aldrin Labs, capazes de deixar um aluno inconsciente — eram um item padrão de todo pessoal no Projeto Ascensão; uma precaução, caso qualquer um dos alunos desferisse um grave ataque biótico contra um integrante da equipe ou colega de turma. Por motivos judiciais, todo o pessoal não biótico devia portar um atordoador enquanto estivesse de serviço, mas Kahlee desafiava abertamente a regra. Odiava os atordoadores. Pareciam remontar à falta de confiança e ao medo que predominavam nos tempos do programa TAB. Além disso, em todos os anos do Projeto Ascensão, nenhum integrante da equipe precisou usar um deles.

Se Deus quiser, ninguém jamais usará, pensou. Em voz alta, perguntou:

— Então, aonde vamos com tanta pressa?

— Ver Gillian.

— Isso não pode esperar? — perguntou Kahlee. — Jiro está fazendo suas leituras.

Hendel ergueu um olho curioso.

— Não o está supervisionando?

— Ele sabe o que faz.

Por algum motivo, Hendel jamais havia simpatizado com Jiro. Podia ser a diferença de idade: Jiro era um dos membros mais novos da equipe. Ou podia ser simplesmente um choque de personalidades: Jiro era alegre, extrovertido e tagarela, enquanto Hendel era, para dizer o mínimo, estoico.

— Não tenho nada contra Jiro — garantiu, embora ela soubesse que isso não era inteiramente verdade. — Mas Gillian não é igual aos outros alunos.

— Você se preocupa demais com ela.

— Isso é estranho — respondeu ele —, partindo de você.

Kahlee deixou o comentário passar. Ela e Hendel dedicaram muito tempo e atenção a mais a Gillian. Não era realmente justo com os demais alunos, mas Gillian era especial. Ela precisava de mais ajuda do que os outros.

— Gillian gosta de Jiro — explicou Kahlee. — Ele vai ficar bem sem que você precise ficar pairando por perto como um pai superprotetor.

— Isto não tem nada ver com as leituras dela — grunhiu Hendel. — Grayson quer vir para outra visita.

Kahlee parou e segurou seu companheiro pelo cotovelo, interrompendo o andar do grandalhão e o girando para ficar de frente para ela.

— Não — falou com firmeza. — Não quero que ela saiba disso por você.

— Sou encarregado da segurança desta ala. — Hendel ficou na defensiva. — Todas as solicitações de visita passam por mim, para minha aprovação.

— Não está pensando seriamente em negar o pedido dele? — perguntou Kahlee apavorada.
— Ele é o *pai* dela! Tem direitos!

— Se eu pensar que a visita representa um perigo para a criança, posso negar a solicitação de um pai — respondeu Hendel com frieza.

— Perigo? Que tipo de perigo?

— Ele é um viciado em drogas, pelo amor de Deus!

— Não há como provar isso — alertou Kahlee. — E você não pode negar a solicitação dele com base em suspeitas. Não sem ser demitido.

— Ele quer vir depois de amanhã! — protestou Hendel. — Só preciso ver se Gillian está preparada para isso. Pode ser melhor se ele esperar algumas semanas, para ela se acostumar com a ideia.

— É, tá legal — respondeu Kahlee com sarcasmo. — O que for melhor para Gillian. Seus sentimentos pessoais por Grayson não têm nada a ver com isso.

— Gillian precisa de rotina e coerência — insistiu Hendel. — Você sabe como a menina fica perturbada quando há uma alteração em seu horário. Se ele quiser fazer parte da vida dela, pode vir, todo mês, como os outros pais, em vez de uma ou duas vezes por ano, sempre que é conveniente. Essas visitas inesperadas são difíceis demais para ela.

— Ela saberá lidar com isso — disse Kahlee, semicerrando os olhos. — Vou contar a Gillian sobre a visita do pai. Você pode voltar para sua sala e aprovar a solicitação de Grayson.

Hendel abriu a boca para dizer mais alguma coisa, depois a fechou, sensatamente.

— Cuidarei disto agora mesmo — murmurou e partiu na direção contrária, voltando à ala administrativa do prédio.

Kahlee o observou partir e respirou fundo para se acalmar. Gillian era surpreendentemente perceptiva; tendia a interpretar e reagir às emoções dos outros. A menina idolatrava Hendel. Se ele lhe desse a notícia da viagem do pai, ela quase certamente teria captado a reprovação dele e teria uma reação negativa empática. Isso não era justo com Grayson, nem com a própria garota.

O quarto de Gillian ficava na extremidade do alojamento, onde havia menos barulho que a incomodasse. Quando Kahlee chegou à porta, tinha estampada na cara uma expressão de expectativa animada. Ergueu o punho e bateu levemente. Sua batida foi atendida não pela menina, mas por Jiro.

— Entre.

A porta deslizou, revelando Gillian sentada à sua mesa. Era magra e angulosa, a criança mais alta, em vários centímetros, de sua faixa etária ali. Tinha um belo cabelo preto que caía quase à cintura e olhos que pareciam arregalados e separados demais para seu rosto comprido. Kahlee desconfiava que ela tivesse herdado isso da mãe, porque, além da magreza, não trazia qualquer semelhança real com Grayson.

Gillian tinha 12 anos, a idade de Nick. Na realidade, quase metade das crianças do Projeto Ascensão vinha mais ou menos da mesma faixa etária. Treze anos antes, três grandes acidentes industriais, cada um deles em uma colônia humana diferente, ocorreram num intervalo de quatro meses. As circunstâncias foram suspeitas, mas as investigações não revelaram nenhuma ligação entre os incidentes. É claro que isso pouco adiantou para reprimir os teóricos da conspiração na Extranet que se recusavam a acreditar que tudo não passava de uma série trágica de negligência e coincidências.

O terceiro acidente foi, de longe, o mais devastador. Alguns relatos inicialmente o chamaram de o pior desastre tóxico da história humana. Uma nave de transporte Eldfell-Ashland totalmente carregada explodiu na atmosfera, matando a tripulação e derramando uma nuvem letal de elemento zero sobre toda a colônia de Yandoa, expondo milhares de crianças no útero.

Embora a maioria não tivesse sofrido efeitos negativos de longa duração, várias centenas de fetos desenvolveram sintomas significativos que iam do câncer a danos aos órgãos, defeitos de nascença e ainda abortos espontâneos. Porém, algum bem adveio das estatísticas trágicas: 37 das crianças expostas foram consideradas não apenas saudáveis, mas também com potencial biótico significativo de graus variados. Todas agora estavam ali, na Academia Grissom.

Gillian olhava com uma intensidade perturbadora a tarefa em sua tela de computador. Às vezes, ficava sentada assim durante horas, imóvel. Depois, como se algum interruptor indetectável fosse desligado em sua mente, ela explodia em um alvoroço de atividade, digitando respostas com tanta rapidez que seus dedos não passavam de um borrão. Todas as suas respostas, invariavelmente, eram corretas.

— Tudo encerrado aqui? — perguntou Kahlee, dirigindo a pergunta ao seu assistente, que pegava o equipamento no canto do quarto.

— Terminei agora — respondeu Jiro com um sorriso.

Ele só tinha 25 anos, era bonito e bem-formado. Suas feições eram uma mistura agradável de sua origem americana e asiática e o rapaz usava o cabelo tingido de vermelho escuro num estilo arrepiado que dava a impressão de ter acabado de sair da cama. Um charme confiante e tranquilo e um sorriso malicioso faziam com que Jiro parecesse ainda mais novo do que realmente era.

Papa-anjo, um cantinho da consciência de Kahlee a repreendeu. Ela o ignorou incisivamente.

— Gillian se saiu muito bem hoje — acrescentou Jiro, voltando seu sorriso para a menina.
— Não foi, Gillian?

— Acho que sim — murmurou ela suavemente, embora não desviasse a cabeça da tela.

Gillian tinha dias bons e ruins, e o fato de que estava falando sugeria a Kahlee que este poderia ser um dos bons.

— Tenho uma notícia empolgante — anunciou ela, aproximando-se para ficar ao lado de Jiro.

Com qualquer outra criança, Kahlee teria se sentado na beira da mesa, ou pousado a mão reconfortante em seu ombro. Mas, com Gillian, até o mais leve roçar da ponta de um dedo em sua pele às vezes podia levá-la a reagir como se tivesse sido tocada por uma brasa ardente. Em outras ocasiões, ela parecia desligada de qualquer sensação, como se suas terminações nervosas estivessem inteiramente mortas. E isso dificultava obter as leituras diárias que Kahlee precisava para sua pesquisa. Felizmente, Gillian parecia reagir bem a Jiro e ele em geral conseguia os dados sem provocar um desconforto significativo.

— Seu pai virá visitá-la. Chegará daqui a dois dias.

Ela esperou por uma reação e ficou aliviada ao ver a leve sugestão de um sorriso tocar os lábios da menina. Jiro captou a mudança sutil no estado de espírito de Gillian e reagiu a isso rapidamente.

— Aposto que ele está louco para ver você de novo — falou, seu tom transbordando exuberância.

A menina virou a cabeça para eles, o rosto agora exibindo um sorriso escancarado.

— Eu posso usar o vestido que ele me deu — disse, com a voz distante e sonhadora.

Grayson dera à filha um vestido em sua última visita, quase nove meses antes. Kahlee duvidava de que ainda coubesse, mas não queria trazer isso à tona e estragar o momento.

— Aposto que ele preferiria ver você com o uniforme da escola. — Jiro interrompeu sem perder um segundo. — Vamos mostrar ao seu pai como você tem se esforçado em suas aulas.

Gillian franziu a testa e fez uma carranca, processando a informação. Depois sua testa relaxou e o sorriso voltou.

— Ele gosta de falar da escola.

— Isso porque seu pai tem muito orgulho do quão inteligente você é — acrescentou Jiro.

— Preciso terminar minha tarefa — disse Gillian abruptamente, a menção de seus estudos trazendo o conceito da produção acadêmica à superfície de seus pensamentos. Sua mente se fechou na ideia, fixando-se nela e excluindo todo o resto. Ela se voltou à tela do computador, olhando mais uma vez com foco inabalável.

Kahlee e Jiro, acostumados com o comportamento incomum, não se deram ao trabalho de perturbá-la com suas despedidas ao saírem.

— O que acha de ficarmos um tempinho a sós? — cochichou Jiro enquanto eles andavam pelo corredor, passando o braço pela cintura de Kahlee.

— Não onde as crianças possam ver — repreendeu-o ela, dando uma cotovelada de brincadeira nas costelas dele. Ele se encolheu, mas não a soltou.

— Podemos voltar ao quarto de Gillian — sugeriu o rapaz, puxando-a para mais perto. — Ela nem notaria que estamos ali.

— Não tem graça! — ofegou Kahlee, dando-lhe outro golpe muito mais forte com o cotovelo.

A mão dele se afastou enquanto ele soltava um grunhido exagerado e se curvava, fingindo arquejar. Kahlee revirou os olhos e continuou andando.

— Cuidado, soldado — disse Jiro, endireitando-se e trotando para alcançá-la. — Não pode andar por aí batendo em civis inocentes desse jeito.

— Como se você pudesse ser considerado inocente — replicou ela. — Além disso, agora também sou civil.

— A garota pode até sair do exército, mas o exército não sai da garota — argumentou ele com um sorriso.

Era uma piada inofensiva: Jiro sempre implicava com sua formação militar. Mas isso a fez pensar no comentário de Nick, comparando-a com Hendel.

— Gillian parecia estar indo bem hoje — disse ela, ansiosa para mudar de assunto.

Jiro deu de ombros, sua expressão ficando mais séria.

— Ela ainda não interage nada com as outras crianças. E está bem atrasada com relação ao resto da turma.

Kahlee sabia que ele se referia à biótica, e não ao desempenho acadêmico. Mesmo entre as crianças extraordinárias do Projeto Ascensão, Gillian era especial. Aos 3 anos, tivera o diagnóstico de uma forma branda de autismo de alto nível funcional, o que quase levou o conselho a rejeitar sua candidatura à academia. Por fim eles cederam, em parte devido ao grande donativo que Grayson providenciara e em parte porque Gillian tinha mostrado um potencial muito maior do que qualquer outro aluno... Ou qualquer outro indivíduo na curta história da biótica humana registrada.

A ciência dominante sustentava que o potencial biótico era estabelecido na primeira infância como um padrão fixo e inalterado. O propósito de um programa como o Projeto Ascensão era ensinar os bióticos a utilizar plenamente seu talento, de modo a poderem obter o máximo de suas capacidades natas. Com Gillian, porém, os testes regulares na academia resultaram em um grau que aumentava em surtos erráticos, mas inegáveis: um fenômeno inaudito.

O hiato entre a capacidade biótica de Gillian e o resto de seus colegas era, inicialmente, grande. Agora, era enorme. Apesar desta vantagem, porém, Gillian tinha dificuldade para traduzir seu potencial em resultados observáveis. Devido a seus processos cognitivos singulares, ela lutava para apreender as técnicas de concentração mental necessárias para coordenar seus amplificadores com os impulsos elétricos do cérebro. Em suma, ela não sabia como acessar seus poderes e nenhum dos instrutores parecia saber ensinar.

— Talvez o conselho tivesse razão desde o início — disse Kahlee com um suspiro. — Isto pode ser demais para ela.

— Quem sabe ver o pai ajude — sugeriu Jiro, sem muita esperança. Depois de um instante, acrescentou: — Como Hendel reagiu quando soube que Grayson viria?

— Como seria de se esperar. Tentou pensar numa forma de rejeitar o pedido dele.

— Deixe-me adivinhar. — Jiro abriu outro sorriso. — Você impôs sua autoridade a ele.

— Chega de papo do exército — falou Kahlee, cansada.

— Desculpe. — Seu sorriso desapareceu. Um segundo depois, estava de volta em plena força. — Ei, por que não encerra mais cedo hoje? Posso correr os números para você. Vá para meu quarto, sintase em casa e relaxe. Encontrarei você lá quando terminar.

— Ora, esta é melhor ideia que ouvi o dia todo — disse ela com um sorriso sugestivo, entregando-lhe sua omnitool.

Kahlee olhou em volta para saber se estavam a sós no corredor, depois deu-lhe um beijo rápido na boca.

— Não me deixe esperando a noite toda.

QUATRO

— Olhe por onde anda, humano.

O krogan em que Pel tinha esbarrado sem querer olhava-o de cima, claramente procurando uma desculpa qualquer para começar uma briga. Normalmente, Pel não engolia nada de ninguém, especialmente de um alienígena, mas tinha inteligência suficiente para abrir uma exceção para uma montanha furiosa de 2 metros e meio de altura de músculos e escamas.

— Desculpe — murmurou ele, evitando olhá-lo nos olhos até que o réptil imenso se afastasse, batendo os pés, para satisfazer sua sede de sangue em outro lugar.

Em geral, Pel não teria sido descuidado a ponto de esbarrar em um lagarto falante do tamanho de um pequeno tanque de guerra, mesmo nas ruas abarrotadas de Omega. Mas no momento tinha outras coisas em mente. Cerberus o enviara para se encontrar com um novo contato dos Sistemas Terminus, mas o contato não apareceu. Isso, por si só, bastava para deixar Pel nervoso. Então, enquanto voltava a seu apartamento alugado em um distrito vizinho, teve a sensação de que era observado.

Não notou ninguém suspeito o seguindo, mas a Cerberus ensinava a seus agentes que ignorar os instintos era um bom caminho para acabar morto. Infelizmente, Omega não era o tipo de lugar para se andar olhando constantemente por sobre o ombro. Era preciso prestar atenção aonde se ia, ou então terminar com uma faca na barriga.

Uma estação espacial imensa localizada no fundo dos Sistemas Terminus, Omega era diferente de qualquer outra instalação na galáxia conhecida. Construída a partir dos restos de um asteroide maciço e irregular, o núcleo rico em metal pesado foi explorado até que o asteroide ficou completamente oco, proporcionando os recursos iniciais para a construção das instalações que cobriam completamente cada centímetro exposto de sua superfície. Sua idade exata era desconhecida, embora todos concordassem que a estação foi construída originalmente pelos protheans, antes de seu desaparecimento. Contudo, ninguém concordava em qual teria sido a primeira espécie a colonizá-la depois do sumiço misterioso da raça ancestral.

Vários grupos tentaram reivindicar a estação durante sua longa história, mas nenhum conseguiu manter o controle por mais de alguns anos. Agora servia como local de reunião e eixo interestelar de comércio para aqueles que não eram bem-vindos no espaço da Cidadela, como os batarians e o ramo lystheni dos salarians, bem como mercenários, escravagistas, assassinos e criminosos de todas as raças.

Apesar da guerra ocasional entre as espécies que a ocupavam, Omega desenvolveu-se em uma capital *de facto* dos Sistemas Terminus. Numerosas facções colonizaram a estação com o passar dos séculos, cada nova leva construindo seções para atender às suas necessidades específicas. Seus esforços transformaram Omega no equivalente a uma imensa cidade flutuante, dividida em numerosos distritos independentes, cada um marcado por uma arquitetura desigual e um projeto aleatório. De longe, o exterior da estação parecia irregular e até torto. Braços acrescentados ao eixo principal projetavam-se de todos os ângulos da superfície do asteroide, com acréscimos estendendo-se desses braços em ângulos estranhos. E dentro dos vários distritos, os prédios pareciam ter sido construídos sem plantas nem propósito: as ruas se torciam e viravam inesperadamente e às vezes enroscavam-se em si mesmas, formando becos sem saída irritantes. Até os moradores da estação rapidamente podiam se perder ou ficar desorientados e o efeito geral era muito inquietante para os recém-chegados.

Pel estivera em Omega por vezes suficientes para vencer seu caráter aleatório e perturbador, mas ainda detestava o lugar. A estação fervilhava de indivíduos de cada espécie alienígena; até os humanos tornaram-se uma presença perceptível. E, ao contrário da coexistência ordenada e harmoniosa — quase estéril — encontrada na Cidadela, as ruas de Omega eram abarrotadas, sujas e perigosas. Não havia quem aplicasse a lei: as poucas regras que existiam eram patrulhadas por gangues de bandidos contratados, empregados por aqueles que controlavam cada seção da estação. Crimes menores eram coisa do cotidiano e os assassinatos eram comuns.

Isso na realidade não incomodava Pel: ele sabia como se cuidar. Tinha outros problemas com a estação. Cada canto dela fedia com a mescla de odores de uma dezena de espécies alienígenas diferentes: suor e feromônios mal encobertos pelo cheiro nauseante de perfumes desconhecidos; o fedor de comidas inidentificáveis vindo de janelas e portas abertas; o odor pútrido de lixo não coletado que se espalhava pelas vielas.

Apesar de os cheiros serem ruins, os sons eram piores. Ao contrário do espaço do Conselho, a maioria dos alienígenas aqui se recusava a falar a língua comercial comum, a não ser que fosse absolutamente necessário. Uma cacofonia interminável de grunhidos, guinchos e gritos assaltava seus ouvidos enquanto ele andava pelas multidões, seu tradutor automático inútil diante dos obscuros dialetos interestelares que não estava programado para decifrar.

Os alienígenas não conseguiam nem mesmo concordar em um nome para a estação. Cada falante a chamava de um modo diferente em sua língua natal. O nome asari impronunciável podia ser traduzido livremente como “coração do mal”, os turians referiam-se a ela como

“mundo sem lei”, os salarians a chamavam de “lugar dos segredos” e os krogan a conheciam como “terra da oportunidade”. Pela conveniência, o tradutor automático que Pel usava preso em seu cinto vertia todas essas expressões para a palavra humana “Omega”: o fim absoluto de todas as coisas.

Ele não queria estar ali, mas tinha um trabalho a fazer. A Cerberus o enviara para fechar um acordo com seu contato e Pel sabia muito bem que não devia contrariar O Homem Ilusivo. É claro que isso não o impediu, nem à sua equipe, de realizar no ano anterior alguns projetos independentes que seus superiores talvez não aprovassem. Por isso era tão importante fazer as coisas direito: completar suas missões segundo as instruções, manter-se discreto e não cometer um erro que atraísse atenção a mais às suas atividades não autorizadas.

A não ser que já saibam, pensou Pel, perguntando-se se quem o estava seguindo seria um agente da Cerberus. Talvez toda a missão tenha sido uma trama para colocá-lo sozinho nas ruas de Omega, onde um humano morto não chamaria a atenção de ninguém.

— Só há um jeito de descobrir — resmungou Pel, desatando a correr, agradecido por não usar nenhuma armadura que o tornasse mais lento.

Ele disparou e se desviou pela multidão, girando e se torcendo ao passar por alienígenas assustados, ignorando as ameaças e palavrões ininteligíveis que gritavam. Deu uma guinada aguda para uma rua transversal vazia ladeada de lixeiras, sacos de lixo e pilhas de refugo. Ao passar correndo por várias portas fechadas, ele se abaixou atrás de uma lata de lixo grande, agachando-se bem. No bolso, pegou um pequeno espelho, movendo-o para ver o trecho da viela atrás de si sem ter de esticar a cabeça e se expor.

Alguns segundos depois, seu perseguidor entrou correndo em seu campo de visão, virando a esquina, em plena correria da rua principal para a viela deserta. A figura era pequena, cerca de 30 centímetros mais baixa do que Pel, e coberta da cabeça aos pés por uma roupa preta. O rosto de seu perseguidor estava inteiramente obscurecido por um cachecol bem enrolado.

A figura parou e olhou a extensão da rua, a cabeça se virando de um lado a outro, procurando um sinal de onde Pel poderia ter desaparecido. Seu perseguidor sacou uma pistola, ajustou a mira e começou a avançar cautelosamente, a arma preparada.

Pel podia ter sacado a própria arma, tinha várias a escolher: a confiável pistola Hahne-Kedar presa no quadril, a faca no cinto ou a pequena pistola de emergência no cano da bota. A figura não parecia usar nenhum traje de combate que pudesse ser equipado com escudo cinético e, assim, um único tiro bem colocado seria fatal. Mas matar seu perseguidor não lhe diria quem o estava seguindo, nem por quê. Em vez disso, ele simplesmente esperou em silêncio pela aproximação do adversário.

A figura ainda avançava, ficando no meio da viela, evidentemente tentando não chegar perto demais das portas nem das latas de lixo onde um inimigo poderia estar esperando para dar um

salto. Mas a cabeça de seu perseguidor ainda se virava de um lado a outro, hesitando em olhar fixamente para qualquer possível esconderijo por uma fração de segundo a mais.

O alvo agora estava perto, talvez a 3 metros de Pel. Olhando pelo espelho, esperou até que a cabeça da figura se virasse para o outro lado e então investiu, concentrando seu ataque na mão armada de seu oponente lento demais para reagir.

Pegando o braço com a mão esquerda, ele usou a mão direita para torcer para dentro o punho que segurava a pistola, apontando a arma para seu dono. O tempo todo manteve as pernas em movimento, usando seu ímpeto e tamanho para impelir o adversário menor para trás e tirar dele o equilíbrio.

Eles caíram na rua, a pistola se soltando com um clangor, e Pel ouviu um grunhido nitidamente masculino do oponente. Eles lutaram brevemente, mas Pel era maior, mais forte e tinha a vantagem de ficar por cima quando caíram no chão. Torceu o outro homem para que ficasse de cara para baixo, depois passou o braço sob seu queixo, pressionando em um golpe sufocante. A mão livre ainda segurava o pulso do inimigo e Pel dobrou o braço para as costas do oponente prostrado.

O homem embaixo lutava e se debatia. Havia uma força tensa em seus braços e pernas, mas ele não podia superar as vantagens do tamanho e da alavancagem de Pel.

— Quem é você? — sibilou Pel em seu ouvido, usando a língua comercial comum. — Quem o mandou?

— Golo — veio a resposta tensa.

Pel diminuiu um pouco a chave de braço.

— Golo mandou você?

— Eu *sou* Golo.

O tradutor de Pel transmitiu as palavras em inglês, mas ele reconheceu a língua nativa do orador e o som inconfundível de palavras sendo pronunciadas sob uma ambimáscara lacrada.

Com um resmungo de repulsa, Pel saiu de cima do quarian e se levantou.

— Você devia se encontrar comigo no bar — disse Pel, sem se incomodar em ajudar o contato a se levantar do chão.

Golo colocou-se de pé cautelosamente, conferindo se havia alguma coisa quebrada. Era muito parecido com qualquer outro quarian que Pel tinha conhecido. Um pouco mais baixo e menor do que um humano, estava envolto em várias camadas de tecido desiguais. O cachecol preto que cobria o rosto foi rasgado durante a luta, revelando o visor liso e reflexivo de um capacete que cobria suas feições.

— Perdoe-me — respondeu o quarian, passando ao inglês. — Marquei a reunião para observá-lo de uma distância segura e ter certeza de que estivesse sozinho. Tive reuniões demais no passado em que a pessoa com quem devia me encontrar era apenas um chamariz para me levar a uma emboscada.

— Por que isso? — perguntou-se Pel em voz alta, sua irritação aumentando. — Você tem o hábito de enganar as pessoas? — Ele estava irritado demais para ficar impressionado com o excelente domínio de um dialeto humano por Golo.

— Minha palavra é minha carta de fiança — garantiu-lhe Golo. — Mas existem muitos que não gostam dos quarians. Pensam que não passamos de carnicheiros e ladrões.

Isso porque vocês são assim, pensou Pel.

— Eu ia segui-lo de volta a seu apartamento — continuou o quarian. — Depois teria um contato direto com você lá.

— Em vez disso, sacou uma arma para mim.

— Somente por defesa pessoal — protestou Golo. — Quando você correu, eu sabia que tinha sido localizado. Tive medo de que tentasse me matar.

— Ainda posso fazer isso — respondeu Pel, mas era uma ameaça vazia. Cerberus precisava do quarian vivo.

Golo deve ter sentido que não corria mais perigo, porque deu as costas para Pel e pegou a arma no chão.

— Podemos ir para sua casa e continuar nossos negócios em particular — propôs o sujeito, guardando a pistola em algum lugar por dentro das dobras de suas roupas.

— Não — respondeu Pel. — Em um lugar público. Não quero que você saiba onde estou morando. — *Provavelmente você vai voltar mais tarde e me roubar.*

Golo deu de ombros com indiferença.

— Conheço um lugar não muito longe daqui.

O quarian o levou a um salão de apostas situado no distrito. Um krogan fortemente armado na porta acenou de leve enquanto entravam. A placa no alto dizia “Toca da Fortuna” em muitas línguas, embora Pel duvidasse de que alguém enriquecesse neste lugar.

— Você vem aqui com frequência? — perguntou enquanto Golo os conduzia a uma mesa perto do fundo.

— O proprietário e eu temos um acordo. Ninguém nos incomodará aqui.

— Por que não me disse simplesmente para encontrá-lo aqui, para começo de conversa?

— Como já expliquei, precisava ter certeza de que você estava sozinho. Olthar teria ficado muito insatisfeito se eu levasse um grupo de mercenários humanos a seu estabelecimento.

A inflexão que ele dava a “Olthar” fazia parecer um nome volus a Pel, mas ele não podia ter certeza. Isso não importava.

Sentando-se de frente para Golo, Pel ficou surpreso ao ver que o lugar estava quase vazio. Dois batarians de quatro olhos jogavam dados, alguns volus rotundos participavam de algum jogo que se assemelhava a gamão e uns humanos estavam reunidos no meio do salão, jogando cartas sob o olhar atento de um crupiê salarian de aparência suspeita. Ele teria preferido um bar

de strip — algum com dançarinas humanas ou mesmo asari —, mas não ia se dar ao trabalho de reclamar.

— Não tem máquinas quasar — observou Pel.

— Fáceis demais de invadir, caras demais para consertar — explicou o quarian.

Uma garçonete — humana — aproximou-se e abaixou sem dizer nada uma caneca na mesa diante dele, depois saiu dali às pressas sem olhar ninguém nos olhos. Talvez tivesse sido atraente em algum momento de sua vida, muito tempo antes. Enquanto saía, Pel notou que ela usava um pequeno localizador eletrônico no tornozelo: um dispositivo utilizado normalmente por senhores de escravos para monitorar sua propriedade.

Seu queixo se cerrou involuntariamente. A ideia de uma humana escravizada por senhores alienígenas o deixava nauseado, mas não havia nada que pudesse fazer para ajudar esta mulher. Não agora, de qualquer modo.

Logo virá o dia do acerto de contas, tranquilizou a si mesmo. *E a justiça choverá sobre todos estes filhos da puta alienígenas doentes.*

— Por minha conta — ofereceu-lhe Golo, apontando para o copo na frente de Pel.

Parecia uma variação alienígena da cerveja, mas ele aprendera da forma difícil a evitar comida humana preparada em estabelecimentos não humanos. Se tivesse sorte, seria simplesmente sem graça e amarga. Se estivesse azarado, podia passar metade da noite botando as tripas para fora.

— Passo — disse, afastando o copo. — Por que você não bebe alguma coisa? — perguntou depois de um instante, de repente desconfiado.

— Germes — explicou Golo, dando um tapinha no escudo facial de seu capacete.

Pel fez que sim. Desde que foram expulsos de seu planeta natal pelos geth, praticamente todos os quarians viviam na Frota Migrante, uma flotilha de vários milhares de naves que vagavam sem rumo pelo espaço. Gerações vivendo em tal ambiente isolado e cuidadosamente controlado produziram um sistema imunológico quarian inútil contra vírus e bactérias que enxameavam cada planeta habitado da galáxia. Para evitar a exposição, usavam ambitrajes adaptados ao corpo por baixo de suas roupas esfarrapadas e nunca retiravam em público os capacetes herméticos com visor.

Isso levava a boatos de que os quarians na realidade eram cibernéticos; um misto de máquina e tecido orgânico por baixo das roupas e visores. Pel sabia que a verdade era muito menos sinistra: um quarian simplesmente não sobreviveria fora da flotilha sem traje e máscara hermeticamente fechados.

— Vamos tratar de negócios — falou Pel, voltando-se para a tarefa que tinha à mão. — Você disse que pode nos dar frequências de transmissão e códigos de comunicação da Frota Migrante.

A Frota Migrante tornara-se de grande interesse para O Homem Ilusivo e a Cerberus, em particular na esteira do ataque geth à Cidadela. A maioria julgava que os quarians não passavam de uma irritação: quase 17 milhões de refugiados levando uma vida miserável em sua frota de

naves ultrapassadas e abaixo do padrão. Por três séculos, mantinham-se viajando de um sistema a outro, procurando em vão por um planeta desabitado adequado que pudessem usar para estabelecer um novo mundo natal.

A crença comum era de que as maiores ameaças que os quarians representavam a qualquer colônia estabelecida eram o consumo de recursos locais — esgotar os metais preciosos ou depósitos de elemento zero de cinturões de asteroides de um sistema —, e a interrupção nas comunicações e no trânsito espacial inevitavelmente causada por vários milhares de naves irregulares e não programadas passando por ali. Essas inconveniências tornavam os quarians indesejáveis em qualquer região civilizada do espaço, mas não se podia dizer que alguém realmente os temesse.

O Homem Ilusivo, porém, via para além da vestimenta heterogênea e das naves precárias. Do ponto de vista tecnológico, eles equivaliam tranquilamente a qualquer outra espécie. Os quarians criaram os geth, que se tornaram uma praga na galáxia. E conseguiram sustentar uma civilização que chegava a quase 17 milhões de indivíduos por centenas de anos sem o benefício de qualquer recurso planetário. Quem sabia do que mais eram capazes?

A Frota Migrante também era a maior armada na galáxia conhecida: dezenas de milhares de naves, de transportadores minúsculos a cruzadores e às imensas Liveships, ou naves de subsistência: maravilhas da engenharia e da agricultura da era espacial que proporcionavam uma fonte primária de alimento para toda a flotilha. Admitia-se que parte significativa das naves da frota era armada, embora não se soubesse quantas e até que ponto. Na realidade, muito pouco se sabia da flotilha quarian. Era uma sociedade completamente isolada; ninguém de fora pusera os pés em uma de suas naves desde o êxodo, três séculos atrás.

O Homem Ilusivo não confiava em alienígenas com tantas naves e segredos. Conseguir os códigos e frequências de transmissão quarians permitiria que a Cerberus monitorasse as comunicações entre as naves da Frota Migrante... Desde que de algum modo conseguissem aproximar uma de suas próprias naves o bastante para interceptar mensagens de feixe estreito sem serem vistos. Pel não sabia como O Homem Ilusivo pretendia concretizar esta parte do plano, mas isso não era problema dele. Só estava ali para adquirir os códigos e as frequências.

— Na realidade, não posso lhe dar os códigos de transmissão — informou Golo. — Eles mudaram desde que fiz parte da flotilha.

Pel mordeu o lábio para não xingar em voz alta. Devia saber muito bem que não podia confiar em Golo. Era um exilado da Frota Migrante. Os quarians não tinham espaço nem recursos em suas naves para abrigar uma população de prisioneiros e, assim, os criminosos eram expulsos da sociedade quarian, abandonados no primeiro planeta desabitado ou estação espacial que cruzassem. No caso de Golo, Omega.

Que tipo de depravado doente e pervertido você precisa ser para ser exilado de toda uma raça de ladrões e bandidos?, perguntou-se Pel, indagando-se se Golo seria um assassino, estuprador, ou

apenas um completo sociopata.

— Porém, tenho algo a lhe oferecer — continuou o quarian, aparentemente sem perceber a raiva mal contida de Pel. — Eu o levarei a alguém que *pode* fornecer as informações que você quer. Por um preço.

Filho da puta sujo e traiçoeiro.

— Não era esse o acordo.

— Você precisa aprender a ser flexível — respondeu Golo com um dar de ombros. — Improvisar. Adaptar. Este é o estilo de meu povo. Foi como sobrevivi quando me vi nesta estação.

Quer dizer, quando o largaram aqui. Só outro monte de lixo para alguém mais limpar.

Apesar de seu desdém mudo, Pel tinha um respeito rancoroso por Golo. Os quarians não eram bem recebidos em Omega, como em qualquer outro lugar da galáxia. O fato de que conseguira sobreviver na estação era testemunho de sua perspicácia e desenvoltura. E um alerta de que ele não merecia confiança. Pel não estava disposto a voltar para O Homem Ilusivo de mãos abanando, mas também não estava pronto ainda para confiar no quarian. Não sem saber um pouco mais a respeito dele.

— Conte por que você foi exilado.

Golo hesitou. Um som que podia ser um suspiro de remorso saiu de trás de sua máscara e por um segundo Pel pensou que o quarian não ia responder.

— Há cerca de dez anos, tentei fazer um acordo com os Coletores³.

Pel tinha ouvido falar dos Coletores, embora nunca tivesse visto um. Na realidade, muitas pessoas, inclusive Pel, sequer tinham certeza se realmente existiam. Pelas histórias, mais pareciam o equivalente interestelar de uma lenda urbana do que uma espécie real.

Segundo a maioria dos relatos, eles apareceram pela primeira vez na cena galáctica aproximadamente quinhentos anos antes, supostamente saindo de uma região desconhecida do espaço, em algum lugar para além do inacessível retransmissor Omega 4. E embora estivessem por aí por cinco séculos, se as histórias pudessem ser acreditadas, quase nada se sabia da espécie enigmática ou de seu planeta natal misterioso. Extremamente isolacionistas, os Coletores raras vezes eram vistos fora de Omega e alguns dos mundos desabitados próximos. Mesmo assim, podiam se passar décadas sem que se registrasse qualquer avistamento na estação para que, então, essa condição desse lugar a alguns anos marcados por diversas visitas esporádicas de enviados que procuram fazer escambo e comércio com outras espécies.

Naquelas raras ocasiões em que os Coletores se arriscaram nos Sistemas Terminus, deixaram claro que não seriam toleradas visitas semelhantes por outras espécies ao seu território. Apesar disso, incontáveis naves se atreveram a tentar a passagem pelo retransmissor Omega 4 ao longo dos séculos em busca de seu planeta natal. Nenhuma jamais voltou. Um número impressionante de naves, expedições e frotas exploratórias desapareceram sem explicações no

retransmissor Omega 4, levando a especulações desvairadas sobre o que se esconderia por trás do portal. Alguns acreditavam que se abria para um buraco negro ou o núcleo de um sol, embora isso não explicasse como os Coletores podiam usar eles mesmos o retransmissor. Outros alegavam que levava ao equivalente futurista do paraíso: aqueles que passavam agora tinham uma vida de luxo decadente em um planeta idílico, sem o desejo de voltar às lutas violentas dos implacáveis Sistemas Terminus. A explicação mais amplamente aceita era de que os Coletores tinham alguma tecnologia de defesa, única e altamente avançada, que destruía completamente qualquer nave estrangeira que passasse pelo retransmissor.

Mas Pel não sabia se acreditava em qualquer dessas histórias.

— Pensei que os Coletores fossem apenas um mito.

— Uma impressão equivocada comum, em particular no espaço do Conselho. Porém, posso lhe assegurar por experiência própria que eles são muito reais.

— Que tipo de acordo você fez com eles? — perguntou Pel, sua curiosidade atizada.

— Eles queriam duas dúzias de quarians “puros”: homens e mulheres que passaram a vida toda na Frota, sem serem contaminados por visitas a outros mundos.

— Pensei que todo quarian tivesse de deixar a Frota durante sua Peregrinação — observou Pel, referindo-se ao rito de passagem quarian à idade adulta.

— Nem todos os quarians fazem a Peregrinação — explicou Golo. — Abrem exceções para aqueles doentes ou incapacitados demais para sobreviver fora da colônia. E, em raros casos, um indivíduo com uma habilidade ou talento valioso pode receber uma dispensa do Almirantado.

Golo fez uma pausa, então acrescentou, quase soando arrependido:

— Eu sabia, desde o começo, que provavelmente seria apanhado, mas os termos da oferta eram bons demais para ser dispensados.

Pel concordou com a cabeça: isso combinava com as histórias que ele ouvira. Quando os Coletores vinham fazer escambo, em geral procuravam trocar mercadorias ou tecnologias por seres vivos. Porém, eram mais do que simples escravagistas. As histórias de suas solicitações eram sempre incomuns ou bizarras: duas dúzias de salarians canhotos; 16 pares de gêmeos batarians; um krogan nascido de pais de clãs em rixa. Em troca, os Coletores ofereciam tecnologia ou conhecimento inacreditáveis, como uma nave com uma nova configuração de propulsor de massa que aumentava a eficiência do motor, ou um depósito de moduladores de inteligência virtual de mira avançada para melhorar radicalmente a precisão das armas. Por fim, esta tecnologia seria adaptada pela sociedade galáctica como um todo, mas por vários anos se mostraria um avanço significativo para qualquer um com inteligência suficiente para aceitar o acordo. Ou assim diziam as histórias.

Na ausência de um nome verdadeiro para a espécie, sua disposição de pagar com tal extravagância para ter satisfeitos seus pedidos estranhos, mas muito específicos, angariou a eles o título genérico de Coletores. Da mesma forma que a conjectura semeada pelo mistério do que

haveria por trás do retransmissor Omega 4, várias teorias evoluíram, tentando explicar a motivação por trás de suas exigências ilógicas. Alguns acreditavam que havia um significado religioso nos pedidos, outros viam como prova de predileções sexuais pervertidas ou apetites culinários repulsivos.

Se os Coletores realmente existiam, como alegava Golo, Pel tendia a apoiar a crença mais aceita de que realizavam experimentos genéticos em outras espécies, embora ele nem mesmo pudesse imaginar a exata natureza ou propósito de seus atos. Certamente bastava para deixar qualquer pessoa racional desconfiada.

— Se os Coletores são reais, por que nada mais foi feito para tentar impedir suas atividades? — perguntou-se Pel em voz alta.

— Se você pode lucrar com um acordo, quem se importa? — respondeu Golo, sua pergunta retórica resumindo de um fôlego só a atitude geral de todos os Sistemas Terminus. — Eles aparecem e oferecem algo que vale alguns milhões de créditos e só o que você precisa fazer é lhes dar umas dezenas de prisioneiros. Eles não são piores do que os mercadores de escravos, mas pagam muito melhor.

A escravidão era ilegal no espaço do Conselho, mas ali, nos Sistemas Terminus, era uma prática aceita — e até comum. Porém, o que preocupava Pel não era o caráter moral do que faziam os Coletores.

— Ninguém está preocupado com que eles fazem atrás daquele retransmissor? Talvez estejam produzindo novas armas genéticas poderosas. E se estiverem estudando as espécies para aprender nossos pontos fracos e vulnerabilidades, de forma que possam armar uma invasão?

Golo riu, o som reverberando de sua máscara com um timbre distante e oco.

— Não tenho dúvida de que estão aprontando alguma coisa *desagradável* — admitiu. — Mas eles vêm fazendo isso há quinhentos anos. Se pretendessem uma invasão, a essa altura já teria acontecido.

— Mas você não fica nem mesmo curioso?

— O curioso tenta atravessar o retransmissor Omega 4 — lembrou a seu companheiro humano — e não volta. O resto de nós, aqui em Omega, está mais preocupado em não ser assassinado pelo vizinho do que no que acontece do outro lado da galáxia. Por aqui, é preciso se concentrar na sobrevivência.

Bom conselho, pensou Pel. Os Coletores definitivamente eram intrigantes e ele não ficaria surpreso de descobrir que O Homem Ilusivo já teria agentes procurando por eles em algum lugar. Mas esta não era a sua missão.

— Você mencionou que podia me levar a uma pessoa que conseguiria me dar os códigos de transmissão.

Golo fez que sim ansiosamente, feliz pelo assunto voltar ao negócio que tinham ido tratar.

— Posso arranjar um encontro com a tripulação de uma das naves de reconhecimento da Frota Migrante — prometeu. — Basta se preocupar em deixar um deles vivo.

Nota

3. Originalmente, *Collectors*. (*N. da E.*)

CINCO

A comissária de bordo o recebeu com um sorriso animado e a voz calorosa e convidativa.

— Bem-vindo a bordo, Sr. Grayson. Meu nome é Ellin.

Ele não a reconheceu, mas ela poderia ser uma contratação recente: ele não costumava usar o transportador corporativo com muita frequência. Ellin tinha olhos verdes impressionantes — provavelmente colorizados — e cabelo comprido, dourado e lustroso — provavelmente tingido. Parecia estar no início dos 20 anos, embora claramente não houvesse garantias de que fosse assim tão jovem.

— É um prazer conhecê-la, Ellin — respondeu ele com um gesto de cabeça. Grayson percebeu que sorria para ela feito um pateta. *Sempre uma quedinha pelas loiras.*

— Partiremos daqui a alguns minutos — Ellin estendeu a mão para pegar a pasta dele —, mas seus aposentos estão prontos. Acompanhe-me, por favor, e podemos acomodá-lo enquanto o piloto faz as últimas verificações antes da decolagem.

Ele apreciou a parte de trás do corpo dela enquanto ela o levava pelo corredor estreito para a cabine VIP privativa na popa da nave.

— Espero que esteja tudo de seu agrado — comentou Ellin ao chegar a seu destino, avançando e mantendo a porta aberta para ele entrar.

O quarto não trazia quase semelhança alguma com os beliches simples e em geral abarrotados encontrados nas naves militares ou nos alojamentos comuns dos transportadores de massa de longa distância. Equipado com uma luxuosa cama, tela de vídeo de última geração, chuveiro privativo e banheira, um bar completo e quase qualquer outra amenidade concebível, podia ser comparado a qualquer suíte de todos os hotéis deste lado do planeta, exceto os mais caros.

— Chegaremos à Academia Grissom em cerca de oito horas, Sr. Grayson — continuou Ellin, colocando sua pasta no canto. — Posso lhe trazer alguma coisa antes da decolagem?

— Acho que só quero descansar — respondeu. Cada articulação de seu corpo doía e a cabeça latejava: os sinais clássicos da abstinência de areia vermelha. — Acorde-me uma hora antes de

chegarmos.

— Perfeitamente, Sr. Grayson. — Ela se virou e o deixou sozinho, fechando a porta depois de passar.

Ele tirou as roupas, de repente consciente de como transpirava. Havia um leve tremor na mão esquerda enquanto desabotoava a camisa. Mas a ideia de usar a areia não passou por sua cabeça; não deixaria que Gillian o visse chapado. Despido, desabou na cama, com calor demais para se incomodar em se esgueirar para baixo dos lençóis macios de seda.

Ouviu o ronco grave enquanto o piloto ligava os motores. Grayson poderia voar sozinho, é claro... Ainda sabia operar uma nave dessas. Mas a Cerberus precisava que ele agora fizesse um papel diferente. Seu disfarce era de um executivo de alto nível da Cord-Hislop Aerospace, uma fabricante de naves de médio porte sediada em Elysium. Isso lhe permitia viajar pela galáxia em naves privadas sem atrair atenção e servia como explicação racional para o grande donativo que fizera ao conselho da Academia Grissom a fim de que Gillian fosse admitida no Projeto Ascensão.

Os dias de fingir ser piloto particular para políticos promissores foram-se há muito tempo: agora era ele quem desfrutava do quarto luxuoso e do serviço de uma comissária de bordo pessoal. O Homem Ilusivo tomava conta daqueles que o agradavam.

Aposto que Menneau também pensava isso. Pouco antes de Pel matá-lo.

Grayson sentou-se na cama, a mente voltando à visita recente de Pel. Talvez, afinal, o velho amigo tivesse contado ao Homem Ilusivo sobre a areia vermelha. A Cerberus não se limitaria a ficar assistindo se sentisse que seu vício colocava a missão em risco.

Seria Ellin realmente apenas uma comissária de bordo? Milhares de pessoas diariamente trabalhavam em empregos comuns para a Cord-Hislop sem sequer suspeitar de que era uma corporação controlada por um grupo paramilitar clandestino. Quase ninguém na empresa — ou em qualquer outro lugar, aliás — sequer sabia da existência de uma organização como a Cerberus. Porém, ocultos nas fileiras de funcionários, espalhados por todos os níveis da escada corporativa, havia dezenas de agentes do Homem Ilusivo. Talvez Ellin fosse um deles. Talvez estivesse esperando do lado de fora da porta para meter um picador de gelo em seu pescoço, como ele fizera com Keo.

Grayson saiu da cama e vestiu um roupão felpudo que estava pendurado na parede, depois apertou o botão de chamada. Em segundos ouviu uma suave batida na porta. Grayson hesitou e passou a mão pela frente do painel de acesso. Resistiu ao impulso de pular para trás enquanto a porta se abria.

Ellin estava parada ali, armada apenas de seu incansável sorriso animado e da atitude alegre.

— Precisa de alguma coisa, Sr. Grayson?

— Minhas roupas... Pode providenciar para que sejam lavadas e passadas?

— Perfeitamente, senhor.

Ela entrou no quarto e recolheu as roupas descartadas, pegando-as com uma eficiência fria e experiente. Havia confiança nela, o profissionalismo que podia ser um sinal de treinamento militar especializado... Ou simplesmente fazia parte de seu trabalho. Ele tentou observá-la sem ser visto, na esperança de pegá-la olhando disfarçadamente para ele. Se trabalhasse para a Cerberus, teria sido instruída a ficar de olho em seu passageiro.

Ellien se ergueu e virou-se para ele, com o fardo de roupas nos braços. Seu sorriso treinado fugiu do rosto e Grayson percebeu que ainda a encarava atentamente.

Ele balançou a cabeça para se livrar dos pensamentos obscuros.

— Desculpe. Minha mente estava em outro lugar.

O sorriso da moça reapareceu, embora os olhos parecessem nervosos.

— Mais alguma coisa, Sr. Grayson?

Ele captou a mais leve oscilação em sua voz. *Ou ela é apenas uma comissária de bordo meio assustada, ou é muito, mas muito boa, fingindo ser assim.* A ideia rapidamente foi seguida de outra: *a areia vermelha está deixando você paranoico.*

— Obrigado, Ellin. É tudo.

Era evidente o alívio no rosto dela enquanto ele dava um passo de lado para deixá-la sair. Depois de estar em segurança fora do quarto, ela hesitou e se virou.

— O senhor... Ainda quer que eu o acorde uma hora antes do pouso?

— Seria ótimo — disse ele abruptamente, fechando a porta antes que ela pudesse ver o rubor de constrangimento subindo pelo pescoço até chegar em seu rosto.

Componha-se, ele se repreendeu, tirando o roupão e voltando para a cama. Pare de se assustar com as sombras. Esta missão é importante demais para ser estragada.

O barulho dos motores tinha mudado. Olhando o teto, ele sentiu uma leve pressão no peito empurrando-o no colchão macio. A nave partia para o céu, lutando contra a gravidade e a atmosfera, a caminho das estrelas. O quarto que parecia tão quente de repente ficou frio. Ele tremeu e se meteu embaixo das cobertas.

Os campos de efeito de massa artificiais gerados dentro do casco da nave amorteciam a turbulência e a força G de sua decolagem, mas seus instintos de piloto ainda sentiam o movimento. Era familiar e tranquilizador. Minutos depois o embalara a dormir.

— *Temos uma nova atribuição para você — disse O Homem Ilusivo, e Grayson percebeu que sonhava mais uma vez.*

Estavam sozinhos no apartamento de Grayson, só os dois... E o bebê dormindo em silêncio nos braços do Homem Ilusivo.

— *Fiquei impressionado com seu trabalho na Eldfell-Ashland. Sei que foi uma missão difícil.*

— *Foi para o bem maior — respondeu Grayson.*

Mesmo que quisesse, não havia nada mais que pudesse dizer. Na época acreditava nisso, com cada fibra de seu ser. Ainda acreditava, embora a parte de sua mente que sabia que estava sonhando

percebesse que as coisas não eram mais tão simples como antigamente.

— Tenho uma atribuição especial para você — disse O Homem, entregando-lhe a criança. — Ela é biótica.

Grayson pegou a menina nos braços. Era quente e macia, mais leve do que ele esperava. Perturbada com a transferência, seus olhos se abriram e ela se agitou um pouco. Grayson a acalmou gentilmente, balançando-a nos braços. Suas pálpebras caíram, ela soltou uma pequena borbulha e logo estava dormindo novamente.

Considerando sua idade, ele não tinha dúvida de como a criança fora exposta ao elemento zero.

— Você trabalha para a Cord-Hislop como parte de seu disfarce — informou-lhe O Homem Ilusivo. — Por enquanto no setor de vendas, mas vai subir as fileiras executivas nos próximos anos. Queremos que crie esta menina como se fosse sua.

— Quem é minha parceira?

— Ninguém. Sua mulher morreu quando a filha nasceu. Você nunca se casou novamente.

Grayson se indagou o que teria acontecido aos verdadeiros pais da menina, mas não era tolo para perguntar.

— Entende como esta missão é importante? — perguntou O Homem. — Vê o que os bióticos podem significar para a humanidade?

O rapaz concordou. Ele acreditava no que fazia. Acreditava na Cerberus.

— Tivemos muito trabalho para encontrar especificamente esta menina. Ela é especial. Queremos que ela o admire. Que confie em você. Trate como se fosse de seu próprio sangue.

— Eu o farei — prometeu.

Ele fez o juramento sem compreender as consequências do que realmente significava. Se soubesse do verdadeiro custo, talvez não tivesse respondido tão prontamente... Embora, no fim, a resposta acabasse por ser a mesma.

A neném gorgolejou baixinho. Grayson olhou sua carinha enrugada, fascinado.

— Você não estará sozinho nisto — garantiu-lhe O Homem. — Temos importantes especialistas no campo. Eles cuidarão para que ela receba todo o treinamento adequado.

Grayson olhou, petrificado, enquanto a menina se mexia dormindo, as mãos se fechando em punhos mínimos que traçavam pequenos círculos no ar.

O Homem Ilusivo se virou para partir.

— Ela tem nome? — perguntou Grayson sem levantar a cabeça.

— Um pai tem o direito de batizar a própria filha — respondeu, fechando a porta ao sair.

Grayson acordou, como sempre acontecia, tendo ainda nos ouvidos o eco da porta se fechando em sonho.

— Luzes: deixar luminosidade baixa — ordenou, e o leve brilho das luminárias de cabeceira lançou sombras escuras por seu quarto. Só havia se passado uma hora. Mais sete até chegarem à academia.

Ele saiu da cama e vestiu o roupão, depois pegou sua pasta. Levou-a para a pequena mesa no canto do quarto e a colocou ali, depois se acomodou na cadeira que a acompanhava e entrou com o código de acesso. Um segundo depois a pasta se abriu com um silvo suave de despressurização.

Dentro dela havia vários documentos falsos para ajudar em seu disfarce de executivo da Cord-Hislop: contratos e relatórios de vendas, em sua maioria. Pegou-os e jogou-os no chão, depois suspendeu o fundo falso da pasta, revelando o conteúdo por baixo. Ignorando o frasco que Pel lhe dera — só precisaria dele quando realmente visse Gillian —, segurou o saquinho de celofane com areia vermelha.

Grayson perguntou-se o quanto O Homem realmente sabia da garota na noite em que lhe entregara Gillian. Sabia de seu estado mental? Sabia que a Aliança um dia criaria um programa como o Projeto Ascensão? Teria ele entregado a menina a Grayson plenamente consciente de que um dia ele receberia a ordem de abandoná-la?

Ele abriu o saquinho e cuidadosamente despejou uma pequena pilha da poeira fina. O suficiente para aliviar a tensão, nada mais. Além disso, tinha muito tempo para se recuperar antes de chegar à academia.

No início, foi fácil. Gillian parecia qualquer outra menina normal. A cada poucos meses, era visitada por especialistas da Cerberus: tomando amostras de sangue e fazendo leituras das ondas alfa; verificando sua saúde; testando seus reflexos e suas reações. Mas, mesmo com todos os médicos, Gillian era uma criança feliz e saudável.

Seus sintomas começaram a se manifestar em algum momento entre os 3 e os 4 anos. Um distúrbio dissociativo sem nome, disseram os especialistas. Fácil de diagnosticar, mas difícil de tratar. E não deixaram de tentar, despejando uma barragem de drogas e terapias comportamentais na menina. Entretanto, seus esforços foram em vão. A cada ano ela ficava mais distante, mais fechada. Presa na própria mente.

O crescente abismo emocional entre eles deveria ter tornado mais fácil para Grayson quando Cerberus decidiu entregá-la ao Projeto Ascensão. Mas não foi assim.

Grayson não tinha muito a que pudesse se apegar, além de sua dedicação à Cerberus e a devoção à filha. Os dois eram inextrincavelmente ligados. Depois de Gillian ser entregue a seus cuidados, ele tinha sido retirado de missões ativas para se concentrar melhor na criação da filha. Cuidar de um bebê indefeso preencheria o vazio de sua vida. E à medida em que ela crescia — à medida que a criava de um bebê para uma menina bonita, inteligente, mas problemática —, Gillian se tornava o centro de seu mundo... Exatamente como queria O Homem Ilusivo.

E então, dois anos antes, deram-lhe a ordem de mandá-la para longe.

Ele fechou o saco plástico, escondendo-o no fundo falso da pasta. Depois se levantou, foi ao banheiro e voltou com a lâmina de seu barbeador Ever-Sharp. Usando o gume, separou a pilha de areia vermelha em duas carreiras longas e finas.

O Homem Ilusivo desejava que Gillian ingressasse no Projeto Ascensão para que a Cerberus se aproveitasse da pesquisa que faziam no projeto de ponta desenvolvido pela Aliança. E tudo que O Homem queria, ele conseguia.

Grayson sabia que não tinha alternativa nesta questão, mas ainda tinha sido difícil deixá-la ir embora. Por dez anos, ela fizera parte integralmente de sua vida. Ele sentia falta de vê-la pela manhã e de colocá-la na cama à noite. Sentia falta dos raros momentos em que ela rompia os muros invisíveis que a separavam do mundo e mostrava amor e afeto autênticos a ele. Mas, como qualquer pai, precisava colocar o bem-estar da criança acima do próprio.

O programa era bom para Gillian. Os cientistas da academia expandiam as fronteiras da pesquisa biótica. Fizeram progressos que foram muito além de qualquer coisa que a Cerberus realizara sozinha e era o único lugar onde Gillian poderia ser adequadamente preparada para os revolucionários novos amplificadores L4.

Enviar sua filha também fora necessário para a causa maior. Era a melhor maneira de a Cerberus estudar os limites absolutos da biótica humana: uma arma potente de que um dia seria necessária na luta inevitável para elevar a Terra e seu povo acima das raças alienígenas. Gillian precisava cumprir seu papel nos planos do Homem Ilusivo, assim como o próprio Grayson. E um dia, assim esperava, as pessoas veriam sua filha como uma heroína da raça humana.

Grayson compreendia tudo isso. Aceitava. Assim como aceitava o fato de que agora era meramente um intermediário; um procurador que permitia que os pesquisadores da Cerberus tivessem acesso a Gillian sempre que precisassem. Infelizmente, a aceitação não tornava nada disso mais fácil.

Se fosse possível, a visitaria toda semana na academia. Mas sabia que as visitas constantes eram difíceis para Gillian: ela precisava de estabilidade na vida — não se dava bem com interrupções e surpresas inesperadas. Assim, ele se mantinha afastado e fazia o máximo que podia para não pensar na menina. Isso tornava a solidão mais suportável, transformando a dor constante em um latejar surdo que pairava ao fundo de seus pensamentos.

Às vezes, porém, ele não conseguia deixar de pensar na filha — como agora. Saber que a veria o deixava com uma consciência aguda do quanto doeria quando tivesse de partir e deixá-la novamente. Em ocasiões como essa, não conseguia amortecer a dor. Não sem ajuda.

Curvando-se para a frente na cadeira, Grayson cobriu a narina esquerda e inalou a primeira carreira de areia vermelha. Depois trocou de narina e cheirou a segunda. A areia queimava suas cavidades nasais e fazia seus olhos lacrimejarem. Sentando-se ereto, piscou para se livrar das lágrimas. Segurou os braços da cadeira, agarrando com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Sentiu o coração bater, lento e pesado: *tump... tump... tump...* Só precisava de três batidas para que a euforia o tomasse.

Nos minutos seguintes ele surfou na onda, de olhos fechados, a cabeça sendo jogada para trás e para a frente. De vez em quando soltava um ruído suave do fundo da garganta, um gemido desarticulado de puro prazer.

A onda inicial começou a diminuir rapidamente, mas ele reprimiu o impulso de cheirar mais uma vez. Sentia as emoções desagradáveis — medo, paranoia, solidão — à espreita nos cantos escuros de sua consciência, ainda ali, mas afastadas por um momento pelo brilho quente do narcótico.

Ele abriu os olhos, observando que tudo no quarto assumira um tom rosado. Este era um efeito colateral da areia vermelha... Mas não o mais significativo. Rindo baixinho de nada em particular, ele se recostou na cadeira, balançando-a nas pernas traseiras. Seus olhos percorreram o quarto, procurando pelo alvo adequado antes de finalmente notar os documentos que espalhara pelo chão.

Com o cuidado de não virar a cadeira, Grayson estendeu a mão esquerda e mexeu os dedos. Os papéis farfalharam, como se agitados por uma brisa. Ele lutou para se concentrar: algo difícil de fazer quando se estava flutuando nas nuvens vermelhas. Um segundo depois, golpeou o ar com a mão e os papéis saltaram do chão e giraram loucamente pelo quarto.

Ele os manteve no ar o máximo que pôde, sua capacidade biótica temporária induzida pela droga fazendo os papéis dançarem como folhas numa tempestade.

Quando Ellin bateu na porta sete horas depois, ele estava mais uma vez sóbrio. Tinha dormido algumas horas, tomara um banho, fizera a barba e arrumara o quarto, com o cuidado de não deixar provas da areia vermelha.

— Pousaremos em uma hora, Sr. Grayson. — Ela o avisou, entregando as roupas limpas e passadas.

Ele as pegou com um gesto de gratidão, depois fechou a porta. Sozinho na privacidade de seu quarto, fez uma última verificação para se assegurar de não ter deixado passar nada incriminador.

Esta é a diferença entre um viciado e um drogado, lembrou ele a si mesmo enquanto se vestia, as mãos agora firmes ao abotoarem a camisa. *Ambos precisam de sua dose, mas um mero viciado tenta esconder o que faz.*

SEIS

Kahlee não conseguia dormir. Disse a si mesma que era em parte porque preferia a própria cama e em parte porque Jiro roncava alto em seu ouvido. Ela não se deu ao trabalho de acordá-lo, porém — estava acostumada com isso. O sexo entre os dois em geral terminava assim, apesar do fato de ele ser quase duas décadas mais novo do que ela. Jiro sempre começava forte, cheio de paixão e fogo, mas não sabia manter o ritmo.

— Um dia você vai aprender — sussurrou ela, acariciando de leve a coxa exposta de Jiro. — E todas as suas futuras namoradas agradecerão a mim.

Mexendo-se em silêncio para não acordá-lo, rolou para fora das cobertas e ficou de pé, nua, ao lado da cama. Agora que haviam parado de criar mais calor corporal, o ar no quarto estava frio o suficiente para fazê-la tremer.

Ela procurou suas roupas por perto, o que não era uma tarefa fácil. Em sua exuberância, Jiro tendia a jogar cada peça de roupa pelo quarto enquanto a despia. Ela localizou a blusa e a vestiu pela cabeça, depois ouviu Jiro murmurar alguma coisa. Olhando rapidamente, notou que ele ainda dormia, suas palavras pouco mais que devaneios ininteligíveis. Kahlee o olhou por um momento demorado — ele parecia tão jovem quando estava enroscado na cama que ela sentiu uma pontada momentânea de culpa e constrangimento.

Não havia nada de ilegítimo no que eles faziam. Os dois eram maiores de idade e embora ela tecnicamente fosse chefe dele, não havia nada no contrato de trabalho dos dois que proibisse especificamente sua relação. Era, como Jiro costumava dizer, uma área eticamente cinza.

Kahlee às vezes tinha a impressão de que Jiro só a estava usando para progredir na carreira, embora houvesse uma possibilidade de isso ser sua própria consciência culpada tentando anular toda a diversão do relacionamento. Se ele realmente acreditasse que dormir com a chefe o ajudaria de algum modo, estava cometendo um erro infeliz. Na realidade, ela tendia a ser mais severa com Jiro do que com os outros pesquisadores. Mas ele era bom em seu trabalho, a equipe o respeitava e todos os alunos gostavam dele. Esta foi uma das primeiras coisas que achara atraente no rapaz.

Isso e essa sua bundinha linda, pensou ela com um sorriso malicioso.

Kahlee tivera outros parceiros sexuais com o passar dos anos, é claro — provavelmente mais do que sua cota justa, para ser franca. Mas, como Jiro, foram todos casos passageiros. Não era verdade que ela não procurasse alguma coisa séria. Enquanto estava no serviço militar, a Aliança sempre vinha primeiro e, depois de se tornar civil, ela tinha se concentrado na construção de sua carreira e não numa relação de longo prazo.

Felizmente, ainda havia muito tempo. Graças aos avanços médicos do último século, as mulheres não precisavam mais começar suas famílias antes dos 40 anos. Se ela realmente quisesse, podia esperar mais vinte anos e ainda dar à luz uma criança perfeitamente saudável.

Kahlee ainda não tinha certeza *do que* queria, porém. Não é que não gostasse de crianças; a oportunidade de trabalhar de perto com meninas e meninos bióticos fora um dos motivos para aceitar o cargo no Projeto Ascensão. Ela simplesmente não conseguia se ver acostumada a uma vida de felicidade doméstica.

Controle-se, pensou, e encontre a porcaria das suas roupas.

Kahlee afastou os pensamentos. Localizando a calça pendurada nas costas de uma cadeira, vestiu-a. Ainda procurava por uma meia desaparecida quando Jiro acordou com um bocejo veemente.

— Vai embora? — perguntou, ainda grogue.

— Só vou voltar para meu quarto. Não posso dormir aqui com você roncando feito um hipopótamo doente.

Ele sorriu e se sentou, apoiando o travesseiro às suas costas e se recostando na cabeceira da cama.

— Tem certeza de que isso não tem nada ver com a visita de Grayson?

Ela não se deu ao trabalho de negar, permanecendo calada enquanto procurava pela meia perdida. Encontrando seu prêmio, sentou-se na beira da cama e a calçou. Jiro a observava em silêncio, esperando pacientemente que falasse.

— Estou mais preocupada com Gillian — confessou enfim. — Nada que fazemos parece ajudá-la. Talvez o programa não seja o certo para ela.

— Caramba, espere um minuto! — exclamou Jiro, de repente bem acordado. Ele engatinhou rapidamente pelo colchão e pôs a mão em seu ombro. — Gillian tem mais potencial biótico do que... Ora essa, do que todo mundo! O Projeto Ascensão foi feito para alguém igual a ela.

— Mas ela não é apenas uma biótica — protestou Kahlee, verbalizando os argumentos que estiveram passando por sua cabeça. — É uma menina com um sério problema mental.

— Não está pensando em pedir ao conselho para expulsá-la, está? — perguntou ele, apavorado.

Ela se virou e fechou a cara para Jiro.

— Esta é uma decisão que o pai dela precisa tomar.

— Então, vai falar com Grayson sobre isso? — Grande parte da ansiedade tinha deixado a voz dele.

— Vou informar a ele quais são as opções. Gillian pode melhorar se não estiver tentando desenvolver suas capacidades bióticas na academia. Ela pode ter um professor particular, alguém treinado para lidar com seu problema. Deus sabe que ele pode pagar por isso.

— E se ele não quiser retirá-la do programa?

— Então, terei de me perguntar se realmente deseja o melhor para a filha. — Kahlee se arrependeu das palavras assim que as pronunciou.

— Agora você começa a parecer Hendel.

A observação feriu mais do que deveria. A comparação de Nick com o chefe de segurança na véspera ainda estava fresca em sua mente.

— Desculpe. Só estou cansada. Não posso continuar vindo aqui noite após noite. — Tentando deixar o clima mais leve, acrescentou: — Quando você tiver a minha idade, vai precisar dormir.

— Está brincando, né? — perguntou o rapaz, incrédulo. — Eu quase nunca vejo você. Está sempre trabalhando... Ou com Hendel.

— Ele gosta de acompanhar o progresso dos alunos — explicou ela. *Especialmente Gillian.*

— Estou começando a pensar que vocês dois são mais do que amigos — disse Jiro sombriamente.

Kahlee teve de dar uma gargalhada. Ela viu Jiro enrijecer e virar a cara.

— Desculpe. — Ela passou um braço reconfortante por seu ombro. — Eu não pretendia rir. Mas, acredite em mim, eu não faço o tipo de Hendel. Você, talvez sim.

Por um segundo ele ficou confuso, a perplexidade aparecendo em seu rosto juvenil.

— Oooh — disse um instante depois, entendendo o que Kahlee pretendia dizer.

O telefone ao lado da cama tocou antes que qualquer um dos dois pudesse dizer mais alguma coisa. Jiro viu o identificador na tela e seus olhos se arregalaram.

— É Hendel!

— E daí? — perguntou Kahlee, dando de ombros. — Atenda.

Ele apertou o botão do viva-voz.

— Hendel?

— O transportador de Grayson acaba de tocar para nós — rosnou a voz do outro lado da linha. — Estará aqui em uma hora. Era de se esperar que o filho da puta agiria segundo o próprio relógio.

Kahlee revirou os olhos. Era comum que as pessoas que visitavam um planeta ou estação espacial programassem suas visitas de modo a chegar em um horário conveniente segundo a hora local. Mas Grayson viajava muito a trabalho e a adaptação constante a diferentes fusos

horários exigia muito de uma pessoa. O pai de Gillian não era o único genitor a aparecer no meio da noite, mas era só dele que Hendel reclamava.

— Ah, tá, tudo bem — respondeu Jiro. — Vou me arrumar.

— Tentei o quarto de Kahlee, mas ela não estava lá — acrescentou Hendel. — Imagino que esteja com você.

Jiro virou-se para ela com um dar de ombros e um olhar que parecia dizer, *o que eu digo?*

— Estou aqui — respondeu ela depois de um silêncio longo e desconfortável. — Descerei com Jiro ao desembarque para recebê-lo.

— Encontro vocês dois daqui a 45 minutos. — A chamada telefônica se encerrou com um estalo.

— Como ele sabe de nós? — perguntou-se Kahlee em voz alta. Até então, achava que ninguém sabia. Ela e Jiro sempre tinham sido discretos.

— Ele não seria um bom chefe de segurança se não soubesse. — Jiro riu, saindo da cama e indo para o pequeno chuveiro em sua suíte.

Hendel era grosseiro e carrancudo, e tendia a ser superprotetor com seus encarregados, mas ninguém podia acusá-lo de ser incompetente no trabalho. Ainda assim, Kahlee não estava satisfeita.

— O que você acha que deu a dica a ele? — falou em voz alta, tirando a blusa.

Jiro colocou a cabeça para fora do banheiro.

— Provavelmente você. Aposto que ele pode ler você como se fosse um livro aberto. Você não sabe guardar segredos.

— Talvez tenha sido você — contra-atacou Kahlee enquanto desabotoava a calça. — Você também não sabe guardar segredos.

— Talvez eu seja melhor do que imagina — disse ele num tom misterioso. Depois riu e voltou a desaparecer no banheiro. Um segundo depois ela ouviu a água do chuveiro.

Agora completamente nua, Kahlee atravessou o quarto e entrou no banheiro. Jiro ergueu as sobrancelhas sugestivamente quando ela abriu a porta do box e se espremeu ali com ele.

— Pode esquecer — falou ela. — Precisamos chegar lá antes que o transportador de Grayson pouse. Tenho medo do que pode acontecer se o deixarmos sozinho com Hendel.

— Por que ele detesta tanto Grayson? — Às costas de Kahlee, Jiro passava xampu em seu cabelo.

Porque ele pensa que Grayson tem tanto preconceito contra bióticos que só suporta ver a própria filha duas vezes por ano. Porque os pais do próprio Hendel o abandonaram para o programa TAB quando ele era criança, basicamente deserdando-o. Porque parte dele pensa que ajudar Gillian a aprender a lidar com sua biótica pode expulsar as lembranças de seu próprio abandono e isolamento na infância.

— É complicado — foi só o que respondeu.

— Talvez Hendel tenha uma queda por Grayson — brincou Jiro.

Kahlee soltou um suspiro de censura.

— Só rezo para que você não seja tão idiota a ponto de fazer essa piada quando ele puder ouvir.

SETE

A academia Grissom era uma estação espacial de médio porte com meia dúzia de pequenas áreas de embarque em seu exterior, cada uma delas capaz de acomodar naves pequenas e médias. A maioria das chegadas era de naves de abastecimento trazendo os recursos necessários de Elysium para manter o funcionamento da academia, junto com duas viagens por dia de transportadores públicos de passageiros descendo à superfície do planeta.

Quando Kahlee e Jiro chegaram, Hendel esperava por eles, olhando atentamente a área de embarque pela janela de observação. Ela ficou decepcionada ao ver que a estação no momento era orientada com a janela de observação com vista para o planeta que eles orbitavam. Sempre tinha achado particularmente assombrosa a imagem de Elysium pairando abaixo deles no espaço.

A maioria dos visitantes à academia — pais e amigos da equipe, em geral — viriam através de Elysium, marcando a passagem para o planeta, transferindo-se depois para a nave de passageiros. Só aqueles importantes ou com riqueza suficiente para ter acesso a transportadores pessoais tinham a opção de pousar suas naves na própria estação, eliminando o tempo e a confusão necessários para passar pelos espaçoportos públicos.

O acesso direto também permitia que se desviassem da alfândega e das verificações de segurança encontradas no planeta, de modo que, por lei, deveria haver um oficial de segurança de prontidão para liberá-los na chegada. Isso era mais uma formalidade do que qualquer outra coisa e Hendel normalmente delegava a tarefa a um dos subordinados. Mas naquelas raras ocasiões em que Grayson chegava, o chefe de segurança sempre estava ali para recebê-lo pessoalmente. Kahlee sabia que era o jeito não muito sutil de Hendel informar a Grayson que estava sendo vigiado.

Felizmente, o transportador de Grayson ainda não havia aparecido. Hendel virou-se para observar a aproximação dos dois, interrompendo sua vigília.

— Eu estava começando a me perguntar se chegaria a tempo.

Seu comentário era dirigido a Kahlee; quase parecia que ele ignorava propositalmente a presença de Jiro. Ela decidiu não dar atenção a isso.

— Quanto tempo para o pouso?

— Cinco, talvez dez minutos. Vou sinalizar para Grayson entrar, depois você cuida dele. Leve-o ao refeitório por algumas horas ou coisa assim.

— Ele vai querer ver a filha imediatamente — protestou Jiro.

Hendel fuzilou o rapaz com os olhos, como se ele tivesse interrompido uma conversa particular, depois meneou a cabeça.

— Essas visitas surpresa são muito difíceis para Gillian. Não vou acordá-la no meio da noite só porque o pai é egoísta demais para esperar para vê-la pela manhã.

— Querer ver a própria filha imediatamente não é egoísmo — argumentou Kahlee.

— Nos últimos meses, ela vem acordando cedo, de qualquer modo — acrescentou Jiro. — Só dorme algumas horas por noite. O resto do tempo fica sentada na cama com as luzes apagadas, olhando a parede. Acho que tem alguma relação com o problema dela.

Uma careta amarga preencheu o rosto de Hendel.

— Ninguém me contou isso. — Levava a sério seu trabalho e não gostava quando os outros sabiam mais do que ele sobre os hábitos e comportamentos dos alunos.

Ele está procurando briga, pensou Kahlee. Ela precisava ficar de olho em Hendel. Não ia deixar que ele estragasse a visita para Grayson ou Gillian.

— Não havia nada que você pudesse fazer a respeito disso — respondeu Kahlee com frieza. — Além do mais, o Dr. Sanchez disse que não há motivos para se preocupar.

Hendel entendeu o alerta tácito no tom de voz de Kahlee e deixou a questão de lado. Por alguns minutos, ficaram ali, sem falar nada, apenas olhando pela janela. Hendel rompeu o silêncio com um comentário aparentemente inocente.

— Então, parece que seu velho amigo está concorrendo a um dos assentos no Conselho — observou ele.

— Velho amigo? — perguntou Jiro, curioso.

— O capitão David Anderson — explicou o chefe de segurança, aparentemente sem perceber o reflexo carrancudo de Kahlee na janela. — Os dois serviram juntos na Aliança.

— Por que você nunca me falou dele? — perguntou Jiro, olhando para ela.

— Já faz muito tempo. — Kahlee tentou aparentar indiferença com a questão. — Não nos falamos há anos.

Houve um silêncio desagradável e Kahlee só podia imaginar as perguntas que passavam pela cabeça de Jiro. Ele era um jovem confiante, mas ainda devia ser inquietante saber que a namorada tivera uma relação com um dos heróis militares mais conhecidos da humanidade. Quando Jiro finalmente voltou a falar, ela foi apanhada de guarda baixa por suas palavras:

— Prefiro ver o embaixador Udina no Conselho.

— Será interessante acompanhar como tudo isso terminará — respondeu Hendel, embora erguesse uma sobrancelha curiosa.

Qualquer outra conversa foi impedida pelo agudo sinal sonoro que emanou do intercomunicador acima da cabeça dos três, avisando da chegada de uma nave. Pela janela de observação, podiam ver luzes vermelhas piscando do lado de fora, no perímetro de uma das áreas de embarque. Alguns segundos depois, a nave de Grayson — um pequeno transportador corporativo de ponta — entrou no campo de visão.

O transportador manobrou e colocou-se em posição, deslocando-se em silêncio no vácuo do espaço. Acomodou-se em um dos hangares e Kahlee sentiu o mais leve solavanco sob os pés enquanto um grande par de grampos de ancoragem automáticos fixou a nave no lugar. Uma plataforma inteiramente fechada estendeu-se da estação para se conectar com as portas do transportador, lacrando-se hermeticamente. O túnel pressurizado e cheio de oxigênio permitia que os passageiros fossem das naves ancoradas nas áreas de desembarque externas diretamente ao interior da estação sem ter de passar pelo incômodo de vestir trajes espaciais.

— Muito bem, vamos descer para receber nosso convidado — resmungou Hendel, sem fazer esforço para esconder seu desagrado.

Os passageiros que saíam das naves desciam pelo túnel até a sala de espera, uma grande antecâmara com paredes transparentes à prova de balas. Vários postes na altura da cintura, ligados ao teto por pesados cabos vermelhos, serpenteavam de um lado a outro da sala, criando uma área onde os visitantes formavam uma fila quando chegavam em grupos. Na ponta da fila, uma linha amarela fora pintada no chão. Para além da linha, ficavam dois guardas da Aliança, ambos armados — um lembrete a qualquer um que desembarcasse de que a Academia Grissom era uma operação conjunta entre civis e militares.

Atrás dos guardas, uma única porta levava da sala de espera à área de recepção, onde outro soldado da Aliança sentado a um computador registrava todas as chegadas e partidas. A porta ficava fechada até que o soldado da mesa de registro ficasse satisfeito e os indivíduos na sala de espera tivessem autorização para entrar na estação.

Grayson já estava na sala de espera quando eles chegaram à recepção, andando de um lado para o outro com impaciência atrás da linha amarela. Os guardas na sala com ele simplesmente estavam em posição de sentido, parecendo não perceber sua urgência.

A jovem à mesa de registro levantou a cabeça quando Hendel se aproximou, seu rosto se iluminando ao reconhecer o chefe de segurança do Projeto Ascensão.

Está perdendo seu tempo, maninha, pensou Kahlee.

— Um visitante, segundo o programado — disse ela, sua voz um pouco leve e animada demais para parecer inteiramente profissional. — Aguardando liberação.

— Deixe-o passar — falou Hendel com um suspiro.

Ela sorriu e pressionou alguns botões no teclado. Uma pequena luz verde acendeu-se acima da porta de vidro e houve um estalo audível da tranca sendo aberta. Um instante depois a porta se abriu silenciosamente.

— Entre, Sr. Grayson — Kahlee ouviu um dos guardas da sala de espera dizer, mas Grayson praticamente já havia cruzado a porta.

Ele parece péssimo, pensou Kahlee.

Grayson vestia um simples terno executivo e carregava uma pasta de aparência cara. Suas roupas estavam limpas e recém-passadas, e era evidente que fizera a barba havia pouco tempo. Apesar desses esforços, havia uma expressão doentia e quase desesperada nele. Sempre magro, agora estava positivamente esquelético: as roupas pareciam penduradas nele. O rosto estava abatido e emaciado, os olhos fundos e injetados, os lábios secos e rachados. Ela ainda não estava disposta a concordar inteiramente com a acusação de Hendel de que o homem era um viciado em drogas, mas ele certamente tinha a aparência de quem cheirava areia.

— É bom revê-lo, Sr. Grayson — disse Kahlee, avançando um passo e apresentando-se antes que Hendel pudesse dizer alguma coisa inadequada.

— Já faz muito tempo — acrescentou o chefe de segurança, sem se deixar abalar pelas tentativas de Kahlee. — Começávamos a pensar que o senhor tinha se esquecido onde nos encontrar.

— Se pudesse, viria com mais frequência. — Grayson apertou a mão de Kahlee, olhando para Hendel enquanto falava, porém. Não parecia irritado. Na realidade, parecia quase se desculpar. Ou se sentia culpado. — As coisas andaram... Complicadas... Ultimamente.

— Gillian ficou muito animada quando dissemos a ela que o senhor viria — intrometeu-se Jiro por sobre o ombro de Kahlee.

— Estou ansioso para vê-la, Dr. Toshiwa — respondeu Grayson, sorrindo. Kahlee percebeu que seus dentes estavam descoloridos, como se recobertos por algo levemente luminoso: outro sinal revelador de um vício em areia.

— Quer que leve sua pasta? — perguntou Hendel, quase de má vontade.

— Prefiro que ela fique comigo — respondeu Grayson e Kahlee notou uma leve reprovação cruzar as feições de Hendel.

— Venha — disse ela, pegando Grayson pelo braço e o afastando gentilmente de Hendel. — Vamos ver sua filha.

— Desculpe pelo péssimo horário de minha chegada — falou Grayson enquanto seguiam pela academia aos alojamentos do Projeto Ascensão. — Sempre tenho problemas para adaptar meu horário ao fuso local.

— Não tem problema, Sr. Grayson — garantiu-lhe Kahlee. — O senhor é bem-vindo para ver Gillian a qualquer hora, dia ou noite.

— Sinto-me mal por acordá-la — continuou ele. — Mas terei de partir daqui a algumas horas.

— Vamos deixar que ela durma durante as aulas de amanhã — observou Hendel, andando alguns passos atrás deles.

Grayson ignorou a observação e Kahlee não tinha certeza se ele tinha ouvido o comentário. Mas isso deu um fim à conversa até que chegaram ao quarto de Gillian.

Kahlee passou a mão pela frente do painel de acesso e a porta deslizou, abrindo-se.

— Luzes: acender — disse ela baixinho e a iluminação encheu o quarto.

Gillian não estava dormindo. Como Jiro havia alertado, a menina sentava-se de pernas cruzadas na cama, por cima das cobertas. Usava um pijama cor-de-rosa desbotado que parecia pequeno demais; Kahlee se lembrou de que fora um presente de Grayson em seu aniversário alguns meses atrás.

— Oi, Gigi — cumprimentou Grayson ao entrar no quarto, chamando-a por seu apelido.

Os olhos dela se iluminaram e a garota estendeu os braços para ele, mas continuou sentada.

— Papai!

Grayson colocou-se ao lado da cama e se curvou, mas evitou abraçá-la. Em vez disso, segurou as mãos das filhas com força, como ela esperava.

— Você está ficando tão grande! — disse Grayson, admirado, soltando uma das mãos para recuar meio passo e olhá-la melhor. Depois de um longo silêncio, acrescentou em voz baixa: — Está igualzinha à sua mãe.

Kahlee deu um tapinha no cotovelo de Hendel e Jiro, depois apontou para a porta, indicando que deveriam sair. Os três deixaram o quarto e a porta se fechou num silvo a suas costas.

— Venham — disse Kahlee assim que chegaram ao corredor. — Vamos deixá-los a sós.

— Todos os visitantes precisam ter a companhia de alguém da equipe enquanto estão na academia — protestou Hendel.

— Eu ficarei aqui — ofereceu-se Jiro. — Ele disse que partirá em algumas horas, então não me importo de ficar por perto. Além disso, conheço os arquivos de Gillian. Caso ele tenha alguma pergunta.

— Pode ser — respondeu Kahlee.

Hendel deu a impressão de que ia discutir, mas em vez disso limitou-se a dizer:

— Cuide para assinar a saída dele e me informe quando tiver partido.

— Vamos — disse Kahlee a Hendel. — Venha comigo ao refeitório e vou pagar um café a você.

O refeitório estava vazio — ainda se passariam várias horas antes que a equipe e os alunos descessem para o café da manhã. Hendel sentou-se a uma das mesas perto da porta enquanto

Kahlee foi aos distribuidores de bebida. Passou seu cartão de funcionária pela ranhura e pediu dois copos de café puros, então levou-os à mesa e estendeu um a Hendel.

— O desgraçado parece pior do que nunca — disse o chefe de segurança, pegando o copo da mão dela. — Deve estar chapado agora mesmo.

— Você é duro demais com ele — replicou Kahlee com um suspiro, sentando-se de frente para Hendel. — Ele não é o primeiro pai de uma criança biótica a experimentar areia vermelha. É assim que nós, pessoas normais, entendemos como é ser biótico.

— Não — disse ele incisivamente. — Ficar doidão e atirar cliques de papel ao redor usando sua mente por algumas horas não é igual a ser um biótico.

— Mas é o mais próximo que alguém como Grayson pode chegar. Coloque-se no lugar dele. Ele só está tentando se associar com a filha.

— Então talvez devesse vê-la mais do que duas vezes por ano.

— Talvez não seja fácil para ele — lembrou Kahlee. — A esposa morreu durante o parto. A filha tem um problema mental que a torna emocionalmente distante. E depois ele descobre que a menina tem essa capacidade incrível e precisa enviá-la a uma escola particular.

Kahlee fez uma pausa antes de prosseguir:

— Grayson deve viver uma montanha-russa emocional sempre que a vê: amor, culpa, solidão. Ele sabe que está fazendo o melhor para a filha, mas isso não quer dizer que será fácil.

— Eu apenas sinto uma energia ruim vindo dele. Aprendi a confiar em meus instintos.

Em vez de responder, Kahlee tomou um longo gole do seu copo. O café era bom e estava quente, mas deixava um sabor um tanto amargo.

— Precisamos fazer uma petição ao conselho para ter um café melhor — resmungou, na esperança de mudar de assunto.

— Há quanto tempo você e Jiro estão juntos? — perguntou Hendel.

— Há quanto tempo você sabe?

— Dois meses.

— Então levou cerca de dois meses para descobrir.

— Cuidado com esse garoto, Kahlee.

Ela riu.

— Terei o cuidado de não quebrar o coração dele.

— Não foi isso que eu quis dizer — disse Hendel, num tom sério. — Tem alguma coisa nele em que não confio. Ele é escorregadio demais. Liso demais.

— Seus instintos de novo? — Ela ergueu o copo ao rosto para esconder o sorriso. Ao que parecia, Hendel não era protetor apenas com os alunos.

— Você viu como ele reagiu quando falei em sua história com Anderson.

— Aliás, muito obrigada por isso — disse ela, arqueando as sobrancelhas.

— Não me pareceu que Jiro tenha ficado abalado — continuou Hendel, ignorando a estocada verbal. — Como se já soubesse.

— E se já sabia?

— Bom, era bem evidente que você não contou a ele. Então, como descobriu? Os registros daquela missão estão lacrados. Ora essa, mesmo eu só sei porque você me contou.

— As pessoas falam. Talvez eu tenha mencionado o assunto com alguém da equipe, que contou a ele. Está fazendo uma tempestade em copo d'água com isso.

— Talvez — concordou Hendel. — Mas tenha cuidado. Eu aprendi a confiar em meus instintos.

Grayson passou as quatro horas seguintes com Gillian. Deixou que ela falasse na maior parte do tempo, alternando entre explosões de uma conversa ansiosa e quase frenética e longos trechos de retraimento silencioso em que a menina parecia se esquecer de que ele estava ali. Ele gostava de ouvir a voz da filha, mas também não se importava com os silêncios. Era bom simplesmente vê-la novamente.

Quando Gillian falava, era principalmente sobre a escola e a academia: de que professores gostava e quais achava desagradáveis; suas matérias preferidas; as coisas novas que aprendera nos cursos. Grayson percebeu que ela nunca falava nos outros alunos, nem em nada relacionado com seu treinamento biótico. Decidiu não pressionar. Obteria todas as informações necessárias muito em breve.

Estava quase na hora de ele ir embora. Havia aprendido que quanto mais tempo ficasse, mais difícil seria partir. Assim, sempre determinava um limite para cada visita: ter um parâmetro de missão facilitava cumpri-la.

— Gigi? — disse suavemente.

Gillian encarava a parede, perdida novamente dentro de si mesma.

— Gigi? — insistiu um pouco mais alto. — Papai precisa ir. Tudo bem?

Da última vez que ele fora embora, ela nem mesmo parecera ouvir sua despedida. Desta vez, porém, ela virou a cabeça de leve e fez que sim. Grayson não sabia o que era pior.

Ele se levantou e se curvou para lhe dar um beijo no alto da cabeça.

— Deite-se, querida. Debaixo das cobertas. Procure dormir.

Agindo lentamente, como uma espécie de autômato movida por suas palavras, a garota obedeceu. Depois de estar acomodada e de ter fechado os olhos, ele atravessou o quarto e abriu a porta.

— Luzes: apagar — sussurrou. O quarto escureceu enquanto ele fechava a porta ao sair.

Jiro esperava por ele no corredor.

— É seguro aqui? — perguntou-lhe Grayson, num tom mais grosseiro do que pretendia.

— Deve ser — respondeu o jovem, falando em voz baixa. — Todos ainda estão dormindo. Podemos ir ao meu quarto, se isso for levar algum tempo.

— Vamos acabar logo com isso, assim posso dar o fora dessa estação — disse Grayson, ajoelhando-se e deitando a pasta no chão.

Ele abriu a tranca, soltou o fundo falso e retirou o frasco que Pel lhe dera. Depois se levantou e o entregou a Jiro. O cientista o pegou, segurando-o nas luzes do teto do corredor.

— Parece que trocaram os compostos de novo. O Homem deve querer experimentar algo diferente. — Colocou o frasco no bolso. — Isso não vai aparecer em um dos exames dela, vai? Quero dizer, não pode ser rastreado, pode?

— O que acha? — perguntou-lhe Grayson com frieza.

— Tá, tudo bem. A mesma dose de antes?

— Não me deram nenhuma instrução nova.

— Alguma ideia do que essa coisa nova pode fazer com ela?

— Não faço esse tipo de pergunta — respondeu incisivamente Grayson. — Nem você fará, se for inteligente.

Meu Deus, pensou ele, assim que as palavras escaparam de sua boca. *Agora pareço Pel*. Ele sinceramente não sabia se isso era bom ou ruim, embora imaginasse que seu velho parceiro veria algum humor nisso.

— Eles não farão nada que possa prejudicá-la — acrescentou Grayson, embora não tivesse certeza se tentava convencer Jiro ou a si mesmo. — Ela é valiosa demais.

Jiro concordou.

— Aqui estão os últimos resultados sobre todos os alunos do Projeto Ascensão — disse o rapaz, pegando um disco ótico de armazenamento no bolso do jaleco e entregando a Grayson. — Além de minha pesquisa particular sobre nossa pupila estelar ali. — Ele gesticulou com a cabeça para a porta de Gillian.

Grayson pegou o disco sem dizer nada e o escondeu dentro da pasta.

— Você está dormindo com Sanders? — perguntou depois de o disco estar guardado.

— Imaginei que isso estivesse dentro dos parâmetros de minha missão — respondeu Jiro com um sorriso. — Tenho de arrancar informações dela, então trepo com ela em toda oportunidade que consigo.

— Só trate de não se envolver emocionalmente — avisou-lhe Grayson. — Isso cria confusão.

— Tenho tudo sob controle — garantiu o garoto com um sorriso presunçoso de enfurecer.

Grayson imaginou que, em algum lugar, Pel estaria se matando de rir.

OITO

Feda’Gazu vas Idenna ajeitou a pistola pendurada no cinto enquanto descia do rover. Nunca usava uma arma na flotilha, mas todo quarian sempre saía armado da segurança da Frota Migrante.

Lige e Anwa, os dois tripulantes que escolhera para acompanhá-la a este encontro, saíram do veículo para se colocar de cada lado seu. Ela sentia o nervosismo dos dois. Espelhava o dela próprio.

Feda não confiava em Golo. Era um companheiro quarian, mas também um criminoso tão cruel e perigoso que fora exilado da Frota. Por isso ela se recusara a se encontrar com ele em Omega: lugares demais para uma emboscada. No início ele protestou, eventualmente concordou em se encontrar com ela em Shelba, um mundo desolado e desabitado no Sistema Vinoss próximo.

A atmosfera em Shelba era respirável — o suficiente —, mas a temperatura estava sempre bem abaixo do congelamento, tornando-o inadequado para habitação ou cultivo de alimentos. E a crosta consistia apenas de metais e minerais comuns e de baixo valor, de modo que era pouco econômico para a mineração. O mundo era ignorado — subdesenvolvido e vazio. Se Golo tentasse enganá-la, marcar a troca ali podia obrigá-lo a reconsiderar se valia a pena ter tal trabalho.

Feda estremeceu, apesar de seu traje espacial climatizado a proteger contra o pior do frio. Parte dela queria esquecer o acordo; só dar meia-volta e ir embora. Mas Golo lhe prometera vender uma carga de bobinas de filtragem de ar e catalisadores de reação, e várias naves da flotilha precisavam desesperadamente de peças de reposição. Apesar de suas reservas pessoais, ela não podia, em sã consciência, rejeitar a oferta do sujeito.

— Ali — chamou um de seus companheiros, apontando pelo trecho vasto e aberto de planície azul e formações rochosas verdes e cintilantes que compunham a superfície do planeta inóspito.

Um pequeno veículo terrestre se aproximava ao longe, lançando nuvens de poeira turquesa ao acelerar para eles. Feda deu mais uma olhada em suas cercanias, procurando sinais de outros veículos no horizonte. Para seu alívio, nada viu.

Empoleirado no alto de um afloramento rochoso cor de esmeralda a 1 quilômetro e meio dali, Pel observava a chegada dos quarians pela mira de seu rifle de precisão Volkov. Tinha suas dúvidas se apareceriam, dada a reputação de Golo entre a própria espécie. Mas o quarian garantia que eles estariam ali.

Parece que o canalhinha tinha razão.

Os quarians desceram de seu veículo.

— Temos três alvos — disse uma voz no dispositivo embutido no capacete de seu traje espacial.

— Esquadrão alfa, pegar o da direita — respondeu Pel num tom monótono. — Esquadrão beta, pegar o da esquerda. Deixe a do meio para mim.

— Esquadrão alfa... Alvo na mira — respondeu a voz.

— Esquadrão beta... Alvo na mira — confirmou uma segunda voz, feminina.

Olhando pela mira, teve confiança de que sua equipe podia atingir seus alvos, mesmo a uma distância tão grande. Mas todos os quarians usavam armadura e era pequena a possibilidade de um tiro penetrar a barreira cinética de seus escudos antes que pudessem voltar para a segurança do veículo. Golo ainda precisava fazer sua parte para que o plano funcionasse.

— Não atirem antes de meu sinal — ordenou, firmando a mira na quarian do meio.

Os quarians esperaram pacientemente que seu contato se aproximasse. Logo Feda ouvia o gemido do motor do rover e o esmagar de seus pneus no terreno irregular e acidentado, a atmosfera rarefeita conferindo a tudo um som agudo e quebradiço.

Quando o rover estava a uma distância de 50 metros, Feda ergueu a mão, com a palma para a frente. O veículo parou. Segundos depois, um quarian saiu e andou lentamente até eles, com as mãos na cabeça. Parou a 10 metros, como Feda havia instruído quando combinaram os detalhes do encontro. Lige e Anwa sacaram os fuzis de assalto, apontando para o recém-chegado.

— Golo? — perguntou ela, confirmando a identidade do homem por trás da máscara.

— Vieram aqui para me roubar? — disse ele à guisa de resposta, assentindo para as armas apontadas para seu peito. Manteve as mãos erguidas. Ao contrário de Feda e de seus tripulantes, não usava armadura.

— Não vou me arriscar — respondeu ela. — Não com você.

Havia vários crimes que podiam resultar no exílio da Frota: assassinato, violência repetida, vandalismo ou sabotagem às Liveships ou ao abastecimento de comida. Mas o crime de Golo — tentar vender quarians aos Coletores — era particularmente hediondo. A lealdade era a pedra fundamental da cultura quarian: a sobrevivência na Frota Migrante exigia que todos os integrantes da comunidade trabalhassem juntos. Tentar vender outro quarian para obter lucros pessoais era uma traição a tudo em que Feda acreditava, um pecado imperdoável.

— Veio sozinho? — perguntou ela.

Golo fez que sim.

— As peças estão na traseira do caminhão, se quiser ver.

Feda sacou a pistola e a usou para cobrir Golo, apontando para Lige verificar o veículo. Ele se aproximou lentamente, de arma ainda em punho. O transportador era um simples cargueiro, com uma pequena cabine para duas pessoas e uma caçamba de frete na traseira. A caçamba era pouco mais do que uma caixa retangular com uma porta vertical deslizante para carga e descarga.

Lige apertou o painel na lateral da caçamba, mas em vez de a porta subir, o painel bipou agudo e piscou vermelho.

— Está trancado.

— Qual é o código de acesso? — exigiu Feda, acenando ameaçadora com a pistola na direção de Golo.

— Sete dois meia nove — respondeu ele, e Lige apertou os números.

E o que seguiu-se então foi o inferno.

— Preparem-se — murmurou Pel no transmissor enquanto um dos quarians se aproximava do veículo de Golo.

Um instante depois houve um clarão forte quando a bomba na traseira do veículo de Golo explodiu. O quarian que se postava ao lado do veículo foi lançado no ar e derrubou os outros no chão, inclusive Golo.

— Fogo — ordenou, sua voz calma ao apertar o gatilho do rifle com uma pressão suave e constante.

Feda foi arrancada do chão pela explosão. Bateu no solo com um baque chocante, mas rapidamente rolou e se levantou, levando a pistola a disparar em Golo, que ainda estava caído, retraindo-se com as mãos na cabeça.

Ela apertou o gatilho, mas nada aconteceu. Baixando os olhos, viu o indicador de status de sua arma piscar vermelho: o sistema de mira automática tinha sobrecarregado. Praguejando,

ativou o modo manual na coronha, sabendo muito bem que o pulso que desativara sua arma provavelmente também afetaria seu escudo cinético.

Um clarão de fogo agonizante surgiu em seu ombro enquanto um projétil hiperacelerado, não maior do que um alfinete, penetrava tranquilamente pelas placas ablativas de sua armadura corporal antes de explodir na carne e no osso por baixo. O impacto a fez rodar e a pistola voou de sua mão. Ela sentiu a rótula se desintegrar e desabou no chão, seu grito se elevando e fazendo frente ao inconfundível *zip-zip-zip* dos disparos de alta potência cortando o ar rarefeito.

Ela via o corpo de Lige, prostrado onde a explosão o lançara. Sua máscara fora espatifada pelo impacto à queima-roupa da detonação, transformando o rosto em uma massa ensanguentada. Via com clareza um dos olhos fixado nela, sem vida e sem piscar. O corpo sofreu um solavanco e deu um salto ao ser atingido por balas inimigas, tiros desperdiçados num cadáver.

Vá para o veículo!, sua mente gritou e, em resposta, ela começou a engatinhar de barriga para o rover. Sequer sentiu o tiro que entrou pela parte de trás do crânio e deu fim à sua vida.

Pel ainda atirava, disparando uma bala depois de outra no corpo imóvel até ouvir a voz de Golo em seu capacete.

— Acho que agora você pode parar. Estão todos mortos.

Erguendo-se, Pel retraiu a arma e a encaixou no grampo de liberação rápida nas costas.

— Esquadrão beta, ao ponto de encontro. Esquadrão Alfa, fique atento a reforços.

A gravidade em Shelba era 0,92 comparada ao padrão da Terra, de modo que pôde ganhar um bom terreno, mesmo com as restrições do traje espacial climatizado. Precisou de mais de cinco minutos para descer à cena do massacre. Golo esperava por ele, assim como as duas mulheres do esquadrão beta. Já estavam tirando as roupas e o equipamento dos quarians mortos. As roupas escuras foram rasgadas por buracos de bala e estavam manchadas de sangue, mas era improvável que alguém percebesse esses detalhes antes que fosse tarde demais.

Pel era grande demais para se passar por um quarian, mas as mulheres tinham mais ou menos a mesma altura e compleição. Com os rostos cobertos pelos capacetes e envoltas em tecidos e farrapos, seria difícil distingui-las de suas vítimas.

— Localizou a nave deles? — perguntou Golo ao se aproximar. Como as mulheres, usava as tiras de roupas de um dos corpos para ocultar sua identidade.

— Localizamos quando tocaram o solo — disse-lhe Pel. — Talvez a 10 quilômetros daqui.

— Provavelmente há mais três ou quatro a bordo — informou o quarian. — Quase certamente estarão armados, mas não terão trajes de combate. Lembre-se, você quer pegar um deles vivo. Se possível, o piloto.

Hilo’Jaa vas Idenna, piloto do batedor *Cyniad* da nave estelar *Idenna*, ficou surpreso ao ver o rover de Feda aproximando-se deles da beira do horizonte.

Ativou o botão de transmissão no rádio.

— Feda? Aqui é Hilo. Está me ouvindo?

Um segundo depois veio a resposta, mas foi obscurecida por uma estática tão densa que ele não conseguiu distinguir nada.

— Não consigo ouvi-la, Feda. Está tudo bem?

Desta vez a resposta foi um guincho penetrante de feedback de rádio que fez Hilo estremecer enquanto desligava o transmissor.

— Preparem-se — falou Hilo no intercomunicador de bordo. — Feda está voltando.

— Por que não avisou? — respondeu uma voz no alto-falante alguns segundos depois.

— Parece que o rover tem algum problema no rádio.

— Eu consertei na semana passada! — protestou a voz.

— Acho que precisa consertar de novo — respondeu Hilo com um sorriso. — Fique atento, por precaução.

Não era incomum que as coisas dessem defeito no *Cyniad*. Como todas as naves, embarcações e veículos associados com a Frota Migrante, seu rover já vira dias melhores. A maioria das espécies o teria desativado há muito tempo, ou relegado ao ferro-velho. Os quarians, com uma carência de matéria-prima e recursos, não podiam se dar esse luxo.

Hilo perguntou-se quanto tempo mais seus consertos improvisados manteriam o rover funcionando antes que finalmente tivessem de admitir a derrota e desmontá-lo. Com alguma sorte, pelo menos mais alguns meses. Talvez outro ano, se tivessem muita sorte.

A sorte não é um conceito que se costuma associar com os quarians, pensou enquanto o rover rodava e parava sob as portas de carga.

Três figuras saltaram. Uma fez alguns gestos, sinalizando à nave para abrir as portas de embarque de modo que pudessem levar o contêiner de carga para dentro. Hilo levantou-se da cadeira e desceu ao porão para ajudar a guardar tudo. Estava a meio caminho, espremendo-se entre a mesa e as cadeiras de sua sala de descanso mínima, quando ouviu disparos e gritos.

Pegando a pistola no cinto, chutou de lado as cadeiras e correu em auxílio aos companheiros de tripulação. Desceu a escada aos saltos e deslizou para o porão de carga, jamais parando para pensar que talvez chegasse ali tarde demais.

Entrou de rompante no porão e ficou petrificado, abalado com a cena adiante.

O contêiner de carga estava aberto, mas não havia nada dentro dele. A tripulação estava morta, espalhada pelo porão, onde foram baleados. Várias figuras armadas e de armadura, grandes demais para serem quarians, davam uma busca no espaço, procurando outros sobreviventes. Tudo isso sua mente registrou num instante. O que o abalou, porém, foi a visão

de Feda, Lige e Anwa paradas, as armas apontadas para ele. Mesmo de perto, precisou de um segundo para perceber que eram impostores.

Mas era tarde demais. Um deles disparou, a bala retalhando o músculo ao atravessar sua coxa. Hilo gritou e largou a arma. Em seguida estavam sobre ele duas figuras prendendo-o no chão, enquanto a terceira assomava diante dele, a arma apontada e pronta. Hilo se debatia loucamente contra eles, a mente entorpecida pela tristeza, sem perceber a dor agonizante que disparava de sua coxa ou a ameaça implícita da pistola apontada para sua cabeça.

— Pare e deixaremos que você viva — disse a figura de pé sobre ele num quarian impecável.

Mesmo em sua agitação, sua mente foi capaz de deduzir quem falava. Feda havia alertado a todos sobre o homem que iam encontrar: um exilado que traía o próprio povo. Agora a tripulação do *Idenna* caíra em sua armadilha. O corpo de Hilo ficou flácido enquanto a mente cedia à desesperança e ao desespero.

O quarian se curvou para perto dele, segurando a arma despreocupadamente.

— Quem é você?

Hilo não respondeu.

— Eu perguntei seu nome — repetiu o sujeito, batendo a coronha da pistola ao lado da cabeça de Hilo. Sua visão se encheu de estrelas. — Quem é você? — insistiu.

Novamente, ele não respondeu.

A pistola atingiu sua cabeça mais uma vez e seus dentes morderam a língua. Ele sentiu gosto de sangue, mas não perdeu a consciência.

— Sou Golo'Mekk vas Usela. Perguntarei pela última vez. Quem é você?

Golo, tripulante da Usela.

— Você não tem direito a usar esse nome! — gritou Hilo, suas palavras ecoando dentro do capacete. — Você é vas Nedas! Golo nar Tasi!

Tripulante de lugar nenhum; Golo, filho de ninguém. Pária. Sozinho. Vilipendiado.

Desta vez a pistola bateu na placa facial do capacete, com força suficiente para rachar o vidro. O cheiro desconhecido e apavorante de ar sem filtração — ar infectado de bactérias e germes — o inundou.

Uma onda de adrenalina do puro medo instintivo deu novas forças aos membros de Hilo e ele tentou se libertar dos captores. Ergueu-se sobre os joelhos e tentou se levantar e correr, mas a bala que tinha tomado na coxa transformara o músculo em uma massa inútil de polpa e tecido. Ele tombou para a frente, batendo de cara no convés de aço da baía de atracação.

Alguém pousou em suas costas, com força suficiente para tirar-lhe o ar dos pulmões. Um segundo depois, sentiu uma pontada aguda de dor na nuca e sua mente foi tragada numa névoa quente e azulada.

Sentiu que era rolado, mas não tinha a capacidade de resistir. Ficou deitado no chão, encarando as luzes do alto, incapaz de se mexer ou de falar. A névoa azul ficava mais densa,

tragando-o, e o mundo lhe escapava. A última coisa que ouviu antes de cair na inconsciência foi uma voz humana:

— Você quebrou a máscara dele. Se ele pegar alguma coisa e morrer, meu chefe não ficará nada satisfeito.

NOVE

Gillian andava pelo refeitório a passos lentos e hesitantes. As outras crianças conversavam e riam: uma muralha de barulho opressiva, apavorante e absurda que ela fazia o máximo para ignorar.

Segurava a bandeja do almoço diante do corpo, equilibrando-a com cuidado a cada passo trêmulo, avançando com cautela à mesa vazia no fundo da sala. Sentava-se ali todo dia, sozinha, o mais distante possível da algazarra e da fúria das demais crianças. De vez em quando um barulho particularmente alto — um riso estridente, uma bandeja caindo no chão — fazia com que sua cabeça virasse abruptamente, como se ela tivesse levado um tapa. Entretanto, sempre tinha o cuidado de não deixar cair a bandeja quando isso acontecia.

Quando era mais nova, ficava na sala de aula após a sineta do almoço tocar, enquanto os outros corriam para o refeitório. Hendel ou a Srta. Sanders trazia o almoço e ela comia em sua mesa em um abençoado silêncio de solidão. Mas ela não fazia mais isso. Estava tentando se encaixar.

Gillian tinha uma consciência dolorosa de que era diferente e, sobretudo, queria ser normal. Mas as outras crianças a assustavam. Eram rápidas demais. Barulhentas demais. Estavam sempre se encostando. Os meninos batiam-se nas costas ou trocavam socos no ombro; às vezes, empurravam os outros, rindo alto de piadas que ela não entendia. As meninas se curvavam para perto das demais, colocando a mão em concha nos lábios enquanto se aproximavam da orelha de uma amiga para cochichar segredos. Davam risadinhas e gritavam, segurando o pulso ou o braço da outra, ou fechando a mão da amiga na própria mão. Em outras vezes ela as via trançando o cabelo da outra. Gillian não conseguia imaginar como era aquilo, viver em um mundo em que o contato físico não provocava uma explosão de fogo na carne nem feria com um frio de congelar.

Pelo menos ninguém implicava com ela, nem se divertia à sua custa — não na frente dela, de qualquer modo. Na maior parte do tempo a evitavam, guardando distância. Todavia, Gillian não podia deixar de perceber a expressão deles quando lhe fitavam: confusão, desconfiança,

assombro. Ela era uma espécie de anormal, melhor que deixassem em paz. Mas estava tentando. Todo dia sofria a provação de atravessar o refeitório, carregando a bandeja, lenta e cuidadosamente, à mesa no canto. Tinha esperanças de que ficasse mais fácil com o tempo, fosse mais suportável com a repetição e a rotina. Até agora, não tinha acontecido.

Chegando ao seu destino, ela se sentou na mesma cadeira onde ficava todo dia, de costas para a parede, a fim de olhar o refeitório. Depois começou a comer lentamente, em mordidas ponderadas, olhando as outras crianças com pavor e desejo, incapaz de compreender o mundo delas, mas ainda assim com esperanças de um dia ser uma igual.

Nick observava Gillian, que andava pelo corredor central do refeitório. Quando ela passou pela mesa deles, Nick soltou um latido agudo, como um cachorro que foi pisoteado. A menina se encolheu, mas não se virou. E, para sua consternação, não deixou a bandeja cair.

— Ha! Eu te disse! — Sshaun riu alegremente.

Carrancudo, Nick entregou seu bolo de chocolate, a multa por ter perdido a aposta.

— Mas, afinal, qual é o problema dela? — perguntou, uma pergunta geral lançada à meia dúzia de meninos reunidos à mesa.

— Ela tem um problema mental ou coisa assim — propôs um deles. — Uma vez, ouvi Hendel falar nisso.

Nick fez uma careta para o nome. Ainda estava chateado com Hendel por tê-lo colocado de castigo.

— Por que ela é da nossa turma, se é retardada?

— Ela não é retardada, seu idiota — respondeu Sshaun. — Só é esquisita.

— Aposto que nem é biótica — continuou Nick, olhando-a fixamente.

Gillian também encarava, mas ele não sabia realmente se a menina olhava para ele ou para mais alguém na sala.

— Ela vai a todas as sessões de treinamento — argumentou um dos meninos.

— É, mas só fica sentada lá. Nunca faz nenhum dos exercícios.

— Isso porque ela é *esquisita*! — repetiu Sshaun.

Nick tinha certeza absoluta de que agora Gillian olhava para ele. Ele agitou o braço loucamente acima da cabeça, mas não despertou reação alguma.

— Acenando para sua namorada?

Nick respondeu mostrando o dedo médio a Sshaun, um gesto que aprendera só recentemente.

— Por que não vai lá dar um beijo nela? — o colega continuou a provocar.

— Por que você não lambe o meu saco? — retorquiu Nick.

— É só se sentar lá e falar com ela. Ver o que ela faz.

— Hendel disse que ninguém pode incomodá-la — intrometeu-se um dos meninos.

— Hendel que se dane — respondeu Nick automaticamente, embora olhasse por sobre o ombro para a frente do refeitório, onde o chefe de segurança estava sentado com alguns professores.

— Então, tudo bem — pressionou Sshaun. — Vai até lá. Fala com ela.

Nick olhou os outros meninos pela mesa, que sorriam ansiosamente, esperando para ver se aceitaria o desafio.

— Se fizer isso, devolvo seu bolo — propôs Sshaun, literalmente adoçando o acordo.

Nick hesitou, inseguro. Depois seu estômago roncou, tomando a decisão por ele. Afastou-se da mesa e se colocou de pé num salto antes que pudesse mudar de ideia. Olhou rapidamente para trás, certificando-se de que Hendel ainda conversava com os outros professores, então disparou pelo corredor até a mesa de Gillian.

Parando numa derrapada, ele se jogou na cadeira de frente para ela. A garota o olhou diretamente, mas não disse nada. De repente ele ficou sem jeito.

— Oi — falou Nick.

Ela não respondeu, apenas continuou mastigando a comida que tinha na boca. Ele notou que a maior parte de seu prato estava cheia: uma tigela de sopa, dois sanduíches, uma maçã, uma banana, um pedaço de bolo de baunilha e quase meio litro de leite.

A quantidade de comida no prato não era incomum — uma das primeiras coisas que as crianças aprendiam era que os bióticos precisavam comer mais do que os outros. Mas Nick ficou impressionado com o jeito de ela consumir a refeição. Cada item no prato tinha uma dentada, até o bolo.

O garoto olhou com uma incredulidade fascinada enquanto ela dava uma mordida em um dos sanduíches, baixava, mastigava a comida lenta e deliberadamente, engolia, depois pegava o segundo sanduíche e repetia o processo. Depois de uma única dentada ela passou à maçã, em seguida à banana, ao bolo, depois um gole do leite, em seguida à sopa, voltando ao primeiro sanduíche. Não disse uma palavra o tempo todo.

— Por que está comendo assim? — perguntou ele por fim, espantado.

— Estou com fome — respondeu Gillian. Sua voz era monótona, levando-o a acreditar que ela não estava brincando.

— Ninguém come desse jeito. — Como Gillian não respondeu, ele acrescentou: — Você devia comer a sopa e os sanduíches primeiro. Depois a fruta. O bolo tem de vir por último.

Ela parou na metade de uma porção, a maçã posicionada a meio caminho entre os lábios e a mesa.

— E quando eu bebo o leite? — perguntou na mesma voz monótona.

Nick se limitou a menear a cabeça.

— Você *não pode* estar falando sério.

A resposta evasiva pareceu satisfazê-la, porque ela voltou a comer, atendo-se ao padrão familiar de uma dentada de cada item antes de passar ao seguinte.

Virando-se, Nick olhou a mesa onde estavam Sessaun e os outros. Eles encaravam e faziam gestos obscenos. Nick se virou novamente para Gillian, que parecia não ter notado.

— Por que você nunca faz nada na aula de biótica?

Ela ficou pouco à vontade, mas não respondeu.

— Você pelo menos sabe como? Eu sou muito bom na biótica. Posso mostrar um truque a você, se quiser.

— Não — respondeu ela simplesmente.

O semblante de Nick fechou. Sentia que havia alguma coisa acontecendo e não entendia bem, como se ela estivesse curtindo com a cara dele. Então, teve uma ideia.

— Cuidado com seu leite. — Ele tinha um sorriso maldoso. — Parece que vai derramar.

Enquanto as palavras saíam de sua boca, ele estendeu a mente e *empurrou*. O leite virou, ensopando os sanduíches e escorrendo da bandeja para a mesa antes de cair pela beira no colo de Gillian.

E então Nick se viu voando de costas.

Jacob Berg, professor de matemática da academia, contava uma piada sobre uma asari e um volus que entraram num bar krogan quando, pelo canto do olho, Hendel viu algo que era ao mesmo tempo inacreditável e apavorante.

Perto do fundo do refeitório, Nick era atirado pela sala. Voou 6 metros e tombou em uma das mesas. A intensidade da queda lançou bandejas de almoço pelo ar e quebrou as pernas da mesa, fazendo-a desabar no chão. Vários alunos sentados gritaram de surpresa, e então um silêncio perplexo caiu pela sala enquanto todos procuravam quem tinha sido o responsável.

Hendel ficou chocado, como todos, ao ver Gillian de pé no fundo da sala, de mãos erguidas e o rosto retorcido numa máscara de fúria e cólera. Em seguida, para seu pavor, percebeu que ela ainda não acabara.

A mesa diante dela virou, as cadeiras vazias que a cercavam dando cambalhotas como se fossem chutadas por um gigante invisível. Por todo o refeitório, bandejas disparavam para o teto, provocando uma chuva de comida e talheres sobre os alunos.

Instalou-se o pânico. Alunos aos gritos pularam de suas cadeiras e correram para a saída na extremidade do refeitório, derrubando-se em sua pressa desastrada de escapar. As cadeiras agora vazias eram arrancadas do chão e atiradas ao acaso pela sala, piorando o caos.

Hendel estava de pé, andando contra a maré de alunos numa tentativa desesperada de se aproximar de Gillian. Por maior que fosse, ainda era difícil passar pelo mar de crianças que tentavam fugir da cena.

— Gillian! — gritou, mas sua voz foi tragada pelos gritos da multidão de alunos.

Nick ainda estava deitado no chão em meio às ruínas da mesa em que caíra. Hendel abaixou-se sobre um joelho para ver como ele estava: inconsciente, mas respirava.

Colocando-se rapidamente de pé, ele avançou, empurrando rudemente as crianças de lado em seu desespero até que se libertou da multidão. Agora menos de 10 metros o separavam de Gillian.

Parecia que o espaço entre eles sofrera a passagem de um tornado: mesas viradas e cadeiras jogadas pela sala, o chão escorregadio de comida, leite e suco derramados. Gillian ainda estava de pé junto à parede do fundo, as mãos erguidas. Ela gritava: um gemido agudo e lamentoso que provocou um arrepio no pescoço de Hendel.

— Gillian! — gritou ele, correndo para a menina. — Pare com isso agora!

Ele pulou uma mesa virada, seus pés quase derrapando do outro lado ao baterem nos restos escorregadios do almoço de alguém. Ele girou os braços para se equilibrar, sendo derrubado por uma cadeira voadora que o atingiu em seu lado cego.

O golpe doeu, mas não o incapacitou. Hendel cambaleou para trás, uma das mangas e os joelhos cobertos de leite e pedaços de pão amassado e ensopado.

— Gillian! — gritou ele novamente. — Você precisa parar!

Ela não respondeu, nem mesmo parecia perceber que ele estava ali. Hendel recomeçou a avançar, a mão baixando ao atordoador no cinto. Mas hesitou e, em vez de sacá-lo, tentou mais uma vez chegar à menina.

— Por favor, Gillian! Não me obrigue a... — Suas palavras foram interrompidas quando ele foi atingido por uma onda invisível de força biótica. Bateu em seu peito como uma bigorna caída do teto, arrancando o ar de seus pulmões. Foi erguido do chão e jogado para trás como se uma corda o puxasse. Esbarrou em mesas e cadeiras viradas, batendo a cabeça e o cotovelo com tanta força que sua mão ficou dormente.

Foi lançado cerca de 6 metros, em meio a uma pilha de cadeiras e bandejas. Grogue, esforçou-se para se levantar. O esforço o fez tossir e ele sentiu sangue na boca.

Hendel precisou de um momento para se recompor, depois apelou às próprias capacidades bióticas, liberando-as um segundo depois ao erguer uma poderosa barreira antigravidade para protegê-lo dos móveis voadores e de outros ataques bióticos de Gillian.

Agachado atrás da muralha tremeluzente da barreira, Hendel mexeu no atordoador do cinto. A mão direita ainda estava entorpecida do golpe no cotovelo e ele teve de estender o braço esquerdo para pegar a arma.

— Por favor, Gillian, não me obrigue a fazer isso! — exclamou mais uma vez, mas a menina não conseguia ouvi-lo com o barulho dos próprios gritos.

Houve uma repentina explosão de luz e calor a pouca distância ao lado dele. Girando a cabeça de repente, Hendel teve uma visão impressionante: um turbilhão de energia escura

concentrada era lançado verticalmente em um pilar para o teto, crescendo a um limiar crítico antes de desabar sobre si mesmo.

Biótico com treinamento militar avançado, Hendel de imediato reconheceu o que acontecia: Gillian criara uma singularidade: um ponto subatômico de massa quase infinita, com um centro de força gravitacional suficiente para dobrar o tecido do continuum espaço-tempo. As mesas e cadeiras próximas começaram a deslizar pelo chão, atraídas inexoravelmente para o epicentro do fenômeno cósmico que de repente se manifestava no meio do refeitório da estação espacial.

Agindo por instinto, Hendel jogou-se de trás da barreira, lutando para apontar a arma contra a atração gravitacional que aumentava rapidamente e emanava da singularidade. Fixando o alvo, ele disparou. O atordoador encontrou o alvo e a singularidade desapareceu com um estalo alto e uma rajada de ar aprisionado. Os gritos da menina cessaram de imediato enquanto os impulsos elétricos disparavam por ela. Ela pareceu se colocar na ponta dos pés, a cabeça jogada para trás, os músculos se enrijecendo. Depois seu corpo entrou em convulsão, provocando uma breve dança espasmódica nos braços e nas pernas antes de ela desabar inconsciente no chão.

Hendel correu para seu lado, pedindo apoio médico pelo rádio.

Gillian murmurava alguma coisa, dormindo. Kahlee, sentada na beira do leito hospitalar, instintivamente se prontificou a colocar a mão reconfortante em sua testa, lembrando-se no último segundo de retraí-la.

Ela se perguntou se menina estaria acordando. Passaram-se quase dez horas desde que ela desencadeara seus poderes bióticos no refeitório e o médico disse que levaria de seis a doze horas para recuperar a consciência depois de ser atingida pelo atordoador.

Kahlee se curvou e sussurrou suavemente.

— Gillian? Pode me ouvir?

A menina reagiu à sua voz, rolando de lado e se colocando de costas. Seus olhos palpitaram e se arregalaram, apreendendo o ambiente desconhecido com um pavor confuso.

— Está tudo bem, Gillian — garantiu-lhe Kahlee. — Você está no hospital.

A menina se sentou devagar, olhando em volta, a testa franzida de confusão.

— Sabe como chegou aqui? — perguntou Kahlee.

Gillian cruzou as mãos no colo e fez que sim, baixando os olhos para não ter de ver Kahlee.

— O refeitório. Eu fiz uma coisa ruim. Machuquei as pessoas.

Kahlee hesitou, sem saber com quantos detalhes a menina poderia lidar. Houve vários danos à propriedade e muitos tornozelos torcidos e dedos inchados das pessoas em fuga que caíram e foram pisoteadas. Os ferimentos mais graves foram de Nick, que sofrera uma concussão e uma contusão na coluna, embora se esperasse que tivesse uma recuperação completa.

— Todo mundo agora está bem — garantiu Kahlee. — Só quero saber o que aconteceu. Alguma coisa deixou você com raiva?

— Nick derramou meu leite — respondeu ela, embora Kahlee já tivesse ouvido isso do próprio menino.

— Por que isso a irritou tanto?

A menina não respondeu à pergunta. Em vez disso, falou:

— Hendel gritou comigo. — Ela franziu a testa. — Ele ficou zangado comigo.

— Zangado, não. Só assustado. Todos ficamos assustados.

Gillian permaneceu em silêncio, depois assentiu, como se mostrasse que compreendia.

— Lembra-se de mais alguma coisa do que aconteceu, Gillian?

A menina ficou inexpressiva, como se resvalasse para dentro de si mesma, tentando desencavar as respostas.

— Não — respondeu por fim. — Só me lembro de Hendel gritando comigo.

Kahlee podia imaginar. Eles pegaram as leituras de Gillian enquanto ela estava inconsciente, puxando os dados de seus smart chips para saber se informariam alguma coisa. Mas o que viram não fazia sentido algum. Houve um pico repentino na atividade de onda alfa nos dias que antecederam sua explosão, mas nenhuma explicação lógica para o aumento. Pessoalmente, Kahlee acreditava que talvez tivesse sido algum gatilho emocional: seus níveis alfa tinham aumentado um dia depois da visita do pai.

— Por que Hendel não está aqui? — perguntou Gillian, num tom culpado.

Kahlee respondeu com uma meia verdade.

— Ele está muito ocupado agora.

Como chefe de segurança, Hendel ainda cuidava das consequências do que acontecera no refeitório. Tentava-se de tudo para minimizar a importância do incidente: foi dada uma declaração à mídia, a equipe e os alunos eram interrogados e os pais, notificados. Como precaução extra, a Academia Grissom ainda estava em confinamento de emergência. Ainda assim, por mais ocupado que ele estivesse, Kahlee sabia que havia mais alguma coisa que agora o afastava. Podia ser raiva, decepção, e até culpa... Muito provavelmente uma mistura dos três. Porém, não ia tentar explicar tudo isso a uma menina de 12 anos.

— Quando ele virá me ver?

— Logo — prometeu Kahlee. — Vou contar a ele que você está esperando.

Gillian sorriu.

— Você gosta de Hendel.

— Ele é um bom amigo.

O sorriso da menina se alargou ainda mais.

— Um dia vocês dois vão se casar?

Kahlee riu alto, a contragosto.

— Não acredito que Hendel queira se casar.

O sorriso de Gillian vacilou, mas não desapareceu inteiramente.

— Ele devia se casar com você — insistiu a menina, categórica. — Você é legal.

Esta não era uma boa hora para explicar por que isso jamais aconteceria, então Kahlee decidiu mudar de assunto:

— Você terá de ficar neste quarto por alguns dias, Gillian. Entendeu?

Desta vez o sorriso desapareceu completamente e ela balançou a cabeça.

— Agora eu quero dormir.

— Tudo bem. Talvez eu não esteja aqui quando você acordar, mas, se precisar de alguma coisa, aperte esse botão vermelho aqui. Uma enfermeira virá ajudar.

A menina olhou o botão de chamada pendurado ao lado da cama e fez que sim novamente. Depois se deitou e fechou os olhos.

Kahlee esperou até Gillian estar dormindo, levantou-se e a deixou sozinha no quarto.

DEZ

Kahlee continuou sentada à mesa de seu quarto e ignorou a batida na porta. Ainda olhava a tela do computador, tentando entender os números que tinham puxado dos implantes de Gillian. Haveria consequências do que acontecera no refeitório. Nos próximos dias, as pessoas estariam exigindo respostas. Esperavam que Kahlee lhes dissesse o que tinha se passado e por que ninguém previra o que estava prestes a acontecer. Até agora, ela não tinha encontrado explicação alguma para lhes oferecer.

A batida se repetiu, mais insistente.

— Porta: abrir — comandou, sem se dar ao trabalho de se levantar.

Ela esperava ver Hendel, mas na realidade era Jiro que a procurava. Estava com roupas informais, uma camisa de manga comprida azul e calça preta. Tinha uma garrafa de vinho e um saca-rolhas numa das mãos e duas taças de haste longa na outra.

— Soube que teve um dia difícil — disse ele. — Pensei que talvez quisesse uma bebida.

Ela estava considerando mandá-lo voltar mais tarde, mas, no último segundo, concordou com a cabeça. Ele entrou, agitando a garrafa na frente do painel de acesso para a porta deslizar às suas costas, fechando-se. Baixando as taças na mesa, passou a usar o saca-rolhas e abrir o vinho.

— Tem alguma ideia do que aconteceu? — perguntou o rapaz enquanto a rolha se soltava com um estalo suave mas audível, sua pergunta uma prévia da interminável inquirição que viria a seguir.

— Não quero falar do trabalho agora — respondeu ela, levantando-se da cadeira e atravessando o quarto enquanto ele servia o vinho.

— O que minha dama quiser. — Ele lhe deu uma piscadela, entregando-lhe uma taça.

Ela tomou um golinho, deixando que o buquê saboroso do vinho enchesse seu palato. Tinha gosto de frutas, embora fosse mais terroso do que doce.

— Isso é bom — falou, tomando outro gole um pouco maior.

— Comprei da última vez que estive de licença em Elysium — respondeu Jiro com um sorriso malicioso. — Pensei que poderia ser uma boa maneira de relaxar minha chefe.

— Isto pode me deixar relaxada demais — confessou ela, bebendo o resto do vinho e estendendo a taça para ele completar. — Agora que a garrafa está aberta, não tem sentido desperdiçar.

Jiro obedeceu, completando a taça. Ao se virar para baixar a garrafa, Kahlee se curvou e deu um beijo rápido nele. Ele reagiu passando o braço por sua cintura e puxando-a para perto, e assim os quadris dos dois se apertaram.

— Não sabia que esta coisa fazia efeito tão rápido. — Ele riu.

— Não posso evitar, se fico alegre — respondeu ela, habilidosamente abrindo o primeiro botão de sua camisa com a mão livre.

— Dizem que se deve deixar o vinho respirar antes de beber — sussurrou ele, passando o nariz pelo lóbulo de sua orelha.

— Funciona para mim — respondeu ela, baixando a taça na mesa, depois pulando para passar as pernas pela cintura dele enquanto o rapaz a carregava para a cama.

O sexo não durou muito. Kahlee estabeleceu o ritmo, rápido e feroz, tentando se livrar do estresse e da tensão do dia, e Jiro ficou feliz em acompanhá-la. Quando estava terminado, os dois simplesmente se mantiveram entrelaçados sobre os lençóis, despidos e brilhando de suor, tentando recuperar o fôlego.

— Você sabe mesmo como fazer uma garota ficar com sede — ofegou Kahlee.

Entendendo a deixa, Jiro se desvencilhou e saiu da cama. Voltou alguns segundos depois com o vinho.

— Agora está pronta para conversar sobre isso? — perguntou ao lhe entregar a taça e voltar para a cama ao seu lado. — Talvez se sinta melhor.

— Eu não estive lá — lembrou-lhe, pegando o vinho e se aninhando junto a seu corpo. — Só fui informada do que houve.

— Conversou com Hendel?

Enquanto falava, ele passou os dedos por seu ombro e subiu pela lateral de seu pescoço. As carícias suaves provocaram arrepios mínimos de prazer pelo corpo.

— Ele não teve muito tempo. Só nos falamos por alguns minutos.

— Então você sabe mais do que eu. O que houve?

— Gillian destruiu o refeitório — disse ela simplesmente. — Hendel teve de incapacitá-la com o atordoador.

— Alguma ideia de como começou? O que a provocou?

— Acreditamos que Nick estivesse implicando com ela.

Jiro balançou a cabeça.

— Ele está sempre procurando problemas, não?

— Desta vez conseguiu mais do que queria. Hendel calcula que Gillian o atirou por 6 metros.

— Ele se machucou?

— Ficou maltratado. Nada muito grave.

— Que bom — respondeu Jiro, mas as palavras pareciam ocas, uma resposta automática. — Você correu os números de Gillian?

Kahlee fez que sim.

— Suas ondas alfa começaram a aumentar um dia depois da visita de Grayson. Estavam muito acima da média.

— Sabe o que provocou o aumento?

Algo no tom de voz dele deixou Kahlee pouco à vontade. Ele parecia mais animado do que preocupado.

— Nenhuma ideia — admitiu. Depois de hesitar por um momento, acrescentou: — Hendel disse que ela criou uma singularidade.

— Meu Deus! — ofegou, admirado. — Isso é inacreditável!

Ela se sentou rapidamente, livrando-se da mão carinhosa em seu ombro e olhando de cima o homem deitado em sua cama.

— Qual é o seu problema? — vociferou. — Parece que você está feliz que isto tenha acontecido!

— Estou muito animado — admitiu Jiro, sem a menor sugestão de vergonha ou culpa. — Uma menina sem nenhum treinamento avançado desencadeia uma das capacidades bióticas mais poderosas? Ora essa. Eu sabia que Gillian tinha potencial, mas nada parecido com isso.

— Percebe que tipo de pesadelo de relações públicas esse evento será para a academia, não é?

— O conselho que se preocupe com isso — disse ele. — Nós temos de ver este caso como uma oportunidade. Sempre nos perguntamos o que Gillian poderia fazer se aprendesse a fazer uso de seu poder. Este pode ser o progresso que estivemos esperando!

Kahlee fechou a cara para o rapaz, mas percebeu que Jiro só estava sendo franco. Só verbalizava a ideia que uma pequena parte dela já estava considerando. É claro que ela se preocupava com Gillian, mas a cientista dentro de si já tentava entender o que isso poderia significar para a pesquisa.

Ela deixou que a carranca escapasse de seu rosto e tomou outro gole da taça antes de se recostar no peito despido de Jiro. Não podia ficar irritada só porque ele tinha sido sincero. Ele era apaixonado pelo próprio trabalho, ainda jovem e impulsivo. As pessoas que administravam a Academia Grissom, porém, eram mais velhas e mais sensatas.

— Não fique animado demais — alertou-o Kahlee. — Depois de tudo isso, o conselho provavelmente concluirá que é perigoso demais conservá-la no programa.

— Você não vai deixar que a expulsem, vai? Não quando ela finalmente começa a mostrar progressos?

— Gillian não é a única aluna do Projeto Ascensão. Desta vez tivemos sorte, mas, se houver outro surto, alguém pode se ferir gravemente. Ou morrer.

— Por isso precisamos mantê-la aqui — insistiu Jiro. — Onde mais ela conseguiria a ajuda de que precisa? Quem mais vai ensinar a ela a controlar seu poder?

— O pai pode pagar professores bióticos particulares — argumentou Kahlee.

— Ambos sabemos que não é a mesma coisa. — A voz dele se elevava. — Eles não teriam acesso à equipe e aos recursos que temos aqui.

— Não precisa convencer a mim — disse ela, sua voz se elevando para fazer frente à dele. — Não sou eu que tenho de tomar esta decisão. Cabe ao conselho. E ao pai dela.

— Grayson vai querer mantê-la no programa — respondeu Jiro com certeza absoluta. — Talvez possa fazer outro donativo para convencer o conselho a deixar que ela fique.

— Isto envolve mais do que dinheiro.

— Você pode falar com o conselho. — Ele ainda pressionava. — Diga que o Projeto Ascensão precisa de Gillian. Até agora, os números dela estão muito à frente de qualquer outra criança daqui, de tal modo que ela parece de uma espécie inteiramente diferente. Precisamos estudá-la. Se conseguirmos identificar a origem de seu poder, podemos levar a ciência da biótica humana a lugares que nem mesmo imaginamos!

Kahlee não respondeu de imediato. Em certo nível, tudo o que o rapaz dizia era verdade. Mas Gillian era mais do que um simples objeto de teste: tinha uma identidade por trás dos números em seus gráficos. Era uma pessoa, uma menina com um distúrbio de desenvolvimento e Kahlee não estava convencida de que mantê-la no programa era o melhor para ela a longo prazo.

— Vou falar com o conselho — prometeu ela por fim, escolhendo com cuidado as palavras. — Mas não posso garantir qual será minha recomendação. E talvez eles não deem ouvidos a mim.

— Você pode pedir ao seu pai para conversar com eles. — Jiro tinha um sorriso irônico. — Acho que darão ouvidos. Afinal, a escola foi batizada com o nome dele.

— Não vou envolver meu pai nisto — respondeu com uma deliberação fria.

Por vários minutos, ficaram sentados em silêncio, mas Jiro voltou a falar, sem estar disposto a deixar morrer o tema de Gillian.

— Soube que a colocaram na ala de quarentena.

— Só por alguns dias. Hendel pensou que seria mais seguro até que ele tenha a oportunidade de resolver tudo.

Houve outro longo silêncio, interrompido quando Jiro falou:

— Ela deve estar com medo. Gostaria de vê-la.

Este era o outro lado de Jiro: o jovem compassivo que se preocupava com os sentimentos de uma menina de 12 anos, e não com sua pesquisa. Kahlee rolou na cama e beijou seu peito nu.

— Ela gostaria disso. Pode ir amanhã. Vou cuidar para que tenha permissão.

*

Ao acordar na manhã seguinte, a cabeça de Kahlee martelava com os efeitos do vinho. Jiro tinha ido embora e ela ficou chocada ao ver no relógio na mesa de cabeceira que tinha dormido uma hora inteira a mais do que deveria.

Você sabe que está ficando velha quando metade de uma garrafa de vinho a faz dormir mais do que o despertador, pensou enquanto saía da cama lentamente e se levantava.

Foi então que percebeu o bilhete na mesa, preso ali pela garrafa vazia de vinho. Apertando as têmporas que latejavam, cambaleou para ler.

Fui ver Gillian. Desliguei seu despertador. Imaginei que precisasse dormir. J.

Ela amassou o bilhete e o jogou na lixeira de reciclagem ao ir ao banheiro.

Depois de tomar um banho e se vestir, o que restava de sua ressaca tinha passado. Queria falar novamente com Gillian e ver se a garota se lembrava de mais alguma coisa, mas primeiro precisava procurar Hendel. Olhando o relógio, sabia que o encontraria em sua sala.

— Como você está, garota? — perguntou Jiro, colocando a cabeça para dentro do quarto de hospital de Gillian.

Ela estava com uma camisola hospitalar, sentada na cama, encarando a parede vazia à sua frente. Mas virou-se para a porta e sorriu quando ouviu a voz dele.

No início, quando começou a tratá-la, Jiro receava que ela sentisse uma vibração ruim partindo dele. Seu problema a tornava mais perceptiva do que as outras crianças e ele tinha medo de que Gillian sentisse os motivos ocultos por trás de seu interesse. Por acaso, porém, a reação de Gillian tinha sido exatamente a oposta: ela parecia gostar genuinamente dele.

Jiro desenvolvera sua própria teoria para explicar a reação dela. Ele era fascinado pela pesquisa que a Cerberus realizava no campo da biótica humana e estava louco para ver que resultados os mais recentes soros teriam em Gillian. Assim, sempre ficava otimista quando ia verificar seus números. Desconfiava de que a menina se nutrisse de sua energia e empolgação, tendo mais suscetibilidade a ele do que à maioria dos outros técnicos.

— Que lugar legal você tem aqui — disse ele, colocando-se ao lado de sua cama.

— Quero voltar para meu quarto — respondeu Gillian em sua monotonia familiar.

Jiro a examinou cuidadosamente enquanto ela falava, procurando sinais de que agora houvesse algo diferente. *Nenhuma alteração visível na vivacidade,* notou em silêncio.

— Ainda não pode voltar para seu quarto — disse-lhe em voz alta. — Todo mundo ainda está tentando entender o que aconteceu com você no refeitório. — *Inclusive eu.*

Quando Grayson lhe dera o frasco do fluido desconhecido na semana anterior, tivera a sensação de que ia acontecer algo importante. Não conseguia explicar, mas de algum modo sabia que fariam um progresso. Algo que queriam testar em Gillian o quanto antes. Mas não esperava nada assim tão cedo... Nem tão grande.

Ele não tinha dúvidas de que a exibição extraordinária da menina estava relacionada com o misterioso elixir da Cerberus. Infelizmente, o sucesso inacreditável do tratamento dificultava a experiência. Ele deveria dar outra dose do medicamento a Gillian hoje, mas não podia fazer isso ali. Gente e câmeras de segurança demais.

— Detesto este quarto — informou-lhe Gillian.

— Quer dar um passeio lá fora? — sugeriu ele, aproveitando a oportunidade de tirá-la da ala de quarentena e levá-la a um lugar mais privativo. — Podemos ir até o átrio.

Ela refletiu por cinco segundos, depois assentiu uma vez, decidida.

— Você precisa se vestir — disse-lhe ele. — Vou informar à enfermeira aonde estamos indo.

Saindo do quarto, ele foi à mesa de admissão. Reconheceu a enfermeira de serviço porque a via pelas instalações, mas não sabia seu nome. Isso não o impedira de dar em cima dela quando tinha chegado para assinar seu registro de entrada, contudo.

— Já vai embora? — perguntou a moça com um sorriso luminoso. Ela era baixa, de pele morena e tinha um rosto bonito e redondo.

— Vou levar Gillian para o átrio. Uma pequena pausa daquele quarto fará bem a ela.

Ela franziu a testa levemente, torcendo o nariz.

— Acho que não devemos deixar que ela saia. — Seu tom era de desculpas.

— Prometo trazê-la de volta quando terminar — ele brincou, abrindo seu sorriso mais encantador.

O franzido desapareceu, mas a enfermeira ainda hesitava.

— Hendel pode não gostar disso.

— Hendel é a pior das mães corujas — disse ele com um riso tranquilo. — Além disso, eu a trarei de volta antes que mais alguém perceba que saímos.

— Não quero ter problemas. — Ela vacilava, mas ainda não se decidira.

Jiro estendeu a mão pela mesa de admissão e apertou, tranquilizador, seu braço.

— Não se preocupe, Hendel e eu somos bons amigos. Vou proteger você dele — assegurou com uma piscadela furtiva.

Depois de hesitar por um momento, ela cedeu e lhe entregou o registro da paciente.

— Não demore demais — avisou enquanto ele assinava a saída de Gillian.

Devolvendo o registro, Jiro abriu à enfermeira um último sorriso, voltou e viu Gillian parada em silêncio na soleira de seu quarto, olhando-os atentamente.

— Hora de ir.

A menina avançou obedientemente e passou a acompanhá-lo.

Kahlee não ficou surpresa ao encontrar a porta da sala de Hendel fechada quando chegou lá. Podia bem imaginar todas as coisas com que ele tinha de lidar nas últimas 24 horas.

— Porta: abrir — ela o ouviu dizer em resposta à sua batida.

Quando a viu parada ali, ele gesticulou que entrasse antes de dizer:

— Porta: fechar.

A sala de Hendel estava uma bagunça, mas isso, em si, não era anormal. Ele não gostava de papelada e tendia a acumulá-la rapidamente. Sempre tinha pilhas de relatórios impressos em sua mesa, com outras mais se acumulando no chão ao lado, esperando por sua análise. O topo dos compridos armários de metal na parede do fundo era coberto com toda sorte de formulários, solicitações e comunicados precisando de assinatura ou esperando para ser arquivados na pasta correta.

O chefe de segurança estava sentado à sua mesa, olhando atentamente a tela do computador. Kahlee atravessou a sala e pegou uma das duas cadeiras na frente dele. Ele estendeu a mão e desligou o monitor enquanto ela se sentava, soltou um longo suspiro cansado e se recostou na cadeira.

Hendel havia trocado as roupas ensopadas e sujas de comida desde que ela o vira na véspera, na frente do quarto de hospital de Gillian, mas pelo que parecia não tinha perdido tempo tomando um banho. Ela ainda via os farelos de pão presos em seu cabelo e grudados no bigode curto e castanho avermelhado de sua barba. Tinha um dia de barba por fazer nas bochechas e os olhos estavam injetados e inchados.

— Esteve trabalhando a noite toda? — perguntou Kahlee.

— Controle de danos — respondeu. — Algum idiota anônimo da equipe já vazou a história. Recebi ligações da mídia, dos administradores da escola, de autoridades do governo e de pais furiosos. Os pais são os piores.

— Só estão preocupados com os filhos.

— É, eu sei. — Ele fez que sim. — Mas se eu descobrir quem vazou a história, vou cuidar para que seja demitido. — Ele se sentou mais para a frente, batendo a mão com força na mesa para pontuar as palavras.

— Já entrou em contato com Grayson?

Hendel meneou a cabeça em reprovação.

— Deixei recado, mas ele não retornou.

— Talvez não esteja disponível.

— Um número de contato de emergência não serve para nada se você não está ali durante uma emergência — vociferou Hendel, desculpando-se imediatamente. — Perdoe-me. É que tenho muito em que pensar.

— Tem algo que queira me dizer?

— Não. — Ele pousou os cotovelos na mesa e colocou a cabeça entre as mãos.

Kahlee ficou em silêncio, esperando pacientemente. Alguns segundos depois, ele levantou a cabeça e falou mansamente:

— Acho que talvez devamos tirar Gillian do programa.

— Eu mesma estive pensando nisso — revelou ela, assentindo em solidariedade.

Hendel voltou a se recostar na cadeira e pôs os pés na mesa, virando a cabeça para trás a fim de olhar o teto.

— Estou pensando em apresentar minha demissão ao conselho — disse, a despreocupação em sua voz em desacordo com a bomba que acabara de largar.

— O quê? — exclamou Kahlee. — Não pode se demitir! As crianças precisam de você!

— Precisam mesmo? — perguntou-se em voz alta. — Ontem eu as decepcionei quando elas mais precisaram de mim.

— Do que está falando? Nick e Gillian foram os únicos que se machucaram e os dois ficarão bem daqui a alguns dias. Você fez tudo corretamente!

Ele baixou os pés da mesa e se sentou direito, curvando-se atentamente para a frente.

— Não, não fiz. — Sua voz era gravemente séria. — Quando percebi que Gillian não ia parar, devia tê-la atingido com meu atordoador sem pensar nem por um segundo. Mas hesitei.

— O que, para mim, é uma coisa boa — protestou Kahlee. — Eu ficaria mais preocupada se você não considerasse isso duas vezes.

— Todos naquele refeitório corriam perigo — explicou ele, falando devagar. — Cada segundo que a deixei continuar representou a possibilidade de outra pessoa se ferir. Ou coisa pior.

— Mas não aconteceu. Não tem sentido se torturar por isso.

— Você não entende. — Ele meneou a cabeça, frustrado. — Eu coloquei a segurança de Gillian à frente de todos os outros alunos desta academia. Não tenho o luxo de fazer isso em minha posição. Sou treinado para reagir em situações de emergência e não posso deixar que sentimentos pessoais me atrapalhem.

Kahlee não disse nada prontamente, sua cabeça girando para processar a informação. Achou a reação dele exagerada, mas Hendel não era um homem que tendia a fazer comentários vazios. Ela não tinha dúvida de que falava sério quando dizia que iria embora.

— O que vai fazer?

— Estava pensando em pedir a Grayson para me contratar como professor particular de Gillian.

De repente, tudo fazia sentido. Kahlee percebeu que não se tratava do sentimento de culpa de Hendel pelo que aconteceu. Na realidade, não era isso. Hendel se importava com todas as crianças do programa, mas Gillian era diferente. Ela precisava de mais ajuda do que as demais. Precisava de mais tempo e atenção. Devido a isso, Hendel ficara mais ligado a ela do que aos outros. Não era justo, mas quem disse que a vida era justa?

Gillian era especial para ele. Hendel se importava com a menina. Ele a amava. E estava disposto a fazer o que fosse preciso para permanecer na vida dela, mesmo que isso significasse jogar sua carreira para o alto.

— Segure este pedido de demissão por um tempo — falou Kahlee, afagando gentilmente a mão dele. — Pelo menos até que tenhamos certeza se o conselho permitirá que Gillian fique ou não.

— Eles não vão deixar que ela fique. Ambos sabemos disso.

— Provavelmente não. Mas sempre há uma chance. — Sua mente voltou à conversa com Jiro na noite anterior. — Se for preciso, posso envolver meu pai.

— Seu pai? — perguntou Hendel, confuso.

— O almirante Jon Grissom.

O queixo de Hendel caiu.

— Grissom é seu pai? Eu... Não sabia disso.

— Não gosto de falar nele — disse ela. — Jiro deve ser o único que sabe.

— O que ele disse quando você contou? — perguntou Hendel, ainda estupefato.

— Eu... não me lembro — respondeu Kahlee, insegura, tentando pensar. *Engraçado. Eu devia me lembrar de contar uma coisa dessas a ele.* — Na realidade, nem me lembro de ter contado. Mas ele sabe. Conversamos sobre isso ontem à noite. — *Se eu não contei, como Jiro pode saber?*

A expressão de Hendel passou da incredulidade para a preocupação.

— Kahlee? Qual é o problema? Alguma coisa errada?

— Ninguém sabe quem é meu pai — disse devagar, ainda tentando entender as implicações. — Nem mesmo está no meu arquivo pessoal da Aliança. Só há um documento que menciona meu pai: o relatório secreto que Anderson apresentou vinte anos atrás. De liberação ultrassecreta.

— E tem certeza de nunca ter falado nisso com ele? Por que um técnico de seu laboratório teria permissão para ver documentos ultrassecretos? — perguntou Hendel preocupado. — Tem alguma coisa aí que não está batendo.

Kahlee só pôde concordar com a cabeça, entorpecida com a possibilidade de que o homem com quem dormia estivesse mentindo para ela o tempo todo. *Mentindo até que ponto? E por quê?*

— Preciso falar com Jiro. Agora! — disse Hendel, abrindo uma gaveta em sua mesa e pegando uma pistola. — Onde ele está? — exigiu saber, prendendo a pistola no quadril.

— Foi ver Gillian.

Hendel martelou os botões do intercomunicador em sua mesa, agindo rapidamente, mas ainda calmo e concentrado. Kahlee também estava perturbada, mas mesmo assim a urgência de Hendel a surpreendeu. Talvez ele estivesse ansioso para recuperar o controle, ávido para se concentrar em algo além dos acontecimentos do dia anterior.

— Ala de quarentena — respondeu a voz da enfermeira.

— Aqui é o chefe de segurança Mitra. O Dr. Toshiwa já foi ver Gillian?

— Sim, senhor. Ele a levou ao átrio. Quer que eu...

Hendel encerrou a ligação, gritando, “Porta: abrir!”, enquanto disparava para fora da sala. Partiu com tanta pressa que Kahlee precisou de um segundo inteiro para reagir e ir atrás.

ONZE

— Estamos quase lá — disse Jiro num tom de estímulo. — Só mais um pouco e então poderemos nos sentar.

Gillian andava devagar, dando um passo doloroso e estudado de cada vez enquanto seguiam pelo passadiço do átrio da Academia Grissom. Ele devia ter previsto isso. Ela se distraía com todas as árvores e plantas: as folhas numa miríade de formatos e flores em um caleidoscópio de cores eram demasiadas para sua percepção sensorial limitada processar a um só tempo.

Até agora não viram mais ninguém no átrio. Não era de surpreender, uma vez que a maior parte da equipe e dos alunos estava em aula. Mas as trilhas que seguiam sinuosas pelo parque arborizado eram populares entre os corredores que queriam fazer algum exercício em seu tempo livre. Ele não queria começar a dar-lhe a medicação e ver algum soldado da Aliança de folga correndo pela esquina e o flagrando no ato. Assim, fazia o máximo possível para apressá-la, com o cuidado de não tocar nela nem aborrecê-la, deixando-a abertamente ansiosa.

— Podemos descansar perto da cascata, Gillian. Vamos. Não falta muito.

O átrio era um jardim de 20 mil metros quadrados que fora cuidadosamente construído no meio da estação espacial para proporcionar um lugar em que o corpo docente e os alunos comungassem com a natureza. O teto de vidro era equipado com espelhos ajustáveis, refletindo e redirecionando a luz do sol de Elysium para as árvores abaixo, reproduzindo a duração do dia-noite e os círculos sazonais encontrado no planeta.

A flora local compunha a maior parte da vida vegetal, embora fossem encontradas algumas espécies exóticas, importadas de outros mundos colonizados pelos humanos, em jardins especialmente cuidados espalhados pelo parque. Também era lar de populações cuidadosamente monitoradas de insetos, aves e pequenos mamíferos nativos de Elysium, bem como numerosas espécies de peixes nos regatos que cortavam a paisagem.

Os regatos eram artificiais, a água bombeada por eles em um circuito contínuo que começava e terminava em um reservatório grande, no alto de uma colina de vidro erigida no meio do parque. Ao pé da colina havia uma pequena clareira onde a água se derramava do reservatório

em uma cascata improvisada: um lugar popular para piqueniques e almoços. A esta hora do dia, tão cedo, porém, Jiro suspeitava de que a clareira estaria vazia... E era localizada fora de vista das trilhas dos corredores.

— Está indo muito bem, Gillian — disse baixinho quando ela recomeçou a andar, sua cabeça se virando lentamente de um lado a outro, perplexa com o espetáculo que a cercava. — Tudo bem, agora vamos virar aqui — falou quando chegaram a uma bifurcação na trilha. Estava quente sob o sol artificial e ele transpirava por baixo do jaleco de laboratório.

Ela tropeçou uma vez enquanto Jiro a levava pelo caminho até a cascata: ao contrário das trilhas bem cuidadas de corredores, o chão ali permitia o crescimento de raízes, tornando-se acidentado e irregular. Jiro estendeu a mão para segurar seu cotovelo e impedir que ela caísse. Felizmente a atenção da menina estava concentrada no que ele imaginava ser o equivalente de Elysium de um esquilo guinchando para eles de um galho no alto, e ela não reagiu ao toque.

Ainda segurando-a pelo cotovelo, Jiro a impeliu rapidamente pelo caminho até chegarem ao seu destino. Metade dos 12 bancos situava-se pela beira da clareira, cada um posicionado para que seu ocupante olhasse a água que caía da saliência de quase 5 metros de altura no reservatório acima. Ficou aliviado ao ver que os bancos estavam vazios.

O almoço ainda seria dali a uma hora e não era provável que alguém chegasse antes disso. Mas ele não queria se arriscar mais do que o necessário. Ainda segurando Gillian pelo cotovelo, levou-a para um dos bancos na sombra e a ajudou a se sentar, soltando seu braço.

Depois esperou, dando-lhe tempo para se adaptar ao novo ambiente. Tinha esperanças de que a suave queda d'água tivesse um efeito tranquilizante sobre Gillian.

Depois de alguns minutos, ela murmurou:

— Por que me trouxe aqui?

Jiro percebeu que ela tinha captado a urgência que ele sentia. Jiro escolheu as palavras seguintes com muito cuidado. Não queria assustá-la, nem perturbá-la; não depois do que ela se mostrara capaz de fazer.

— Preciso verificar suas leituras, Gillian — respondeu, mantendo o tom profissional.

Ela franziu o cenho e o coração de Jiro se acelerou um pouco.

— A Srta. Sanders verificou ontem.

— Sei que você não gosta disso, mas preciso fazer outra verificação. Por causa do que aconteceu no refeitório.

Gillian mordeu o lábio, depois fez que sim e baixou a cabeça, expondo a nuca.

Ele pegou no bolso do jaleco o frasco que Grayson lhe dera. De outro bolso, retirou uma seringa longa.

— Isto pode doer. — Alertou-a enquanto enchia a seringa.

Baixando um pouco a gola de sua camiseta, introduziu a agulha comprida na carne entre seus ombros, com o cuidado de deslizar a ponta entre as vértebras.

Seguindo instruções da Cerberus, ele administrara a última dose a ela por via oral, misturando-a com um copo de água que tinha trazido a seu quarto. Porém, como parte de seu experimento contínuo, cada dose alternada precisava ser administrada por injeção direta no líquido cefalorraquidiano.

Gillian gemeu baixinho enquanto ele pressionava o polegar no alto da seringa.

Jiro não sabia exatamente que tipo de drogas Gillian recebia, mas compreendia o suficiente para deduzir que eram uma espécie de estimulante neurológico. A dose anterior teria sido diluída ao passar por seu trato digestivo antes de ser absorvida no sistema circulatório e finalmente atravessar a barreira hematoencefálica. Dar uma injeção diretamente no líquido cefalorraquidiano deveria ter efeitos mais imediatos e drásticos.

— Prontinho — anunciou enquanto retirava a agulha.

Gillian levou a cabeça para trás, seu olhar se fixando na cascata. Uma das mãos ergueu-se distraidamente para esfregar o pescoço onde recebera a injeção.

Estranho. Ela nunca fez isso.

— Doeu? — perguntou Jiro.

A menina não respondeu, mas a mão tombou do pescoço. Ficou pendendo de lado, flácida e inútil.

— Gillian? Qual é o problema?

Sua cabeça tombou de lado, os olhos rolando para trás. Seu corpo começou a tremer, depois a se sacudir, com força suficiente para arrancá-la do banco. Ela tombou para a frente, Jiro conseguindo pegá-la antes que a cabeça batesse no chão.

Ele a virou de lado enquanto os braços e pernas de Gillian começaram a se contorcer, presos nos espasmos de uma convulsão completa.

— Ah, meu Deus! — praguejou enquanto a boca de Gillian começava a espumar.

Os pés de Hendel batiam firmes no piso do alojamento, o som ecoando pelo corredor enquanto disparava para o átrio. Mesmo em plena correria, sua mente tentava avaliar a situação.

Talvez Jiro não seja quem pensamos que é.

Isso não o tornava necessariamente um inimigo, mas Hendel precisava presumir o pior até saber o que estava acontecendo. Sacou a arma enquanto corria, sua mão soltando-a do coldre no quadril num rápido movimento, sem interromper as passadas.

Ele debateu mentalmente a possibilidade de pedir apoio, depois desprezou rapidamente a ideia. Jiro não sabia que seu disfarce fora revelado; Hendel não queria ninguém soando o alarme e dando essa dica a ele.

Por que ele levou Gillian ao átrio?

Hendel não sabia como Jiro estava ligado à menina, ou se ele era de alguma forma responsável pelo que tinha acontecido no refeitório. Mas pretendia descobrir. De uma maneira ou de outra.

Derrapando por um canto, Hendel esbarrou na parede, absorvendo o golpe com o quadril e o ombro de modo que quase não perdeu o ímpeto.

Tem gente demais na ala de quarentena. Ele queria privacidade. Mas para quê?

Virou outra esquina, disparando por um corredor curto, depois pegou o corredor que se ramificava à sua esquerda e levava à serenidade arborizada do átrio. Se Jiro precisava de privacidade, devia ter levado Gillian para algum lugar fora das trilhas. Mas não podia simplesmente arrastá-la para as árvores: ela se apavoraria sempre que um galho roçasse nela.

A clareira perto da cascata.

Com Gillian a reboque, Jiro teria de ficar nas trilhas, seguindo o caminho longo e sinuoso que acabaria por dar na clareira. Hendel não precisava se preocupar com isso. Confiando em seu senso de orientação, deu uma guinada para fora da trilha, atropelando os arbustos e pegando um atalho mais direto.

Os galhos batiam em seu rosto e rasgavam-lhe as roupas. Ele empurrou um galho resistente de uma bétula de Elysium, vendo-o voltar como uma mola e as agulhas arranharem seu rosto, deixando marcas vermelhas.

Hendel simplesmente bloqueou a dor, investindo para a frente até explodir na clareira. Jiro estava ajoelhado no chão, sobre o corpo de Gillian.

— Afaste-se dela! — gritou Hendel, apontando a pistola para o jovem cientista.

O outro homem levantou a cabeça, o medo e a confusão refletidos em seu rosto.

— Levante-se e afaste-se!

Jiro obedeceu, movendo-se lentamente com as mãos erguidas.

— Não sei o que aconteceu. Ela simplesmente começou a ter uma convulsão.

Hendel lançou um rápido olhar para Gillian, que se debatia no chão.

— Vá para lá — disse Hendel, gesticulando com a arma. — De bruços. De cara para baixo. Não se mexa.

Jiro obedeceu, agindo rapidamente. Quando estava em posição, Hendel avançou e baixou de joelhos ao lado de Gillian, concentrando sua atenção inteiramente nela.

Atrevendo-se a deslocar ligeiramente a cabeça, Jiro viu o chefe de segurança recurvado sobre a menina inconsciente. Devagar e em silêncio, estendeu a mão e soltou o atordoador do cinto. Quando Hendel baixou a pistola na grama ao lado de Gillian para verificar os sinais vitais, Jiro apontou o atordoador e disparou.

O disparo pegou o chefe de segurança em cheio entre as omoplatas, fazendo-o arquear as costas e gritar, tombando para a frente sobre o corpo de Gillian.

Jiro levantou-se atrapalhado e correu, agachando-se para pegar a arma de Hendel com a mão esquerda, o atordoador ainda firme na direita. Enquanto seus dedos se fechavam na coronha da pistola, a mão do chefe de segurança disparou e o pegou pelo pulso.

Gritando de surpresa, Jiro tentou se desvencilhar. Hendel — desorientado, mas de algum modo ainda consciente depois de um choque direto de 100 mil volts de corrente elétrica —, manteve-se firme, torcendo o pulso de Jiro para cima e para dentro, obrigando-o a largar a pistola.

Jiro chutou o oponente prostrado. O primeiro golpe o pegou em cheio nas costelas, levando o homem maior a grunhir de dor e rolar de lado, soltando o seu pulso. Um segundo chute o pegou na barriga, mas Hendel conseguiu passar os braços pela perna do rapaz.

Perdendo o equilíbrio, Jiro caiu no chão. Então Hendel estava em cima dele. Lutaram brevemente, combatendo corpo a corpo, rolando para longe de Gillian. O chefe de segurança era maior, mais forte e mais bem treinado, mas Jiro ainda tinha o atordoador.

Bateu a arma contra as costelas do outro homem e disparou de novo, justo quando Hendel levava o cotovelo com força na têmpora de Jiro.

O rapaz se recuperou primeiro, levantando-se, tonto. Balançando-se para manter o equilíbrio, viu que Hendel, inacreditavelmente, ainda lutava para se levantar. Jiro ainda tinha o atordoador firme na mão e o usou pela terceira vez, esgotando completamente a bateria. Hendel caiu de cara no chão, onde ficou imóvel.

Sem querer correr o risco de que seu inimigo não estivesse inteiramente inconsciente, Jiro se virou e correu para as árvores. Jogando de lado o atordoador agora inútil, correu a passos irregulares e trôpegos pelo bosque, ainda tentando se livrar dos efeitos da cotovelada na cabeça.

Os pulmões de Kahlee ardiam quando ela chegou à entrada do átrio. Tentou acompanhar Hendel na correria de sua sala, mas a cada passo longo e poderoso dele, ela ficava mais para trás. Em segundos, ele estava fora de vista e um minuto depois até o som de seus passos tinha desaparecido.

Ela continuou, disparando por corredores e escadas até chegar ao átrio... E agora não sabia para onde ir. Assim, simplesmente parou e esperou, tentando recuperar o fôlego, perguntando-se o que deveria fazer.

Tinha a opção de pedir apoio: havia o telefone de emergência na entrada do átrio. Mas Hendel era o chefe de segurança e se ele quisesse apoio, já teria pedido.

Você deve estar exagerando, falou a si mesma. Só do que tem certeza é que Jiro mentiu para você. Isso pode irritá-la, mas não significa que deva chamar a segurança.

Kahlee passou a perambular de um lado a outro, frustrada com sua inatividade, mas ainda sem qualquer plano aproveitável. Podia procurar por eles, mas havia várias trilhas e caminhos. Não seria difícil escolher a via errada e se perder deles. Porém, só havia uma entrada para o átrio e assim, desde que ficasse ali, eles por fim acabariam por encontrá-la.

E, quando encontrarem, terão de me dar algumas respostas!

Hendel não conseguia sentir o próprio corpo. Não sabia se estava dormindo, acordado, vivo ou morto. Sua cabeça era um caldeirão fervente de pensamentos e sensações desconexos e incoerentes. Então, uma imagem clara borbulhou à superfície.

Gillian.

Respirou fundo e prendeu o ar por três segundos, depois o soltou lentamente. O ato era puramente instintivo, um exercício para se acalmar e concentrar a mente impregnada por anos de treinamento biótico. Respirando fundo outra vez, o mundo em volta dele se aquietou e os fragmentos de sua consciência se encaixaram.

Ele estava deitado de cara para baixo no chão. Cada músculo de seu corpo ardia de ácido lático, exausto e completamente esgotado.

Ele o atingiu com um atordoador. O desgraçado o atingiu com um atordoador.

Estava cansado. Precisava dormir. Não havia nada que pudesse fazer.

Não se atreva a desmaiar, seu desgraçado inútil!

As palavras eram dele próprio, mas a voz em sua mente era daquele primeiro sargento do treinamento básico. Sempre que falhava durante a carreira na Aliança — pressionado aos limites da resistência por uma corrida de 20 quilômetros, ou exausto após horas de treinamento biótico —, ouvia essa voz, impelindo-o incansavelmente a avançar. Mas aqueles dias haviam passado. Ele estava na reserva. Não era mais um soldado.

Não me venha com esse papo-furado! Uma vez soldado, sempre soldado! Agora tire essa sua bunda preguiçosa do chão e mexa-se!

De algum modo ele encontrou forças para se erguer sobre as mãos e os joelhos. Foi então que viu Gillian, ainda prostrada na grama. Não estava mais em convulsão. Não se mexia. Nem mesmo respirava.

Ele estendeu a mão e apertou o botão de alerta de emergência no cinto. As equipes médica e de segurança seriam despachadas imediatamente, localizando seu sinal. O tempo de resposta à cascata no átrio era de 7 minutos.

Lento demais. Ela não pode esperar tanto tempo.

Ele engatinhou para Gillian, seus músculos gritando de agonia, fracos demais até para tentar se colocar de pé.

Jiro soltou uma série prolongada de imprecações em sua língua natal, amaldiçoando os galhos cobertos de espinhos que rasgavam suas roupas enquanto ele tentava passar pelo bosque do átrio. Mas não parou. Não sabia quanto tempo Hendel ficaria inconsciente e precisava descobrir um jeito de sair da estação antes que o chefe de segurança voltasse a si.

Havia uma nave de emergência na área de embarque que podia levá-lo para a superfície do planeta. Se pensasse numa boa desculpa, poderia convencer ou subornar o piloto a fazer a viagem. Se não conseguisse, precisaria sequestrá-lo ou roubar a nave. Era um plano louco e desesperado, mas ele era um homem desesperado. No momento em que Hendel o localizou na clareira, ele tinha entendido que sua única opção era deixar as instalações.

Voltou intempestivamente para as trilhas de corrida, a menos de 6 metros da saída do átrio. Só percebeu que Kahlee estava parada ao lado quando o chamou.

— Jiro? O que houve com você? — perguntou ela, andando pela trilha na direção dele.

Kahlee olhava com uma curiosidade discreta sua camisa rasgada, os arranhões no rosto e nas mãos, o corte na lateral da cabeça, onde Hendel lhe dera a cotovelada.

— Jiro — repetiu ela, num tom severo. — Quero algumas respostas. Onde está Hendel?

— E como vou saber? — disse ele, com um riso tranquilo. — Ele é seu amigo, lembra?

Se ela chegasse só um pouco mais perto, Jiro poderia agarrá-la e dominá-la antes que pudesse fugir, pedindo ajuda. Em vez disso, Kahlee parou fora do alcance dele.

— Você assinou a saída de Gillian do quarto. Onde ela está?

Ouvindo a acusação na voz dela, ele percebeu que desta vez não iria se safar só com sua conversa.

— Saia do caminho — falou com frieza, deixando de lado o faz de conta. — Ou você vai se machucar.

— Você não vai *a lugar algum*. — Ela plantou os pés e se abaixou a uma posição de luta. — Primeiro quero saber o que está acontecendo.

Jiro rapidamente pesou a situação. Estava abalado dos efeitos de sua briga com Hendel, mas era jovem, em boa forma e uns 25 quilos mais pesado do que Kahlee. Sabia que ela tivera treinamento de combate no serviço militar, mas imaginou que as chances ainda estariam em seu favor. Ele sorriu e deu de ombros, fingindo desistir. Depois saltou para ela.

Tinha esperanças de pegá-la de guarda baixa, mas ela não cairia neste artifício simples. Em vez disso, Kahlee recebeu sua investida com um chute forte no joelho enquanto girava para fora de alcance. Cambaleando e desequilibrado, ele jogou o punho para ela, mas só encontrou ar enquanto ela deslizava por baixo de seu golpe desajeitado. Ele girou para ficar de frente para Kahlee, preparando-se para atacar mais uma vez. Não teve essa chance. Kahlee avançou, seu punho esquerdo esmurrando o rosto dele. Jiro caiu de lado, no caminho de um soco no queixo dado pela mão direita de Kahlee. Pegou na lateral do maxilar e ele rosnou de dor, cambaleando para trás.

Sua adversária não ia deixar que ele se safasse facilmente. Ela partiu então para uma saraivada de chutes e socos curtos e rápidos, bloqueando habilidosamente e redirecionando os contra-ataques dele. Um golpe com a lateral da mão no pescoço o fez ofegar, buscando ar, e um giro de perna provocou sua queda no chão. Enquanto ele tentava se levantar, ela desceu um joelho em sua virilha, encerrando o confronto selvagem e unilateral.

Kahlee avançou e olhou Jiro de cima, amarfanhado no chão, enroscado em uma bola fetal, segurando suas partes íntimas doloridas. Ele tentou pedir clemência, mas quando abriu a boca só o que saiu foi um gemido longo, baixo e ininteligível de dor.

Ela se ajoelhou ao lado do rapaz, estendeu dois dedos, enganchou-os em suas narinas e deu um leve puxão. A dor foi torturante e ele gemeu de terror.

— Agora, querido — disse Kahlee num tom que vertia uma falsa doçura, seus dedos ainda enganchados nas narinas de Jiro —, vou fazer algumas perguntas. E você me dará algumas respostas.

A dor é uma coisa boa, seu verme! Graças a ela, você sabe que ainda está vivo!

Alcançando o corpo de Gillian, Hendel tombou a cabeça da menina para trás e forçou duas baforadas de ar dentro de sua garganta, depois comprimiu o peito dez vezes rapidamente, pressionando firme com as palmas, pouco acima da base de seu esterno. Forçou mais duas baforadas por sua garganta, depois voltou às compressões.

Ele sabia que a reanimação cardiopulmonar não recomençaria seu batimento cardíaco nem a faria respirar de novo: esse tipo de recuperação milagrosa só acontecia nos filmes. Tudo o que ele tentava fazer era manter a circulação sanguínea e o oxigênio chegando ao cérebro até que a verdadeira ajuda chegasse.

Mantenha a garota viva. Mantenha a garota aqui.

As compressões eram desgastantes; qualquer coisa menos do que cem por minuto era baixa demais para salvá-la. Era quase impossível manter o ritmo cansativo por mais de alguns minutos, mesmo em circunstâncias normais. Em sua presente condição, era impossível.

Não se atreva a desistir comigo! Ninguém desiste em meu exército!

Sua respiração saía num ofegar úmido e entrecortado. Gotas de suor escorriam da testa e ardiam nos olhos. Os músculos dos braços se contorciam e tremiam, ameaçando entrar em câibra a cada compressão. O mundo em volta dele se dissolvia em uma névoa de dor e exaustão enquanto bombeava o coração de Gillian.

Umdoistrêsquatrocincoseiseteoitonovedez — Respire-Respire

Umdoistrêsquatrocincoseiseteoitonovedez — Respire-Respire

Umdoistrêsquatrocincoseiseteoitonovedez — Respire-Respire

E então havia mãos em seus ombros, puxando-o para longe. Lutou com elas por um segundo, febril, até perceber que estavam ali para ajudar. Assim que se afastou, os dois paramédicos baixaram ao lado de Gillian. O primeiro passou sua omnitool por cima dela, pegando seus sinais vitais.

— Código 12 — observou num tom ríspido e eficiente.

Suas palavras incitaram os homens a entrar em ação, seus esforços perfeitamente coordenados por centenas de horas de treinamento. O primeiro abriu a maleta médica, pegou uma seringa e injetou em Gillian um composto de hiperoxigenação para reabastecer o suprimento decrescente em seu fluxo sanguíneo.

O outro pegou um pequeno dispositivo do tamanho da palma em seu cinto — mesmo tonto, Hendel reconheceu que era um desfibrilador portátil — e o apertou no peito dela. O paramédico hesitou por tempo suficiente para que o parceiro terminasse a injeção e se afastasse e ligou o interruptor, sacudindo o coração de Gillian com uma série de pulsos elétricos concentrados numa tentativa de fazê-lo voltar a bater.

— Tenho pulsação — falou o parceiro um segundo depois, anunciando as leituras de sua omnitool. — Os níveis de oxigênio parecem bons. Acho que ela vai escapar dessa!

Hendel, ainda meio sentado, meio deitado no chão onde os paramédicos o arrastaram para se afastar do corpo de Gillian, não sabia se ria de alegria ou chorava de alívio. Em vez disso, desabou de lado e caiu na inconsciência.

DOZE

Grayson cambaleou para sua sala de estar. Vestia apenas o roupão, sem nada por baixo. A cabeça ainda flutuava dos efeitos persistentes da areia vermelha que tomara na noite anterior, mas quando tentou fazer a caneta dançar na mesa de centro, ela ficou ali, imóvel, zombando dele.

Você está em baixa. Não consegue mover nem uma caneta. Vai ficar sóbrio daqui a uma hora, se não tiver cuidado.

Ele queria outra dose, mas em vez disso obrigou-se a ver suas novas mensagens. Ficou surpreso ao constatar que a Academia Grissom tentara contatá-lo mais uma vez enquanto ele dormia.

Ou talvez você estivesse chapado demais para ouvir a chamada.

Esta era a quarta vez que ligavam. Ele não quis ouvir o recado, pois nas três primeiras vezes, tratavam da mesma coisa. Algo tinha acontecido com Gillian, um acidente no refeitório. Alguma coisa a ver com sua biótica.

A notícia não era uma surpresa. Ele esperava algo parecido desde que Pel tinha aparecido com a nova dosagem. O Homem Ilusivo era paciente, mas a Cerberus tinha dedicado tempo e recursos demais em Gillian, com muito pouco resultado. As novas drogas eram prova de que eles aceleravam o programa. Alguém tinha tomado a decisão de assumir o risco, testar os limites de sua filha na esperança de forçar um progresso. Era inevitável que *alguma coisa* acontecesse, fosse boa ou ruim.

Você é ridículo. Sabia que isso podia prejudicá-la, mas continuou mesmo assim.

Ele aceitara a decisão porque acreditava na Cerberus. Acreditava no que representavam. Sabia que havia riscos, mas também sabia que Gillian podia ser fundamental para a sobrevivência de longo prazo da raça. A capacidade de ativar um potencial biótico novo e maravilhoso podia ser a vantagem que os humanos precisavam para ascender sobre as outras espécies.

Era preciso assumir riscos. Sacrifícios deviam ser feitos. O Homem Ilusivo compreendia isso melhor do que qualquer um, por isso Grayson obedecia às suas ordens sem questionar. Esta

manhã, porém, ele não conseguiu deixar de se perguntar se isso fazia dele um patriota ou apenas um covarde.

Tudo depende de quem vai escrever os livros de história, não é?

Ele foi para a tela de vídeo na parede oposta, depois apertou o botão para ativar a reprodução da mensagem.

“Sr. Grayson? Aqui é a Dra. Kahlee Sanders, da Academia Grissom.”

Normalmente ele mantinha as funções de videoconferência desativadas. Preferia a privacidade das comunicações apenas por áudio. Mas mesmo sem qualquer pista visual, ele sabia, pelo tom de voz de Kahlee, que acontecera outra coisa. Algo ruim.

“Não sei bem como lhe contar isto, Sr. Grayson. Gillian estava no hospital, recuperando-se do episódio no refeitório quando... Bem, acreditamos que possa ter havido um atentado contra a vida dela. Acreditamos que o Dr. Toshiwa tentou matá-la.

“Ela está viva”, acrescentou rapidamente a voz de Kahlee. “Hendel a alcançou a tempo. Ela teve uma convulsão, mas agora está bem. Porém, estamos mantendo Gillian em observação médica. Por favor, Sr. Grayson, entre em contato com a academia assim que receber esta mensagem.”

A gravação terminou com um estalo. Grayson não se mexeu, nem reagiu, apenas ficou petrificado enquanto sua mente tentava entender as implicações das palavras dela. *Acreditamos que o Dr. Toshiwa tentou matá-la.*

O único contato de Jiro com a Cerberus era por intermédio de Grayson. Não havia como alcançá-lo diretamente... Pelo menos, nenhum jeito que ele conhecesse. Isso era procedimento operacional padrão: quanto menos agentes tivessem acesso direto, menor a possibilidade de uma brecha na segurança. E se alguém de seu próprio pessoal comprometesse a missão, era mais fácil para a Cerberus deduzir quem era o traidor.

Jiro não é tão burro a ponto de voltar-se contra O Homem. E, mesmo que fosse, tentar matar Gillian não faz sentido algum.

Havia outra possível explicação: o medicamento novo. Se tinha provocado a convulsão, e se pegaram Jiro aplicando-o, então podem ter pensado que ele tentara matá-la. Mas será que isso significava que agora tinham Jiro sob custódia? E, se fosse assim, o quanto ele já teria contado a eles?

Ele apertou o botão para tocar de novo a gravação.

“Sr. Grayson? Aqui é a Dra. Kahlee Sanders, da Academia Grissom. Não sei bem como lhe contar isto, Sr. Grayson. Gillian estava no hospital, recuperando-se do episódio no refeitório quando... Bem, acreditamos que possa ter havido um atentado contra a vida dela. Acreditamos que o Dr. Toshiwa tentou matá-la. Ela está viva. Hendel a alcançou a tempo. Ela teve uma convulsão, mas agora está bem. Porém, estamos mantendo Gillian em observação médica. Por favor, Sr. Grayson, entre em contato com a academia assim que receber esta mensagem.”

Todas as demais chamadas tinham sido do chefe de segurança. Ele não sabia se era significativo que a última tenha sido feita por outra pessoa.

Jiro o traiu? Eles estão montando uma armadilha? Tentando ludibriá-lo para ela?

Não podia adiar mais: precisava fazer a ligação. E desta vez precisava reativar a comunicação visual. Deu uma olhada rápida pela sala para saber se tinha deixado alguma agulha ou saco de areia vermelha à vista da tela de vídeo. Depois olhou a si mesmo no espelho — parecia cansado e despenteado, os olhos injetados. Mas caso se sentasse na cadeira do outro lado da sala, isso não seria perceptível. Pelo menos era o que esperava.

Tendo tomado posição, Grayson se sentou e fez a ligação. Segundos depois apareceu a imagem do Homem Ilusivo, enchendo a tela de vídeo. Tinha uma cara nascida para as telas: o cabelo grisalho era bem curto, emoldurando e acentuando suas feições perfeitamente simétricas, destacadas pela linha aguda do queixo bem barbeado e de um nariz de proporções perfeitas.

— Grayson — disse ele à guisa de saudação, num tom tranquilo. Se ele se perguntava sobre o fato de Grayson estar sentado do outro lado da sala para esta chamada, em vez de se colocar nos costumeiros 2 a 3 metros da tela, não transpareceu.

— Aconteceu alguma coisa com Gillian — anunciou Grayson, examinando atentamente a reação do Homem. *Isto é informação nova? Ele está surpreso, ou já sabia?* É claro que os olhos azuis de aço do líder não entregaram nada: seu rosto não trazia emoção, era uma máscara indecifrável.

— Ela está bem? — perguntou ele, a voz mostrando apenas o mais leve toque de preocupação, embora possa ter sido apenas para os ouvidos de Grayson. Era possível que já soubesse de tudo que aconteceu.

— Gillian teve uma convulsão. O novo medicamento foi demais para ela.

— Foi o que Jiro disse? — Seu rosto mostrava atenção e preocupação suficientes para que a pergunta não parecesse insensível. Novamente, Grayson não tinha certeza se era atuação.

— A academia ligou para me contar. Jiro foi comprometido.

Surgiu uma centelha de emoção no rosto do Homem Ilusivo, mas desapareceu com rapidez demais para que Grayson a identificasse. *Raiva? Surpresa? Decepção?*

— O quanto Jiro contou a eles?

— Não sei. A mensagem chegou ontem à noite. Liguei para você assim que a ouvi.

— Precisamos terminar com isso — disse O Homem depois de considerar por um momento. — Presumo que ele ainda não tenha revelado seu disfarce.

Era um pressuposto racional. Jiro era novo na Cerberus — só o recrutaram alguns anos antes —, mas entendia como as coisas funcionavam. Duas coisas ajudariam a garantir seu silêncio, pelo menos por enquanto: sua lealdade à causa e o medo da resposta do Homem Ilusivo.

Era inevitável que ele contasse alguma coisa — mais cedo ou mais tarde, a Aliança o quebraria. Mas quanto mais ele conseguisse segurar, mais tempo daria para alguém limpar a sujeira. Se aguentasse por tempo suficiente para que a missão fosse salva, não teria de se

preocupar com a Cerberus indo atrás dele para obter vingança. Se conseguisse ficar de boca fechada, poderia até se agarrar à esperança de que O Homem enviasse alguém em seu resgate. Isso já acontecera com agentes importantes, embora Grayson imaginasse que Jiro definitivamente era considerado dispensável.

— Entre em contato com a academia — instruiu o líder. — Diga a eles que você retirará Gillian do programa. Conseguimos tudo o que podíamos do Projeto Ascensão. É hora de assumirmos o controle direto do treinamento dela.

— Sim, senhor. — Ele hesitou apenas por uma fração de segundo antes de responder, mas isso foi o bastante para que O Homem captasse.

— O que aconteceu na academia foi um acidente. Um erro — disse ele, seu rosto se metamorfoseando em uma expressão de pesar e culpa sinceras. — Não queremos que Gillian se machuque. Ela é valiosa demais. Importante demais. Nós nos preocupamos com o que acontece com ela.

Grayson não respondeu prontamente.

— Eu sei — falou por fim.

— Sempre tememos que houvesse efeitos colaterais com o novo tratamento, mas não pensamos que aconteceria algo assim — o líder continuou sua explicação. — Monitorá-la de longe, analisar todos os resultados pós-fato... Isso aumenta os riscos de algo dar errado. Depois que você a trouxer, a manteremos em observação constante. Podemos ser mais cautelosos com nossos testes. Podemos trazê-la aos poucos.

Ele dizia todas as coisas certas, é claro. E Grayson sabia que havia pelo menos alguma veracidade em suas palavras.

Ele só está lhe falando o que você quer ouvir! Está jogando com você!

— Eu lhe dou a minha palavra de que isso não acontecerá novamente — prometeu O Homem Ilusivo.

Grayson queria acreditar nele. *Precisava* acreditar. Porque, se não acreditasse, que alternativa teria? Se não entregasse Gillian à Cerberus, se tentasse pegá-la e fugir, eles o encontrariam. E mesmo que de algum modo conseguissem ficar escondidos, e depois?

Gillian precisava de ordem e rotina para viver. Grayson nem mesmo podia imaginar como a menina se sairia se tivesse de levar uma vida de foragida, escapando constantemente de um local a outro, numa tentativa de ficar um passo à frente de seus perseguidores. E o que aconteceria à medida que seu poder crescesse? Será que um dia aprenderia a controlar suas capacidades? Ou seria sempre uma espécie de bomba-relógio biótica, esperando para explodir?

— Sei que Gillian é diferente — acrescentou O Homem, como se lesse os pensamentos de Grayson. — Não sei se podemos curar o problema dela, mas quanto mais aprendermos sobre isso, mais poderemos ajudar. Não daremos as costas a ela. Gillian significa demais para nós. Para mim.

— Vou ligar para a academia — respondeu Grayson. — E dizer a eles que estou a caminho.

Gillian precisa de ajuda especializada. A Cerberus compreende seu problema melhor do que qualquer um. É disto que ela precisa.

Você está racionalizando, intrometeu-se uma voz amargurada vinda de um canto sombrio de sua mente. Admita a verdade. O que O Homem Ilusivo quer, ele consegue.

O saco que Pel carregava era pesado. Ele o ficava passando de uma das mãos à outra, mas não podia negar que os braços começavam a doer. Felizmente, estava apenas a uma quadra de distância do armazém de dois andares que a Cerberus usava como base de operações em Omega. Localizava-se convenientemente junto à margem de um pequeno espaçoporto não regulamentado em um distrito controlado pelos Talons, um grupo mercenário predominantemente turian.

Em princípio, Pel não gostava de lidar com nenhum grupo não humano, mas os Talons eram uma das melhores opções para agentes livres procurando um ponto de apoio em Omega. O armazém ficava num local valorizado: sua proximidade do espaçoporto permitia que pequenas naves chegassem e partissem sem chamar atenção indevida e eles estavam à distância de uma caminhada de um monotrilho ligado a várias outras partes da cidade. Os Talons cobravam uma taxa alta pelo aluguel e pela proteção, mas não faziam perguntas nem metiam o nariz onde não eram chamados. Também eram uma das poucas facções com força suficiente para manter seu território, reduzindo as possibilidades de tumultos ou levantes que às vezes varriam os distritos menos estáveis de Omega.

Embora o distrito fosse classificado oficialmente como turian, havia algumas outras espécies nas ruas. Dois batarians se aproximaram e passaram por ele, lançando um olhar cauteloso ao humano odiado e ao saco que carregava. Um hanar solitário flutuou de trás e roçou em seu ombro, deslocando-se rapidamente. Por instinto, Pel fugiu de seus tentáculos compridos. Havia até alguns humanos por ali, embora nenhum deles trabalhasse para a Cerberus. Os cinco homens e três mulheres designados à equipe de Pel tendiam a ficar dentro do armazém, em especial agora que tinham um prisioneiro a interrogar.

Ele estava a pouca distância da porta do armazém quando uma figura conhecida saiu das sombras.

— O que tem no saco, amigo? — perguntou Golo.

— Como descobriu este lugar? — Pel baixou o saco e deixou a mão pousar despreocupadamente no quadril, pouco acima da pistola.

— Estive seguindo você — admitiu o quarian. — Não foi tão difícil descobrir este lugar. — Pel não sabia se os quarians sorriam com malícia, mas imaginou a expressão presunçosa do alienígena por trás de seu visor.

Ele não estava realmente preocupado, pois Golo não representava uma grande ameaça ao que faziam. Mas não gostava de ser espionado. Em particular pelo equivalente alienígena de um ladrão cigano.

— Por que está aqui?

— Tenho outra proposta de negócios para você — respondeu Golo.

Pel fez uma careta.

— Ainda estou irritado com o último acordo que fizemos com você — disse-lhe. — O piloto que capturamos na nave quarian não está nos dando os códigos que precisamos.

— Você precisa compreender a cultura da Frota Migrante — explicou Golo. — Os quarians são insultados por quase todas as outras raças. Só confiam uns nos outros para sobreviver. As crianças aprendem desde cedo o valor da família e da comunidade, e a lealdade à sua nave é valorizada acima de todo o resto.

— Não admira que tenham expulsado você.

Pel não sabia se sua tirada atingiu o alvo ou não; a reação do quarian estava oculta atrás da máscara. Quando ele falou, continuou como se não tivesse ouvido o insulto:

— Estou surpreso que não tenham conseguido tirar informações dele. Imaginei que seria bem versado em arrancar informações de prisioneiros.

— A tortura não ajuda muito se seu objeto está delirante e alucinando — respondeu Pel, um pouco mais na defensiva do que pretendia. — Ele pegou algum vírus ou coisa assim. Agora está louco de febre — continuou, sua voz tornando-se sombria e perigosa. — Deve ter acontecido quando você quebrou a máscara.

— Permita que eu compense por meu erro — respondeu Golo, sem se abalar. — Não creio que você vá rejeitar esta nova oferta. Quem sabe não possamos entrar para conversar?

— De jeito nenhum. Espere aqui. Voltarei em cinco minutos.

Ele pegou o saco e olhou incisivamente para o quarian até ele se afastar. Depois de ter certeza de que o alienígena não estava olhando, digitou o código de acesso da porta e entrou no armazém.

Na realidade, haviam se passado uns dez minutos quando ele reapareceu, mas Golo ainda esperava por ele. Pel tinha certa esperança de que ficasse frustrado e fosse embora.

— Ainda estou curioso, amigo — disse o quarian como uma saudação. — O que tinha no saco?

— Nada que seja da sua conta. E não somos amigos.

Na realidade, o saco não continha nada além de mantimentos comuns. Havia todo um estoque de ração e suprimentos de emergência dentro da base e, embora fossem adequados para a sobrevivência do ponto de vista nutricional, eram insossos e sem sabor. Felizmente, Pel descobrira uma loja em um distrito próximo que abastecia a cozinha tradicional humana. A cada três dias, pegava o monotrilha até a loja e comprava comida suficiente para manter sua

equipe bem alimentada e feliz. Não saía barato, mas era uma despesa que ele não tinha problemas de justificar com a Cerberus. Humanos mereciam comida humana de verdade, e não alguma mistura alienígena processada.

É claro que não haveria problema em contar esta informação ao quarian, mas Pel queria manter a relação antagônica. Era vantajoso para ele que Golo não soubesse em que pé estava.

— Você disse que tinha uma proposta — estimulou-o.

Golo olhou em volta, claramente nervoso.

— Não aqui. Em algum lugar mais privativo.

— Que tal aquele salão de jogos aonde você me levou da última vez? A Toca da Fortuna?

O quarian balançou a cabeça.

— Aquele distrito atualmente passa por uma disputa de posse. Os batarians estão tentando expulsar os volus. Tiroteios e bombardeios demais para meu gosto.

Que grande novidade, pensou Pel consigo mesmo.

— A violência é inevitável quando diferentes espécies tentam viver lado a lado — falou em voz alta, recitando um axioma comum da Cerberus. *Se a Aliança entendesse isso, não precisaríamos de alguém como O Homem Ilusivo para cuidar de nós.*

— Esta oportunidade é muito tentadora — garantiu-lhe Golo. — Depois de ouvir os termos, tenho certeza de que ficará interessado.

Pel cruzou os braços carnudos e encarou o quarian, esperando.

— Envolve os Coletores — cochichou Golo, curvando-se um pouco.

Depois de uma longa pausa, Pel suspirou e voltou para a porta do armazém.

— Tudo bem. Vamos entrar.

TREZE

— Liberado para abordagem na área quatro. Câmbio.

Grayson fez um leve ajuste de curso para obedecer às instruções da torre de controle de tráfego e levou seu transportador para a baía de atracação externa da Academia Grissom. A nave de passageiros de médio porte que ele pilotava nesta visita era um pouco menor e bem menos luxuosa do que o transportador corporativo que normalmente usava. Mas estas não eram circunstâncias normais.

Nesta viagem teve de ir sozinho, disfarçado de um pai frenético correndo para ficar ao lado da filha gravemente doente. Não era um papel difícil, considerando-se o que sentia por Gillian. Sua preocupação por ela era autêntica. Mas, dependendo do quanto Jiro tivesse contado, isso talvez não importasse.

Ele esperou com impaciência junto às portas do transportador pela conexão da plataforma de desembarque, depois foi rapidamente para a sala de espera grande e envidraçada. Não havia nenhum outro passageiro esperando por liberação e os dois guardas da Aliança, postados junto da saída, sinalizaram para que avançasse. Ele viu a Dra. Sanders e o chefe de segurança do Projeto Ascensão esperando por ele do outro lado da parede transparente à prova de balas.

— Pode continuar, Sr. Grayson — disse-lhe um dos seguranças com voz simpática, sem se incomodar nem um pouco em fazer uma revista apressada, acenando para passar.

Grayson decidiu tomar este gesto como um bom sinal.

— Tem certeza de que está pronto para isso? — sussurrou Kahlee a Hendel enquanto Grayson passava pela sala de varredura de segurança. — Você ainda parece meio desequilibrado.

— Eu estou ótimo — sussurrou o homem em resposta. — Além disso, quero ver como ele reage quando eu contar a novidade.

Kahlee queria dizer alguma coisa, por exemplo, *Não é possível que você pense seriamente que Grayson não se importaria que a filha quase fosse morta!* Mas Grayson agora passava pela segurança

e a ouviria. Ela mordeu a língua e rezou para que Hendel tivesse o bom senso de tratar a chegada dele com a cortesia adequada.

— Sr. Grayson — falou Hendel, acenando rispidamente.

— Onde está Gillian? — perguntou ele de pronto. — Quero ver minha filha.

Não era de surpreender que ele estivesse muito pior do que da última vez que o viram. Desta feita, não estava de terno, vestia calça de brim e uma camisa simples de manga curta, revelando seus braços finos e musculosos. Tinha o que parecia uma barba de pelo menos alguns dias crescendo no queixo. Havia um brilho desesperado nos olhos e um ar de apreensão nervosa pairando em torno dele. Não era de admirar, em vista do que acontecera.

— É claro — concedeu Kahlee rapidamente, antes que Hendel protestasse. Não ia deixar que Grayson esperasse ali no hall. Haveria tempo suficiente para discutir mais tarde, depois de ele ter visto Gillian.

Hendel lhe lançou um olhar irritado, mas limitou-se a dizer:

— Venha comigo.

Ninguém falou nada ao seguirem para o quarto de hospital, embora ela pudesse ver os músculos ao longo do pescoço de Hendel se flexionando enquanto ele cerrava e relaxava o maxilar.

Quando chegaram ao quarto do hospital, Grayson parou. Uma das mãos lentamente subiu para cobrir a boca ao ver a menina deitada no leito, conectada a meia dúzia de máquinas.

— Ah, Gigi — sussurrou e a dor em sua voz provocou um aperto no coração de Kahlee. — Para que todas essas máquinas? — perguntou um instante depois, com a voz trêmula.

— São apenas monitores — explicou Kahlee, tentando manter o tom profissional e otimista. — Assim podemos ficar de olho nela.

Grayson entrou no quarto lentamente, como se de repente estivesse embaixo da água. Ajoelhou-se ao lado da cama e estendeu a mão, colocando-a não em sua cabeça, mas nos lençóis pouco abaixo do ombro da menina.

— Ah, Gigi... O que fizeram com você? — murmurou.

Ao ouvir a voz de Grayson, os olhos de Gillian se abriram e ela virou a cabeça em sua direção.

— Papai — disse ela, a voz fraca, mas evidentemente feliz por vê-lo.

Hendel e Kahlee mantiveram a distância, dando-lhe tempo com a filha.

— Soube do que aconteceu — disse Grayson à menina. — Fiquei muito assustado.

— Está tudo bem. — Ela garantiu ao pai, dando um tapinha em sua mão. — Agora estou bem.

Era difícil saber qual dos adultos ficou mais assombrado com este gesto simples. Em todos os anos em que Gillian estava na Academia Grissom, Kahlee nunca a vira tomar a iniciativa de

um contato físico com outra pessoa. A própria Gillian parecia alheia à reação deles, baixando a mão ao lado do corpo e fechando os olhos.

— Estou cansada — murmurou ela. — Agora preciso dormir.

Alguns segundos depois, Gillian ressonava suavemente. Grayson a olhou por vários longos momentos antes de se levantar e se virar para os dois. Um silêncio desajeitado pendia no ar.

Kahlee o rompeu.

— Os médicos disseram que ela terá uma recuperação completa. Só querem mantê-la aqui por alguns dias para monitoramento. Devido ao seu problema.

— Você disse que o Dr. Toshiwa fez isso com ela? — A cara de Grayson tinha se iluminado quando Gillian fez um carinho em sua mão. Agora, porém, sua expressão era de uma fúria sombria e mal contida.

Kahlee apontou para a porta, indicando que deviam sair para continuar a conversa, assim suas palavras não perturbariam a menina adormecida. Os dois homens entenderam o significado e os três foram para o corredor, longe o suficiente para estarem fora de alcance. Ela percebeu, porém, que tanto Hendel como Grayson pararam pouco antes de virarem o canto que os deixaria fora de vista do quarto.

— Jiro fazia algum experimento não autorizado nela — explicou Hendel, pegando o assunto do ponto onde havia parado. — Mas o temos sob custódia.

Grayson assentiu levemente.

— Ótimo.

— Ele estava trabalhando para um grupo chamado Cerberus — soltou de repente Hendel, disparando as palavras rapidamente. Kahlee via que procurava provocar alguma reação.

— Cerberus? — perguntou Grayson com curiosidade depois de um instante, virando a cabeça ligeiramente de lado.

— Um grupo terrorista pró-humano radical — respondeu Hendel. — Bem financiado. Jiro era um de seus agentes. Acreditamos que ele se infiltrou no Projeto Ascensão para se aproximar de Gillian.

— Nunca ouvi falar deles. Ele trabalhava sozinho?

Hendel hesitou antes de responder e Kahlee teve medo de que ele tentasse fazer algum jogo com Grayson. Para seu alívio, quando o chefe de segurança finalmente respondeu, o fez com sinceridade:

— Ainda não sabemos. Os interrogatórios levam tempo. Ele está cedendo aos poucos. Provavelmente imagina que pode negociar um acordo melhor para diminuir seu tempo de prisão se segurar alguma informação.

— Deviam tentar tortura em vez da negociação. — A voz de Grayson era fria e categórica, mas a raiva não passava despercebida: a fúria primitiva de um pai defendendo sua única prole.

— Não é assim que a Aliança age — disse-lhe Kahlee.

— Teremos as respostas muito em breve — acrescentou Hendel, embora Kahlee não tivesse certeza se com isso ele queria reconfortar ou ameaçar o pai preocupado.

Grayson começou a andar de um lado a outro dos confins estreitos do corredor do hospital, a mão subindo para coçar a barba por fazer no queixo.

— Então, pelo que sabem, ainda pode haver agentes dessa tal de Cerberus trabalhando na estação.

— Isso não é provável — garantiu Hendel. — Tive algumas alterações com a Cerberus durante meus anos na Aliança. Aprendi algumas coisas sobre seus métodos. Seus agentes disfarçados tendem a trabalhar sozinhos.

— Mas você não tem certeza — pressionou Grayson, colocando-se bem na frente dele. — O Dr. Toshiwa trabalhou aqui por anos e você não sabia que era um deles.

O chefe de segurança não respondeu, mas se remexeu nos pés, pouco à vontade.

— Qualquer um pode estar trabalhando para eles — prosseguiu Grayson. — Outro pesquisador. Um professor. Uma das enfermeiras. Até você!

Ele pontuou sua acusação metendo o dedo no peito musculoso de Hendel. O homem maior se eriçou, mas conteve a língua. Kahlee avançou e segurou o pulso de Grayson, baixando gentilmente sua mão.

— Hendel salvou a vida de Gillian — lembrou-lhe.

O pai deixou a cabeça pender, mortificado.

— Esqueci. Desculpe.

Ele levantou a cabeça e estendeu a mão.

— Obrigado, chefe Mitra.

Hendel apertou sua mão sem fazer comentários.

— Agradeço por tudo que os dois têm feito por Gillian — disse Grayson a eles, a voz assumindo um tom mais pragmático. — Não só agora, mas em todos os anos dela na academia. E estou grato por ela ter tido a oportunidade de fazer parte do Projeto Ascensão. Mas, depois de tudo isso, não posso permitir que Gillian continue aqui. Ela precisa ficar comigo. Só assim posso ter certeza de que está em segurança.

Kahlee assentiu.

— Lamentamos perdê-la, Sr. Grayson, mas compreendemos. Vamos encontrar um lugar para o senhor na estação até que ela esteja em condições de viajar.

— Não creio que tenha entendido. — Grayson meneou a cabeça. — Estou indo embora. Agora. E vou levar minha filha.

— Eu... Desculpe, senhor — respondeu Kahlee, por um momento apanhada de guarda baixa. — Mas isso não será possível. Ela precisa de cuidados médicos. Só quando a liberarmos...

— Você disse que não havia nada de fisicamente errado com ela — protestou o homem, interrompendo-a.

— Ela ainda está fraca da provação pela qual passou — argumentou Hendel, elevando a voz.
— Os bióticos exigem uma ingestão calórica extremamente alta para...
— Tenho comida em minha nave.
— Ela precisa de uma dieta especialmente balanceada devido ao seu problema — enfatizou Hendel.

— Prefiro que ela perca algumas refeições de nutrição ideal do que deixá-la aqui com vocês!
— gritou Grayson, sua raiva fervendo. — Da última vez em que estive neste hospital, alguém tentou matá-la!

Kahlee ergueu a mão para deter Hendel antes que ele respondesse.

— Vamos cuidar para que fique com um guarda postado na frente de seu quarto o tempo todo — garantiu ela a Grayson.

— E se o guarda trabalhar para este grupo Cerberus? E as enfermeiras que verificam os monitores? Ou o pessoal que prepara as refeições? Não me diga que ela ficará a salvo aqui!

— Ela não estará a salvo em lugar nenhum! — rebateu Hendel. — Tem alguma ideia de com quem está lidando? A Cerberus deve ter agentes em cada planeta e colônia da Aliança. Eles operam em cada nível do governo e entre os militares! Se tirar Gillian daqui, eles o encontrarão!

— Mas que droga, Hendel! — gritou Kahlee, batendo com força no ombro dele para fazê-lo se calar.

Hendel a olhou, colérico, mas ficou em silêncio quando viu sua expressão.

— Por que não vai dizer a Gillian que vocês vão embora? — sugeriu ela a Grayson. — Encontraremos alguém para desligar as máquinas.

— Obrigado — respondeu ele e fez um pequeno gesto de cabeça. Depois se virou e voltou para o quarto de Gillian.

Kahlee esperou até que ele desaparecesse pela porta e girou o corpo para Hendel.

— Mas qual é o seu problema? — exigiu saber. — Acha realmente que pode convencê-lo a deixar Gillian ficar só pelo medo?

— Ele deve ter medo — respondeu o chefe de segurança. — A Cerberus é perigosa. Você não pode deixar que partam.

— Não temos alternativa. Gillian não é uma prisioneira. Se o pai dela quer levá-la, não podemos impedir.

— Então, segure-o aqui. Pelo menos até que Jiro nos fale mais.

— E quanto tempo isso vai levar? — perguntou ela, incrédula. — Uma hora? Um dia?

— Não é aquele vagabundo que manda — garantiu Hendel. — Temos de segurar Grayson até descobrirmos quem deu as ordens a Jiro.

— Não é possível que você pense que ele esteja envolvido — afirmou Kahlee, incrédula.

— Tenho um mau pressentimento sobre ele — disse o chefe de segurança. — Tem alguma coisa nesse cara que não bate. E mesmo que não esteja trabalhando para a Cerberus, ainda é um

viciado em drogas! Não vou entregar Gillian a ele sem brigar.

Ela conhecia Hendel o suficiente para saber que ele não ia recuar. Também sabia que Grayson temia pela vida da filha e não deixaria que Hendel o tiranizasse. Se ela não pensasse numa solução, algo ruim acabaria por acontecer. Sua mente disparava, passando por ideias, tentando decidir por um jeito de resolver o problema.

Como se seguisse uma deixa, ela viu Grayson e Gillian, ainda de camisola do hospital, saindo do quarto. Hendel também os viu e partiu diretamente atrás.

E foi quando um plano louco se instalou no cérebro frenético de Kahlee.

O coração de Grayson estava aos saltos enquanto ele esperava no quarto de hospital que uma enfermeira aparecesse para desconectar as máquinas que monitoravam o estado de Gillian. Até agora desempenhara bem seu papel, mas sabia que era só uma questão de tempo até que os interrogatórios da Aliança conseguissem que Jiro soltasse o nome de seu contato. Ele precisava estar bem longe da estação antes que isso acontecesse.

Ficou perambulando pelo quarto, ansiosamente, aos pés da cama de Gillian.

A enfermeira não virá. O chefe de segurança está do olho em você. Está embromando. Você não tem tempo.

Ele se virou rapidamente, interrompendo seu andar, e se apressou para junto do leito a fim de se curvar perto do ouvido de Gillian.

— Vamos, Gigi. Acorde, querida. Está na hora de ir.

Ela se mexeu e se sentou, seus olhos baços e ainda sonolentos.

— Para onde vamos?

Ele não respondeu, voltando a atenção para as máquinas. Tudo parecia muito simples.

— Temos de correr, Gigi. — Ele se virou para a filha. — Preciso desconectar as máquinas, tudo bem?

Ela parecia preocupada, a ansiedade em seu rosto espelhando a dele, mas concordou com a cabeça. Ele levou um minuto para desconectá-la: teve apenas de retirar alguns simples eletrodos presos a sua cabeça, um monitor afivelado no pulso e outro preso à barriga. Ela se retraía sempre que seus dedos tocavam a pele exposta, o rosto se retorcendo numa careta de desconforto. O momento em que voluntariamente tinha tocado a mão dele agora parecia muito distante.

— Acabei — disse quando terminou.

Passou freneticamente os olhos pela sala até localizar um par de sandálias no canto. Pegando-os, trouxe para o lado da cama e os colocou no chão.

— Calce seus sapatos. Rápido, agora.

Gillian obedeceu e alguns segundos depois os dois estavam no corredor. Não tinham andado mais de 3 metros quando Grayson sentiu a mão pesada descendo em seu ombro, com força suficiente para fazê-lo estremecer.

Ele girou o corpo, nada surpreso ao ver que era detido por Hendel. Kahlee estava parada pouco atrás do chefe de segurança grandalhão, confusa e hesitante.

— Você devia esperar pela enfermeira — falou Hendel furioso.

Grayson se desvencilhou da mão.

— Cada segundo que ficarmos aqui, Gillian corre perigo. Não vou esperar.

— Para onde vão? — Hendel o desafiou. — Onde acha que pode levá-la que a Cerberus não os encontrará?

— Conheço gente nos Sistemas Terminus — respondeu ele rapidamente, sabendo que precisava dizer alguma coisa. — Gente em quem confio.

— E quem é? Seu traficante de areia?

Grayson não respondeu, simplesmente se virou. Hendel o segurou novamente e o girou, agarrando-o pela camisa e o jogando na parede. Preso ali, viu Gillian assistir ao confronto com uma expressão de puro terror.

— Espere! — gritou Kahlee, intrometendo-se para separar os dois. — E se formos com vocês?

Os homens a olharam como se fosse louca.

— O senhor quer tirar Gillian daqui — disse ela a Grayson rapidamente. — E se formos junto? Posso monitorar os implantes de Gillian e Hendel tem treinamento médico básico.

Nenhum dos dois respondeu, embora Hendel tivesse soltado a camisa de Grayson e recuado um passo.

— Se vocês realmente vão se esconder de um grupo terrorista, vão precisar de toda ajuda que puderem obter — acrescentou Kahlee.

— E como vou saber se posso confiar em vocês dois? — perguntou Grayson num tom cauteloso.

— Hendel já salvou a vida de Gillian uma vez — lembrou-lhe Kahlee. — Quanto a mim, o senhor só terá de seguir seus instintos.

Grayson balançou a cabeça, o cenário inesperado já se desenrolando em sua mente. Não era a situação ideal, mas cada segundo que permanecia na estação o colocava mais perto da exposição. Ele precisava apenas se livrar da academia, depois podia lidar com os dois em seus próprios termos.

Mas primeiro precisava barganhar.

— Você entende o que isso significa, não é? Provavelmente os dois perderão o emprego.

Kahlee trocou olhares com Hendel. Virou-se para Grayson e assentiu solenemente.

— Tudo bem. Os dois podem vir — falou. — Mas temos de partir agora mesmo e não diremos a ninguém aonde vamos. Se houver outro agente da Cerberus aqui, na academia, não quero que tenha a oportunidade de nos seguir.

— Muito justo — concordou Kahlee, depois se virou para Hendel. — Concorda?

Ele hesitou antes de responder.

— Se for para ficar de olho em Gillian... E em você... Então parece que não tenho alternativa. — Ele fitou os olhos duros de Grayson. — Estou dentro.

Grayson se virou para a filha, abaixando-se um pouco para seus olhos ficarem no mesmo nível. Ela ainda estava apavorada.

— Está tudo bem, Gigi — disse ele com brandura. — Ninguém está mais zangado. Agora vamos fazer uma viagem juntos, está bem?

A mente da menina levou vários segundos para processar a situação, depois o medo fugiu dela, substituído por sua característica expressão neutra. Ela fez que sim.

Os quatro andaram pelo hospital e pelo corredor na direção da área de embarque. Cinco minutos depois, estavam na segurança. Apesar de vários olhares curiosos dos guardas de serviço, eles passaram com uma rápida palavra de Hendel. Dez minutos depois, estavam a bordo da nave e partiam da estação, Grayson nos controles enquanto Hendel, Kahlee e Gillian estavam afivelados nos bancos de passageiros perto do fundo.

Ele tinha Gillian e estava longe da academia. E assim que acelerassem para a velocidade mais rápida que a luz, seria impossível alguém localizá-los. É claro que ainda precisaria pensar num jeito de lidar com as duas sombras, mas já bolava um plano para isso.

Um confronto físico estava fora de cogitação. Não só o chefe de segurança era maior do que ele, como também era um biótico com uma pistola presa no quadril. E ele sabia, pelos arquivos de pessoal que estudou, que tanto Mitra quanto Sanders tinham treinamento avançado em combate corpo a corpo.

Se você não estivesse meio chapado quando partiu nesta viagem, poderia ter a esperteza de guardar uma arma para uso pessoal aqui na cabine de comando.

Ele não tinha nada com que drogar os dois e, mesmo que tivesse, duvidava de que Hendel baixasse a guarda por tempo suficiente para aceitar qualquer comida ou bebida oferecida sem se certificar que não estava batizada com alguma coisa.

Felizmente, Grayson não estava sozinho. Digitou uma rápida mensagem em código, enviando-a antes de estabelecer o curso para Omega.

Veremos como Hendel lida com Pel e sua equipe, pensou ele, sentindo a leve pressão da força G empurrando-o no assento enquanto a nave acelerava para FTL.

Só então se permitiu soltar um suspiro longo e lento de alívio.

QUATORZE

Há seis semanas padrão, Lemm'Shal nar Tesleya, como muitos quarians jovens e ingênuos antes dele, decidira visitar Omega durante sua Peregrinação. Romantizando tolamente como seria a vida fora dos confins rigorosos da Frota Migrante, ficava fascinado com a ideia de milhões de habitantes de todas as espécies e culturas diferentes vivendo em tal proximidade, sem se deixar afetar pelas leis ou pelo governo. Esperava encontrar aventura e agitação em cada esquina, assim como a liberdade de fazer o que quisesse.

Não demorou muito para descobrir a dura realidade: Omega era uma cloaca de violência e depravação. A morte aleatória e sem sentido espreitava nas sombras e nas vielas. A estação era um refúgio para mercadores de escravos e ele testemunhou em primeira mão homens, mulheres e crianças chorosos sendo comprados e vendidos como objetos. Uma semana depois, passou a compreender que a suposta liberdade de Omega era uma perversão da palavra. Sem leis ou governo, a regra dos mais fortes era a ordem do dia: os fortes prosperavam e os fracos sofriam terrivelmente. Mas ninguém pode ser forte para sempre e ele sabia que mesmo aqueles no topo um dia se veriam puxados para baixo.

Ele também tinha aprendido que os habitantes de Omega viviam com um medo constante, envoltos em mantos de raiva e ódio para mantê-lo em xeque. Impelidos pelo egoísmo e pela ganância, suas vidas eram brutais, curtas e miseráveis. Ele teve pena da existência desgraçada dos moradores de Omega e agradeceu a seus ancestrais pelo forte senso de integração e comunidade fomentado em seu próprio povo. E, assim, deixou Omega para trás e continuou sua jornada por meia dúzia de mundos nos Sistemas Terminus.

Percebia agora que o novo senso que adquirira da sociedade quarian e seus dogmas subjacentes de altruísmo e sacrifício pelo bem maior estava no cerne da Peregrinação. Muitos deixavam a Frota Migrante crianças, inexperientes e rebeldes. Depois de ver como viviam outras sociedades, a maioria voltava adulta: mais sensatos e dedicados a sustentar os ideais estimados da cultura quarian. É claro que sempre havia alguns que preferiam não voltar, rejeitando o

coletivismo da flotilha em troca da experiência e das tribulações de uma existência solitária e isolada.

Lemm não tinha a intenção de ser um deles, mas ainda não podia voltar para a Frota. Pois embora tivesse aprendido uma lição importante, sua Peregrinação ainda não estava concluída. Para voltar, primeiro precisava encontrar algo de valor significativo para a sociedade quarian, depois doar como um presente a um dos capitães de nave. Se o presente fosse aceito, ele perderia o sobrenome “nar Tesleya” e assumiria o sobrenome “vas” da nave de seu novo capitão.

Era por isso que precisava voltar a Omega, apesar de seu desprezo pelo lugar. Por isso perambulava por aquelas ruas, procurando por um quarian de nome Golo.

O nome era infame entre os nativos da Frota Migrante. Ao contrário daqueles que decidiam deixar a flotilha por vontade própria, ou dos que nunca voltaram da Peregrinação, Golo fora banido pelo Almirantado. Marcado como traidor de seu povo, Golo tinha sido mandado ao lugar na galáxia que mais zombava de tudo o que os quarians valorizavam e acreditavam. De algum modo, sobrevivera e até tinha prosperado em seu exílio, embora, para Lemm, isso só reafirmasse a decisão de degredá-lo. Qualquer um que conseguisse desencavar uma vida para si no tecido cruel da sociedade esfarrapada de Omega tinha de ser maldoso, impiedoso e completamente indigno de confiança.

Lemm andava com pouca bagagem. Usava um traje espacial de armadura simples equipado com barreiras cinéticas padrão e uma mochila com suprimentos pendurada no ombro. Seu bem mais valorizado — um presente entregue a ele antes do embarque a sua Peregrinação pelo capitão da *Tesleya* — era sua escopeta: uma arma de alto calibre Armax Arsenal de fabricação turian, customizada com modificações avançadas de mira automática e coice reduzido.

A escopeta não era, porém, a única arma. Antes de deixar a flotilha, todos os quarians passavam por um rigoroso programa de seis meses para prepará-los para as semanas, meses ou até anos em que talvez precisassem sobreviver por conta própria antes que seu rito de passagem chegasse ao fim. O currículo variado incluía treinamento em armas e combate; aulas de história, biologia e cultura das principais espécies conhecidas; primeiros socorros básicos; instrução rudimentar em condução e navegação de uma ampla variedade de espaçonaves comuns; e habilidades tecnológicas específicas como a quebra de criptografia, eletrônica e invasão de computadores.

Cada quarian que deixava a segurança da Frota estava bem preparado para enfrentar as situações perigosas que encontrariam. Mais importante, aprendiam que a melhor maneira de sobreviver aos problemas era evitá-los sempre que possível. Assim, quando Lemm ouviu um disparo a várias quadras de distância, seu primeiro instinto foi sacar a escopeta das costas e procurar proteção.

Agachado na soleira escura da porta do que esperava ser um prédio deserto, pensou na última vez em que tinha ido a este mundo. As ruas de Omega estavam movimentadas e

apinhadas aonde quer que fosse, apesar da constante ameaça de roubo, espancamento e até assassinato. Aqui, porém, em um distrito apanhado numa guerra sangrenta entre duas facções rivais, as ruas estavam praticamente vazias. Só vira algumas pessoas, andando apressadamente de um prédio a outro, recurvadas e bem agachadas na esperança de não serem percebidas.

A apreensão era compreensível. O próprio Lemm já fora baleado duas vezes por atiradores escondidos nos andares superiores dos prédios que ladeavam as ruas. O primeiro tiro errara completamente, batendo no chão perto de seus pés. O segundo lançou uma bala que teria penetrado seu crânio se não fosse desviada pelas barreiras cinéticas da armadura. Nos dois casos, Lemm reagira com o único curso de ação sensato: tinha se abaixado na primeira esquina e fugido da cena em busca de uma nova rota para seu destino.

Voltar pelas ruas sinuosas e confusas de Omega era uma boa maneira de se perder; era fácil demais vagar acidentalmente pela viela errada e nunca mais sair. Felizmente Lemm, como a maioria dos quarians, tinha um ótimo senso de orientação. A forma aleatória com que a cidade fora construída com o passar dos séculos era semelhante ao ambiente de seu lar. Muitas naves da Frota Migrante evoluíram em labirintos convolutos, onde cada centímetro de espaço disponível era valorizado e explorado. Paredes temporárias costumavam ser usadas para transformar corredores ou vias de passagem em cômodos e tudo era mantido com consertos improvisados e materiais temporários.

O barulho dos tiros continuou, mas, para seu alívio, ficou mais suave enquanto a maré da batalha levava o conflito para as ruas e prédios na direção contrária de onde seguia. Voltando cautelosamente a espaço aberto, Lemm continuou em seu caminho, a arma ainda em punho. Alguns minutos depois, chegou ao destino.

A entrada do salão de apostas Toca da Fortuna mostrava evidências de várias batalhas recentes. A placa no alto da porta estava queimada por marcas e pendurada num ângulo torto, como se alguém a tivesse recolocado rapidamente depois de ter sido baleada ou atingida por uma explosão. A porta de metal reforçado estava entreaberta. Pontilhada pelo impacto de tiros, foi entortada e retorcida, provavelmente pela mesma explosão que deslocou a placa. Como consequência, ficou empacada entre aberta e fechada, incapaz de percorrer livremente os trilhos.

Ele tirou a mochila, deixando que caísse no chão junto da entrada. Respirando fundo e ainda segurando a escopeta, virou-se de lado e passou pela porta parcialmente obstruída. Havia cinco batarians no salão: um atrás do balcão, os outros quatro sentados a uma mesa, jogando cartas. Ele percebeu que todos tinham armas presas nas laterais, ou encostadas na mesa ao seu alcance. Na parede dos fundos, alguém instalara duas cabeças, de um krogan e de um volus. Pareciam recentes.

Cada um dos batarians se virou para olhá-lo fixamente, embora nenhum deles tenha feito um gesto para pegar suas armas. Segurando despreocupadamente a escopeta em uma das mãos,

Lemm atravessou o salão até o balcão, tentando ignorar os vinte olhos que observavam cada movimento dele.

— Estou procurando pelo proprietário. Olthar.

O barman abriu um sorriso cruel e apontou para as cabeças na parede.

— Estamos sob nova direção. — Atrás de Lemm, os outros batarians deram uma gargalhada.

— Preciso encontrar um quarian de nome Golo — anunciou Lemm, sem se deixar abalar e não oferecendo qualquer reação à piada terrível. Levantou sua arma e a colocou no balcão, mantendo a mão despreocupadamente na coronha, a centímetros do gatilho.

Da última vez que estivera em Omega, ele tinha percebido que certo ar de certeza fria e confiança inabalável podia fazer os outros pensarem duas vezes antes de permitir que um problema evoluísse para a violência. Nem sempre dava certo, é claro, mas era por isso que andava com a escopeta.

— Golo não vem mais aqui.

— Eu lhe darei 200 créditos se me disser onde encontrá-lo — ofereceu Lemm.

O batarian tombou a cabeça para a direita — um gesto de desdém entre essa espécie em particular. Seus dois olhos superiores piscaram lentamente, enquanto o par inferior continuou a fixar o interlocutor.

— Você parece jovem — observou o barman. — Quer ajuda de Golo em sua Peregrinação?

Lemm não respondeu à pergunta. Apesar de todo o seu treinamento e preparação, em geral os quarians em Peregrinação eram considerados inexperientes ou vulneráveis por outras espécies. Não podia demonstrar qualquer fraqueza.

— Você quer os créditos ou não?

— Que tal se, em vez de dizer a você onde encontrar Golo, simplesmente tomarmos seus créditos e essa sua bela arma, depois pendurarmos sua cabeça na parede junto com Olthar e seu bicho de estimação?

Ele ouviu mais risos às suas costas e o barulho de cadeiras sendo arrastadas dos batarians se levantando, em expectativa. Lemm não se deu ao trabalho de se mexer: de maneira nenhuma sobreviveria a uma briga no bar. Nenhum dos batarians usava armadura, mas ainda eram cinco contra um. Seus escudos cinéticos podiam mantê-lo vivo por alguns segundos, mas, debaixo de uma saraivada de tiros, eles se esgotariam antes mesmo que Lemm conseguisse voltar à porta. Precisava ser inteligente se quisesse sair vivo dali.

Felizmente, era possível argumentar com os batarians. Eram mercadores por natureza, e não guerreiros. Se esta fosse uma sala cheia de krogan, ele estaria morto no instante em que entrasse ali.

— Você pode me matar — admitiu Lemm, olhando diretamente nos olhos inferiores e fixos do barman enquanto tamborilava os dedos suavemente na coronha da escopeta pousada no

balcão. — Mas eu cuidaria para levar pelo menos um de vocês comigo. A decisão é sua. Me dê a localização de Golo e me deixe partir sossegado. Ou todos começam a atirar e veremos se você consegue sobreviver a um tiro de escopeta na cara à queima-roupa. De qualquer modo, todos vocês terminarão apenas com 200 créditos.

Os dois pares de olhos batarians vagaram para a escopeta, depois voltaram a Lemm.

— Dê uma olhada nos mercados no distrito de Carrd — informou.

Lemm colocou a mão em um dos bolsos externos do traje espacial, agindo lentamente para não sobressaltar ninguém a pensar que tinha uma arma escondida, e sacou dois chips de 100 créditos. Largou-os no balcão, pegou a arma e voltou lentamente para a porta e a rua, de olho nos batarians o tempo todo. Ali, pegou a mochila e voltou pelo caminho que tomara para chegar, na direção do monotrilha que, se ainda estivesse em operação, levaria aonde precisava ir.

Golo não ficou surpreso ao encontrar os mercados no distrito de Carrd muito mais movimentados do que o de costume. Com a guerra contínua entre os volus e os batarians no distrito vizinho, mercadores e clientes tinham transferido seus negócios para a seção próxima da estação controlada pelos elcor.

As multidões a mais eram uma inconveniência, mas havia poucos lugares aonde poderia ir. A comida quarian era uma raridade em Omega. Embora fosse possível para ele consumir com segurança uma variedade de produtos turians — as duas espécies compartilhavam a mesma biologia baseada em dextroaminoácido —, ele ainda precisava ter cuidado com a contaminação. Bactérias e germes completamente inofensivos aos turians podiam ser fatais para seu sistema imunológico praticamente inexistente.

Os quarians que deixavam a Frota tinham a opção de rações para viagem empacotadas: recipientes de uma pasta nutriente altamente concentrada que podiam ingerir por um pequeno tubo de alimentação lacrável por baixo do capacete. A pasta era insossa, mas era possível armazenar rações para um mês inteiro em uma única mochila e ela estava disponível comercialmente tanto nos Sistemas Terminus como no Espaço do Conselho.

Contudo, Golo, um exilado sem esperanças de voltar à Frota, não gostava da ideia de consumir nada além de tubos de pasta pelo resto da vida. Felizmente, selara um acordo de longo prazo com um lojista elcor disposto a trazer encomendas regulares da culinária turian purificada.

Ele precisou abrir caminho à força pela multidão por vários outros minutos antes de finalmente chegar à loja. Entrando, ficou surpreso ao ver o outro quarian ali dentro. Vestia armadura por cima do traje espacial climatizado — uma forma segura de atrair atenção indesejada, na opinião de Golo — e tinha o que parecia uma escopeta muito cara presa nas costas. Era impossível saber sua idade por trás das roupas e da máscara, mas Golo suspeitava de

que fosse jovem. Não seria a primeira vez que encontraria outro de sua própria espécie em Omega como parte de sua Peregrinação.

Ele acenou uma saudação. O outro não falou, mas retribuiu o gesto. Golo foi pegar seu pedido no balcão. Quando se voltou, ficou surpreso ao ver que o outro quarian tinha sumido.

Os instintos de sobrevivência altamente refinados de Golo soaram o alarme. Sua espécie era muito sociável. Sua primeira inclinação quando viam um companheiro quarian em um mundo alienígena era entabular conversa, e não desaparecer sem dizer nada.

— Voltarei para pegar isto depois — disse ele, entregando o saco de mantimentos ao lojista elcor.

— Preocupação genuína: algum problema? — perguntou o elcor no tom de voz grave e monótono comum à sua espécie.

— Posso sair pela porta dos fundos?

— Oferta sincera: esteja à vontade para tanto, se o desejar.

Golo passou ao fundo da loja e escapuliu à viela pela saída de emergência. Não tinha dado cinco passos quando ouviu alguém falando em quarian bem atrás dele.

— Não se mexa ou vou explodir sua cabeça.

Sabendo que a escopeta que vira antes podia literalmente decapitá-lo a essa distância, Golo ficou petrificado.

— Vire-se devagar.

Ele obedeceu. Como desconfiava, o jovem quarian de dentro da loja estava parado no meio da viela, apontando a arma para seu peito.

— Você é Golo?

— Você não estaria apontando uma arma para mim se eu fosse outra pessoa — respondeu, sem ver esperanças em tentar alguma mentira que o tirasse desta situação.

— Sabe por que estou aqui?

— Não — respondeu Golo com seriedade. Na última década, Golo cometera dezenas de atos que podiam levar outro quarian a persegui-lo em busca de vingança. Não tinha sentido tentar adivinhar qual seria o motivo para este jovem em particular.

— Uma nave de reconhecimento da *Idenna* estava negociando um acordo aqui em Omega na semana passada. A *Cyniad*. Eles desapareceram. Acho que você sabe o que aconteceu com eles.

— Quem é você? Faz parte da tripulação da *Idenna*? — perguntou Golo, ganhando tempo até pensar num plano.

— Meu nome é Lemm'Shal nar Tesleya — respondeu o outro.

Golo não ficou surpreso ao ter uma resposta a sua pergunta. Mesmo na flotilha, os quarians tendiam a usar seus ambítrajes o tempo todo: uma camada a mais de proteção contra brechas no casco e outros desafios que podiam recair sobre suas naves instáveis. Consequentemente, a

troca de nomes em cada encontro era um hábito profundamente arraigado. Estivera contando com isso e saber o nome de seu adversário lhe dava algo com que trabalhar.

Não reconheceu seu nome de clã “Shal”, mas o “nar” no sobrenome de Lemm o marcava, tecnicamente, ainda como uma criança, o que significava que devia estar ali em Peregrinação. Além disso, era associado com a nave *Tesleya*, e não com a *Idenna*, o que significava que não conhecia pessoalmente a tripulação. Devia ter ouvido falar disso em segunda mão, possivelmente de outro quarian que tinha encontrado em suas recentes viagens.

Golo rápida e mentalmente compôs o provável cenário. Alguém lhe contara de passagem sobre o desaparecimento da *Cyniad*. Agora Lemm acreditava que se conseguisse localizar a nave de reconhecimento perdida e sua tripulação — ou pelo menos descobrir seu destino —, poderia dar esta informação ao capitão da *Idenna*. Em troca, seria aceito na tripulação da *Idenna* e sua Peregrinação estaria encerrada.

— O que o faz pensar que sei alguma coisa sobre a *Cyniad*? — perguntou, na esperança de enganar o jovem a voltar atrás.

— A Frota Migrante não faz negócios com Omega — respondeu Lemm, sem baixar o cano da arma. — Alguém deve ter feito contato com a *Cyniad* para propor o acordo que os trouxe aqui. Só outro quarian saberia fazer isso. E você é o quarian mais infame desta estação.

Golo franziu a testa por trás da máscara. O garoto estava simplesmente seguindo um pressentimento: era pura falta de sorte que por acaso tivesse razão. Pensou brevemente em negar seu envolvimento, depois percebeu que tinha uma saída mais fácil.

— Acho que minha reputação me precede — admitiu. — Fiz contato com a *Cyniad*, mas sou apenas o intermediário. O indivíduo que estava por trás do acordo era humano.

— Que humano?

— Ele me disse que seu nome era Pel — falou com um dar de ombros indiferente. — Estava disposto a me pagar para fazer contato com a *Cyniad* e fiquei feliz em tomar o dinheiro dele. Não quis saber mais do que isso.

— Não ficou preocupado de ele armar para a tripulação da *Cyniad*? Que os levasse a cair numa armadilha?

— A Frota me deu as costas. Por que deveria me importar com o que acontece a qualquer um deles, desde que eu seja pago?

Este era o melhor tipo de mentira: uma mentira que trazia um fio desagradável da verdade. Assumir sinceramente sua crueldade e ganância tornava mais crível a negação de um envolvimento direto.

— Você me dá nojo. — Se Lemm não estivesse usando o visor, Golo desconfiava de que ele teria cuspidido no chão. — Eu devia matá-lo agora mesmo!

— Não sei o que aconteceu com a tripulação da *Cyniad* — disse Golo rapidamente, antes que Lemm se enfurecesse o suficiente para apertar o gatilho —, mas sei como pode encontrá-la.

— Hesitou, depois acrescentou: — Me dê 500 créditos e contarei.

Lemm ergueu a arma para mirar pelo cano, depois avançou até comprimi-la na máscara do outro quarian.

— O quanto você me contaria de graça?

— Pel aluga um armazém no distrito Talon — soltou Golo. Lemm recuou meio passo, baixando a escopeta.

— Leve-me até lá. Agora.

— Não seja idiota — rebateu Golo, agora mais ousado porque a arma não apontava diretamente para ele. — E se ele tiver vigias? O que acha que vão fazer quando virem dois quarians andando para seu esconderijo? Se quiser fazer isso, precisa ser inteligente. — A voz de Golo recaiu na linguagem astuta de mercador. — Posso lhe dizer onde fica o armazém, mas esta é a parte fácil. Você precisará de um batedor. Para saber o que vai acontecer antes que tente entrar. Você precisa de um plano e eu posso ajudar.

— Pensei que não se importasse com o que acontecia com a Frota Migrante. Por que de repente quer ajudar? — Lemm claramente estava desconfiado.

— Eu podia fingir que é porque me sinto culpado por ter levado, sem querer, a *Cyniad* a uma armadilha — explicou Golo, entregando outra meia verdade. — Mas, sinceramente, só imagino que seja a melhor maneira de evitar que você enfie essa arma na minha cara de novo.

Lemm pareceu se satisfazer com essa explicação.

— Tudo bem, vamos tentar do seu jeito.

— Vamos sair da rua — sugeriu Golo. — Encontrar um lugar mais privativo. Como o meu apartamento.

— Vá na frente — respondeu Lemm, dobrando a arma e mais uma vez prendendo-a no grampo na base de suas costas.

Golo sorriu por trás da máscara enquanto levava o jovem pela viela.

Pel e sua equipe vão acabar com você, rapaz. Especialmente quando eu avisar a eles que você está chegando.

QUINZE

— Alguma hora pretende nos dizer aonde vamos? — perguntou Kahlee, assustando Grayson, que cochilava espasmodicamente.

Com a diminuição da onda de adrenalina de sua fuga, seu corpo desmoronara e ele caiu no sono na cadeira do piloto. Não que isso realmente importasse: depois que o curso era definido, não havia nada para ele fazer durante a viagem em FTL. Sabendo que um alerta da nave o acordaria quando chegassem ao alcance do retransmissor de massa que os tiraria do Espaço do Conselho para os Sistemas Terminus, ele simplesmente deixou a mente vagar.

— Desculpe — murmurou Grayson, com a boca seca e a língua pesada e lanosa —, acho que peguei no sono.

Kahlee se sentou no banco ao lado e ele viu seu nariz se torcer como se assaltado por um odor pungente. Grayson baixou os olhos para a camisa e percebeu que estava ensopado de suor, a transpiração acre de um viciado em areia entrando nos primeiros estágios da abstinência. Constrangido, fez o que pôde para se afastar dela sem ser óbvio demais.

— Eu estava me perguntando aonde vamos — disse Kahlee, fingindo educadamente não perceber o cheiro.

— Eu também me fazia a mesma pergunta — acrescentou Hendel, atrás deles.

Torcendo-se em sua cadeira, ele viu o chefe de segurança de pé na porta da cabine de comando, os ombros largos quase bloqueando inteiramente a visão da cabine de passageiros.

— Pensei que estivesse cuidando de Gillian — disse Kahlee incisivamente.

— Ela está dormindo — respondeu Hendel de mau humor. — Gillian está bem.

— Tenho um contato em Omega — disse Grayson, voltando a atenção a Kahlee.

— Omega? — A voz dela trazia um misto de alarme e surpresa.

— Não temos alternativa — falou severamente.

— Talvez tenhamos. Tenho amigos que podem nos ajudar — garantiu Kahlee. — Conheço pessoalmente o capitão David Anderson. Confio minha vida a ele. Garanto que ele pode proteger você e sua filha.

Para alívio de Grayson, Hendel rejeitou a ideia.

— Isto não é uma opção. A Cerberus tem gente infiltrada na Aliança. Talvez possamos confiar em Anderson, mas como vamos conseguir entrar em contato com ele? Agora é um homem importante e não podemos simplesmente aparecer na Cidadela e entrar em seu escritório. A Cerberus deve ter agentes relatando cada movimento de pessoas como o capitão. Se enviarmos uma mensagem, vão saber que estamos chegando muito antes de ele a receber. Nunca conseguiremos alcançá-lo.

— Nunca pensei que você me daria apoio — disse Grayson, examinando atentamente o outro homem enquanto tentava entender seu jogo.

— Só quero o melhor para Gillian. Neste momento, isso significa tirá-la do Espaço do Conselho. Mas Omega não teria sido minha primeira opção. Existem muitos outros lugares onde nos esconder nos Sistemas Terminus.

— Não podemos ir a nenhuma colônia humana — insistiu Grayson. — A Aliança tem pessoal estacionado lá e eles rastreiam todas as naves que chegam. E vamos nos destacar como um polegar inchado em qualquer um dos mundos controlados por alienígenas. Omega é o único lugar em que podemos nos misturar.

Hendel pensou nos argumentos dele.

— Ainda quero saber quem é seu contato. — Parecia ser o mais perto que Hendel chegaria de admitir que Grayson tinha razão.

— Um cliente meu chamado Pel — mentiu Grayson. — Vendi a ele duas dúzias de naves nos últimos vinte anos.

— Em que negócio ele trabalha? — perguntou Kahlee.

— Importação e exportação.

— Traficante de drogas — grunhiu Hendel. — Eu falei a você que ele estava nos levando ao traficante dele.

— Como vamos saber que esse Pel não vai nos entregar à Cerberus? — Kahlee queria saber.

— Ele não sabe que Gillian é biótica, nem por que estamos indo — explicou Grayson. — Falei a ele que fui apanhado com areia vermelha durante uma viagem à Cidadela. Ele pensa que estou fugindo da C-Sec.

— E como nós dois nos encaixamos nisso? — perguntou Hendel.

— Pel já sabe que tenho uma filha. Direi a ele que Kahlee é minha namorada e você é o oficial desonesto da C-Sec que subornei para me tirar da estação.

— Então, ele está esperando por nós? — perguntou Hendel.

Grayson confirmou.

— Mande uma mensagem quando saímos da academia. Vou entrar na rede de comunicações quando sairmos de FTL no próximo retransmissor de massa para ver se ele mandou uma resposta.

— Quero ver a mensagem que ele mandar a você.

— Hendel! — protestou Kahlee, ofendida com a violação da privacidade de Grayson.

— Não correrei nenhum risco — respondeu Hendel. — Estamos colocando nossa vida nas mãos dele. Quero saber com quem estamos tratando.

— Claro — disse Grayson. — Não tem problema. — Ele deu uma rápida espiada nas leituras para saber onde estavam na viagem. — Devemos chegar ao retransmissor daqui a uma hora.

— Isso lhe dá tempo de tomar um banho — falou Hendel. — Procure lavar o fedor das drogas antes que sua filha acorde.

Não havia nada que Grayson pudesse dizer para se defender. Ele sabia que Hendel tinha razão.

Sessenta minutos depois, estava de volta à cadeira do piloto, banhado e com roupas limpas. Tinha parado de transpirar, mas agora havia um leve tremor nas mãos enquanto ajustava os controles. Grayson sabia que só pioraria quanto mais tempo ficasse sem outra dose.

Kahlee permanecia sentada no banco do passageiro e Hendel estava mais uma vez parado atrás dele, recostado no batente da porta da cabine. Gillian dormia tranquilamente no fundo; Grayson dera uma olhada nela antes e depois do banho.

Um suave sinal eletrônico do painel de navegação avisou um segundo antes que a nave saísse do voo FTL. Sentiram a onda fraca de desaceleração e em seguida as telas de navegação ganharam vida enquanto a nave começava a captar embarcações próximas, pequenos asteroides e outros objetos com tamanho suficiente para registro nos sensores.

O imenso retransmissor de massa apareceu como um ponto azul intermitente no meio do monitor. Apesar dos tremores musculares, as mãos de Grayson movimentavam-se com uma confiança veloz nos controles, preparando a aproximação.

— Vai verificar as mensagens? — perguntou Hendel, a indagação um lembrete não muito sutil de sua desconfiança.

— Só preciso localizar uma baliza de comunicações... Tudo bem, consegui uma. Entrando.

Houve um bip curto e um dos monitores piscou, indicando uma nova mensagem descarregada da rede interestelar de balizas de comunicação usada para transmitir mensagens pela vasta extensão da galáxia.

— Toque — mandou Hendel.

Grayson pressionou o botão e a cara de Pel apareceu na tela, sua voz enchendo a cabine:

“Recebi sua mensagem. Lamento que as coisas tenham dado errado, mas eu o avisei a respeito de negligência.” O homem ergueu uma sobrancelha. “Sorte sua que posso ajudar. Estou enviando as coordenadas para uma base de pouso perto de meu armazém em Omega. Estarei lá com alguns tripulantes meus para receber você quando tocarem o solo.”

Houve uma breve pausa e Pel riu.

“Entende que isso vai custar caro, não é? Sabe o quanto detesto limpar a sujeira dos outros.”

Houve mais um sinal sonoro do monitor e a imagem ficou paralisada, encerrando a mensagem. Mentalmente, Grayson soltou um suspiro de alívio, mas não deu indicações externas de como se sentia. Esperava que a mensagem de Pel fosse discreta: os agentes da Cerberus eram versados na arte do discurso ambíguo quando usavam conexões não seguras. Mas, com Hendel assomando sobre ele, Grayson ainda sentiu uma pontada de apreensão quando acionou o botão de reprodução.

— Muito vago — murmurou o chefe de segurança.

— Este é um canal público — rebateu Grayson, seus nervos ainda tensos e pedindo uma dose rápida de areia vermelha. — Você realmente pensou que ele admitiria ser um barão das drogas?

— Acho que é confirmação suficiente de nosso destino — disse Kahlee ao parceiro.

Hendel refletiu por um bom tempo, depois concordou.

— Tudo bem, mas ainda não gosto disso. Leve-nos pelo retransmissor.

Grayson se eriçou ao receber o que parecia uma ordem direta. Esta, afinal, era a nave dele. Mas obedeceu, iniciando o curso que tinha programado antes de baixar a mensagem.

— Parece que você precisa dormir um pouco — falou Kahlee ao chefe de segurança. — Vá se deitar. Eu ficarei de olho em Gillian.

E em mim também, posso apostar, pensou Grayson. Mas não ia tentar nada agora. Podia simplesmente esperar até pousarem em Omega e Pel e sua equipe cuidariam de tudo.

Enquanto a nave disparava para ser apanhada por um jato torcido e cintilante de energia desencadeado pelo retransmissor de massa, ele não pôde deixar de sorrir ao pensar como as coisas estavam funcionando bem. Percebeu Kahlee, alheia aos seus pensamentos, sorrindo para ele.

Lemm olhou pelo binóculo o armazém indefinido. Estava observando havia várias horas, empoleirado no telhado de um prédio alto de quatro andares na quadra seguinte. Até agora, pouco vira que indicasse que acontecia algo incomum, embora todas as janelas fossem de um vidro escurecido e reflexivo, impossibilitando enxergar seu interior.

— Não notei nenhum guarda de serviço — murmurou.

— Eles estão lá — garantiu Golo. — Fortemente armados. Pel não confia em não humanos.

Lemm não se deu ao trabalho de perguntar por que um xenófobo teria operações em um lugar como Omega. A ganância podia superar quase qualquer preconceito.

O armazém, como a maioria dos prédios que o cercavam, era uma estrutura baixa e atarracada com apenas dois andares.

— Se eu conseguir chegar perto o suficiente para escalar a parede, talvez possa olhar por uma das janelas do segundo andar — disse, pensando em voz alta.

— Eles terão câmeras de segurança na rua — avisou Golo. — É melhor entrar por cima.

Ele percebeu que o outro quarian tinha razão. De sua posição atual, podia pular ao prédio vizinho, de três andares, descendo um andar para pular no topo dele. Do modo como a quadra era disposta, Lemm podia continuar a partir dali, pulando de um telhado a outro até chegar ao armazém.

— Boa ideia.

Lemm ainda não gostava do outro quarian. A seus olhos, Golo sempre seria um traidor desprezível. Mas tinha de admitir que ele era extremamente útil no planejamento do assalto ao armazém. Era quase o suficiente para que começasse a confiar em Golo. Quase, mas não o bastante.

Golo, porém, parecia decidido a provar a si mesmo. Até conseguiu as plantas arquitetônicas do interior do armazém: uma mixórdia confusa de corredores e escadas sinuosos que iam e voltavam, aparentemente numa tentativa de confundir e desorientar qualquer um em seu interior. Apesar do projeto convoluto, Lemm já memorizara as plantas. Em termos simples, a metade frontal do prédio era dividida em dois andares. As salas foram convertidas em quartel no primeiro andar; o segundo consistia principalmente em pequenos depósitos. Os fundos do prédio eram uma garagem aberta de teto alto com tamanho suficiente para guardar muitos engradados e vários veículos.

Enquanto observava, a porta da garagem se ergueu e dois rovers aceleraram, indo para o espaçoporto próximo. Lemm não se deu ao trabalho de se mexer: praticamente não havia possibilidade de o localizarem achatado em um telhado a centenas de metros de distância.

— O que eles estão fazendo?

— Pegando um carregamento, talvez? — sugeriu Golo.

Lemm pensou brevemente em suas chances de tentar entrar furtivamente para dar uma olhada antes que voltassem. Golo lhe dissera que cinco homens e três mulheres trabalhavam para Pel — no total, nove humanos. Ele não sabia quantos saíram nos veículos, mas era provável que restassem apenas alguns para proteger o prédio. Se a tripulação da *Cyniad* era prisioneira ali dentro, como ele suspeitava, esta podia ser sua melhor oportunidade de resgatá-los.

— Vou entrar.

— Não seja idiota! — sibilou Golo, segurando-o pelo ombro quando ele tentou se levantar. — Em plena luz do dia! Eles verão você chegar!

— Provavelmente só há duas ou três pessoas ali dentro. Para mim, essas chances são melhores do que nove contra um.

— Aqueles veículos podem voltar a qualquer momento — lembrou Golo. — Então você estará em desvantagem numérica e serão eles que pegarão *você* de surpresa.

Lemm hesitou. Seus instintos diziam para agir, embora tudo o que o quarian mais velho dizia tivesse lógica.

— Atenha-se ao plano original — insistiu Golo. — Vá amanhã à noite. Você terá mais tempo para se preparar. Além disso, estará escuro e a maioria deles estará dormindo.

Com um suspiro, Lemm baixou o corpo e voltou à vigília. Não gostava de ficar sem fazer nada, mas Golo mais uma vez tinha razão. Ele precisava ser paciente.

Os veículos voltaram menos de trinta minutos depois. Desapareceram na garagem, a porta de aço pesada batendo atrás deles.

— Já vimos o que queríamos ver — disse-lhe Golo. — Vamos. Você precisa descansar um pouco para estar pronto para amanhã à noite. Pode dormir em meu apartamento.

Claramente sentindo a hesitação de Lemm, Golo acrescentou:

— Eu sei. Você ainda não confia em mim. Basta manter sua escopeta embaixo do travesseiro, se isso faz com que se sinta mais seguro.

Grayson levou o transportador a pousar em uma aproximação lenta e longa. Os sensores captaram dois veículos estacionados pouco além do muro que separava as baías do interior da estação; supunha que pertencessem a Pel e sua equipe.

Pousaram com o mais leve solavanco. Ele desligou os controles e os motores, depois saiu da cabine para onde os outros aguardavam.

Hendel e Kahlee estavam de pé de cada lado de Gillian, os três esperando por ele na cabine de compressão da nave. Gillian tinha retirado a camisola do hospital e vestido um de seus velhos suéteres e uma calça que encontraram no fundo da nave. Evidentemente ela tinha crescido desde a última vez que usara as roupas — as mangas paravam na metade do braço e a bainha da calça estava vários centímetros acima dos tornozelos. Ainda estava com as sandálias do hospital.

A menina sorriu quando Grayson se aproximou e ele se colocou ao lado dela, metendo-se propositalmente entre a filha e o chefe de segurança, que fechou a cara.

— Deixem que eu fale — avisou Grayson enquanto ativava a câmara de compressão.

A porta atrás deles se fechou, trancando-os ali dentro. Houve uma lufada de ar dos sistemas da nave igualando a pressão interna e externa antes de abrir a porta para o exterior e se estender a plataforma de desembarque coberta que os levaria com segurança pelo vácuo das docas, entrando no ar respirável da estação.

Com Grayson e Gillian à frente e Kahlee e Hendel atrás, o grupo desceu lentamente a rampa, parando no nível da superfície de Omega, onde Pel e cinco pessoas que Grayson não

reconheceu esperavam por eles: três homens e duas mulheres, todos de armadura e portando armas. Apesar do equipamento militar, estavam relaxados e à vontade. Alguns até sorriam.

— Como vai, Matador? — disse o grandalhão, indo recebê-los.

— Matador? — Grayson ouviu Hendel murmurar, mas ignorou o comentário enquanto avançava para trocar um aperto de mãos com Pel.

— É isso aí? — perguntou Pel com um sorriso torto, seu aperto caloroso quase esmagando os dedos de Grayson. — Todos saíram da nave e estão prontos para ir?

— Somos só nós quatro — confirmou Grayson, estremecendo ligeiramente enquanto soltava a mão e dava um passo para trás. — Deixe que eu os apresente...

As palavras morreram em sua boca enquanto Pel e os demais sacaram as armas simultaneamente, apontando-as para os recém-chegados em um gesto inconfundível de hostilidade. Sua atitude despreocupada desaparecera, substituída por outra que era severa e perigosa.

Grayson praguejou em silêncio. Pedira a Pel que agisse com discrição a fim de não perturbar Gillian. Estava prestes a fazer alguma repreensão quando de repente percebeu que uma das mulheres apontava uma arma para ele também.

— O que está havendo, Pel?

— Fiquem todos calmos e ninguém sairá ferido — avisou Pel. A um dos homens de sua equipe, falou: — O grandão e a garota. Eles são bióticos. Apague-os primeiro.

O homem colocou a arma no coldre e sacou o que parecia uma pistola hipodérmica automática multicartucho. Avançou para Hendel, agindo com uma precisão bem treinada.

— Estenda seu pulso — ordenou Pel.

Hendel se limitou a fuzilá-lo como os olhos.

— Estenda o pulso ou atirarei na mulher — esclareceu Pel, apontando a pistola para o rosto de Kahlee. O chefe de segurança aquiesceu com relutância, estendendo o braço com a palma virada para cima.

O homem pegou a ponta de seus dedos e as dobrou para baixo ligeiramente, depois aproximou a pistola e a pressionou na face interna e exposta de seu pulso. Houve o som agudo de uma mola de alta tensão sendo liberada e Hendel grunhiu baixinho enquanto a ponta de uma agulha invisível penetrava em sua pele, injetando alguma droga desconhecida. Um segundo depois ele se balançou e desabou, inconsciente.

— Hendel! — gritou Kahlee, pulando para segurá-lo antes que sua cabeça batesse no chão. Ela cambaleou sob seu peso e caiu aos pés do homem com a pistola, o corpo de Hendel esparramado por cima dela.

O sujeito baixou o braço e pressionou a pistola em seu pescoço. Houve outro recuo agudo da mola e um segundo depois Kahlee arriou, inconsciente.

— Papai? — chamou Gillian, a voz tremendo. Os olhos estavam arregalados de medo e incompreensão.

— A menina! — vociferou Pel. — Rápido!

— Por favor, não — pediu Grayson, mas seu ex-parceiro nem mesmo se virou para ele. A mulher que lhe apontava a arma meneou de leve a cabeça, alertando-o para não se mexer.

O homem segurou o pulso de Gillian e estendeu rudemente seu braço. A cara da garota se torceu de agonia com o toque e ela soltou um grito longo e estridente. Sem se importar, o sujeito encostou o dispositivo em sua pele e soltou outra dose do narcótico de ação rápida. O grito de Gillian foi interrompido e suas feições ficaram flácidas enquanto desmaiava nos braços do homem.

Ele a baixou até que ficasse deitada no chão, não com gentileza, mas com cuidado. Depois se aproximou de Grayson.

— Ele pelo menos explicou por quê? — perguntou Grayson, imóvel enquanto o homem estendia a pistola e a pressionava na lateral de seu pescoço.

— Não recebemos mais ordens do Homem Ilusivo — respondeu Pel.

Houve o som agora familiar da mola se soltando e o mundo escapou antes que Grayson tivesse a oportunidade de perguntar o que ele queria dizer com isso.

Ele não tinha ideia de quanto tempo tinha se passado antes de finalmente voltar a si, mas parecia terem sido pelo menos várias horas. O desejo familiar de cheirar areia estava presente, à espreita, mas era mais mental do que físico. A areia vermelha era uma droga que tendia a ser eliminada do corpo rapidamente. Em geral, os sintomas físicos da abstinência desapareciam em 12 a 16 horas.

Isso provavelmente era bom, considerando que agora se via prostrado no chão do que parecia uma cela improvisada. Havia uma porta, presumivelmente trancada, na outra parede, e a única iluminação vinha de uma lâmpada de LED de alta eficiência no teto. A sala não tinha móvel ou qualquer objeto de decoração, embora houvesse uma pequena câmera instalada no canto para vigiá-lo.

Sentando-se com esforço, Grayson levou um momento para que a mente ainda grogue registrasse o fato de que não estava sozinho. Kahlee estava sentada de costas na parede, no canto oposto.

— Acho que afinal seu amigo vai nos entregar à Cerberus — anunciou ela.

Ele ficou confuso por um momento, até perceber que Kahlee não ouvira seu último diálogo com Pel. Ainda pensava que ele era traficante de drogas e não fazia ideia de para quem Grayson realmente trabalhava.

— Acho que ele não está trabalhando com a Cerberus — admitiu, imaginando que uma pequena informação não podia fazer mal. — Sabe o que aconteceu com Gillian?

Ela balançou a cabeça.

— Não a vi, nem Hendel.

Grayson mordeu o lábio, pensando intensamente.

— Pel sabe que eles são bióticos — murmurou. — Deve estar tomando precauções a mais com os dois. Provavelmente os mantêm inconscientes até que...

Ele se interrompeu, percebendo que não sabia o que Pel planejava para eles.

— Você verificou a porta? — perguntou Grayson uns instantes depois.

— Eles desconectaram o painel de acesso. Só abre de fora. — Ela se mexeu e cruzou as pernas, tentando encontrar uma posição mais confortável no chão duro. — Alguma ideia de como vamos sair dessa?

A única resposta que pôde lhe oferecer foi um gesto negativo de cabeça. Não havia mais nada a dizer e, assim, ficaram sentados por uns bons dez minutos antes que a porta se abrisse com um silvo alto, assustando a ambos.

Pel entrou na cela, acompanhado de dois guardas armados, e colocou uma pequena cadeira de madeira no meio do espaço. Enquanto se sentava, os guardas assumiram posição de cada lado da porta, que continuava aberta.

— Imaginei que eu lhe devia alguma explicação, depois de tudo por que passamos — anunciou.

— Onde está minha filha? — exigiu Grayson com raiva, sem se importar de dar ouvidos às tentativas de Pel de justificar a traição.

— Não se preocupe, ela está em segurança. Não queremos machucá-la. É valiosa demais. O mesmo vale para seu amigo — acrescentou, virando-se para Kahlee.

— Quanto a Cerberus está pagando a você? — perguntou ela.

Pel riu e Grayson sentiu o estômago se apertar.

— A Cerberus paga muito bem — admitiu o grandalhão. — Não é verdade, Matador?

Kahlee se virou para ele, mas Grayson não conseguiu encará-la nos olhos.

— Então Hendel tinha razão — disse ela, sua voz desesperançada e derrotada em vez de colérica enquanto lhe ocorria a verdade. — Você e Jiro estavam trabalhando juntos. Como um pai pode fazer isso com a própria filha?

Grayson nem mesmo pensou em se defender, alegando que não era o verdadeiro pai de Gillian. Não havia ligação biológica entre os dois, mas ele a criara desde bebê. Por dez anos tinha cuidado dela sozinho, ensinando e alimentando-a até ser admitida no Projeto Ascensão. Ela foi, e ainda era, o centro e a totalidade de seu mundo. Para Grayson, não havia dúvida de que ela era verdadeiramente sua filha. Se não fosse, tudo teria sido muito mais fácil.

— Eu jamais quis que fosse assim — disse ele em voz baixa. — Gillian é especial. Só estávamos tentando ajudá-la a utilizar suas capacidades bióticas. Só queríamos que ela alcançasse seu pleno potencial.

— Meio parecido com seu Projeto Ascensão, não é? — disse Pel a Kahlee, sorrindo.

— Jamais faríamos qualquer coisa que colocasse em risco a vida de um aluno! — rebateu a mulher, enfim mostrando alguma raiva. — Nada vale esse risco!

— E se isto significa ajudar dezenas... Ou até milhares... De outras vidas? — perguntou Grayson em voz baixa. — E se seu filho tivesse o potencial de ser o salvador de toda a raça humana? Quanto isso vale? O que você arriscaria?

— Em outras palavras — intrometeu-se Pel, ainda sorrindo —, se você quiser fazer uma omelete, precisa quebrar alguns ovos.

— Eles não são ovos! — gritou Kahlee. — São crianças!

— Nem todo mundo pode ser salvo — disse Grayson, repetindo as palavras do Homem Ilusivo, embora fitasse o chão. — Se a humanidade quiser sobreviver, devemos fazer sacrifícios pelo bem maior. A Aliança não compreende isso. A Cerberus, sim.

— É isso o que somos? — perguntou Kahlee, sua voz cheia de desdém. — Mártires para a causa?

— Na verdade, não — falou Pel, interrompendo alegremente mais uma vez. — Veja bem, a Cerberus paga bem. Mas os Coletores pagam melhor.

— Pensei que fossem só um mito — murmurou Kahlee, como se desconfiasse de que Pel brincava com ela.

— Ah, eles são reais. Estão pagando um bom dinheiro por bióticos humanos saudáveis. Vamos ganhar o suficiente com a menina e seu amigo para viver como reis pelo resto da vida.

— O que os Coletores querem com eles?

Pel deu de ombros.

— Imagino que seja melhor não conhecer todos os detalhes sórdidos. Pode me dar pesadelos. Você sabe bem como é isso, não sabe, Matador?

— Você é um traidor da causa. Um traidor de toda a raça humana.

— A Cerberus conseguiu fisgá-lo para valer, hein — comentou Pel com uma gargalhada. — Sabe de uma coisa? Se todos os agentes deles fossem assim tão dedicados, O Homem poderia mesmo alcançar alguma coisa. Mas a verdade é que é da natureza humana pensar apenas em si mesmo. Que pena que você nunca entendeu isso.

— O que vai acontecer conosco? — perguntou Kahlee.

— Imagino que os Coletores pagarão uma pequena bonificação por você, benzinho, vendo que é uma especialista em biótica humana. Quanto a meu velho amigo aqui, vamos entregá-lo de graça. Deve nos ajudar a ganhar algum tempo para desaparecer antes que a Cerberus deduza o que aconteceu.

— O Homem perseguirá vocês como cães — rosnou Grayson.

Pel se levantou da cadeira.

— Com a recompensa que estão oferecendo, este é um risco que estou disposto a correr.

Ele apontou para Kahlee.

— Coloque-a com os outros dois — ordenou. — Se deixarmos os dois sozinhos, ela provavelmente vai arrancar os olhos dele.

Um dos guardas se aproximou e colocou Kahlee de pé, arrastando-a para fora da cela.

Pel, levando a cadeira, parou pouco antes de fechar a porta.

— Não é nada pessoal, Matador — falou, como sempre tendo a última palavra.

DEZESSEIS

Pel seguiu o guarda e Kahlee pelo corredor até a sala na outra extremidade, depois abriu a porta para que pudessem jogá-la para dentro. A mulher ofegou quando viu as duas figuras que jaziam imóveis no chão.

— Relaxa, benzinho — disse Pel com uma piscadela. — Estão só inconscientes.

O guarda a atirou na sala e a porta deslizou, fechando-se antes que ela pudesse responder.

— Fiquem de olho nas câmeras — alertou Pel aos dois guardas encarregados da vigilância dos monitores que mostravam o interior de cada cela. — Se qualquer um desses bióticos se mexer dormindo, deem outra dose do suquinho de boa noite. Não vamos nos arriscar com eles.

Eles fizeram que sim e Pel os deixou ali, indo para sua cama no primeiro andar. Já passava da meia-noite e estava pronto para dormir um pouco.

É claro que primeiro precisava atravessar o labirinto enlouquecedor do interior do prédio. Como se espelhasse as ruas do distrito, o armazém fora construído como um labirinto confuso de corredores e escadas. Era, na realidade, necessário pegar um lance de escada para o primeiro andar, virar várias vezes alternadamente à esquerda e à direita por corredores que se ramificavam, depois subir outro lance ao pequeno patamar que dava na garagem e finalmente pegar o terceiro lance, descendo ao salão comum que eles converteram em quartel.

— Chegou uma mensagem de Golo há algum tempo atrás — informou-lhe Shela, extraoficialmente a segunda em comando, assim que Pel finalmente alcançou seu destino.

Ela estava sentada na beira do beliche, retirando as botas e se preparando para dormir. Além dos dois guardas estacionados para vigiar os prisioneiros e aqueles que patrulhavam a garagem, todos os outros já estavam dormindo.

— Ele tem uma atualização sobre quando os Coletores devem aparecer?

Shela meneou a cabeça.

— Quando perguntei, ele só disse que nos procurarão quando estiverem prontos. Falou que precisamos ter paciência.

Sentando-se com um suspiro cansado, Pel perguntou:

— Então, por que ele ligou?

— Queria nos avisar. Disse que há outro quarian que vai tentar entrar furtivamente no prédio amanhã à noite. Ele nos mandou todos os detalhes.

Pel ergueu uma sobrancelha, surpreso. Golo podia ser um baixote quarian covarde, traiçoeiro e falso, mas era danado de engenhoso.

— Tudo bem, vamos pensar em alguma coisa para cuidar dele amanhã.

— E o outro lá embaixo, no porão?

Com toda a empolgação da chegada de Grayson, Pel quase se esquecera do piloto quarian que tinham capturado na *Cyniad*. Finalmente conseguiram fazer com que entregasse a informação que queriam, mas ele duvidava de que conseguissem extrair mais alguma coisa. Entre a tortura e a febre das doenças que havia contraído quando Golo quebrara sua máscara, o prisioneiro quarian fora reduzido a um louco que balbuciava incoerências. É claro que agora que romperam todos os vínculos com a Cerberus, tudo isso era uma perda de tempo. Pelo menos permitira que Shela lhe mostrasse algumas técnicas de interrogatório novas muito interessantes.

— Não temos utilidade para ele agora. Elimine-o de manhã — comandou Pel.

— Ele estava muito mal da última vez que o vi — observou Shela. — Não acredito que aguentará até lá.

— Que tal uma fezinha?

— Vinte créditos em que ele não verá o nascer do sol.

— Combinado.

Enquanto Pel se curvava para firmar a aposta, todo o prédio foi abalado pelo barulho de múltiplas explosões de escopeta disparadas em sucessão. O barulho vinha do andar acima deles.

Lemm era jovem, mas não era burro. Sabia muito bem que não devia confiar em Golo e assim, depois que o outro quarian foi dormir, o rapaz saiu de mansinho de seu apartamento e voltou para os telhados no distrito Talon. Imaginou que haveria uma chance de 50 por cento de Golo estar mais envolvido com os humanos do que admitia e não pretendia entrar numa emboscada. A melhor maneira de evitar a possibilidade era atacar um dia antes. Se Golo não tivesse dado a dica aos humanos, faria pouca diferença. Mas, se os avisara, Lemm agora tinha a vantagem, uma vez que só o esperavam no dia seguinte.

Ele andou rapidamente pelos telhados, o sangue bombeando com a adrenalina enquanto seguia para o pequeno prédio de dois andares que estivera observando mais cedo. O espaço era precioso em Omega e, assim, percorrer de um prédio ao seguinte exigia pouco mais do que um salto de 4 ou 6 metros para atravessar o espaço entre eles. Mesmo com a mochila cheia de equipamento nas costas, o maior perigo não era que ele caísse. Era na realidade a possibilidade de esbarrar nos habitantes de um dos prédios que tivesse saído para desfrutar o ar noturno

acima do fedor da rua. Se isso acontecesse, o encontro quase certamente terminaria com alguém sendo baleado.

Felizmente, ele passou por ali sem encontrar ninguém, rolando para absorver o impacto e abafar o barulho ao dar o último salto do prédio de três andares ao lado do armazém ao telhado 3 metros abaixo.

Lemm se levantou e parou, procurando ouvir algum barulho que indicasse ter sido localizado. Sem ouvir nada de incomum, foi à beira do telhado, olhando a grande janela abaixo dele.

Era impossível enxergar pelo vidro espelhado. Mas o rapaz não estava interessado no que havia por trás da janela — pelo menos, ainda não. Em vez disso, pegou a omnitool no cinto e acendeu a lanterna. O fecho mínimo de luz suave lhe permitiu localizar os pequenos emissores infravermelhos do lado de fora do caixilho da janela. Mexendo num ajuste da omnitool, ele a usou para interferir no sinal sem fio, anulando o sistema de alarme.

A janela não tinha tranca e Lemm teria de criar sua própria abertura. Ele abaixou a mochila do ombro e a colocou no telhado, depois vasculhou seu conteúdo até encontrar o cortador de vidro. O laser de feixe estreito cortou a janela com um gemido agudo que mal podia ser ouvido. Retirou um pedaço pequeno do canto superior, com tamanho suficiente para uma pequena câmera de vídeo na ponta de um arame rígido se meter por ali e espiar em volta.

As imagens da câmera eram transmitidas para o leitor de sua omnitool, revelando o que esperava por ele do outro lado. A janela ficava na ponta de um corredor. Várias portas que pareciam ser de salas de depósito apareciam dos dois lados. Na extremidade havia uma pequena mesa, onde dois guardas armados jogavam cartas e lançavam olhares ocasionais a uma fila de monitores instalados na mesa.

Usando a ampliação da câmera, Lemm olhou mais de perto as imagens nos monitores. Eram seis no total: quatro mostravam celas vazias, mas uma das salas tinha uma figura solitária embolada num canto e outra mostrava três ocupantes, dois deitados no chão e o terceiro sentado entre eles.

Lemm retirou a câmera rapidamente. Era evidente que as salas de depósito tinham sido convertidas em celas e os guardas eram encarregados de vigiar os prisioneiros. Não havia polícia nem agentes da lei em Omega, e assim só restava uma explicação racional.

Mercadores de escravos. E tinha uma boa ideia de quem seriam os escravizados.

Enfurecido ao ver seus companheiros quarians enjaulados como animais, Lemm guardou a câmera, pendurou a mochila nos ombros, preparou sua escopeta e se abaixou bem no telhado até estar equilibrado precariamente no ressalto estreito da janela. Desta vez, não se incomodou em usar o cortador de vidro, simplesmente se lançou para a frente, dependendo do tecido resistente do traje espacial para protegê-lo dos cacos de vidro.

Seu ímpeto o colocou dentro do corredor, onde bateu no chão, rolou e se levantou atirando. Nenhum dos dois guardas esperava o ataque e ele os pegou completamente desprevenidos. A maior parte das duas rajadas de sua escopeta foi desviada pelos escudos cinéticos de seus trajes de combate, mantendo-os vivos por tempo suficiente para se colocarem de pé. Mas a terceira e a quarta rajadas mataram os homens antes que tivessem uma chance de sacar a arma, jogando os corpos para trás com tal intensidade que bateram na mesa, quebrando os monitores no chão.

Sabendo que precisava agir rapidamente, Lemm voltou a atenção às celas. Quatro delas estavam vazias, de portas abertas. Bateu a mão no painel de acesso da porta fechada mais próxima, na esperança de que não estivesse protegida por um código de segurança. Para seu alívio, ela se abriu, revelando a sala com as três figuras. E foi quando Lemm percebeu que tinha cometido um erro terrível.

Eles não eram quarians: os prisioneiros eram humanos! Um homem e duas mulheres. *Não*, sua mente o corrigiu: *um homem, uma mulher e uma menina*. A mulher colocou-se de pé num salto quando o viu, mas os outros não se mexeram. Para sua grande surpresa, Lemm pensou tê-la reconhecido.

— Você é Kahlee Sanders?

Ela confirmou rapidamente.

— Quem é você?

— Agora não — falou Lemm, sua mente voltando à planta arquitetônica que havia memorizado. — Só temos mais ou menos um minuto até que os reforços cheguem aqui. Vamos.

— Não posso deixá-los — disse ela, apontando para os dois no chão.

A menina era pequena o suficiente para ser carregada, mas o outro era muito maior do que Lemm ou Kahlee. Ele correu até o sujeito e baixou sobre um joelho, passando rapidamente sobre ele sua omnitool.

— Acho que posso despertá-lo — disse. — Pegue as armas dos guardas lá fora e solte seu amigo da outra cela.

— Deixe-o aqui. — A voz de Kahlee estava cheia de veneno. — É um deles.

Lemm pegou uma seringa de reforço em sua mochila e administrou ao homem inconsciente enquanto Kahlee desaparecia no corredor. Quando voltou com os fuzis de assalto dos guardas, o homem gemia e tentava se sentar.

— Ajude-me a colocá-lo de pé.

Kahlee baixou as armas e se aproximou. Juntos, conseguiram erguer o grandalhão do chão. Para alívio de Lemm, ele de fato era capaz de ficar em pé sozinho.

— Qual é o nome dele?

— Hendel — respondeu Kahlee.

— Hendel! — gritou Lemm, na esperança de penetrar os narcóticos que ainda toldavam sua mente. — Meu nome é Lemm! Vamos tirar você daqui! Entendeu?

O grandalhão fez que sim, embora o ato lhe provocasse certo desequilíbrio. Lemm percebeu que mesmo que acordasse a menina, ela provavelmente ficaria uns bons vinte minutos sem forças para andar.

— Iremos mais rápido se eu carregar a pequena — disse Lemm.

Kahlee assentiu e o quarian ajeitou a mochila, abaixou-se e pegou a menina no colo com o braço esquerdo, carregando-a sobre seu ombro como um saco de farinha. Ela era mais pesada do que parecia e mesmo com a mão direita livre e o peso da mochila equilibrando a carga, ele sabia que seria difícil carregá-la e ainda atirar com eficácia.

— A Aliança ensinou você a lidar com um desses? — perguntou a Kahlee, tombando a cabeça para os fuzis de assalto no chão.

Ela confirmou e se abaixou para pegá-los.

— Como sabe que fui da Aliança?

— Mais tarde — respondeu ele. — Precisamos sair.

Kahlee entregou uma das armas a Hendel, mas ela escorregou por suas mãos e caiu no chão.

— Esqueça isso — disse Lemm. *De qualquer modo, ele seria capaz de errar um prédio agora.* — Venha comigo! — acrescentou, gritando na esperança de que o sujeito dopado respondesse à sua voz.

Ele os levou pelos corredores sinuosos, sabendo que a melhor chance de todos era alcançar um dos veículos na garagem. Infelizmente, o inimigo provavelmente também sabia disso.

Quando chegaram à escada que levava ao primeiro andar, ele lançou um rápido olhar para trás. Hendel conseguia acompanhá-lo, graças em parte a Kahlee, que o puxava e de certo modo o carregava pelo caminho. Com a menina ainda jogada no ombro, os quatro desceram atrapalhados a escada, atravessando um pequeno patamar e entrando na garagem. Vários contêineres e engradados de todos os tamanhos estavam empilhados ao acaso pelo espaço: uma cobertura perfeita para qualquer guarda que esperasse numa emboscada.

— Por ali — disse Kahlee, apontando uma pilha de caixas de metal no canto da parede do outro lado. — Vocês três correm para lá. Vou me deitar e dar cobertura.

Lemm fez que sim e partiu, andando com a maior rapidez possível com sua carga desajeitada. Por um breve momento teve consciência de Hendel se arrastando atrás dele, depois um movimento do outro lado da sala atraiu sua atenção.

Uma mulher apareceu de trás de um dos engradados, apontando a arma em sua direção. Ele percebeu, apavorado, que embora seu escudo cinético lhe garantisse certa proteção, a menina e Hendel estavam inteiramente vulneráveis. Antes que a mulher conseguisse disparar um tiro, porém, Kahlee soltou uma rajada de balas que a obrigou a se abaixar novamente.

Pelo canto do olho, Lemm viu um homem meio escondido nas caixas à direita. O humano disparou sua pistola enquanto eles corriam por menos de 4 metros de distância, concentrando os tiros em Lemm em vez de pegar Hendel ou a garota. O quarian retaliou com dois disparos sem mira que ecoaram como trovão no armazém imenso.

A esta distância, a precisão não importava: os sistemas de mira automática das duas armas garantiam tiros diretos. As barreiras cinéticas de Lemm desviaram todos os tiros da pistola, exceto um que se incrustou sem causar danos no ombro acolchoado de seu traje de combate e outro que rasgou o canto da mochila. Seu adversário não teve tanta sorte. A rajada concentrada da escopeta venceu os escudos e alguns projéteis penetraram as barreiras cinéticas. O impacto abriu grandes buracos na carne exposta de seu rosto e das mãos, e o humano caiu no chão, sem vida.

E logo o grupo entrava na segurança atrás dos contêineres. Lemm rapidamente soltou a mochila do ombro e baixou a menina no chão, depois se ergueu para dar cobertura a Kahlee. Percebendo o que o rapaz fazia, ela disparou pelo armazém na direção deles, de cabeça baixa.

Uma escopeta não era a melhor arma para criar um campo de tiros de cobertura. Ao contrário de um fuzil de assalto, não disparava uma rajada interminável de balas. Mas Lemm se lembrou onde estava escondida a mulher que aparecera antes. Se fosse tola o bastante para olhar novamente sem mudar de posição, ele a teria em sua mira.

A mulher fez exatamente isso e Lemm apertou o gatilho no instante em que sua cabeça entrou no campo de visão. O eco do disparo da escopeta soou mais uma vez e o engradado que ela usava como proteção se deslocou com o impacto da bala. As barreiras cinéticas salvaram sua vida, absorvendo a nuvem compactada de projéteis. A mulher mais uma vez se abaixou atrás de sua proteção. Lemm duvidava de que cometeria o erro de se mostrar exatamente no mesmo lugar pela terceira vez.

Kahlee parou numa derrapada ao lado dele, respirando com dificuldade. Quase no mesmo instante outros dois guardas, um homem e uma mulher, chegaram de rompante no armazém pela mesma entrada por onde passaram alguns segundos antes. Uma barragem coordenada de tiros de escopeta e fuzil de assalto os obrigou a correr de volta ao canto.

— Eles vão contornar para o outro lado — avisou Lemm, lembrando-se de que havia duas entradas no armazém, o patamar acima e as grandes portas para os veículos na outra parede. — Vão tentar nos pegar pelos flancos.

— Acha que consegue chegar até os rovers? — perguntou Kahlee, apontando os dois veículos estacionados no espaço aberto perto do centro da garagem.

— Não tem muita cobertura. Terei de tentar chegar ao outro lado. Dá para você resistir aqui?

— Por um tempinho. Alguma ideia de quantos estamos combatendo?

— Eles começaram com nove, pelo que sei. Dois mortos em cima, mais um aqui embaixo.

— Seis contra dois — murmurou Kahlee. — Sem um daqueles rovers, não teremos muitas chances.

Hendel resmungou alguma coisa que nenhum dos dois entendeu. Ele parecia mais alerta, mas suas palavras continuavam incompreensíveis enquanto a dose de reforço combatia as drogas que ainda tomavam seu sistema.

— Fique aqui comigo e com Gillian — falou Kahlee, dando um tapinha em sua coxa. — E mantenha a cabeça baixa.

Espiando por um pequeno espaço entre o muro de caixas que os protegiam de fogo inimigo, Lemm tentou planejar uma rota de um ponto de cobertura a outro que por fim o levasse ao veículo. Era possível, mas precisava continuar em movimento. E Kahlee precisaria ficar muito atenta.

Enquanto Lemm se perguntava se ela seria apta à tarefa, outro traficante de escravos apareceu na porta que tinham usado para entrar na garagem. Kahlee se ergueu de trás da cobertura e o pegou com uma rajada curta e precisa de seu fuzil de assalto.

Agora são cinco contra dois.

— Tudo bem, estou pronto — falou o quarian, respirando fundo.

— Boa sorte — respondeu ela. Não se virou para olhá-lo, mantendo a atenção no campo de batalha.

Enquanto ele disparava das caixas, ela atirou.

Grayson ouviu as rajadas de escopeta no corredor, mas não sabia o que deduzir delas. Alguns minutos depois, escutou um tiroteio de longe, embora imaginasse que fosse dentro do prédio.

Alguém está atacando a base. Agora é minha chance de sair daqui.

Ele estava preso numa sala de depósito, não numa cela de verdade, e as paredes que o aprisionavam não passavam do equivalente turian de um revestimento de gesso. Levantando-se, foi a uma das paredes laterais e começou a bater o calcanhar com força na superfície.

Se os guardas ainda estivessem lá fora, veriam o que estava fazendo pelas câmeras. Mas Grayson contava que estivessem distraídos com outra coisa.

Depois de mais alguns chutes fortes, seu pé atravessou ao outro lado. Ele pôs o olho no buraco para ver o que estava além. Era outra cela improvisada, muito parecida com a dele. Mas estava vazia e a porta de aço que levava ao corredor estava aberta.

Ele continuou a investir contra a parede e cinco minutos depois tinha quebrado o bastante do material para passar por ali. Ninguém apareceu para vê-lo durante a fuga lenta, portanto presumiu que não havia guardas por perto. Com base no tiroteio contínuo em algum lugar no prédio, imaginou que teriam ido ajudar a combater os atacantes. Ao sair no corredor e ver os dois corpos, percebeu que estava enganado.

Uma rápida olhada em volta lhe informou quase tudo que precisava saber. Todas as outras celas estavam vazias; Gillian e os demais se foram. Alguém evidentemente os tirara dali... Embora ele nem mesmo pudesse começar a imaginar quem poderia ser.

Quem quer que fosse, teve a gentileza de me deixar um fuzil de assalto, pensou, pegando a arma descartada no chão de uma das celas.

Grayson não sabia onde estava, mas sabia aonde queria ir: precisava encontrar Gillian. O jeito mais lógico de fazer isso era seguir o barulho do tiroteio.

Não levou muito tempo para perceber que esta tarefa era mais difícil do que parecia e logo ficou desesperadamente perdido na planta sem sentido do prédio.

Lemm corria de um lado a outro entre os contêineres, mudando de posição constantemente, parando e partindo de repente, sem jamais ficar muito tempo em um lugar só. Suas mãos agarravam a escopeta, mas ele não procurava disparar em ninguém — simplesmente tentava alcançar os veículos.

Kahlee fazia o melhor que podia para dar cobertura, mas estava em número muito menor. A única vez em que ele se atreveu a parar por tempo suficiente para olhar para trás, viu dois mercadores de escravos atirando nela de posições protegidas atrás de uma pilha de contêineres no chão e outros dois, recém-chegados, disparando para ela do pequeno patamar que dava para a garagem.

As duas equipes coordenavam os ataques, sem jamais dar a ela uma oportunidade de revidar. Mas isso não a impedia de erguer a cabeça de vez em quando e disparar.

Uma coisa corajosa de se fazer, considerando que ela nem mesmo tem escudo.

Com Kahlee ocupando quatro dos cinco mercadores de escravos, restava apenas um para ele. Infelizmente, Lemm não sabia onde estava o inimigo. Sempre que corria para espaço aberto, podia estar se colocando em uma rajada de tiros letais de um fuzil de assalto.

Não pense nisso. Concentre-se no veículo. Você está quase lá.

Só um curto trecho do piso exposto ainda o separava dos rovers. Mais uma rápida corrida e tudo estaria acabado, de uma maneira ou de outra.

Ele saiu de sua proteção e correu para o veículo. A quinta guarda esperava por ele, aparecendo de trás de um engradado a 6 metros de distância enquanto ele passava. A humana abriu fogo à queima-roupa em seu flanco e nuvens de concreto voaram do chão enquanto ela disparava baixo, onde os escudos cinéticos dele eram mais vulneráveis, tentando pegar as pernas.

De cabeça baixa, Lemm sabia que sua melhor chance de sobrevivência era continuar correndo. Estava a meio passo da segurança quando uma bala de ponta oca penetrou sua panturrilha esquerda. Espalhou-se e depois se dividiu no impacto, provocando uma rajada de fragmentos de metal pela perna, abaixo do joelho, estraçalhando músculos e tendões. Gritando

de agonia, ele se lançou para a frente, a escopeta caindo da mão. Seu ímpeto lhe permitiu dar mais dois passos desequilibrados e trôpegos que o levaram por uma distância suficiente para colocar o rover blindado entre ele e sua atacante antes de desabar no chão.

Lemm rolou de costas, segurando a polpa ensanguentada abaixo do joelho que antes era sua perna. Ouviu passos se aproximando e percebeu que a escopeta ficara para trás, deslizando pelo chão quando a deixou cair depois de ser alvejado.

Um segundo depois a mulher se materializou, contornando a frente do veículo. A humana sorriu e apontou a arma para ele.

E então, de repente, ela estava voando pela sala.

Lemm seguiu a trajetória de seu corpo, que descreveu um arco alto pelo ar, bateu em uma das paredes e se espatifou no chão. Ela ficou prostrada ali, imóvel, o pescoço torcido em um ângulo horrendo. Foi só quando ouviu Hendel gritar que ele percebeu o que tinha acontecido: o homem era biótico!

— O rover! Rápido!

O quarian sabia que Hendel levaria 30 ou 40 segundos para se recuperar o suficiente e usar a biótica mais uma vez... Tempo que eles não tinham. Cerrando os dentes e na esperança de não desmaiar de dor, Lemm usou o para-choque dianteiro do rover para se levantar. De pé sobre a perna boa, abriu a porta do motorista e se esgueirou para dentro. Bloqueando a dor o máximo que podia, ele precisou de meio minuto para ativar os códigos de operação e ligar o motor.

O veículo não tinha para-brisas. Mais parecia um transportador blindado, com uma tela de navegação no interior que lhe informava o layout de suas cercanias. As criaturas orgânicas captadas pelos sensores infravermelhos e ultravioleta do veículo apareciam como pontos pequenos na tela de navegação, revelando a localização de todos no depósito, tanto amigos como inimigos.

O rover não estava equipado com armas, mas era quatro toneladas de metal à prova de balas. O rapaz engrenou o veículo, os pneus deixando rastros de borracha preta e fumarenta no piso da garagem enquanto arrancava e rodava num círculo louco, lutando com o volante em sua pressa.

Ele deu uma guinada para uma pilha de engradados, fazendo as pesadas caixas de metal voarem. Girou o volante e pisou no acelerador. Ignorando a dor agonizante de sua perna esquerda ferida batendo na porta lateral, foi diretamente para Kahlee e os demais.

Pelo caminho, avançou pelos contêineres que proporcionavam cobertura para os dois mercadores de escravos restantes no chão, triturando-os sob suas rodas antes de fazer o rover parar numa derrapada, a centímetros de atropelar Hendel.

Lemm abriu a porta e o biótico subiu no banco traseiro do veículo, com a garota ainda inconsciente agarrada com força em seus braços enquanto Kahlee se deitava e lançava outra rajada de tiros de cobertura nos dois mercadores de escravos sobreviventes no alto do patamar.

Eles devolveram o fogo, o barulho dos tiros ricocheteando no teto e no casco blindado numa constante sinfonia metálica.

— Estão armando um lança-foguetes! — gritou Kahlee, jogando a mochila de Lemm na traseira com Hendel enquanto entrava nos bancos da frente do veículo. — Tire a gente daqui!

— É melhor você dirigir. — Lemm ofegava entre dentes ao tentar deslizar desajeitado para o banco do carona.

Ela olhou sua perna mutilada e o empurrou, tirando-o do caminho ao deslizar para trás do volante, fazendo-o gritar de dor.

— Desculpe! — gritou ela, batendo a porta e engatando a ré no rover.

Kahlee pisou no acelerador e eles partiram de ré. Um projétil veloz apareceu na tela de navegação: um míssil disparado do lança-foguetes. Lemm pensou que era o fim para todos eles, mas Kahlee girou o volante para a direita no último segundo possível. Em vez de explodir o rover, o míssil atingiu o chão ao lado deles. Houve um estouro grave causado pela detonação e o veículo deu um pinote, as rodas daquele lado se erguendo e caindo com estrondo no chão.

De algum jeito Kahlee manteve o controle, usando a tela de navegação para se orientar ao correrem de marcha a ré pela garagem, ganhando velocidade rapidamente. Lemm ficou apavorado ao ver que ela estava prestes a se jogar a toda na pesada porta da garagem.

— Segurem-se todos! — avisou ela. — Vai doer!

Eles bateram na porta com força suficiente para arrancar uma lateral parcialmente dos trilhos, o metal se torcendo em sua estrutura. A traseira do rover amassou, absorvendo o grosso do impacto. Todos em seu interior foram jogados no encosto de seus bancos quando a desaceleração repentina do impacto os fez parar de imediato.

A perna de Lemm bateu no painel quando ele quicou dentro do veículo e o quarian gritou novamente, esforçando-se para não perder a consciência. Olhou para Kahlee, que tombava de lado em seu banco, momentaneamente tonta do impacto.

— Kahlee! — berrou ele. — Você precisa dirigir!

Sua voz a trouxe de imediato à consciência. Sentando-se e balançando a cabeça, ela desceu o pé no acelerador. O veículo arremeteu, ainda de ré, e bateu novamente na porta. Kahlee continuou acelerando o motor, tentando forçar a passagem pela prancha de metal retorcido que bloqueava sua fuga.

— Anda, seu desgraçado! — xingou ela. — Me dê tudo o que tem!

A porta entortou e resistiu sob a pressão incansável dos pneus agitados do rover, mas se recusou a ceder completamente, deixando-os como alvo fácil para o inevitável próximo ataque do lança-foguetes.

Isto NÃO está acontecendo!

O pensamento girava na cabeça de Pel desde que ouvira o primeiro tiro de escopeta no quartel.

Gritando para sua equipe sair dos beliches e ir para o depósito a fim de bloquear aquela via de escape, ele e Shela, a única outra integrante da equipe que não estava na cama, pegaram suas armas e correram para cima. Ao chegarem, encontraram os guardas mortos e os prisioneiros bióticos desaparecidos.

Correndo de volta ao patamar que dava para o depósito, assumiram uma posição elevada sobre o campo de batalha, disparando onde a mulher, Kahlee, mantinha a base defensiva. Havia um lança-foguetes parcialmente montado no patamar: um novo acréscimo às defesas do armazém. Ele se debateu brevemente se deveria recorrer a ele, depois decidiu que não. Ainda queria tentar recapturar um dos bióticos vivos para entregar aos Coletores.

Não demorou muito para que se arrependesse da decisão. De seu posto de observação acima da ação, Pel tinha uma visão perfeita do resto de sua equipe sendo abatido por um misto dos tiros de Kahlee, a biótica de Hendel e um de seus próprios rovers enlouquecidos.

Isto NÃO está acontecendo, pensou mais uma vez. Gritou para Shela:

— Arme o lança-foguetes! Derrube o veículo!

Ela se apressou a prepará-lo enquanto Pel disparava em vão nos prisioneiros que entravam no rover, a posição do veículo impedindo que tivesse um alvo claro. Agora só havia um jeito de detê-los e não envolvia pegar nenhum deles vivo.

— Armado e pronto! — gritou Shela enquanto o rover acelerava para longe deles de marcha a ré.

— Dispare, merda!

O míssil partiu para o veículo, mas o alvo deu uma guinada no último segundo e o foguete explodiu no chão da garagem sem causar dano algum. O rover ainda acelerava, depois bateu na porta de aço reforçado com um estrondo ensurdecador. A porta se entortou, mas aguentou.

— Acabe com eles! — gritou Pel, e Shela mirou o lança-foguetes para um segundo tiro definitivo.

*

Grayson percorreu os corredores e escadas desconhecidos por quase dez minutos, desesperadamente perdido.

Talvez toda aquela areia vermelha tenha estragado seu senso de orientação com o passar dos anos.

A única coisa que o fazia continuar era o fato de que o tiroteio ficava cada vez mais próximo e o conhecimento de que quem retirou os outros também levaria Gillian.

Estava a ponto de esmurrar outra parede, frustrado, quando ouviu uma explosão inacreditavelmente alta, como de uma granada ou lança-foguetes, seguida por um estrondo tremendo que veio de baixo, pouco à frente. Agindo rapidamente, mas em silêncio, fez a curva e viu-se em um pequeno patamar que dava para uma garagem grande de dois andares.

Engradados e contêineres estavam espalhados pelo chão abaixo do patamar, junto com vários corpos. Na extremidade, um veículo evidentemente tinha batido na porta da garagem. E no patamar, a menos de 3 metros de distância e de costas para ele, estavam Pel e uma mulher que ele não conhecia. A mulher tinha um lança-foguetes apoiado sobre o ombro.

O motor do veículo começou a girar ao tentar forçar passagem pela porta. Em vista da situação, Grayson tinha quase certeza de que Gillian e os demais estavam dentro dele.

— Acabe com eles! — gritou Pel e a mulher apontou a arma.

Grayson abriu fogo com o fuzil de assalto. Não hesitou em baleiar a mulher pelas costas. A rajada atravessou os escudos, retalhou a armadura corporal e transformou em hambúrguer tudo entre suas omoplatas e o cinto. O lança-foguetes caiu de suas mãos inertes e ela cambaleou contra a grade do patamar, na altura de sua cintura. Outra rajada de Grayson a fez virar pela grade e cair no chão abaixo.

Pel já girava o corpo, tentando apontar o fuzil de assalto, quando Grayson disparou novamente. Concentrou-se no braço direito de Pel, os tiros quase o decependo do ombro e arrancando o fuzil de sua mão, fazendo-o voar por cima da grade.

Seu ex-parceiro caiu de joelhos, os olhos vidrados de choque enquanto o sangue arterial esguichava do membro mutilado. Abriu a boca para falar, mas outra rajada de Grayson o silenciou para sempre. Foi a primeira vez em quase vinte anos que Pel não pôde dar a palavra final.

Um guincho horrível de metal retorcido do outro lado da garagem chamou sua atenção. Por sobre o ombro, viu que o rover conseguira se espremer por um canto da porta, torcendo-a para cima e para fora. Grayson observou, imóvel, o veículo se espremer pela abertura, o rover explodindo para o outro lado como se a garagem tivesse lhe dado à luz.

Nos sessenta segundos seguintes ele não se mexeu, procurando com cuidado ouvir ruídos de outros sobreviventes. Só o que escutou foram os motores do rover cada vez mais fracos acelerando para a noite.

DEZESSETE

Dentro do veículo, Kahlee ouviu a porta de metal guinchar pelo teto blindado enquanto forçava passagem e saía pelas ruas escuras de Omega. Ainda dirigindo de ré, percorreu meia quadra, pisou nos freios e rodou o volante, provocando um giro de 540 graus. Terminou com eles de frente para o mesmo lado, mas não teriam mais de andar de ré.

Tinham escapado do depósito, mas a fuga só estaria completa quando deixassem Omega para trás.

— Você tem uma nave? — perguntou, dirigindo a indagação ao quarian no banco do carona.

— Vá para o espaçoporto — respondeu ele. — À direita, no final da quadra. Pegue a terceira à esquerda, depois a seguinte à direita. — Sua voz era tensa e aguda por trás da máscara.

Kahlee desviou a atenção da tela de navegação para dar uma olhada rápida em sua perna ferida. O ferimento parecia grave, mas não um risco imediato à vida do quarian.

— Hendel! — Ela chamou o homem no banco de trás. — Veja se encontra um kit médico aí atrás.

— Tem medigel... Em... Minha mochila. — O rapaz conseguiu dizer, ofegante, lutando contra a dor.

Kahlee não se atreveu a parar enquanto tratavam o ferimento. Felizmente, Hendel tinha treinamento básico de medicina de campo e cuidar de uma perna ferida enquanto quicava no rover seria bem fácil.

Seguindo as orientações do quarian, eles rapidamente deixaram para trás os prédios espremidos e saíram nos arredores das áreas de embarque do distrito. Correndo por espaço aberto, a tela de navegação captou três pequenas espaçonaves juntas na extremidade do espaçoporto.

— Lemm, qual delas é a sua? — perguntou Kahlee.

— A que você quiser. — A voz dele agora estava estranha. Ela notou que Hendel tinha imobilizado sua perna e a envolvido em ataduras estéreis para minimizar a exposição aos

germes. Enquanto isso, o medigel estaria atenuando a dor e ao mesmo tempo começando a curar e desinfetar o ferimento.

Ela parou o rover a alguns metros da câmara de compressão da nave mais próxima e saiu, depois voltou para ajudar o quarian ferido. Lemm deslizou cautelosamente do banco para a porta, depois se apoiou em Kahlee ao sair do veículo com a perna boa. Hendel saiu alguns segundos depois, carregando a ainda inconsciente Gillian num braço e segurando a mochila de Lemm na outra mão.

— Vejam só isso — murmurou ele, olhando pela janela de observação da estação a nave ancorada do lado de fora. Kahlee não pôde deixar de sorrir quando percebeu o que ele olhava: estavam prestes a roubar a nave de Grayson.

O quarian trabalhou na anulação do sistema de segurança da nave. Levou mais um minuto antes que a câmara de compressão se abrisse com um estalo fraco e a rampa de embarque descesse com um silvo suave de hidráulica.

Dentro da nave, Hendel colocou Gillian em um banco de passageiro. Reclinou o assento e a afivelou enquanto Kahlee ajudava Lemm a mancar até a cabine de comando.

— Sabe pilotar esta coisa? — perguntou ela.

Ele examinou os controles por alguns segundos, depois concordou com a cabeça.

— Acho que sim. Tudo me parece padrão.

O rapaz acomodou-se no banco do piloto e estendeu a mão enluvada de três dedos para o console. Kahlee de repente foi lembrada de que, embora os quarians parecessem vagamente humanos, por baixo dos arbitrajes e das máscaras de filtração eles definitivamente eram alienígenas. E este alienígena arriscara a vida para salvá-los.

— Obrigada — disse ela. — Devemos nossas vidas a você.

Lemm não reconheceu sua gratidão, mas perguntou:

— Por que eles os prenderam?

— Eles iam nos vender aos Coletores.

Ele estremeceu, mas não disse nada. Um segundo depois as telas entraram em operação.

— Nenhum sinal de uma perseguição imediata — murmurou.

— A Cerberus não desistiria tão fácil de nós — alertou Hendel ao entrar na cabine.

— Eles não estão trabalhando para a Cerberus — explicou Kahlee, lembrando-se de que Hendel não tinha participado da conversa na cela de Grayson. — Não trabalham mais. Acho que deduziram que podiam ganhar mais como agentes livres.

Foi só então que ela notou que Hendel ainda não se incomodara em perguntar por que Grayson tinha ficado para trás. *Ele deve odiá-lo ainda mais do que eu pensava.* Em vista de como as coisas se desenrolaram, não podia seriamente culpá-lo.

— Você tinha razão a respeito de Grayson — admitiu Kahlee. — Ele era agente da Cerberus. Devia estar trabalhando com Jiro o tempo todo.

A nave tremeu um pouco e houve um ronco baixo enquanto Lemm ligava os motores.

Parecia que a notícia da verdadeira identidade de Grayson não surpreendeu Hendel em nada. Para seu crédito, o chefe de segurança não aproveitou a oportunidade para dizer “eu avisei”. Em vez disso, limitou-se a perguntar:

— Você o matou?

— Ele ainda está vivo, pelo que sei — admitiu Kahlee. — Eles o mantiveram prisioneiro, como nós. Deixei-o em sua cela.

— Se o entregarem aos Coletores, Grayson vai desejar que você o tivesse matado — intrometeu-se Lemm.

Kahlee não havia pensado nisso, mas a ideia trouxe um leve sorriso amargo aos lábios de Hendel.

O quarian fez alguns ajustes finais e ligou os propulsores, erguendo a nave um pouco no ar.

— Que curso devo estabelecer? — perguntou.

Boa pergunta, pensou Kahlee.

— Nada mudou — disse Hendel, verbalizando as preocupações dela. — A Cerberus ainda quer colocar as mãos em Gillian e nós ainda não podemos nos arriscar a procurar a Aliança. Grayson e seus antigos amigos podem estar fora do quadro, mas a Cerberus tem muitos outros agentes. Não importa aonde iremos, eles vão nos encontrar mais cedo ou mais tarde.

— Então, temos de continuar em movimento — sugeriu Kahlee. — Ficar um passo à frente deles.

— Será difícil para Gillian — avisou-lhe Hendel.

— Não temos muita escolha. Pelo que sabemos, eles podem ter alguém estacionado em cada mundo, colônia e estação espacial humana acessível na galáxia.

— Sei de um lugar onde vocês podem se esconder e a Cerberus certamente não os encontrará — disse Lemm, virando o banco para se juntar à conversa. — A Frota Migrante.

*

Depois da batalha, Grayson fez uma exploração completa do armazém, de alto a baixo. Por um momento debateu mentalmente se correria ao segundo rover na garagem e tentaria ir atrás de Gillian, mas sabia que o outro veículo já teria sumido quando chegasse lá. Se quisesse encontrar Gillian, teria de ter paciência e inteligência.

O exame do armazém revelou vários corpos, inclusive o da mulher em quem atirara pelas costas. Mais dois foram baleados, dois tinham sido atropelados pelo veículo perdido e uma mulher jazia amarfanhada contra uma parede, o pescoço quebrado. Grayson reconheceu o

cadáver como um sinal revelador de biótica e desconfiou de que fosse Hendel, e não Gillian, quem lhe infligira os danos.

Também encontrou uma escopeta no chão. Parecia ser de fabricação turian, mas as modificações nela eram um projeto improvisado, porém efetivamente habilidoso, que tinha a marca da espécie quarian.

Reconhecendo o valor da arma, ele a carregou ao sair da garagem para explorar o restante da base. Por várias vezes se perdeu nos corredores confusos, mas, por fim, viu-se de volta ao andar principal, em uma sala que fora convertida em quartel.

Havia 12 beliches, mas apenas nove mostravam sinais de uso. Grayson encontrou sete corpos no depósito. Somando com os dois guardas no corredor perto de sua cela, estava explicado por que ele não tinha encontrado ninguém durante a busca. Com todos os ocupantes do depósito contados, ele podia baixar a guarda.

Em qualquer outra estação ou mundo ele teria se preocupado com as forças da lei reagindo ao barulho da batalha. Mas Omega não tinha polícia e um tiroteio e explosões de mísseis geralmente estimulavam os vizinhos a cuidar das próprias vidas. Alguém apareceria para investigar as instalações em algum momento — provavelmente quem alugava o local a Pel e sua equipe. Porém, Grayson não esperava ver ninguém por pelo menos uns dias.

O quartel dava num curto corredor para várias salas que Pel preparara como postos de informações e comando. Olhando os computadores e monitores, Grayson encontrou os relatórios de sua atribuição original. Estavam em código, é claro, mas era uma cifra básica da Cerberus e Grayson não teve problema para decifrá-los.

Pel fora mandado a Omega para encontrar um jeito de se infiltrar na Frota quarian. Infelizmente, os relatórios estavam incompletos. Mencionavam uma nave que eles capturaram, chamada *Cyniad*, e um único prisioneiro que fora tomado para interrogatório, mas seus resultados não haviam sido registrados. Pel evidentemente desistira de prosseguir com os diários depois de fechar o acordo com os misteriosos Coletores e não era burro de manter qualquer registro, eletrônico ou por escrito, de seu plano de traição ao Homem Ilusivo.

A menção da nave e do prisioneiro quarians, combinada com a descoberta da escopeta quarian modificada, deixou pouca dúvida para Grayson de quem libertara os outros. Uma equipe de resgate quarian devia ter vindo para encontrar seu compatriota e por algum motivo tinha decidido levar Gillian, Kahlee e Hendel enquanto corria para a liberdade.

Satisfeito de ter aprendido o que podia dos arquivos, voltou à sua busca lenta e cuidadosa pelas instalações. Em outra sala, localizada perto do que ele deduzia ser o meio do prédio, Grayson descobriu uma pequena porta embutida no chão. Tinha um projeto primitivo: em vez de deslizar em trilhos, simplesmente girava para cima em duas dobradiças de metal. Estava fechada e trancada com uma trava simples.

Grayson apontou a escopeta recém-adquirida para a porta e usou a ponta da bota para deslizar a trava. Esperou vários segundos e, como nada aconteceu, abaixou-se cautelosamente e abriu a porta, pronto para disparar se o alvo se apresentasse.

O porão estava completamente às escuras. Uma frágil escada de madeira descia escuridão adentro. Grayson acendeu a lanterna embutida no cano da escopeta, usando seu potente fecho para penetrar o escuro ao descer lentamente a escada.

Quando chegou ao fundo, deu uma olhada em volta em um giro rápido, lançando a luz em cada canto. A sala era quadrada, talvez com 6 metros cada lado. As paredes tinham acabamento em tijolo e argamassa, o chão era de cimento cru. Estava inteiramente vazia, a não ser por uma figura imóvel deitada de costas perto de uma das paredes.

Apontando o fecho de sua lanterna — e o cano da arma — para o corpo, Grayson se aproximou. Estava a pouca distância quando sua mente finalmente reconheceu o que via: ele encontrara o quarian aprisionado.

Correndo a luz da lanterna lentamente da cabeça aos pés, viu que o prisioneiro estava amarrado nas mãos e nos pés e tinha sido completamente despido. Grayson nunca vira um quarian sem seu traje espacial e o capacete, embora duvidasse de que este indivíduo ainda pudesse ser chamado de qualquer coisa próxima a um exemplar representativo de sua espécie. Sua cara era uma massa deformada de calombos, hematomas, cortes e marcas de queimadura: evidências claras da tortura que havia suportado. Alguém tinha quebrado todos os seus dentes e amassara uma bochecha. A outra tinha um buraco aberto, como se alguém o tivesse cortado a partir do lábio até o que passava pela versão de uma orelha quarian.

Um olho estava inchado e completamente fechado. O outro perdera as pálpebras, as bordas irregulares da carne atestando o fato de que foram selvagemmente arrancadas com um alicate. Grayson se lembrou com desprazer o quanto Pel gostava especificamente deste método de tortura: além da dor lancinante da remoção brutal, a vítima ficaria agonizante e lentamente cega enquanto o globo ocular exposto desidratava.

O resto do corpo mostrava sinais semelhantes de maus-tratos. Todos os dedos das mãos e dos pés estavam quebrados e vários foram arrancados de suas articulações. Cada centímetro da pele exposta mostrava sinais de ter sido espancada, cortada, queimada ou dissolvida com ácido. Porém, havia algo ainda mais incomum no corpo que levou Grayson a se abaixar para um exame mais atento.

Parecia haver uma espécie de crescimento margoso e cinza espalhando-se dos ferimentos do quarian, esgueirando-se lentamente pela pele. Grayson precisou de um instante para perceber que era uma espécie de fungo bacteriano. Além da tortura sádica, o quarian devia ter contraído uma estranha doença alienígena.

Ele soltou um grunhido de nojo e se afastou do corpo. Para sua surpresa, o quarian reagiu com um grito curto de medo.

Meu Deus do céu, o pobre coitado ainda está vivo!

Na realidade ele tentava falar, repetindo a mesma frase vezes sem conta numa voz trêmula e áspera. As palavras eram distorcidas pelos dentes ausentes e a cara deformada, e Grayson precisou de várias repetições do tradutor automático para decifrar o que ele tentava dizer.

— Frequência 43223... Meu corpo viaja a estrelas distantes, mas minha alma jamais deixa a frota... Frequência 43223... Meu corpo viaja a estrelas distantes, mas minha alma jamais deixa a frota...

Ele repetia a frase sem parar, sua voz se elevando e caindo até um trinado apavorado e trêmulo. Grayson se agachou perto dele, embora tivesse o cuidado de não tocar a carne infectada.

— Está tudo bem — falou baixinho, sabendo que seu tradutor repetiria as palavras na língua do quarian. — Agora ninguém vai machucar você. Está tudo bem.

O quarian não deu sinais de ter ouvido e continuou a balbuciar, as palavras saindo numa rapidez cada vez maior enquanto a mente despedaçada cuspiu a informação numa tentativa desesperada de evitar a tortura contínua.

— Agora acabou — sussurrou Grayson, esperando acalmar o cativo frenético. — Acabou.

Suas palavras parecem ter tido o efeito contrário, porque o quarian começou a se debater contra as amarras que prendiam seus pulsos e os tornozelos. Soltou um grito de frustração, depois começou a balbuciar e tossir. Uma fina névoa de secreção preta e fedorenta saiu de seus lábios e do corte no rosto, levando Grayson a dar um pulo para trás, evitando o respingo.

A crise terminou com o quarian soltando uma série de suspiros entrecortados e gorgolejantes, depois finalmente ficou imóvel e em silêncio. Protegendo-se contra o forte fedor que agora emanava do corpo, Grayson se aproximou o suficiente para verificar que o quarian parara de respirar.

Ele deixou o corpo na escuridão do porão e subiu a escada de volta ao primeiro andar. Fechando e trancando a porta depois de passar, Grayson pegou tudo de valor que podia carregar. Quinze minutos mais tarde, estava ao volante do segundo rover de Pel, percorrendo as ruas desconhecidas de Omega com uma mochila cheia de suprimentos e a escopeta no banco ao lado.

Concentrar-se em seu verdadeiro propósito lhe permitiu ignorar a vozinha no fundo de seu crânio que lhe instruía a procurar um traficante de areia para uma dose rápida. Em vez disso, tentou localizar uma estação de transmissão para linkar a rede de comunicações e mandar uma mensagem ao Homem Ilusivo, contando tudo o que tinha acontecido.

Pel dera as costas à Cerberus, mas Grayson ainda era leal à causa... E sabia que poderiam ajudá-lo a reencontrar Gillian.

DEZOITO

Seis horas tinham se passado desde que Kahlee e os demais fugiram do armazém em Omega.

Lemm conseguira encontrar a localização atual da flotilha quarian entrando na rede de comunicações e percorrendo as atualizações de notícias. A Frota Migrante passava pelo sistema remoto controlado pelos volus perto da margem do Espaço do Conselho. Segundo os relatórios, vários diplomatas volus apresentaram uma petição à Cidadela para que ela fizesse tudo que estivesse em seu poder para apressar a partida dos quarians.

Kahlee duvidava de que o apelo político deles tivesse algum impacto perceptível. A Cidadela ainda lutava com as mudanças impostas por Saren e seu exército geth. Seu principal foco era a eliminação dos poucos bolsões restantes de resistência geth que se espalhavam pela galáxia, objetivo para o qual trabalhava uma força de coalizão de emergência chefiada pela humanidade e pela Aliança. Depois que os geth foram empurrados para além do Véu de Perseu, ela desconfiava de que a ordem seguinte dos assuntos seria cuidar da reestruturação do Conselho, junto com as consequências políticas imensas que isso envolveria. A última coisa com que alguém na Cidadela queria lidar era a Frota Migrante.

Kahlee sabia que mesmo durante o longo período de paz interestelar que precedera a chegada da humanidade, as várias espécies da galáxia tendiam a ver as atividades da Frota como pouco mais do que uma inconveniência ou uma irritação menor. Até ela passar por um de seus sistemas. Então, o curso de ação mais eficaz era oferecer recursos indesejados na forma de naves desativadas, matéria-prima e peças sobressalentes ao Almirantado quarian.

Os quarians deixavam-se ser comprados por esses presentes, compreendendo que a flotilha rapidamente avançaria e se tornaria um espinho no pé de outra espécie. Kahlee detestava julgar, mas não podia deixar de ver essa atitude como o equivalente interestelar da mendicância.

E daqui a quarenta horas estaremos torcendo para nos unir a eles, pensou, meneando a cabeça, sem acreditar no rumo que os acontecimentos tomaram nos últimos dias.

Lemm estabelecera a rota de navegação, depois foi se deitar na cabine no fundo da nave assim que saltaram para o voo FTL. Kahlee ainda tinha muitas perguntas para o rapaz — por

exemplo, como sabia quem ela era —, mas considerando tudo o que fizera por eles, ela podia ser paciente. Daria a Lemm algumas horas para descansar e começar a recuperação do ferimento antes de crivá-lo de perguntas. Além disso, estava ansiosa para ver Gillian agora que a menina tinha despertado.

As primeiras palavras que saíram de sua boca ao recuperar a consciência foram “Estou com fome”. Hendel resolveu facilmente este problema preparando um prato de porção dupla para ela com as rações que encontrou.

Com a nave seguindo o curso pré-programado, não havia necessidade de alguém ficar de olho no leme. Assim, os três — Kahlee, Gillian e Hendel — reuniram-se na cabine de passageiros, os dois adultos sentados lado a lado, de frente para ela, enquanto a menina comia da bandeja de plástico rígido em seu colo.

Ela agora terminava o que restava da refeição. Como fazia na academia, mastigava com uma determinação concentrada, sem parar nem interromper o ritmo enquanto consumia constantemente a comida, uma dentada metódica de cada vez. Kahlee, porém, percebeu que ela não se prendera ao padrão normal de pegar apenas um único bocado de uma comida antes de passar ao item seguinte. Na realidade, ela nem mesmo tocou a sobremesa de torta de maçã antes que todo o resto tivesse desaparecido.

Depois de terminar, Gillian colocou a bandeja com cuidado no banco ao seu lado e falou pela segunda vez desde que recuperara a consciência:

— Onde está meu pai? — Não havia emoção em sua voz. Era monótona, como os primitivos sintetizadores de fala do século XX.

Não havia uma resposta simples a esta pergunta. Felizmente, Kahlee e Hendel já haviam discutido o que diriam enquanto Gillian ainda dormia devido às drogas que os captores lhe aplicaram.

— Ele precisou cuidar de alguns negócios — mentiu Kahlee, imaginando que a verdade seria muito forte para a menina. — Vai nos encontrar mais tarde, mas por enquanto somos apenas você, eu e Hendel, tudo bem?

— Como ele vai nos encontrar se pegamos a nave dele?

— Ele vai achar outra nave.

Gillian a encarou e semicerrou os olhos de leve, como se desconfiasse do truque e tentasse ver a verdade através dela. Depois de alguns segundos assim, assentiu, aceitando a situação.

— Vamos voltar para a escola?

— Ainda não — disse-lhe Hendel. — Vamos nos encontrar com outras naves. Quarians. Lembra-se quando você estudou os quarians, nas aulas de história do ano passado?

— Eles fizeram os geth — respondeu Gillian simplesmente.

— Sim — confirmou Kahlee, na esperança de que este não fosse o único fato que ela associava com a espécie de seu salvador. — Lembra-se de mais alguma coisa a respeito deles?

— Expulsos de seu sistema natal pelos geth quase três séculos atrás, a maioria dos quarians agora vive a bordo da Frota Migrante, uma flotilha de 50 mil naves com tamanhos que vão de transportadores de passageiros a estações espaciais móveis — respondeu ela, e Kahlee percebeu que recitava todo o verbete do e-book de história.

“Lar de 17 milhões de quarians, a flotilha compreensivelmente tem recursos escassos. Graças a isso, cada quarian deve viver um rito de passagem conhecido como a Peregrinação quando chega à idade certa. Parte da Frota e só retorna depois de ter encontrado algo de valor...”

— Está tudo bem, Gillian — falou Hendel com gentileza, interrompendo antes que ela narrasse o capítulo inteiro.

— Por que vamos encontrar uma nave quarian?

Kahlee não sabia o quanto Gillian se lembrava da recepção violenta que tiveram depois de pousar em Omega, então foi propositalmente vaga em sua resposta.

— Conhecemos um quarian chamado Lemm enquanto você estava dormindo. Ele vai nos ajudar a nos esconder de algumas pessoas que estão tentando nos encontrar.

— A Cerberus — disse a garota, e os adultos trocaram um olhar nervoso, sem saber onde ela ouvira o nome.

— É isso mesmo — confirmou Hendel depois de um momento. — Eles querem machucar você e não vamos deixar que isso aconteça.

Gillian franziu a testa e mordeu o lábio. Ficou em silêncio por vários segundos antes de fazer a mesma pergunta que tinha incomodado Kahlee.

— Por que Lemm está nos ajudando?

Nenhum deles tinha uma resposta pronta para isso.

— Acho que teremos de perguntar a ele, quando acordar — admitiu finalmente Kahlee.

Felizmente, não precisaram esperar muito. Menos de uma hora depois ela ouviu os passos desiguais e pesados de Lemm pelo corredor. Sua perna estava coberta por uma bota de revestimento rígido, hermeticamente fechada, que protegia e o escorava da ponta dos dedos dos pés à articulação do joelho. Ele ainda tinha a máscara e o traje espacial climatizado, é claro. Kahlee desconfiava de que só os tiraria quando chegassem à flotilha.

— Lemm — falou ela quando o rapaz entrou na cabine de passageiros e parou. — Esta é Gillian. Gillian, este é Lemm.

O quarian aproximou-se e fez uma leve mesura, estendendo a mão enluvada em um gesto de saudação comum às duas espécies. Para surpresa de Kahlee, Gillian estendeu a mão e a apertou.

— É um prazer conhecê-lo — disse a menina.

— O prazer é meu. Estou feliz de ver você acordada e bem — respondeu ele, soltando sua mão e sentando-se cautelosamente no banco ao lado dela, de frente para Kahlee e Hendel.

— Por que você está nos ajudando? — perguntou Gillian.

Kahlee se encolheu. Eles não puderam avisar ao quarian do problema de Gillian e ela torceu para que Lemm não se ofendesse com a falta de tato da menina.

Felizmente, ele levou a pergunta com tranquilidade.

— Você vai direto ao que interessa, não é? — falou com um riso por trás da máscara.

— Eu sou autista — respondeu Gillian, mais uma vez sem emoção nenhuma.

Não ficou claro se Lemm compreendia inteiramente o significado da palavra, mas Kahlee imaginou que ele era inteligente o bastante para apreender o conceito básico. Antes que pudesse formular uma resposta, Gillian repetiu a pergunta anterior:

— Por que você está nos ajudando?

— Eu mesmo estou meio curioso — acrescentou Hendel, recostando-se na cadeira e trazendo a perna direita para cima da esquerda.

— Estou em minha Peregrinação — começou o quarian. — Eu estava no mundo de Kenuk quando conheci dois tripulantes da *Bavea*, uma nave de reconhecimento do cruzador *Idenna*. Eles me falaram que outra nave de reconhecimento, a *Cyniad*, tinha ido a Omega fazer um acordo e não havia voltado. Parti para Omega em busca da tripulação da *Cyniad*. Tinha esperança de resgatá-los, ou pelo menos descobrir seu destino. Em Omega, outro quarian, um sujeito chamado Golo, contou-me que a *Cyniad* tinha marcado um encontro com um pequeno grupo de humanos.

Lemm fez uma curta pausa antes de prosseguir:

— Invadi o armazém esperando encontrar a tripulação. Em vez disso, encontrei vocês.

— Mas por que arriscar sua vida para nos salvar? — perguntou Hendel.

— Eu suspeitei de que seus captores fossem mercadores de escravos. Nenhuma espécie merece ser comprada e vendida. Era minha obrigação moral libertá-los.

Kahlee não tinha dúvidas de que ele estava sendo sincero, mas também sabia que havia mais naquela história.

— Você me reconheceu — disse. — Sabia meu nome.

— O nome Kahlee Sanders tornou-se muito conhecido entre meu povo nos últimos meses — admitiu ele. — E reconheci sua aparência por uma antiga imagem que pegamos da Extranet. Você não mudou nada em 18 anos.

As peças começaram a se encaixar na mente de Kahlee. Dezoito anos atrás, ela estivera envolvida em um projeto ilegal de inteligência artificial da Aliança chefiado por um homem chamado Dr. Shu Qian. Mas Qian havia traído o projeto, obrigando Kahlee a uma fuga desesperada para salvar a própria vida. Foi assim que conheceu o capitão Anderson... E um Espectro turian de nome Saren Arterius.

— Por causa da minha ligação com Saren — disse ela, procurando confirmação.

— Sua ligação com ele e a ligação dele com os geth — esclareceu Lemm. — A revolta geth foi o evento isolado mais significativo da história de meu povo. Eles nos levaram ao exílio: um

exército de máquinas sintéticas... Impiedosas, implacáveis e irreprimíveis. Mas Saren liderou um exército geth contra a Cidadela. Encontrou um jeito de fazer com que o seguissem. Encontrou um jeito de controlá-los e curvá-los à sua vontade. É de admirar que fiquemos tão interessados em Saren ou em qualquer um relacionado a ele?

— Kahlee? — perguntou Hendel, descruzando as pernas e se sentando reto, com os músculos tensos. — Do que ele está falando?

— Quando eu estava na Aliança, Saren era o Espectro enviado para investigar um projeto de pesquisa em que trabalhei.

Ela nunca falara do que tinha acontecido naquela missão com ninguém além de Anderson, e não queria começar agora.

— E como os quarians descobriram sobre tudo isso? — perguntou ela. Sua voz se elevava. Começava a ficar com certo medo e isso, por sua vez, deixava-a colérica. — Aqueles arquivos da Aliança eram secretos.

— Qualquer informação pode ser adquirida pelo preço certo — lembrou-lhe o quarian. Era difícil interpretar sua expressão por trás da máscara, mas seu tom parecia calmo. — E, como falei, temos uma obsessão compreensível pelos geth. Quando soubemos que Saren estava liderando seus exércitos, começamos a coletar todas as informações que podíamos sobre ele: histórico pessoal, missões passadas. Quando foi descoberto que Saren tinha negócios relacionados a uma cientista humana que trabalhava em um projeto de pesquisa ilegal de IA, foi simplesmente natural que também nos dedicássemos a saber o histórico da cientista.

— IA ilegal? — murmurou Hendel, balançando a cabeça, sem acreditar no que ouvia.

— Isso já faz muito tempo — disse Kahlee ao quarian.

— O capitão da *Idenna* vai querer conversar com você.

— Não posso ajudá-lo. Não sei nada a respeito de Saren ou dos geth.

— Talvez saiba mais do que pensa — respondeu Lemm.

— Você dá a impressão de que não temos alternativa nesta questão — observou Hendel, sua voz sombria.

— Vocês não são prisioneiros — garantiu o quarian. — Se eu levar vocês à Frota, será como convidados de honra. Se não desejarem ir, podemos mudar o curso agora mesmo. Levarei vocês ao planeta que preferirem. Porém, se nos unirmos à Frota, é possível que não permitam que vocês partam rapidamente — admitiu. — Meu povo pode ser francamente cauteloso quando se trata de proteger nossas naves.

O chefe de segurança olhou de soslaio para Kahlee.

— A decisão é sua. A celebridade aqui é você.

— E isto dará um fim à sua Peregrinação, não? — Ela queria saber. — Encontrar-me é seu presente ao capitão.

Lemm fez que sim, mas não falou.

— Se eu não for, você ainda não poderá voltar para a Frota, não é?

— Serei obrigado a continuar minha jornada até encontrar algo de valor para levar a meu povo. Mas não a obrigaria a fazer isso. O presente que levamos não deve ser conquistado pela dor ou o sofrimento alheio... Sejam de quarians ou não.

— Está tudo bem — respondeu Kahlee, depois pensar no assunto. — Vou conversar com eles. Devemos nossa vida a você e isto é o mínimo que posso fazer. Além disso, não ficaremos exatamente mais seguros em qualquer outro lugar.

Quarenta horas depois, eles saíram da velocidade FTL a menos de 500 mil quilômetros da Frota Migrante. Lemm mais uma vez ocupava o assento do piloto, com Kahlee sentada ao lado. Hendel estava em seu lugar agora de costume, de pé pouco além da porta que ia para a cabine de passageiros, e até Gillian viera se juntar a eles no espaço estreito, parada diretamente atrás da cadeira do quarian.

A menina parecia ter se apegado a Lemm. Seguia-o para todo lado, ou simplesmente se sentava e olhava para ele sempre que o jovem quarian arranjava um assento ou tirava algumas horas de sono. Gillian não puxava conversas com ele, mas respondia prontamente sempre que Lemm falava com ela. Era incomum, mas estimulante, ver que ela respondia tão bem a alguém e, assim, nem Kahlee nem Hendel tentaram impedi-la quando a menina apareceu na cabine de comando para se juntar ao grupo.

A Frota Migrante, com seus milhares e milhares de naves voando em formação cerrada, apareceu nas telas de navegação como um único e imenso conglomerado vermelho enquanto se aproximavam. Lemm acionou os propulsores e eles se deslocaram firmemente para a flotilha.

Quando chegaram a um alcance de menos de 150 mil quilômetros, a tela de navegação mostrou várias naves menores se separando da armada principal, descrevendo um arco numa trajetória que interceptava seu próprio curso.

— As patrulhas navais desafiam toda nave que se aproxima da Frota. — Lemm havia informado mais cedo. — Fortemente armadas. Abrirão fogo contra qualquer nave que não se identificar ou se recusar a dar meia-volta.

Pelo que Kahlee sabia da sociedade quarian, sua reação era inteiramente compreensível. No fundo do coração da Frota Migrante flutuavam as três enormes Liveships: naves agrícolas gigantescas que abasteciam e armazenavam a maior parte da comida dos 17 milhões de indivíduos que viviam na flotilha. Se um inimigo provocasse algum dano ou destruísse apenas uma das Liveships, o resultado inevitável seria uma fome catastrófica e a perspectiva sombria da morte lenta por inanição para milhões de quarians.

Lemm respondeu à patrulha que se aproximava, abrindo rapidamente um canal de comunicação. Alguns minutos depois, estalou com uma voz falando em quarian, embora,

evidentemente, o tradutor minúsculo que Kahlee usava como pingente no colar automaticamente convertesse para o inglês.

— Você está entrando em área restrita. Identifique-se.

— Aqui é Lemm'Shal nar Tesleya, pedindo permissão para se reintegrar à Frota.

— Verificar autorização.

Lemm explicara anteriormente que a maioria dos quarians que saíam em Peregrinação tendia a voltar à flotilha em naves recém-adquiridas. Sem nenhum registro nem sinais de saudação da nave, o único jeito de confirmar a identidade de quem estava a bordo era por um sistema único de frase código. Antes de partir em seu rito de passagem, o capitão da *Tesleya*, a nave natal de Lemm, obrigara-o a memorizar duas frases específicas. Uma, a frase alerta, era um aviso de que havia algo errado, como presenças hostis na nave que obrigavam o piloto a tentar se infiltrar na Frota. A frase de alerta faria com que as patrulhas fortemente armadas abrissem fogo em sua nave imediatamente. A segunda frase, de liberação, faria com que eles passassem em segurança pelas patrulhas, onde se uniriam à massa densa de outras naves, transportadores e cruzadores.

— A busca por conhecimento afastou-me de meu povo. Agora a descoberta da sabedoria trouxe-me de volta.

Houve uma longa pausa enquanto a patrulha retransmitia o diálogo à *Tesleya*, em algum lugar no fundo da flotilha, buscando confirmação. As palmas das mãos de Kahlee transpiravam e sua boca estava árida. Ela engoliu em seco no silêncio e prendeu a respiração. O transportador de Grayson era construído para a viagem veloz de longa distância. Não tinha armas, nem sistemas de defesa GARDIAN, e praticamente nenhuma blindagem no casco. Se Lemm tivesse confundido os códigos de alerta e de liberação, ou se alguma coisa desse errado, a patrulha os dilaceraria em segundos.

— A *Tesleya* lhe dá as boas-vindas a seu lar, Lemm — veio a resposta e Kahlee soltou um longo e lento suspiro de alívio.

— Diga a eles que é bom estar de volta — respondeu ele e acrescentou: — Preciso entrar em contato com a *Idenna*.

Novamente houve uma longa pausa, mas desta vez Kahlee não sentiu a mesma tensão insuportável da espera.

— Enviando as coordenadas e frequências de saudação para a *Idenna* — finalmente responderam.

Lemm verificou o recebimento da mensagem, depois desligou o canal de comunicação. Eles ainda se aproximavam da Frota e o conglomerado vermelho gigante nas telas de navegação transformou-se em incontáveis pontos vermelhos e mínimos, tão próximos que Kahlee se perguntou como as naves representadas ali não se chocavam.

Agindo como a mão firme e habilidosa, seu piloto quarian não parou por entre a massa de naves, seguindo lentamente para onde a *Idenna* flutuava com o resto da sociedade quarian. Vinte

minutos depois, reabriu os canais de comunicação e enviou um chamado de saudação.

— Aqui é Lemm'Shal nar Tesleya solicitando permissão para ancorar na *Idenna*.

— Aqui é a *Idenna*. Permissão concedida. Prosseguir para a baía de atracação 3.

As mãos de três dedos de Lemm voavam pelos controles, fazendo os ajustes necessários para entrarem. Dois minutos depois, sentiram o leve solavanco dos grampos de ancoragem se fechando na nave para mantê-la no lugar, seguido por um tinido agudo da câmara de compressão universal conectada à câmara de compressão de sua própria nave.

— Solicito equipes de segurança e quarentena — disse Lemm no canal de comunicação. — Certifique-se de que estejam usando ambitrajes. A nave não está limpa.

— Solicitação confirmada. As equipes estão a caminho.

O quarian também havia alertado sobre isso. A equipe de quarentena era um passo necessário sempre que uma nova nave era levada pela primeira vez à flotilha. Os quarians não podiam correr o risco de que bactérias, vírus ou outras impurezas dos antigos proprietários não quarians fossem liberados por acidente na flotilha.

Do mesmo modo, solicitar uma equipe de segurança para inspecionar sua nave na primeira chegada era considerado uma cortesia comum entre o povo quarian — mostrava que você não tinha nada a esconder. Em geral, a equipe subiria a bordo, seriam feitas as apresentações e na realidade não seria realizada busca alguma.

Porém, esta situação estava o mais distante possível do costumeiro. Nos trezentos anos de seu exílio, nenhum não quarian colocara os pés numa nave da flotilha. Por mais que Lemm quisesse levar Kahlee perante o capitão da *Idenna*, isso simplesmente não estava em seu poder. E a visão inesperada de humanos numa nave que tinha acabado de passar pelas patrulhas da Frota provavelmente provocaria choque e alarme.

Não havia protocolo para este evento sem precedentes, mas Lemm explicara que existiam procedimentos que podiam ser seguidos para minimizar o risco para a tripulação da *Idenna* e para os humanos a bordo do transportador.

— Vamos conhecer nossos anfitriões — falou Lemm, levantando-se desajeitado sobre a perna ferida. — Lembrem-se, basta manter a calma e tudo ficará bem. Só precisamos ir devagar.

Os quatro foram para a cabine de passageiros e os três humanos sentaram-se nos bancos. Lemm seguiu para a câmara de compressão a fim de receber as equipes de segurança e quarentena que entravam a bordo.

Mais uma vez, Kahlee sentiu o estresse de ser obrigada a se sentar e esperar. E se Lemm estivesse enganado sobre como os outros quarians reagiriam à presença deles? E se alguém visse os humanos e entrasse em pânico? Eles estavam depositando muita fé em alguém que, tecnicamente, ainda nem era um adulto aos olhos de seu próprio povo.

Acho que ele merece um pouco de confiança depois de tudo o que fez por nós.

Kahlee não podia discutir com a lógica infalível da própria mente, mas isso pouco adiantou para acalmar seus temores. Ela ouvia vozes vindo da câmara de compressão, embora estivessem distantes demais para entender o que era dito. Uma delas se elevava, por raiva ou medo. Alguém — parecia Lemm, embora ela não pudesse ter certeza — tentava acalmar o orador irritado. E então ouviram passos se aproximando pela câmara de compressão e entrando na nave.

Alguns segundos depois, quatro quarians mascarados, uma mulher e três homens, entraram na cabine de passageiros, armados com fuzis de assalto. A quarian da frente de fato tomou um susto ao ver os humanos, depois se virou por sobre o ombro para falar com Lemm, parado pouco atrás deles.

— Pensei que estivesse brincando — disse ela. — Eu realmente pensei que estivesse brincando.

— Isto é inacreditável — murmurou um dos outros.

— O que você estava pensando? — A mulher, claramente no comando, queria saber. — Eles podem ser espiões!

— Não são espiões — insistiu Lemm. — Não reconhece a mulher? Olhe com atenção.

Os três humanos ficaram sentados em silêncio enquanto a quarian aproximava-se para ver melhor.

— Não... Não pode ser. Qual é o seu nome, humana?

— Kahlee Sanders.

Houve um ofegar involuntário dos outros quarians e Kahlee pensou ter ouvido Lemm rir.

— Meu nome é Isli'Feyy vas Idenna — disse a quarian, baixando a cabeça no que parecia um gesto de respeito. — É uma honra conhecê-la. Estes são meus companheiros de nave, Uggho'Qaar vas Idenna, Erdra'Zando vas Idenna e Seeto'Hodda nar Idenna.

Kahlee também baixou a cabeça.

— Estes são meus amigos, Hendel Mitra e Gillian Grayson. É uma honra para nós estarmos aqui.

— Trouxe Kahlee para que ela possa falar com o capitão — intrometeu-se Lemm. — Esta reunião é meu presente à *Idenna*.

Isli olhou para Lemm e voltou sua máscara para Kahlee.

— Perdoe-me, Kahlee Sanders, mas não posso permitir que suba a bordo da *Idenna*. Esta decisão cabe ao capitão e ele desejará consultar o conselho civil da nave antes de decidir.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Hendel, julgando que o estado de espírito era calmo o bastante para que outros se juntassem à conversa. — Teremos de partir?

— Também não podemos permitir que partam — disse-lhe Isli depois de refletir por um momento. — Não sem a aprovação do capitão. Seu transportador deve permanecer aqui, na área de atracação, e vocês devem continuar a bordo da nave até que se chegue a uma decisão sobre esta questão.

— Quanto tempo isto vai levar? — perguntou Kahlee.

— Alguns dias, imagino.

— Vamos precisar de alguns suprimentos — disse Hendel. — Comida, principalmente. Comida humana.

— E eles vão precisar de ambitrajes adequados quando o capitão finalmente permitir que entrem na nave — acrescentou Lemm, assumindo uma perspectiva otimista.

— Faremos todo o possível para atender às suas necessidades — disse-lhes Isli. — Não temos depósito de comida não quarian a bordo da *Idenna*, mas entraremos em contato com as outras naves para ver o que podemos obter.

Ela se virou mais uma vez para Lemm.

— Você terá de vir comigo. O capitão vai querer falar com você pessoalmente. — E então deu as costas aos humanos. — Lembrem-se, vocês não têm permissão de sair dos limites desta nave. Ugho ou Seeto estarão postados do lado de fora de sua câmara de compressão o tempo todo. Se precisarem de alguma coisa, eles poderão ajudar.

E assim os quarians, inclusive Lemm, deixaram o grupo de humanos a sós. Um minuto depois ouviram um tinido alto da porta para a câmara de compressão externa da *Idenna* se fechando, trancando-os dentro do transportador.

— Humpf — grunhiu Hendel. — Que bela maneira de se tratar uma celebridade.

DEZENOVE

Mesmo com tudo o que tinha feito pela Cerberus, mesmo depois de centenas de missões e quase 16 anos de serviço, Grayson podia contar nos dedos de uma só mão o número de vezes em que se encontrara cara a cara com O Homem Ilusivo.

Carismático e impressionante quando aparecia na tela de vídeo, ele era ainda mais imponente pessoalmente. Havia uma seriedade nele, um ar de autoridade. Era dono de uma confiança fria que dava a impressão de ter o controle completo de tudo que se desenrolava à sua volta. Havia uma inteligência inconfundível em seus olhos de aço: combinada com o cabelo grisalho e a presença intimidante, dava a sensação de que ele tinha uma sabedoria muito além daquela do homem comum.

Esta sensação era aumentada pelo ambiente que O Homem usava para suas reuniões pessoais. A sala era decorada com acabamento clássico em madeira escura, conferindo uma impressão séria e branda, quase sombria. As luzes eram suaves e um tanto baixas, deixando os cantos obscurecidos pelas sombras. Seis cadeiras pretas de reunião cercavam uma mesa com tampo de vidro fosco numa extremidade da sala, permitindo que ele acomodasse grupos maiores.

Esta reunião, porém, era particular. Grayson estava sentado em uma das duas imensas poltronas de couro no meio da sala, bem de frente para O Homem. Ele percebeu dois seguranças postados do lado de fora da porta ao entrar na sala, mas dentro dela parecia que só os dois estavam presentes.

— Não encontramos nenhuma evidência sólida em apoio à sua história — disse O Homem Ilusivo, curvando-se para a frente na própria cadeira, com os cotovelos pousados nos joelhos e as mãos cruzadas diante de si.

Suas feições eram simpáticas e a voz compreensiva, mas havia certa tensão sob a superfície. Grayson mais uma vez se viu compelido e intimidado ao mesmo tempo. O Homem fazia isso para que você *quisesse* se confidenciar. Entretanto, se decidisse mentir, seus olhos pareciam dizer que ele saberia. E haveria graves consequências.

Felizmente para Grayson, a verdade estava do seu lado.

— Sustento meu relatório. Retirei Gillian do Projeto Ascensão, como me foi ordenado. Durante a missão, fui obrigado a alterar os planos devido à interferência de Kahlee Sanders e Hendel Mitra, que insistiram em acompanhar Gillian. Fiz um acordo com Pel para cuidar deles, mas, quando cheguei a Omega, ele aprisionou todos nós para nos vender aos Coletores.

O Homem balançou a cabeça como se concordasse com cada palavra.

— Sim, é claro. Mas ainda não tenho certeza do que aconteceu em seguida.

A pergunta era bem inocente, mas Grayson a reconheceu como uma possível armadilha. Dois dias depois de receber sua mensagem, a Cerberus enviara uma equipe de extração para retirá-lo de Omega e levá-lo para a Terra a fim de se encontrar com o líder da organização. Considerando que Pel e toda sua equipe estava morta — alguns por suas próprias mãos —, este era um convite ao qual ele não tinha a opção de recusar.

Depois do pouso, eles o empurraram para um carro à espera e o levaram diretamente à torre de escritórios discreta que servia como sede corporativa da Cord-Hislop Aerospace, a fachada de negócios legítimos da Cerberus. Praticamente todo o prédio era ocupado por homens e mulheres do dia a dia, envolvidos nos negócios de fabricação e venda de naves e transportadores. Nenhum deles tinha a menor ideia de que na realidade trabalhavam para um indivíduo anônimo que habitava a cobertura segura do prédio, acima das suítes de acesso privativo dos executivos corporativos mais conhecidos.

Grayson estivera louco por uma dose de areia durante o percurso aparentemente interminável do elevador ao topo da Cord-Hislop. Mas teria sido pura idiotice cheirar droga antes de uma reunião tão importante — e perigosa —, como esta. Ele tinha apenas uma oportunidade de convencer O Homem Ilusivo de que Pel era um traidor. Se fracassasse, provavelmente não sairia do prédio vivo, o que significava que jamais voltaria a ver Gillian.

— Conte-lhe tudo o que sei sobre a morte de Pel. Um desconhecido, ou mais de um, provavelmente quarian, invadiu o armazém. Imagino que tenha ajudado os outros a escapar. A maior parte da equipe de Pel foi morta durante a fuga. Durante a batalha, consegui sair à força de minha cela. Matei Pel e uma sobrevivente de sua equipe. Depois entrei em contato com você.

O Homem Ilusivo balançou a cabeça novamente e se levantou devagar. Com mais de 1,80 m, ele assomava sobre Grayson, ainda sentado na poltrona.

— Paul — disse ele suavemente, olhando de cima —, você é viciado em areia vermelha?

Não minta. Ele não estaria perguntando se já não soubesse.

— Eu não estava alterado durante a missão. Não estava alucinando quando atirei em Pel e não o matei e à sua equipe para encobrir algum erro que tivesse cometido enquanto estava chapado. Só fiz o que era necessário.

O Homem Ilusivo lhe deu as costas e se afastou, refletindo sobre suas palavras. Sem se voltar para Grayson, perguntou:

— Você gosta de Gillian?

— Sim — admitiu ele. — Eu gosto dela tanto quanto qualquer pai gosta de sua filha. Você me disse para criá-la como se fosse minha e assim fiz. Foi a única maneira de conseguir que ela confiasse em mim. — *E você já sabia a resposta para esta pergunta também.*

O Homem virou-se novamente para ele, mas continuou de pé.

— Tem alguma dúvida do que fazemos aqui, na Cerberus, Paul? Já teve algum conflito quanto ao que estivemos fazendo com Gillian?

Grayson ficou em silêncio por vários minutos, tentando formular cuidadosamente a resposta. No fim, não encontrou uma que fugisse da questão e replicou com a maior sinceridade que pôde:

— Pensar nisso acaba comigo. — Depois acrescentou com convicção: — Mas entendo por que deve ser feito. Entendo como serve ao bem maior. Acredito em nossa causa.

O Homem ergueu uma sobrancelha, surpreso, tombando a cabeça de lado para fixar o olhar no homem sentado diante — e abaixo — dele.

— Seu ex-parceiro nunca me daria uma resposta sincera como a sua. — Grayson não sabia se as palavras eram um elogio ou uma ofensa.

— Não sou igual a Pel. Ele fez um acordo com os Coletores. Traiu a humanidade. Traiu a Cerberus. Traiu você.

Grayson sentiu uma leve onda de alívio quando o líder voltou a se sentar.

— Não tenho relatos da localização de seu transportador desde que partiu de Omega. Nem um só avistamento em qualquer estação espacial ou colônia, seja no Espaço da Cidadela ou nos Sistemas Terminus.

— Creio saber o motivo — anunciou Grayson, soltando o ar que nem tinha percebido que mantinha, cerrado junto ao peito como o trunfo num jogo de cartas. — Creio que estão se escondendo em meio à flotilha quarian.

Mais uma vez, o líder ergueu uma sobrancelha, surpreso.

— Estou curioso para saber o que o levou a esta conclusão muito improvável.

Ele não tinha uma boa resposta. Sua teoria se baseava em alguns fragmentos de evidências circunstanciais: a escopeta que encontrara no armazém, o prisioneiro no porão e a certeza inabalável de que ele simplesmente *sabia* onde Gillian estava.

— Instinto — respondeu por fim. — Eu sinto em meu íntimo. Os quarians levaram minha filha.

— Se assim fizeram — respondeu seu chefe —, ela está fora de nosso alcance.

Grayson balançou a cabeça, refutando em silêncio a declaração do outro.

— Encontrei os relatórios da missão de Pel no armazém. Sei que ele reunia informações para se infiltrar na Frota Migrante e acredito que isso tenha atraído a equipe de resgate quarian ao depósito. Mas eles deixaram um deles para trás: um prisioneiro que Pel torturou até a

insanidade. Antes de morrer, ele me deu uma frequência de transmissão e o que acredito ser uma espécie de senha. Os relatórios de Pel também falavam em uma nave de reconhecimento quarian que ele havia apreendido, a *Cyniad*. Acredito que possamos colocar uma equipe na nave e usar a frequência e o código para entrar na flotilha e recuperar Gillian.

O Homem Ilusivo não tentou negar o propósito da missão de Pel. Em vez disso, pensou no plano de Grayson, provavelmente pesando os riscos contra as possíveis recompensas.

— Pode dar certo... Supondo-se que você tenha razão quanto aos quarians terem levado Gillian.

Ele voltou a se levantar, mas desta vez o gesto parecia indicar o final de sua reunião, como se tivesse conseguido o que queria de Grayson.

— Mandarei alguns agentes nossos para os Sistemas Terminus a fim de descobrir qualquer informação em apoio à sua teoria. Se conseguirem, mandaremos uma equipe de extração para pegá-la. Temos um contato quarian em Omega que pode nos ajudar. Darei a ele o código para ver se pode verificar a autenticidade.

Grayson tinha conseguido metade do que queria nesta reunião: a Cerberus ia enviar tropas para resgatar Gillian. Mas não era o suficiente para ele desta vez. Permitira por tempo demais que os outros controlassem a vida de sua filha enquanto ficava parado.

— Quero fazer parte da equipe de resgate.

O líder da Cerberus limitou-se a menear a cabeça.

— A missão exigirá precisão minuciosa e execução impecável. O menor erro pode colocar toda a equipe em risco. E estou preocupado que seus sentimentos por Gillian tenham comprometido sua capacidade crítica.

— Preciso fazer parte disso — insistiu Grayson. — Preciso resgatar minha filha.

— Eu dou a minha palavra a você de que ela não sofrerá mal algum — garantiu-lhe O Homem, sua voz resvalando em um registro grave e tranquilizador. — Vamos fazer de tudo para garantir a segurança dela. Sabe o quanto ela é importante para nós.

É com isso que estou contando.

Gillian representava mais de uma década de intensa pesquisa da Cerberus. Dezenas de milhares de horas e bilhões de créditos foram investidos nesta garotinha, na esperança de um dia ela se tornar a chave para abrir novas fronteiras no campo da biótica humana. O líder da Cerberus queria Gillian de volta tanto quanto Grayson, ainda que por motivos diferentes. E isso dava ao pai algo que poucas pessoas tinham quando lidavam com O Homem: poder.

— Você não tem alternativa — alertou Grayson, dando seu ultimato em um tom seguro e firme. — Não entregarei a senha. Não antes de estar numa nave indo diretamente ao coração da Frota Migrante. Se quiser Gillian de volta, sou sua única chance.

Era uma aposta perigosa. Era sempre uma possibilidade que o torturassem para arrancar informação, e suas técnicas fariam os métodos usados por Pel no prisioneiro quarian parecerem

misericordiosos. Mas Grayson ainda podia ser útil, em especial quando se tratava de Gillian. A Cerberus sabia do problema de sua filha e sabiam que ela talvez não respondesse bem a estranhos. Valia a pena manter o pai por perto... Ou assim ele esperava.

— Você é muito dedicado a ela — disse O Homem Ilusivo com um sorriso que não escondia muito bem a fúria que havia por trás. — Espero que mais tarde isto não se torne um problema.

— Então posso ir?

O líder assentiu.

— Marcarei uma reunião com Golo, nosso contato quarian em Omega.

Ele gesticulou e Grayson se levantou, tentando manter seu júbilo bem escondido. Era muito provável que houvesse repercussões para este seu desafio em algum lugar pelo caminho: O Homem Ilusivo tinha uma memória muito, muito boa. Mas agora ele não se importava com isso. Estava disposto a pagar o preço que fosse, se isso significasse ter a filha de volta.

VINTE

— Lembre-se do que lhe falei, Gillian — disse Hendel. — Tenha a imagem em sua mente, depois feche o punho e se concentre.

Gillian seguia as instruções de Hendel, enrugando a cara e concentrando toda sua atenção no travesseiro aos pés da cama onde estavam sentados de pernas cruzadas. Kahlee os observava com interesse do outro lado do quarto, recostada no batente da porta aberta.

Embora Kahlee não fosse biótica, estava familiarizada com as técnicas ensinadas por Hendel. O Projeto Ascensão usava feedback biomecânico simples, cerrar o punho ou lançar a mão bem no alto, por exemplo, como instrumento para liberar o poder biótico. A associação de movimentos musculares básicos com os padrões de pensamento complexos necessários criava um mecanismo de gatilho para feitos bióticos específicos. Pela prática e pelo treinamento, o ato físico correspondente tornava-se um catalisador dos processos mentais necessários, aumentando ao mesmo tempo a velocidade e a força do efeito biótico desejado.

— Você consegue, Gillian — insistiu Hendel. — Exatamente como praticamos.

A menina cerrou os dentes, o punho fechado com tanta força que começou a tremer.

— Boa garota — estimulou Hendel. — Agora jogue o braço para a frente e imagine o travesseiro voando pelo quarto.

Kahlee pensou ter visto um leve tremeluzir no ar, como uma onda de calor se elevando de asfalto queimado pelo sol. Depois o travesseiro se lançou da cama, disparando para Kahlee e pegando-a em cheio na cara. Não doeu, mas ela foi apanhada de guarda baixa.

Gillian riu, um grito nervoso de empolgação e surpresa. Até Hendel abriu um leve sorriso. Kahlee fechou a cara para os dois, fingindo estar exasperada.

— Seu tempo de reação está um pouco mais lento do que costumava ser — comentou Hendel.

— Acho melhor deixar vocês dois sozinhos antes que eu leve uma luminária nos dentes. — Ela saiu do quarto e seguiu para a popa na direção dos assentos da cabine de passageiros.

Três dias haviam se passado desde que seu transportador fora atracado na *Idenna* e eles ainda esperavam que o capitão desse permissão para que subissem a bordo de sua nave. Durante este tempo, estavam sendo bem tratados, mas Kahlee começava a desenvolver uma crise grave de irritação por confinamento.

Gillian e Hendel combatiam o tédio concentrando-se no desenvolvimento dos talentos bióticos da menina. Ela fazia um progresso impressionante em um intervalo de tempo incrivelmente curto. Se isso vinha do treinamento pessoal que Hendel lhe dava, ou se sua explosão no refeitório da academia derrubara alguma barreira mental, Kahlee não saberia dizer. E embora ficasse feliz em ver Gillian fazendo progressos, havia pouco que pudesse contribuir para ajudar.

Contudo, estava claro que Gillian lidava surpreendentemente bem com a situação deles. Ela sempre tivera dias bons e dias ruins; a gravidade de seu problema criava um fluxo e refluxo irregular. Nos últimos dias, ainda havia ocasiões em que Gillian parecia se desligar do que acontecia a sua volta, mas, no geral, estava mais consciente e envolvida. Mais uma vez, Kahlee não sabia o motivo exato. Podia ser o fato de que recebia mais atenção pessoal do que tinha na academia. Podia ter alguma relação com sua incapacidade de sair dos limites estreitos do transportador; Gillian estava intimamente familiarizada com cada centímetro quadrado da nave. Provavelmente se sentia segura e protegida a bordo, e não exposta e vulnerável enquanto andava pelas salas de aula e corredores da Academia Grissom. Ou simplesmente podia ser o fato de que ela tinha de interagir com pouca gente — além de Hendel e Kahlee, o único visitante do transportador era Lemm.

Ele ia até lá uma ou duas vezes por dia para atualizá-los sobre o que acontecia a bordo da *Idenna* e dar notícias importantes que chegavam das demais naves da Frota. Com quase 50 mil naves — a maioria fragatas, transportadores e pequenas embarcações pessoais —, havia um fluxo constante de informação e tráfego dentro da flotilha.

Felizmente, nos esforços intermináveis dos quarians de procurar recursos para sua sociedade, também havia dezenas de naves que chegavam e partiam de mundos próximos diariamente. Como prometeram, a *Idenna* solicitou das outras naves depósitos de comida que fosse adequada para humanos, bem como ambientações humanas. Um dia depois de sua chegada, os suprimentos começaram a ser fornecidos e o porão do transportador agora estava abastecido até o teto.

Não era de surpreender que o pedido tenha despertado suspeitas e boatos pelo resto da Frota. Como explicou Lemm, este era um dos motivos para que a decisão demorasse tanto. O capitão de cada nave tinha autoridade absoluta sobre sua embarcação, desde que essa autoridade não sofresse abusos e não colocasse em risco o resto da flotilha. Ao que parecia, abrigar não quarians definitivamente estava além do escopo do que era permitido.

Na esteira da estranha solicitação da *Idenna* por suprimentos para humanos, o Conclave e o Almirantado — respectivamente, os líderes civil e militar do governo quarian — envolveram-se

nas discussões do que estava para ser feito. A decisão final, explicou Lemm a Kahlee, caberia ao capitão da *Idenna*, mas não antes que todos os demais tivessem participado com suas opiniões e recomendações.

Para passar o tempo entre as visitas de Lemm, Kahlee começou a conversar com os quarians postados como seus seguranças na câmara de compressão. Ugho, o mais velho dos dois, era educado, mas um tanto frio. Respondia às suas perguntas de forma breve, quase ríspida, e ela desistiu de se dar ao trabalho de falar com ele quando estava de serviço.

Seeto, porém, era exatamente o contrário. Kahlee imaginou que ele teria a idade de Lemm. Embora oculto por trás da máscara e do traje espacial, sua única pista era o identificador “nar” em seu nome. Mas, por algum motivo, Seeto parecia mais ingênuo e juvenil do que seu salvador. Lemm passara vários meses longe da flotilha em sua Peregrinação e isso sem dúvida tinha alguma relação com este fato, mas Seeto também parecia ter uma exuberância pueril que ela simplesmente registrou como uma personalidade empolgada e extrovertida.

Kahlee aprendeu rapidamente que ele era tagarela. Uma ou duas perguntas dela eram o bastante para obter um fluxo de palavras que desaguavam em um rio caudaloso. Kahlee não se importava, porém. Ajudava a passar o tempo e ela aprendera muito com Seeto sobre os quarians em geral e, em particular, sobre a *Idenna*.

Com apenas trinta anos, explicou ele, a *Idenna* ainda era considerada uma nave nova. Compreensivelmente, considerando que algumas naves da flotilha foram fabricadas mais de três séculos atrás, antes da derrota e do exílio quarian nas mãos dos geth. Com o tempo, elas eram atualizadas, consertadas e aperfeiçoadas a ponto de não guardarem mais nenhuma semelhança com a nave original, porém ainda eram consideradas menos confiáveis do que as embarcações mais novas.

Seeto também contou que a *Idenna* era um cruzador de médio porte, com tamanho suficiente para ter lugar no Conclave, o conselho civil que orientava o Almirantado sobre a política da Frota e aprovava leis e regras em disputas e decisões específicas dentro da flotilha. Ela soube que havia 693 homens, mulheres e crianças que chamavam a *Idenna* de lar — 694, se o presente oferecido por Lemm de sua Peregrinação fosse aceito pelo capitão e ele se unisse à sua tripulação. Kahlee ficou assombrada com o número: na Aliança, um cruzador de médio porte teria uma tripulação de no máximo setenta ou oitenta pessoas. Imaginou os habitantes da *Idenna* vivendo em uma miséria sórdida e superlotada.

Quanto mais conversava com Seeto, mais à vontade ele ficava. O rapaz contou sobre Ysin'Mal vas Idenna, o capitão da nave. Os capitães de nave tendiam a ser homens e mulheres tradicionalistas. Mal, porém, era considerado por muitos um defensor agressivo da mudança e do progresso. Seeto confidenciou aos sussurros que ele até apresentara uma proposta para que a flotilha comesse a enviar cruzadores em explorações de longo prazo para regiões desconhecidas

do espaço, na esperança de descobrir mundos desertos e habitáveis que os quarians pudessem colonizar.

Esta visão em particular o colocava em conflito com os outros capitães de nave e com o Conclave, que acreditavam que os quarians precisavam continuar unidos na Frota Migrante, se quisessem garantir a própria sobrevivência. Porém, pelo modo como falava o jovem quarian, ficou claro para Kahlee que Seeto apoiava a opinião de seu capitão, em vez de a convenção comum.

Enquanto passava pela cabine de passageiros a caminho da câmara de compressão, ela torcia para que fosse o mais interessante Seeto, e não o estoico Ugho, que estivesse de serviço do lado de fora. Ainda proibida de deixar a nave, estava a ponto de usar o intercomunicador da câmara para entrar em contato com o guarda lá fora e pedir a ele para subir a bordo quando os lacres da porta de repente se abriram sozinhos.

Surpresa, Kahlee cambaleou para trás quando a porta se abriu e entrou um grupo de sete quarians. Sentiu um breve instante de alarme enquanto eles entravam a passos firmes no transportador, mas relaxou quando percebeu que nenhum deles estava armado.

Ela reconheceu Seeto e Ugho entre eles. E pensou que um deles à testa do grupo era Isli, a líder da patrulha de segurança que os recebera ali. Os outros quatro, ela não conhecia.

— O capitão concordou em se reunir com você — falou Isli à guisa de saudação, confirmando sua identidade.

Já não era sem tempo, pensou Kahlee. Em voz alta, disse apenas:

— Quando?

— Agora — respondeu Isli. — Nós a acompanharemos à ponte para vê-lo. Precisarás vestir seu traje espacial, é claro.

— Tudo bem. Deixe-me dizer a Hendel e Gillian aonde vou.

— Eles também precisam vir — insistiu Isli. — O capitão quer conhecer todos vocês. Lemm já está lá, esperando.

Kahlee não gostou da ideia de obrigar Gillian a sair do transportador e arrastá-la pelos conveses abarrotados da *Idenna*, mas, em vista das circunstâncias, não via como poderia se recusar.

Hendel compartilhou de sua preocupação quando ela lhe contou, mas parecia que Gillian não se incomodava com a ideia. Cinco minutos depois, quando todos tinham vestido os ambitrajes, eles saíram. Isli, Ugho e Seeto os acompanharam, enquanto os outros quatro quarians ficaram para trás.

— Eles precisam esterilizar seu transportador — explicou Isli. — É melhor que vocês não estejam na nave enquanto trabalham.

Kahlee se perguntou se eles realmente fariam a descontaminação da nave, ou se esta era apenas uma oportunidade de os quarians darem uma busca completa no transportador sem

ofendê-los. Mas isso não fazia diferença: não tinham nada a esconder.

Isli os levou pela nave enquanto Ugho andava em silêncio ao seu lado. Seeto ficou para trás, com os humanos, para oferecer um comentário ou explicação ocasional sobre o que viam durante a jornada.

— Este é o convés de troca da *Idenna* — falou ao passarem das baías de atracação para o que teria servido como porão de carga em uma nave da Aliança.

O espaço estava abarrotado de quarians, todos em seus ambitrajes, andando por ali. Cada um carregava uma bolsa ou mochila. Armários de depósito ladeavam as paredes. A maioria estava aberta, revelando que o conteúdo era uma mistura de objetos comuns, de roupas a utensílios de cozinha. Pilhas similares de artigos eram colocadas em caixas de aço grandes e abertas por cima e contêineres de armazenamento imensos em metal espalhados ao acaso pelo chão, enchendo o espaço, exceto pelos estreitos corredores que seguiam dos dois lados entre eles.

Os quarians andavam de um contêiner a outro e de um armário ao seguinte. Vasculhavam seu interior, de vez em quando pegando um objeto e examinando antes de ficar com sua descoberta ou devolvê-lo ao seu lugar e voltar à sua busca.

— Qualquer um que tenha bens ou artigos de que não precisa guarda-os aqui — explicou Seeto —, assim os outros podem vir e pegar o que precisam.

— Quer dizer que vocês deixam que qualquer um pegue qualquer coisa dos outros? — perguntou Hendel, surpreso.

— Não se alguém mais estiver usando — respondeu Seeto, sua voz deixando claro que, para ele, a resposta era patentemente óbvia.

— Mas se você não está usando, deve trazer para cá e entregá-lo de graça a outra pessoa?

— O que mais você faria? — indagou o jovem quarian, a pergunta deixando claro que o conceito de vender mercadorias excedentes ao seu vizinho era completamente estranho a ele.

— E se alguém acumular suas posses? Sabe, guardando tudo para si?

Seeto riu.

— Quem faria uma coisa dessas? O espaço em que você vive ficaria tão abarrotado que a pessoa teria de dormir de pé, só para ter alguns objetos que nem mesmo usa. — Ele balançou a cabeça e riu baixinho da tolice de Hendel.

Ao passarem pelo convés de troca, Kahlee lançou um rápido olhar a Gillian. Era difícil saber de seu estado emocional por trás da máscara, mas ela parecia bem.

Satisfeita, Kahlee voltou sua atenção aos quarians que procuravam mercadorias. À primeira vista, a cena se assemelhava a uma praça de mercado abarrotada de qualquer mundo colonial. Mais atentamente, porém, mostrava-se muito diferente. Carecia da energia agressiva e agitada de um bazar típico. Apesar da multidão — quarenta ou cinquenta pessoas, segundo seus cálculos —, ninguém empurrava, pressionava ou lutava pelos objetos. Em geral, duas ou três pessoas

paravam e conversavam, embora sempre tivessem o cuidado de dar um passo de lado para não bloquear os corredores.

Ela precisou de um momento para perceber o que mais estava faltando: o barulho. Não havia mercadores apregoando aos berros seus produtos e nenhuma gritaria furiosa de clientes e proprietários barganhando preços. Apenas o ruído suave de pessoas procurando nos armários e nas caçambas, e a conversa baixa e bem-humorada de vizinhos e amigos.

Eles se aproximavam do grande elevador de carga que os levaria para o nível superior da nave quando Kahlee percebeu algo mais. Uma mesinha estilosa de madeira alienígena não identificada tinha sido colocada na frente de uma porta que levava a uma sala de suprimentos na lateral do porão de carga. Uma quarian sentava-se à mesa atrás de um computador, onde uma fila de cinco ou seis pessoas aguardava. Dois quarians estavam de pé atrás dela.

O homem na frente da fila disse alguma coisa à mulher, que entrou com uma informação no computador. Ele entregou um pacote vazio a ela, que passou a um dos sujeitos de trás. Ele desapareceu na sala, saindo alguns segundos depois e entregando o pacote, agora cheio, ao homem da fila.

— O que está acontecendo ali? — perguntou Kahlee.

— Itens essenciais, como comida ou remédios, são guardados separadamente — explicou Seeto. — Precisamos controlar nossas reservas para garantir que sempre temos o suficiente para todos na colônia.

— O que acontece quando as reservas ficam baixas? — perguntou Hendel.

— Se cuidarmos delas com atenção, nunca baixarão — respondeu Seeto. — Chegam carregamentos semanais das Liveships para atender às nossas necessidades básicas. E itens específicos ou de luxo são adquiridos pelas naves de reconhecimento que enviamos para explorar os mundos dos sistemas pelos quais passamos, ou pela troca com outras naves da Frota.

Eles entraram no elevador e subiram, deixando para trás o convés de troca. Quando chegaram ao nível seguinte, a porta do elevador se abriu e o queixo de Kahlee caiu com a visão adiante.

Estavam no que teria sido o convés da tripulação de um cruzador da Aliança. Mas em vez da sala de descanso, dos alojamentos ou da sala de recreação esperados, ela teve seu primeiro vislumbre de como vivia a grande maioria dos quarians.

A maior parte das paredes internas do convés fora arrancada para maximizar o uso do espaço. No lugar delas havia uma imensa grade de cubículos, organizados em grupos de seis: três dando para a popa e a proa pelo convés da nave, dois correndo a bombordo e a estibordo. Cada cubículo tinha talvez 3 metros e meio de lado, com três paredes de placas de aço que subiam até o teto. O quarto lado, dando para os corredores que cruzavam de popa a proa e de bombordo a estibordo entre cada grupo de cubículos, era aberto, embora a maioria tivesse tecidos de cores

vivas pendurados do teto como cortinas para cobrir a abertura. O barulho que estivera ausente nos mercados parecia ter migrado para ali, um zumbido de sons e vozes que se elevava de cada cubículo.

— É neste convés que moramos — disse-lhes Seeto com orgulho enquanto Isli os levava por um dos corredores pelo meio da grade de cubículos. Como no convés de troca, os corredores seguiam dos dois lados, apinhados de gente. Esses indivíduos andavam com mais propósito do que os compradores indolentes, embora ainda fossem impecavelmente corteses no trato com os outros.

Ao passarem de um cubículo a outro, Kahlee se perguntou se as cores e os complexos desenhos costurados nas cortinas de tecido que serviam como portas tinham algum significado, como identificar indivíduos de um clã ou família específica. Tentou procurar sinais de padrões comuns ou repetidos no artesanato que sugerissem um significado, mas, se havia, eles lhe escapavam.

Muitas cortinas de tecido estavam parcialmente abertas e Kahlee não resistiu ao impulso de olhar de um lado a outro cada cubículo por que passavam, pegando vislumbres ocasionais de quarians comuns levando sua vida diária. Alguns cozinhavam em pequenos fogões elétricos, outros arrumavam seus cubículos. Ainda havia aqueles que jogavam cartas ou outros jogos, ou viam telas de vídeo pessoais. Uns se reuniam em pequenos grupos, sentados no chão, em visita ao espaço de um amigo ou parente. Uns poucos inclusive dormiam. Todos usavam os ambitrajes.

— Eles estão vestindo seus trajes por nossa causa? — perguntou Hendel.

Seeto balançou a cabeça.

— Raras vezes tiramos nossos ambitrajes, a não ser nos ambientes mais privativos ou encontros íntimos.

— Trabalhamos muito para manter nossas naves — acrescentou Isli mais à frente —, mas a possibilidade de uma brecha no casco ou vazamento no motor, embora remota, é algo que devemos ter em mente constante e agudamente.

A princípio sua explicação fazia sentido, mas Kahlee desconfiava de que havia mais nisso. Brechas no casco e vazamentos de motor seriam extremamente raros, mesmo em naves mais antigas e arruinadas. E monitores simples da qualidade do ar, combinados com detectores de elemento zero, podiam alertar as pessoas a bordo para vestir seus trajes na eventualidade de uma emergência muito antes que qualquer dano grave lhes fosse infligido.

Era bem provável que o uso dos ambitrajes tivesse se tornado uma tradição profundamente arraigada ou um costume nascido da falta inescapável de privacidade nas naves superpovoadas. As máscaras e camadas de tecido podiam muito bem ser um amortecedor físico, emocional e psicológico numa sociedade em que era praticamente impossível ter solidão.

— Como vocês vão ao banheiro? — perguntou Gillian, para grande surpresa de Kahlee. Ela esperava que a menina se retraísse dentro de si numa tentativa de escapar das multidões e do excesso de barulho no ambiente desconhecido.

Talvez ela também obtenha alguma privacidade psicológica com sua máscara e traje espacial.

— Temos banheiros e chuveiros no convés inferior — explicou Seeto, em resposta à pergunta de Gillian. — O ambiente é lacrado e estéril. É um dos poucos lugares em que nos sentimos à vontade para tirar o traje espacial climatizado.

— E quando não estão numa nave quarian? — Gillian quis saber.

— Nossos trajes são equipados para armazenar vários dias de dejetos em compartimentos lacrados entre a camada interna e externa. O traje pode então ser descarregado, livrando-se dos dejetos em qualquer instalação sanitária comum... Como o banheiro de seu transportador... Sem expor o usuário a contaminantes externos.

Seeto de repente disparou à frente e puxou a cortina de um dos cubículos.

— É aqui que eu moro — anunciou animado, enquanto os conduzia para lá.

Espiando seu interior, Kahlee viu um espaço pequeno, abarrotado, mas arrumado. O tapete de dormir estava enrolado num canto. Um pequeno fogareiro, uma tela de vídeo pessoal e um computador estavam encostados em uma das paredes. Vários tecidos de cor laranja viva pendiam das paredes, a cor combinando com a cortina que era usada para bloquear a entrada.

— Você mora sozinho aqui? — perguntou Kahlee e Seeto riu novamente da tolice dos humanos.

— Divido este espaço com minha mãe e meu pai. Minha irmã morou aqui por muitos anos, até partir em sua Peregrinação. Agora ela está com a tripulação da *Rayya*.

— Onde estão os seus pais agora? — perguntou Gillian e Kahlee pensou ter ouvido certa saudade em sua voz.

— Meu pai trabalha nos conveses superiores como navegador. Minha mãe normalmente faz parte do conselho civil que orienta o capitão Mal, mas esta semana trabalha como voluntária nas Liveships. Voltará daqui a dois dias.

— E todo o tecido laranja pendurado nas paredes — perguntou Kahlee, desviando-se do assunto dos pais ausentes. — Significa alguma coisa?

— Significa que minha mãe gosta da cor laranja. — Seeto riu, deixando a cortina se fechar enquanto continuavam em seu caminho.

Eles passaram pelos cubículos restantes e chegaram ao outro elevador.

— Acompanharei sozinha os humanos a partir daqui. — Isli informou a Seeto e Ugho. — Vocês dois, voltem para a unidade de trabalho normal.

— Infelizmente, é aqui que nos separamos — disse Seeto com um gesto de cabeça cortês. — Espero que nos vejamos novamente em breve.

Ugho também assentiu, mas não se incomodou em falar.

O elevador se abriu e eles seguiram Isli para dentro. As portas se fecharam e o elevador os levou à ponte. Ao saírem, Kahlee se surpreendeu ao ver vários outros cubículos construídos de um lado do corredor que saía do elevador. Aparentemente, o espaço era tão valioso que até ali, apenas a alguns metros da própria ponte, cada centímetro disponível era usado.

— Estes são os alojamentos do capitão — observou Isli enquanto passavam por um dos cubículos na direção da ponte, cumprindo o papel de guia turística agora que Seeto não estava mais com eles. A cortina azul e verde estava completamente fechada, tornando impossível ver seu interior. Mas, a julgar pela extensão do corredor e as duas placas de aço que formavam as paredes laterais, Kahlee estimou que o quarto do capitão tinha o mesmo tamanho de qualquer outro.

Quando chegaram à ponte, Kahlee notou, com certa surpresa, que era o único lugar da nave que não parecia abarrotado. Ainda havia alguns corpos se espremendo por uma área pequena — um piloto, dois navegadores, o operador de comunicações e vários outros tripulantes —, mas o mesmo podia ser dito de qualquer nave da Aliança. O capitão estava sentado em uma cadeira no meio da ponte e Lemm, com a perna ferida ainda envolta na bota protetora, colocava-se de pé atrás dele. O capitão se levantou e se aproximou enquanto os convidados entravam, e Lemm mancou atrás dele.

— Capitão Ysin'Mal vas Idenna — disse Lemm, fazendo as apresentações —, permita-me apresentar Kahlee Sanders e seus companheiros Hendel Mitra e Gillian Grayson.

— Você e seus amigos são bem-vindos a bordo da *Idenna* — falou o capitão, estendendo a mão a cada um deles. Mais uma vez, Gillian não se retraiu nem se intimidou com o contato, embora desta vez não tivesse coragem de falar.

Deve ser o traje espacial, pensou Kahlee.

Aos olhos de Kahlee, o capitão Mal parecia exatamente qualquer outro quarian que tinha conhecido. Ela sabia que sua observação era mais do que apenas um preconceito interespecie. Mesmo levando em conta o fato de que muitas diferenças físicas eram encobertas por seus trajes ambientais, era uma generalização segura dizer que todos os quarians eram basicamente iguais. Eles eram de tamanho quase uniformemente similar, com muito menos variedade do que a encontrada entre humanos.

Além de Lemm, fácil de identificar devido à sua bota, ela aprendera a depender de diferenças específicas em seus trajes para distinguir os quarians. Seeto, por exemplo, tinha uma leve descoloração perceptível no ombro esquerdo do traje espacial, como se tivesse sido esfregado ou usado constantemente por muitos meses. Porém, se Hendel e Grayson estivessem usando ambitrages, teria sido fácil distingui-los sem depender de truques semelhantes: Hendel era 15 centímetros mais alto e 35 quilos mais pesado do que o pai de Gillian. Este grau de variação simplesmente não existia na população quarian.

É assim em todas as outras raças, pensou Kahlee consigo mesma. *Por algum motivo, os humanos têm uma diversidade genética muito maior do que o resto da galáxia.* Ela não havia percebido isso antes, não conscientemente, mas ali, na ponte da *Idenna*, era evidente.

Está acontecendo também conosco, percebeu Kahlee enquanto Hendel apertava a mão do capitão. A origem mista de nórdico e indiano do grandalhão era a norma na Terra e o subproduto genético inevitável era uma população fisicamente mais homogênea. No século XXII, o cabelo louro como o dela era uma raridade e olhos naturalmente azuis já não existiam. *Mas com o tingimento de cabelo, a tonalização da pele e as lentes de contato coloridas, quem se importa com isso?*

— Estendo a cada um de vocês as calorosas boas-vindas de minha nave e sua tripulação — dizia o capitão, levando Kahlee a voltar sua mente rapidamente ao presente. — É uma honra conhecê-la.

— A honra é nossa, capitão Mal — respondeu Kahlee. — O senhor nos aceitou quando não tínhamos aonde ir.

— Nós mesmos somos errantes — respondeu o capitão —, encontramos a segurança e a comunidade aqui, na Frota Migrante, e ofereço esta segurança agora a vocês também.

— Obrigada, senhor.

O capitão baixou a cabeça em reconhecimento de sua gratidão, depois colocou a mão em seu ombro, trazendo-a para perto a fim de falar com ela num tom tão baixo que Kahlee mal conseguiu ouvir através do modulador de voz em sua máscara.

— Infelizmente, a segurança da Frota Migrante é falsa — cochichou ele.

Kahlee foi apanhada de guarda baixa pelo aviso enigmático, surpresa demais para dar uma resposta. Felizmente, parecia que ele não esperava nenhuma. O capitão tirou a mão de seu ombro e recuou um passo, voltando à conversa no tom normal.

— Representantes do Conclave e do Almirantado estão vindo à *Idenna* para falar com você — informou. — Esta é uma grande honra para minha nave e minha tripulação.

Por seu tom de voz, Kahlee desconfiou de que ele sentia que a honra mais parecia uma inconveniência.

— Senhor — informou um dos tripulantes ao capitão —, a *Lestiak* pede permissão para ancoragem.

— Mande-os para a baía 5 — respondeu Mal. — Nós os encontraremos lá.

— Venham — disse ele a Kahlee e seus companheiros —, não devemos fazer visitas tão importantes esperar.

VINTE E UM

Mais uma vez Kahlee e seus companheiros foram levados pela nave por três quarians. Desta vez, porém, sua escolta consistia em Isli, Lemm e o capitão.

Eles retornaram aos níveis inferiores e passaram pelas baías de atracação. Em vez de voltarem para o transportador de Grayson, contudo, foram para uma das outras baías ocupadas onde a *Lestiak*, junto com sua importante tripulação, já esperava por eles.

Considerando o prestígio político daqueles a bordo, Kahlee se surpreendeu ao ver que o capitão não pediu permissão antes de abrir a câmara de compressão e entrar na nave.

— Acho que o capitão pode entrar onde quiser em sua própria nave — cochichou-lhe Hendel, também observando o estranho comportamento.

Dentro do transportador, foram levados a uma grande sala de reuniões que dava a impressão de ter sido montada para o que parecia uma espécie de interrogatório oficial. *Ou uma corte marcial*, pensou Kahlee. Havia uma mesa semicircular e longa com seis cadeiras. Cinco delas estavam ocupadas por quarians e uma, na cabeceira, estava vazia. Vários guardas armados se postavam ao fundo da sala, atrás dos dignitários sentados.

Mal os levou ao centro da sala, onde ficaram postados enquanto ele fazia uma rodada completa de apresentações. Kahlee não se deu ao trabalho de tentar se lembrar dos nomes de todos que eram apresentados. Porém, fez questão de perceber que três dos quarians presentes eram representantes eleitos do Conclave civil e que dois eram membros do conselho militar do Almirantado.

Ela também percebeu que, ao apresentar Lemm, Mal referiu-se a ele como “Lemm’Shal vas Idenna”: ao que parecia, a Peregrinação do jovem quarian estava oficialmente encerrada e ele tinha sido aceito na tripulação de Mal.

Quando terminaram as apresentações, Mal foi se sentar no único assento vago à mesa. Isli se colocou atrás dele, juntando-se aos outros guardas de honra que observavam a cena da parede do fundo. Lemm não se mexeu, permanecendo com os humanos que ficaram de pé na frente da mesa.

— Kahlee Sanders — perguntou um dos representantes do Almirantado, dando início aos procedimentos —, você compreende por que a trouxemos aqui?

— Os senhores acreditam que posso saber alguma coisa sobre Saren Arterius e como ele conseguiu controlar os geth — respondeu ela.

— Pode descrever sua relação com Saren? — perguntou outro representante, este do Conclave civil.

— Não houve uma relação. Eu apenas o encontrei brevemente por duas ou três vezes. Pelo que sei, ele era apenas o Espectro designado para investigar as atividades de meu mentor, o Dr. Shu Qian.

— E que atividades eram essas exatamente?

— Qian tinha descoberto uma espécie de artefato alienígena — explicou, escolhendo as palavras com cuidado. — Podia ser prothean. Talvez fosse até mesmo anterior a eles. Nenhum de nós sabia verdadeiramente. Ele julgava que o artefato era a chave para a criação de uma nova espécie de inteligência artificial. Mas deixou o resto de nós no escuro: éramos apenas mão de obra de laboratório para ele, correndo os dados que coletava em seus testes e experimentos. Qian era o único que sabia de algum detalhe sobre o artefato: onde estava, o que era, o que fazia.

Ela fez uma rápida parada, então continuou:

— Mas Qian desapareceu e nunca foi encontrado. Nem seus arquivos.

— É possível que Saren tenha encontrado os arquivos dele? — perguntou alguém do Conclave. — É possível que tenha encontrado este artefato e o usado para ganhar controle sobre os geth?

— É uma possibilidade — respondeu Kahlee, com certa relutância. A ideia já havia lhe ocorrido, mas ela não gostava de especular que tinha desempenhado certo papel, embora pequeno, na devastação provocada pelos geth.

— Já ouviu falar de uma espécie conhecida como “os Ceifadores”⁴? — quis saber o primeiro quarian.

Kahlee balançou a cabeça em negativa.

— As notícias que correm da Cidadela é de que a nau capitânia de Saren, a *Sovereign*, na realidade era uma inteligência artificial avançada — explicou o quarian. — Isso é, tratava-se de uma criatura viva: apenas uma dentre toda uma raça de imensas naves sencientes conhecidas como os Ceifadores.

— Isto são apenas boatos — interferiu Hendel. — Não há provas em apoio a essas teorias.

— Mas pode explicar por que os geth seguiram Saren — argumentou o quarian. — Uma IA avançada pode ter sido capaz de controlar os sistemas de inteligência rudimentares dos geth.

— Não posso dizer com certeza — respondeu Kahlee. — Não sei nada sobre os geth, nada além do que vi nos vídeos. E não tenho ideia de por que eles seguiram Saren.

— Mas se *Sovereign* era um Ceifador — pressionou um integrante do Almirantado —, pode haver mais de sua espécie. Poderiam estar adormecidos em regiões inexploradas do espaço, esperando que alguém os descubra por acaso e os desperte.

— Talvez — disse Kahlee com um dar de ombros indeciso.

— É evidente para mim que isto é algo que queremos evitar a todo custo possível — intrometeu-se um dos representantes do Conclave. — Um Ceifador quase destruiu a Cidadela. Outro pode terminar o trabalho. A galáxia já nos culpa pelos geth. Não precisamos dar a eles outro motivo para nos odiar.

— Ou talvez, se encontrarmos um desses Ceifadores — argumentou Mal, juntando-se à conversa pela primeira vez —, podemos usá-lo como fez Saren... Para tomar o controle dos geth! Podemos voltar aos nossos mundos natais e reivindicar o que é nosso por direito!

Houve um longo silêncio, depois alguém do Almirantado perguntou a Kahlee:

— O capitão Mal está correto? Acredita que é possível descobrir um Ceifador latente e usá-lo para ter controle sobre os geth?

Kahlee balançou a cabeça, estupefata.

— Não sei dizer. São variáveis desconhecidas demais.

— Por favor — insistiu o quarian, embora seu pedido mais parecesse uma ordem —, especule. Você é uma das mais importantes especialistas da galáxia em inteligência sintética. Estamos ansiosos para ouvir o que pensa.

Kahlee respirou fundo e considerou o problema atentamente antes de responder.

— Em vista do que sei sobre a pesquisa do Dr. Qian, se a nave de Saren era o artefato alienígena que estávamos estudando, poderia ter sido possível usá-la para controlar os geth. E se existirem mais naves como a *Sovereign*, então, sim, é lógico pressupor que também possam ser usadas para controlar ou influenciar os geth... Supondo-se que foi o que Saren fez.

Era difícil interpretar a linguagem corporal dos quarians à mesa, pois suas expressões estavam encobertas pelas máscaras. Mas Kahlee pensou ter detectado raiva ou frustração em várias de suas posturas. Mal, contudo, parecia se sentar mais ereto do que antes.

— Há mais alguma coisa que possa nos informar, Kahlee Sanders? — perguntou alguém do Almirantado. — Algo sobre Saren, ou os geth, ou a pesquisa do Dr. Qian?

— Na realidade, não há nada a dizer — disse Kahlee num tom de desculpas. — Gostaria de poder ser mais útil.

— Acredito termos tudo de que precisamos — disse Mal, levantando-se. — Obrigado, Kahlee.

Percebendo que não iam conseguir mais nada de sua hóspede, os demais participantes deferiram a decisão dele e da mesma forma levantaram-se.

— Agradecemos por seu tempo — falou um deles. — Capitão Mal, gostaríamos de continuar esta discussão com o resto do Conclave. É nossa esperança que o senhor nos

acompanhe.

Mal concordou.

— Estou ansioso para falar com eles.

— Devemos partir assim que for possível — observou um dos outros quarians. — Talvez possa pedir à sua chefe de segurança que escolte os humanos de volta a seu transportador, não?

— Kahlee e os demais são convidados de honra da *Idenna* — disse Mal incisivamente. — Não precisam de escolta de segurança. São livres para entrar e sair como bem lhes aprouver.

Houve um silêncio canhestro que finalmente foi rompido por alguém do Almirantado:

— Entendo, capitão.

Tendo conquistado seu ponto, Mal virou-se para Kahlee e os outros.

— Desde que tenham o cuidado de não interferir nas operações da nave, estou garantindo a vocês livre acesso em minha embarcação. Se desejarem um guia, Lemm ficará honrado em lhes mostrar tudo.

— Obrigada, capitão — falou Kahlee, ansiosa para sair da *Lestiak* e deixar para trás a situação cada vez mais tensa.

— Talvez, quando eu voltar do Conclave, possamos conversar novamente.

— É claro — respondeu ela. — O senhor é sempre bem-vindo em nosso transportador.

Sem saber se havia algum protocolo formal necessário antes de serem dispensados, Kahlee simplesmente ficou parada ali até que Lemm deu um leve puxão no seu cotovelo.

— Venha — cochichou o rapaz —, vamos.

Mal e Isli ficaram na nave enquanto ele os conduzia para fora. Depois de passarem pela câmara de compressão e voltarem à *Idenna*, Hendel virou-se para Lemm.

— Mas que droga foi essa agora?

— Política — foi a resposta curta e nada informativa.

— Não pode ser um pouco mais detalhado? — pressionou Kahlee.

— Tenho certeza de que o capitão esclarecerá tudo quando voltar do Conclave — garantiu-lhe Lemm. — Por favor, tenha paciência por mais alguns dias.

— Até parece que temos escolha — falou Hendel com um grunhido. — Mas minha paciência está ficando pavorosamente escassa ultimamente.

Grayson não gostava de Golo.

O Homem Ilusivo marcara uma reunião entre Grayson e o quarian em Omega para planejar seu ataque à Frota Migrante. O encontro aconteceria em um pequeno apartamento alugado no distrito dos Talon, a menos de duas quadras de distância do armazém onde ele havia matado Pel. A sala estava vazia, exceto por duas cadeiras, uma mesa e os dois presentes.

— Você pode simplesmente desistir — declarou Golo, dando início à conversa. — É impossível se infiltrar na Frota quarian.

— Eles estão com a minha filha — respondeu Grayson, mantendo a voz neutra, apesar da bile na garganta. — Eu a quero de volta. Soube que pode nos ajudar.

Golo podia ser um aliado da Cerberus, mas era um traidor de seu próprio povo. Grayson não podia respeitar alguém que dera as costas à própria espécie simplesmente para ter lucro. Contrariava tudo em que ele acreditava.

— São 50 mil naves na Frota Migrante — lembrou-lhe Golo. — Mesmo que tenham a menina em seu poder, como vai saber em que nave ela está?

— O piloto da nave de reconhecimento, aquele que Pel torturou para obter informações, disse que o nome dele era Hilo’Jaa vas Idenna. Acredito que a *Cyniad* era nave de reconhecimento da *Idenna*. Quem apareceu procurando por ele era da mesma tripulação. Foram eles que levaram Gillian.

— Isso faz sentido — admitiu Golo. Algo no modo como falou fez Grayson sentir que estava jogando com ele, como se Golo já soubesse de tudo isso. — Mas não importa. Você não conseguiria chegar perto da *Idenna*. Mesmo que esteja na *Cyniad*, as patrulhas dispararão na nave se você não usar os códigos e as frequências de saudação corretos.

— Tenho a frequência e o código — garantiu-lhe Grayson. — O piloto me deu antes de morrer.

Golo riu.

— E como sabe que são verdadeiros? E se ele lhe deu um código falso?

Grayson pensou no quarian que descobriu no porão. Pel tinha um sexto sentido para saber quando suas vítimas mentiam sob tortura: o interrogatório sempre fora um de seus pontos fortes.

— A informação é confiável — assegurou. — Vai nos fazer passar pelas patrulhas.

— Sua confiança é uma inspiração — respondeu o quarian e Grayson ouviu a malícia em sua voz.

Ele sabia que Golo era o contato de Pel em Omega. Fora fundamental na aquisição da *Cyniad* e Grayson não podia deixar de se perguntar no que mais o quarian e Pel se envolveram juntos.

— Estamos oferecendo dez vezes o que você recebeu pela última missão — disse Grayson, esforçando-se para controlar a raiva crescente.

Precisava de Golo. Não bastava obter os códigos. Se quisessem ter qualquer esperança de sucesso na missão, eles precisavam de alguém familiarizado com os protocolos da Frota Migrante na nave para impedir que cometessem um erro que os expusesse. E precisavam de alguém fluente na língua quarian no rádio para transmitir os códigos às patrulhas: um tradutor automático não serviria.

— Dez vezes? — disse Golo, considerando a proposta. — Quanta generosidade. Mas vale a pena arriscar minha vida por isso?

— Também é uma oportunidade de vingança — lembrou-lhe Grayson, adoçando a oferta.

Ele lera o perfil de Golo nos relatórios de missão de Pel. Sabia que o quarian abrigava um ódio profundo pela sociedade que o exilara e Grayson estava disposto a explorar esse ódio sem culpa se isso o ajudasse a ter Gillian de volta.

— A Frota o baniu. Eles o expulsaram. Esta é sua chance de revidar de um jeito que jamais esquecerão. Ajude-nos e você pode fazê-los pagar.

— Pelo visto, somos espíritos irmãos, Paul Grayson — disse Golo com um riso cruel e o estômago do humano se revirou.

— Isto quer dizer que você concorda? — perguntou ele.

— Ainda temos vários problemas a considerar — disse Golo como confirmação. — A *Cyniad* e os códigos nos farão passar pelas patrulhas. Mas precisaríamos de um jeito de romper as comunicações da *Idenna* depois de ancorar, para que não alertem o resto da flotilha quando o ataque começar.

— Podemos cuidar disso — falou Grayson, sabendo que a Cerberus tinha esta tecnologia prontamente disponível. — O que mais?

— Vamos precisar das plantas do interior da nave.

— Originalmente, era um cruzador batarian classe Hensa — respondeu Grayson, transmitindo a informação que os agentes do Homem já haviam coletado nos preparativos para a missão. — Temos as plantas.

— Impressionante — respondeu Golo. — Afinal, há uma possibilidade de que isso dê certo. Desde que você e sua equipe façam exatamente o que eu mandar.

— É claro — disse Grayson entre dentes, estendendo a mão para selar o acordo simbolicamente. — Nunca pensei que seria de outra forma.

Nota

4. Embora o termo inglês (*Reapers*) seja aceito por boa parte dos jogadores brasileiros, a tradução “Ceifador” evidencia o sentido original de associar à raça alienígena o senso de destruição que acompanha vagamente o mito do “Ceifador Sinistro”. (*N. da E.*)

VINTE E DOIS

Mais três dias se passaram antes que Mal voltasse à *Idenna*. Kahlee passou a maior parte desse tempo explorando a nave quarian, familiarizando-se mais com seus habitantes e sua cultura.

Ela agora entendia que a maior parte de suas crenças anteriores sobre os quarians ou estavam inteiramente equivocadas ou eram distorções grosseiras da verdade. Ela sempre os considerara carniceiros, ladrões e bandidos: uma cultura de criminosos mesquinhos que não mereciam confiança. Agora via que simplesmente eram engenhosos e decididos. Era um povo que lutava para sobreviver com espaço e recursos limitados, entretanto recusava-se a permitir que sua sociedade degenerasse no egoísmo e na anarquia. Para tanto, apegavam-se fortemente a seu forte senso de comunidade.

Havia algo nobre nesta unidade, embora fosse forçada pelas circunstâncias. Todos os quarians acreditavam verdadeiramente que precisavam trabalhar juntos para sobreviver. Os fortes laços familiares entre companheiros de nave e a disposição dos indivíduos de se sacrificarem pelo bem maior eram valores que, para Kahlee, outras espécies poderiam aprender. Isto é, se conseguissem enxergar para além de seus preconceitos e noções preconcebidas sobre os quarians.

Enquanto Kahlee explorava a nave, Hendel e Gillian passavam a maior parte do tempo no transportador de Grayson, praticando biótica. Mesmo usando o traje espacial, Gillian ainda não ficava inteiramente à vontade com estranhos e preferia se isolar em ambientes mais conhecidos.

De vez em quando, Lemm ou Seeto apareciam de visita, embora os dois se calassem quando Kahlee ou Hendel tentavam arrancar informações da situação política quarian. Era frustrante ser um peão em um jogo que ela não entendia inteiramente, mas Kahlee tinha confiança de que obteria algumas respostas em breve: o capitão Mal finalmente vinha falar com eles.

Kahlee, Hendel e Gillian vestiram seus ambitrajes nos preparativos para a visita dele ao seu transportador. Lemm havia sugerido a ideia na véspera como forma de mostrarem respeito pelos costumes e tradições quarians em homenagem à chegada do capitão. Até que soubessem

mais sobre o propósito da reunião, notou Hendel, provavelmente era melhor fazer o que pudessem para ficar em bons termos com eles.

Com certa relutância, Kahlee concordou. Não gostava de usar o traje se não fosse necessário, embora não soubesse dizer exatamente o que a desagradava nele. Os trajes tinham a temperatura inteiramente controlada, assim ela nunca se sentia com calor ou suada dentro deles, e o tecido fino e flexível não restringia seus movimentos. E com a placa facial de vidro do visor e os aprimoramentos de áudio no capacete, ela podia enxergar e ouvir melhor com o traje do que sem ele.

Ainda assim, nunca ficava à vontade nele. O traje impedia inteiramente suas sensações táteis normais, como o toque do couro quente sob a palma da mão quando a colocava no braço de seu assento, ou o metal frio e duro do tampo da mesa quando tamborilava os dedos ali. Era impossível mesmo passar os dedos pelo cabelo.

Gillian, por sua vez, parecia adorar usar o traje e o tirara apenas uma vez desde seu encontro com o capitão na ponte. Usava-o inclusive durante o treinamento de biótica com Hendel. Kahlee sabia que o chefe de segurança estranhava o comportamento dela, mas concordava, para o bem da menina. Insistia, porém, que retirasse o capacete e a máscara durante as sessões. Gillian aquiescia, mas não sem algumas queixas e resmungos.

O simples fato de que ela resmungava e reclamava, em vez de obedecer em silêncio, era prova ainda maior do quanto mudara. Kahlee comentou com Hendel sobre o progresso que Gillian mostrava e até contou sua teoria de que o traje podia fazer a menina se sentir psicologicamente segura e mais confiante. Hendel, porém, tinha uma tese diferente.

— Acho que ela só está melhorando porque a Cerberus não a está drogando mais.

A ideia era perturbadora, mas Kahlee se surpreendeu por não ter pensado por si própria. Era duvidoso que o problema de Gillian fosse provocado unicamente pelos preparados químicos que Jiro lhe administrara, mas era bem possível que tivessem agravado seus sintomas. De algum modo, este conhecimento tornava ainda mais monstruoso o que Grayson permitira que fizessem com a própria filha.

O barulho da abertura da câmara de compressão a assustou, arrancando-a de suas recordações.

— Eles não têm o hábito de bater, não é? — falou Hendel, apenas mexendo os lábios e sem emitir som, enquanto levantava-se de sua cadeira para receber os visitantes. Kahlee e Gillian fizeram o mesmo.

Kahlee esperava uma espécie de guarda de honra ou destacamento de segurança acompanhando o capitão, mas, se vieram, ficaram do lado de fora da nave. Tirando Lemm, Mal estava sozinho.

— Obrigado por este convite — disse ele, depois de trocarem os apertos de mão.

— Estamos honrados de ter o senhor aqui — respondeu Kahlee. — Por favor, sente-se e fique à vontade.

Só havia quatro cadeiras na cabine de passageiros e, assim, quando todos os adultos se sentaram, Gillian pulou para o colo de Hendel. Novamente, Kahlee ficou admirada com o ponto em que ela tinha chegado em menos de duas semanas.

Antes que qualquer um deles pudesse falar, foram interrompidos por um sinal sonoro curto e abafado vindo de trás da máscara de Mal: o som de uma mensagem sendo transferida para o rádio de seu capacete. Ele ergueu a mão, pedindo aos outros que fizessem silêncio enquanto ouvia a mensagem. Kahlee não conseguiu ouvir o que era dito, mas viu que ele assentia.

— Mande-os ancorar na baía 7 — instruiu ele. — E diga que é bom tê-los de volta. Perdoe-me — disse um instante depois a Kahlee e aos outros. — Tenho de aprovar todas as naves de chegada antes que possam atracar.

— O senhor precisa ir? — perguntou ela.

Ele meneou a cabeça.

— Isli e sua equipe os receberão. Podemos continuar com nossos assuntos.

— E que assuntos são, exatamente? — perguntou Hendel, deixando de lado o tato e o decoro. Kahlee não podia culpá-lo, pois ela mesma estava a ponto de fazer a mesma coisa. Felizmente, Mal parecia disposto a ser completamente franco.

— A Frota Migrante está morrendo — falou sem rodeios. — É uma morte longa, lenta e quase invisível, mas os fatos são inegáveis. Estamos nos aproximando de uma época de crise para nossa espécie. Daqui a uns oitenta ou noventa anos, nossa população será grande demais para nossas naves.

— Pensei que tivessem um crescimento populacional de zero — disse Kahlee, lembrando-se de Seeto descrevendo a política universalmente aplicada de controle de natalidade durante um de seus passeios pelo convés inferior.

— Nossa população é estável, mas a Frota, não — explicou o capitão. — As naves continuam a envelhecer e a quebrar mais rápido do que podemos substituí-las ou consertá-las. Pouco a pouco, estamos ficando sem espaço habitável, e ainda assim nem o Conclave nem o Almirantado estão dispostos a tomar alguma medida. Receio que quando finalmente perceberem que deve ser feito algo drástico, será tarde demais para conter a maré.

— E o que isso tem a ver comigo? — Kahlee queria saber. — Por que me fizeram todas aquelas perguntas sobre os geth e os Ceifadores?

— Há uma coalizão pequena, mas crescente, de capitães que acreditam que devemos tomar medidas imediatas para que a nação quarian sobreviva — explicou Mal. — Propusemos que várias naves maiores da Frota sejam equipadas para viagens de longa distância. Queremos enviá-las a jornadas de dois a cinco anos para regiões desconhecidas do espaço ou para retransmissores de massa inexplorados.

— Parece perigoso — observou Hendel.

— E é, mas pode ser nossa única esperança de garantir a sobrevivência de longo prazo da espécie quarian. Precisamos encontrar mundos desertos e habitáveis que possamos chamar de nossos. Ou, na falta destes, precisamos encontrar um jeito de voltar ao Véu de Perseu e reivindicar nosso lar dos geth.

— Acredita realmente que encontrarão uma dessas tais naves Ceifadoras em algum lugar nos confins do espaço inexplorado? — perguntou Hendel.

— Acredito que é melhor fazer isto do que nada, e esperar que nossa população comece o declínio irreversível.

— Faz sentido — admitiu Kahlee. — Então, por que tanta oposição ao envio das naves?

— Nossa sociedade é extremamente frágil — explicou Mal. — A menor alteração pode ter repercussões imensas. Enviar várias de nossas naves maiores enfraquecerá toda a Frota, pelo menos até que elas retornem. A maioria dos representantes do Conclave não está disposta a assumir esse risco. A cautela deles é compreensível. Por quase trezentos anos, o Almirantado e o Conclave lutaram para proteger do esfacelamento o pouco que temos. Eles não têm alternativa senão adotar políticas cautelosas e conservadoras.

O capitão parou de falar por uns instantes, então continuou:

— Essas políticas nos serviram por um tempo, mas agora precisamos nos adaptar. Precisamos de uma nova política, se quisermos sobreviver. Infelizmente, o peso da balança pende fortemente sobre a Frota e há um medo generalizado da mudança. Por isso seu testemunho perante os representantes foi tão importante, Kahlee — acrescentou ele. — Precisamos conquistar outros para nossa causa, fazer com que vejam que assumir um risco é nossa melhor chance de sobreviver. Mesmo que não encontremos os Ceifadores ou consigamos descobrir um jeito de expulsar os geth restantes do Véu de Perseu, ainda podemos encontrar novos mundos para colonizar.

— Mas meu testemunho não teve importância alguma — protestou Kahlee. — Foi apenas especulação e dúvidas. Não sei de nada útil sobre os geth ou os Ceifadores. E nunca disse que enviar naves ao vazio desconhecido poderia ajudá-los a encontrá-las.

— Isso não importa — explicou Mal. — As pessoas acreditam que você tem um conhecimento que pode derrotar os geth, logo, não importa se realmente o possui. Você se tornou um símbolo de esperança para o futuro de nossa sociedade. Se outros capitães a virem como minha aliada, será mais fácil obter apoio à nossa causa. Por isso aqueles que se opõem a nós querem vê-la fora da *Idenna*.

— Fora? — disse Hendel, preocupado. — Quer dizer que estão nos expulsando da Frota?

— Eles não fariam isso. Só transformariam vocês em mártires para a minha causa, angariando ainda mais apoio àqueles de nós que defendem a mudança. Mas existem muitos

capitães que se opõem a nós. Vários se ofereceram para dar a vocês abrigo em suas naves, caso decidam deixar a *Idenna*. Eles acreditam que se viajarem com eles, darão apoio para o seu lado.

— Não gosto de ser um joguete político — murmurou Kahlee sombriamente.

— Compreendo — disse Mal, solidário —, e lamento tê-la colocado nesta situação. Se você realmente não quiser ser envolvida, é livre para deixar a Frota.

Kahlee franziu o cenho. Deixar a Frota não era uma alternativa, não enquanto a Cerberus estivesse procurando por eles.

— Por favor, Kahlee — acrescentou Lemm. — Enviar as naves ao espaço é a melhor esperança para a sobrevivência do meu povo.

Lemm provavelmente conseguiria que ela concordasse simplesmente dizendo que ainda lhe deviam por salvá-los em Omega. Mas Kahlee aprendera o suficiente sobre a cultura quarian para perceber que ele jamais tentaria obrigá-la dessa forma. Ainda assim, Kahlee tinha uma dívida para com ele. E os argumentos de Mal faziam sentido.

Antes que pudesse responder, porém, eles ouviram o som distante, mas inconfundível, dos alarmes de bordo da *Idenna*.

— Estamos prestes a descobrir se sua informação é confiável — cochichou Golo enquanto as telas de navegação da *Cyniad* mostravam várias fragatas de patrulha deslocando-se do corpo principal da Frota Migrante.

O transportador quarian estava lotado com dez soldados altamente experientes da Cerberus, junto com Golo, Grayson e um piloto treinado para manejar a nave quarian modificada. Todos a bordo vestiam traje de combate completo, equipado com amortecedores cinéticos, e cada um deles portava um pesado fuzil de assalto.

— Abra o canal de saudação — instruiu Golo e o piloto da Cerberus obedeceu. Tecnicamente, Grayson era o encarregado desta missão, mas, apesar disso, cederia o controle a Golo e sua compreensão maior dos costumes quarians.

Alguns segundos depois, o rádio estalou com o desafio das patrulhas quarians:

— Você está entrando em área restrita. Identifique-se.

— Esta é a nave de reconhecimento *Cyniad*, da *Idenna* — respondeu Golo —, pedindo permissão para se reintegrar à Frota.

— Verificar autorização.

Grayson prendeu a respiração enquanto Golo recitava a frase código:

— Meu corpo viaja a estrelas distantes, mas minha alma jamais deixa a Frota.

Vários segundos se passaram antes que eles recebessem uma resposta.

— A *Idenna* confirma sua identidade. Bem-vinda de volta, *Cyniad*.

Golo desligou o canal de comunicação.

— Leve-nos lentamente — instruiu ele ao piloto. — Não queremos assustar ninguém.

Localizar a *Idenna* em meio à armada de naves fora surpreendentemente simples. Cada embarcação da Frota transmitia um sinal de origem de curto alcance em uma frequência exclusiva. Como nave de reconhecimento, a *Cyniad* estava pré-programada com a frequência da *Idenna*, assim a nave apareceu como um pixel verde na tela de navegação, em contraste com o vermelho das demais.

Ao se aproximarem, Golo reabriu o canal de comunicação.

— Esta é a *Cyniad*, pedindo permissão para ancorar na *Idenna*.

Houve um atraso de vários segundos e o rádio crepitou.

— Aqui é a *Idenna*. Solicitação aceita. Dirija-se à baía de atracação 7. Seu capitão diz que é bom tê-los de volta.

— É bom voltar — respondeu Golo. — Melhor enviar uma equipe de segurança e quarentena — acrescentou antes de desativar o canal de comunicação.

— Uma equipe de segurança? — perguntou Grayson desconfiado.

— Protocolo padrão — respondeu Golo. — Se eu não solicitasse uma, eles ficariam desconfiados.

— Eles estarão armados?

— Provavelmente, mas não estão esperando problemas. Seu esquadrão deve ser capaz de dominá-los sem grande dificuldade.

Grayson sentiu o estômago se torcer enquanto vagavam para a área de atracação. Pela primeira vez em vários dias, sentia o desejo súbito pela areia, mas ignorou-o, concentrando-se na missão.

Os três homens na cabine de comando ficaram em silêncio até ouvirem os grampos de ancoragem fixarem a nave na baía.

— Localize seu alvo — instruiu Grayson e o piloto assentiu. — Mas só dispare quando eu mandar.

A Cerberus fizera alguns acréscimos à *Cyniad*, inclusive um laser pequeno e de curto alcance, mas potente. Um tiro bem colocado derrubaria o transmissor de faixa estreita da *Idenna*, eliminando as comunicações externas da nave e impedindo que alertassem o resto da Frota.

O *timing* tinha de ser perfeito, contudo. A *Idenna* ainda teria comunicações internas e assim que o transmissor fosse desativado, a ponte alertaria a todos a bordo. Grayson queria lidar com a equipe de segurança que viria recebê-los antes que isso acontecesse.

— Equipe alfa — anunciou Grayson no transmissor de seu capacete de combate —, vocês terão companhia quando a câmara de compressão se abrir. Informem assim que os eliminarem.

Alguns segundos depois, ouviram vários disparos agudos vindo do exterior da nave.

— Inimigo abatido — respondeu o líder da equipe alfa. — Nenhuma baixa de nosso lado.

— Anule o transmissor — comandou Grayson, e o piloto disparou o laser, destruindo a antena com um corte rápido e limpo. Os alarmes de bordo dispararam quase imediatamente.

— É agora que começa a diversão — falou Golo e, por trás de sua máscara, Grayson sabia que ele sorria.

VINTE E TRÊS

— O que está acontecendo? — perguntou Kahlee, gritando acima dos alarmes distantes.

O capitão ouviu atentamente a mensagem que recebia, depois transmitiu as notícias aos demais.

— A *Cyniad*, uma de nossas naves de reconhecimento, acaba de se atracar a nós. Eles derrubaram nosso transmissor de faixa estreita.

— Eu estava procurando pela tripulação da *Cyniad* quando encontrei vocês naquele armazém — informou Lemm, falando rapidamente. — Pensei que seus captores tivessem alguma ligação com a nave de reconhecimento.

— A Cerberus — anunciou Hendel. — Eles vieram atrás de Gillian.

— E a equipe de segurança que vocês enviaram para recebê-los? — perguntou Kahlee, lembrando-se das instruções anteriores do capitão. — Isli e os outros?

— Nenhuma resposta — disse Mal num tom severo. Todos sabiam o que significava.

— Se é a Cerberus, virão diretamente para este transportador — alertou Hendel. — Vão querer pegar Gillian e sair rapidamente, antes que vocês consigam organizar alguma resistência.

— Estão com alguma arma a bordo? — perguntou Lemm.

Kahlee meneou a cabeça.

— O fuzil que pegamos no armazém está quase sem munição. Hendel é biótico, mas é só isso que temos.

— Peça um destacamento de segurança — disse o grandalhão.

— Eles não chegariam aqui a tempo — respondeu Mal. — A *Cyniad* está a apenas duas baías de distância.

Não podemos nem mesmo lacrar o transportador e fugir, percebeu Kahlee. Nunca conseguiríamos nos desconectar dos grampos de ancoragem a tempo.

— Vamos — disse ela, colocando-se de pé num salto. — Não podemos combatê-los aqui.

Os cinco — dois quarians e três humanos — correram do transportador pela câmara de compressão, saindo na baía de atracação da *Idenna*. Hendel teve de levar Gillian, entre

arrastando e carregando, para que os acompanhasse: os alarmes a desorientavam e ela andava a passos lentos e distraídos.

— O convés de troca! — gritou Mal. — Temos armas no depósito.

Enquanto disparavam pelos corredores abarrotados da nave, Kahlee imaginava o que aconteceria quando os soldados da Cerberus chegassem e encontrassem o transportador de Grayson vazio. Os quarians não tinham motivos para esperar um ataque de dentro das naves de sua frota e o acesso rápido a armas de fogo em tais condições apertadas normalmente era uma receita para o desastre. Consequentemente, ninguém esperava algum destacamento de segurança portando armas. Se os agentes armados da Cerberus comesçassem a procurar por Gillian nos conveses povoados, aconteceria um massacre.

Mal gritava instruções pelo rádio, tentando organizar reforços para reprimir o inimigo.

— Precisamos resistir! — gritou Kahlee. — Segurá-los no convés de troca. Se não o fizermos, centenas morrerão.

Ele fez que sim e transmitiu as instruções à ponte.

Como nos encontraram aqui?, perguntou-se Kahlee enquanto corria, passando rapidamente a: *Não há lugar na galáxia onde Gillian possa escapar deles?*

A equipe da Cerberus chegou ao antigo transportador de Grayson e o encontrou abandonado.

— Eles devem ter entrado na nave para se esconder — imaginou Golo.

— Quantos quarians a bordo? — perguntou Grayson.

— Entre seiscentos e setecentos — foi a estimativa de Golo. — Mas apenas duas dezenas estarão armadas. Um pequeno grupo fica aqui para vigiar o transportador e eu levarei o resto comigo. Encontraremos Gillian e a traremos para cá.

Grayson balançou a cabeça.

— Ela é minha filha. Eu irei com você.

— Pode esquecer — respondeu Golo. — Não precisamos de você lá.

— Estou no comando desta missão.

— E sou o único que sabe andar por uma nave quarian. Você não pode fazer isso sem mim e eu não irei lá com você como parte de minha equipe. Está emocionalmente envolvido demais. — Pelo seu tom, Golo parecia estar quase se desculpando. — Não está raciocinando direito e não está preparado para isso.

Grayson não discutiu. Ele mal havia dormido desde que fugira do armazém de Pel. Era só um viciado funcionando à base de adrenalina e desespero. A exaustão e a abstinência tornavam mais lento seu tempo de reação e prejudicavam sua capacidade crítica, colocando toda a equipe em risco.

— Se quiser realmente sua filha de volta — acrescentou o quarian num sussurro delicado —, o melhor que pode fazer é esperar aqui e deixar o transportador pronto para nossa fuga.

Golo jogava como ele, apertava seus botões emocionais. O quarian não se importava com o que aconteceria a Gillian. Era apenas um desgraçado mentiroso e manipulador que só tinha olhos para seus interesses egoístas. Mas isso não queria dizer que ele estava errado.

Eles ficarão melhor sem você. Pelo bem da missão — pelo bem de Gillian —, você deve ficar fora dessa.

— Você, você e você — falou Grayson, apontando o piloto e outros dois. — Fiquem aqui comigo. O resto irá com Golo. Lembrem-se, só temos trinta minutos para sair desta nave.

— Se os humanos entraram na nave, provavelmente estão usando arbitrajes — observou Golo quase com despreocupação.

Grayson xingou em silêncio por esta complicação a mais.

— O Homem Ilusivo quer Gillian viva e incólume — lembrou aos oito soldados que acompanhariam Golo, enfatizando a questão para ter certeza de que todos compreendessem. — Não atirem em nada menor do que um quarian adulto.

— Ou até que estejam perto o suficiente para contar os dedos — acrescentou Golo, rindo.

— A ponte está isolando seções da nave — disse-lhes Mal enquanto passava as armas guardadas no depósito de comida, remédio e outros suprimentos cuidadosamente identificados. — Se isso não os detiver, pode ser que os segure um pouco. Os civis estão sendo evacuados para os conveses superiores e ordenei que todas as equipes de segurança nos encontrem aqui embaixo.

Kahlee pegou o fuzil de assalto que ele lhe estendia, testando seu peso. Era uma imitação volus barata de um projeto turian: uma arma abaixo dos padrões, mas era melhor do que nada.

Olhando pela sala, considerou suas chances. Só havia uma entrada para o convés de troca a partir das baías de atracação: a Cerberus deveria vir diretamente por um corredor longo e estreito até eles. Mas se conseguissem passar por aquela primeira porta, teriam muita cobertura entre as caixas e caçambas imensas usadas para armazenar mercadorias, dispersas por todo o ambiente. Uma equipe de assalto bem organizada não teria problemas para se espalhar e tentar flanquear o pessoal de Mal. E se tivessem de recuar, só havia um lugar a ir: os alojamentos superpovoados do convés acima.

Duas equipes de segurança quarian já estavam no convés de troca. Quando Mal terminou de distribuir as armas a Kahlee, Lemm e Hendel, mais quatro equipes de segurança tinham chegado do convés acima.

— Espalhem-se todos e encontrem proteção — ordenou o capitão. — Segurem as portas da área de embarque o máximo que puderem. Se eu der a ordem, recuem ao nível acima.

Os quarians espalharam-se para encontrar suas posições e Kahlee virou-se para Gillian. Ela não se mexia nem olhava em volta, simplesmente encarava o nada bem à frente, os braços pendendo flácidos juntos do corpo.

— Lembra-se de onde fica o quarto de Seeto? — perguntou Kahlee, tentando não pensar no fato de que o jovem quarian, junto com Isli e Ugho, provavelmente já estava morto.

No início Gillian não respondeu, simplesmente ficou imóvel e calada, olhando ao longe por trás da máscara.

— Gillian! — gritou Kahlee. — Isto é importante!

A menina virou a cabeça lentamente para ela.

— Lembra-se quando Seeto nos mostrou o quarto dele? — repetiu Kahlee. A menina assentiu uma vez. — Sabe onde fica?

— O convés acima de nós — respondeu numa voz monótona, indicando que ela se afastava cada vez mais de seu ambiente. — O primeiro cubículo no grupo junto da quarta coluna e da sexta fila.

— Preciso que você vá para lá e espere que eu ou Hendel a encontre! — gritou Kahlee. — Você entendeu? Vá para o quarto de Seeto e esconda-se!

Gillian fez o gesto de cabeça familiar, depois se virou e andou lentamente para o elevador de carga.

— Pela escada, Gillian — gritou Kahlee às suas costas, sabendo que o elevador não estaria em operação com a nave em confinamento de emergência. — Precisa pegar a escada!

A menina não a olhou, simplesmente alterou seu curso e foi para a escada.

— Tem certeza de que deve mandá-la para lá sozinha? — perguntou Hendel, verificando a mira do sistema automático da própria arma.

Kahlee não tinha. Na realidade, detestava ter de fazer isso. Mas não via alternativas.

— Ela não pode ficar aqui. E não podemos mandar ninguém com ela. Mal vai precisar de toda ajuda possível se quisermos ter alguma esperança de sustentar esta posição.

Hendel fez que sim, concordando com sua avaliação da situação terrível, depois foi procurar proteção atrás de uma das caçambas de metal transbordante que lhe desse uma mira clara de qualquer um que viesse das baías de atracação. Kahlee fez o mesmo, abaixando-se atrás de uma grande caixa de aço cheia de painéis e frigideiras.

A Cerberus não os deixaria esperar muito tempo.

O ataque começou com algumas granadas jogadas pela porta para o convés de troca. Ninguém da equipe de Mal estava posicionado perto o suficiente da entrada para ser apanhado na explosão, mas as granadas, quando detonadas, fizeram com que várias caixas, e seu conteúdo, voassem pelo ar. Ninguém se feriu, mas isso serviu de distração enquanto a primeira onda de dois soldados da Cerberus abria caminho pela beira da porta.

Kahlee e os demais abriram fogo, tentando rechaçá-los. Confiando nas barreiras cinéticas de sua armadura, o inimigo retribuiu o fogo enquanto corria pela entrada para uma das caixas próximas que prometia cobertura a eles.

O plano teria dado certo se não fosse por Hendel. Enquanto Kahlee e os quarians descarregavam uma rajada ineficaz após outra nos escudos do inimigo, o biótico acumulava força. Assim que os soldados da Cerberus se abaixaram atrás da caixa que supunham lhes dar abrigo, Hendel ergueu-a no ar, expondo-os a outra barragem concentrada de tiros de fuzil de assalto.

Seus escudos, ainda esgotados da carga inicial na porta, não os salvaram de uma segunda rajada de balas. Os dois foram despedaçados e Kahlee sentiu uma explosão de exultação triunfante.

Sua euforia teve vida curta. A segunda onda de soldados da Cerberus — desta vez um grupo de três — apareceu apenas segundos depois da primeira, usando as mesmas técnicas. Hendel precisava de mais tempo para se recarregar antes de desencadear os poderes mais uma vez, e assim o trio conseguiu chegar em segurança ao abrigo de uma das caçambas. Protegidos do fogo inimigo, puderam se reagrupar e recarregar os escudos, depois rapidamente atacaram de novo.

Saíram intempestiva e simultaneamente de sua proteção, os três tomando direções diferentes, espalhando-se de um lado a outro por entre o labirinto de engradados e contêineres. Kahlee se concentrou no inimigo mais próximo, perdendo o rastro dos outros dois. Tentou derrubá-lo com rajadas precisas enquanto ele se deslocava de uma cobertura a outra, mas o homem sabia dos limites de seus escudos e sempre conseguia se abaixar e sair da linha de fogo pouco antes de estarem completamente esgotados.

Ela percebeu que ele tentava contornar até a outra extremidade do ambiente, procurando uma posição onde pudesse se aproximar furtivamente dos defensores por trás. Pelo canto do olho, Kahlee viu um dos quarians sair de trás dos engradados onde se escondia para tentar interceptá-lo, sendo triturado pelas armas da terceira onda de quatro soldados da Cerberus que investiam pela porta.

Foi então que Kahlee percebeu que a situação era desesperadora. Apesar de terem uma vantagem numérica de dois ou três para um, as vantagens táticas e tecnológicas dos agentes da Cerberus eram muito grandes. Eles tinham armas melhores, armaduras melhores e treinamento melhor. Metade da equipe de Mal — inclusive Lemm, o capitão, Hendel e a própria Kahlee — não usava nem mesmo armadura corporal.

E a Cerberus tinha granadas.

Como se obedecessem a uma deixa, ela ouviu uma explosão vinda da lateral do convés. Girando a cabeça, viu a fumaça se dissolvendo e revelando os corpos queimados e inertes de dois quarians apanhados pela detonação mortal.

Pelo menos ainda tinham Hendel de seu lado. O grandalhão colocou a cabeça para fora de seu abrigo e desencadeou outro ataque biótico, empurrando os dois soldados da Cerberus para trás de seus esconderijos, fazendo com que ambos se chocassem na parede próxima. Um deles caiu pesadamente, levantando-se com rapidez e garantindo sua segurança por trás de uma cobertura. Kahlee apertou o gatilho da arma e cuidou para que o outro não conseguisse.

Um instante depois, porém, era Hendel que voava pelo ar — pelo visto, a Cerberus também tinha um biótico em sua equipe. Ele gritou de surpresa, depois bateu com força na parede atrás da mesa, na frente do depósito onde pegaram as armas. Caiu amarfanhado no chão e não se levantou.

— Hendel! — exclamou Kahlee, reprimindo o impulso suicida de saltar e correr para ver como ele estava.

Em vez disso, voltou a atenção ao inimigo, recorrendo aos anos de treinamento na Aliança para continuar focada. Era normal que soldados caíssem em combate, até amigos. Em geral não havia nada que se pudesse fazer para ajudá-los antes que o inimigo fosse neutralizado.

Kahlee manteve posição, escolhendo seus alvos com cuidado. Viu mais um soldado da Cerberus ser derrubado — segundo seus cálculos, restavam cinco, inclusive o biótico. A toda a volta, ouvia os gritos do pessoal de Mal. Quando o biótico da Cerberus lançou outro ataque, golpeando de lado a caçamba que protegia um quarian armado com um rifle de precisão para que ele fosse alvejado, o capitão finalmente deu a ordem que Kahlee sabia que acabaria por vir.

— Recuar! — gritou. — Recuar!

Ela não queria deixar Hendel para trás, mas tentar alcançá-lo agora quase certamente garantiria que fosse baleada. Piscando para afastar as lágrimas nos olhos, disparou uma rajada de fogo de cobertura ao bater em retirada.

Gillian andava de um lado para o outro pela grade de cubículos, contando em silêncio até chegar àquela bloqueada pela cortina laranja. De longe, ouvia os disparos e ricochetes agudos que ela não conseguia — ou não queria — identificar conscientemente.

A garota sabia que havia algo errado e sabia que de certo modo era culpa dela. Mas embora lutasse para juntar as peças do que acontecia, a verdade lhe escapava. Levada a entrar num estado de transe pelo estresse da situação, só o que sua mente fraturada conseguia entender eram pedaços e fragmentos desconexos.

Por exemplo, ela percebeu que devia haver mais gente por perto. Tinha lembranças nebulosas e incompletas de multidões entrando e andando entre os cubículos. Lembrava-se do zumbido de vozes, pois ele circulara por sua cabeça como um enxame de abelhas furiosas. Agora, porém, os cubículos estavam vazios. Tudo era silêncio e quietude.

Mais uma vez, sabia que isso não estava certo. Só não conseguia entender o porquê.

Kahlee disse para eu me esconder no quarto de Seeto, pensou ela, enquanto estendia a mão e abria a cortina. O quarto não estava como se lembrava. O tapete de dormir tinha sido deslocado 15 centímetros para o lado de onde fora colocado originalmente e alguém virara o fogareiro 90 graus desde a última vez em que estivera ali.

Gillian sabia que as pessoas às vezes mexiam nas coisas. Mas não gostava disso. As coisas deviam ser colocadas sempre no mesmo lugar.

Não gosto daqui. Quero voltar para o transportador.

Ela deixou a cortina cair de sua mão e se afastou do cubículo. Andando a passos lentos e hesitantes, partiu de volta pelos corredores que se cruzavam na direção da escada que levava ao convés abaixo, tomando uma rota longa e sinuosa bem diferente daquela que a levara ali.

Kahlee subiu a escada, sabendo que seria um inferno quando a Cerberus os seguisse e o combate se espalhasse pela grade de cubículos. Mesmo com a evacuação de todos os civis, a batalha se tornaria uma escaramuça de tiros de um lado a outro dos corredores que se cruzavam, dando à Cerberus e a seu armamento superior uma vantagem ainda maior.

Enquanto vários membros do time de Mal assumiam posição pelos cantos dos cubículos perto da escada, apontando as armas para a porta por onde a Cerberus deveria passar, Kahlee foi diretamente para o quarto de Seeto a fim de buscar Gillian.

Quando chegou lá, já podia ouvir os disparos constantes de arma de fogo de um lado a outro. Kahlee sabia que não demoraria: foi fácil para a Cerberus romper as defesas quarians no convés inferior e seria ainda mais difícil resistir ali. Simplesmente havia opções demais e os quarians não teriam qualquer esperança de derrubar um inimigo quando ele podia simplesmente voltar por um dos corredores e pegá-los pelo outro lado.

Ela puxou a cortina laranja, apenas para descobrir um quarto vazio encarando-a de volta.

Gillian ainda vagava pelos corredores quando começaram a ficar mais altos os barulhos que sua mente se recusara a identificar mais cedo. Viu um quarian disparar pela ponta do corredor que ela percorria e a arma em sua mão a obrigou a reconhecer o barulho como de tiros.

Não quero ficar aqui, sua mente gritava para ela. *Volte para a nave.*

Gillian pretendia fazer exatamente isso. Agora ouvia os disparos à volta, explosões esporádicas vindas da frente, de trás e de cada lado. Mas sua mente exausta simplesmente bloqueava isso e ela seguiu para a escada.

Ela pegou a esquerda e ficou cara a cara com um homem e uma mulher. Entendeu de imediato que não eram quarians — não usavam trajes ambientais. Estavam de capacete, mas os visores só cobriam os primeiros três quartos do rosto e eles tinham coletes grandes e volumosos

que escondiam o peito, os ombros e os braços. Cada um portava uma arma e, quando a viram, ergueram as armas e apontaram para ela.

Gillian simplesmente continuou andando na direção deles, como se estivesse desligada de sua presença.

— Suspende fogo! — gritou a mulher, baixando a arma enquanto a menina se aproximava. — É ela! A filha de Grayson!

O homem baixou a arma e avançou, estendendo a mão para pegá-la. Sem nem mesmo pensar, Gillian fechou o punho e esticou o braço, como Hendel ensinara. O homem foi jogado para longe, batendo de costas na beira da parede de um dos cubículos. Houve um estalo agudo e ele ficou torto de um jeito estranho.

— Santa mãe de... — a mulher ofegou, mas Gillian interrompeu suas palavras. Agindo por puro instinto, estendeu a mão aberta, com a palma para cima, e torceu o pulso. A mulher foi atirada ao teto, chocando-se nele com tanta força que seu capacete rachou. Ela baixou aos pés de Gillian, seus olhos rolando para trás e o sangue escorrendo do nariz, da boca e das orelhas. Sua perna se contorceu uma vez, a bota chutando a lateral de um cubículo próximo, depois ficou imóvel.

A menina simplesmente passou por cima dela e continuou em seu caminho. Chegou à escada sem encontrar mais ninguém, depois desceu para o convés inferior.

Ainda ouvia o tiroteio de cima, mas ali embaixo estava mais tranquilo. Sentindo-se um pouco melhor, começou a cantarolar uma música desafinada e foi para o transportador.

Kahlee estava à beira do pânico ao disparar pelos corredores, procurando desesperadamente por Gillian. Felizmente, seu treinamento permitia que mantivesse a perspicácia o suficiente para não fazer nenhuma idiotice e, em vez de correr às cegas pelos cantos, ela esticava a cabeça em cada cruzamento, dando uma olhada rápida em busca de combatentes inimigos.

À sua volta, ouvia o barulho do combate, mas só encontrou soldados da Cerberus quando deu com dois deles mortos, prostrados no meio de um dos corredores. Por um instante pensou ter encontrado provas de que Hendel sobrevivera mesmo após ser atirado 6 metros pelo ar: era evidente que os soldados tinham sido mortos por um ataque biótico. Depois lhe ocorreu outra ideia.

Gillian.

Desde que chegaram à *Idenna*, Hendel estava trabalhando de perto com a menina, ensinando-a a desenvolver e controlar as capacidades bióticas. Mas, apesar da melhora extraordinária em sua condição nas últimas semanas, ela ainda era uma menina emocionalmente frágil e facilmente perturbada. Algo a havia feito perder o controle no refeitório da academia,

desencadeando uma tempestade de poderes bióticos. Agora Kahlee tinha provas claras de que a tempestade fora desencadeada mais uma vez.

Ela está com medo, pensou Kahlee. *Confusa. Ela vai querer procurar um lugar em que se sinta segura*. Um segundo depois, entendeu.

Ela está voltando para o transportador.

Deixando os dois soldados mortos onde estavam, Kahlee continuou a percorrer atentamente os corredores de volta à escada.

Golo desfrutava inteiramente da batalha contra seu antigo povo. Embora não tivesse sido tripulante da *Idenna*, não teve problemas para imaginar os quarians que baleava como aqueles que o baniram da *Usela*, sua antiga nave.

Fortemente armado e com armadura, já fizera seis mortos durante a batalha: dois no convés de troca e mais quatro perseguidos pelos cubículos acima. Dado o armamento superior que a Cerberus lhe proporcionara, nem fora uma luta justa... E era exatamente disso que Golo gostava. Na realidade, estava tão satisfeito que quase tinha perdido a noção de tempo.

Foi só quando o cronômetro de seu capacete começou a soar suavemente que percebeu que restavam apenas dez minutos. Ainda não tinham encontrado a menina, mas isso não importava realmente para ele. Era hora de voltar ao transportador de Grayson e partir da *Idenna*.

Sabia que o resto da equipe continuaria combatendo e procurando por Gillian por mais cinco minutos antes de voltar, mas não queria ter tão pouco tempo de manobra.

Com um suspiro de remorso, Golo abandonou sua caçada pelo labirinto de cubículos e voltou rapidamente e com cautela para a escada que levava ao convés abaixo.

*

Dentro da cabine de passageiros do transportador sem nome que fora roubado dele em Omega, Grayson andava de um lado a outro com ansiedade. Olhando o relógio, percebeu que tinham apenas mais dez minutos.

— Você e você — comandou ele, apontando dois dos três soldados que ficaram para ajudá-lo a proteger o transportador —, saiam e encontrem os controles para liberar os grampos de ancoragem.

Ele pretendia esperar até o último segundo possível antes de partir, mas isso não queria dizer que não poderia ter tudo preparado de antemão.

Os dois soldados correram para a câmara de compressão, enquanto Grayson e o outro sujeito — o piloto que tinha trazido a nave quarian — esperavam em silêncio.

Ele ouviu um baque alto e pesado do lado de fora da nave. Curioso, foi cautelosamente à câmara e viu uma figura feminina e pequena coberta da cabeça aos pés num traje espacial climatizado, de pé no meio da baia de atracação.

— Papai? — disse a figura. Embora a voz estivesse parcialmente obscurecida pela máscara e o aparato de respiração, ele a reconheceu de imediato.

— Gigi — respondeu Grayson, baixando sobre um joelho e estendendo a mão para ela.

Ela se aproximou dele em seu passo familiar de pernas rígidas até chegar perto o bastante para ele tocá-la. Conhecendo bem seu problema, ele baixou a mão sem fazer contato. E então, para sua grande surpresa, Gillian se atirou e o abraçou.

Só quando ele estava segurando a filha junto ao peito foi que viu os dois soldados que enviara para fora minutos antes: estavam presos sob uma empilhadeira virada que os quarians teriam usado para carga e descarga das naves. Parecia que o veículo de 6 toneladas de alguma forma fora apanhado e jogado sobre eles, esmagando-os como formigas e matando-os instantaneamente.

Seu reencontro particular foi interrompido um instante depois, quando ele ouviu o co-piloto falando a suas costas:

— S-s-senhor — falava numa voz trêmula, gaguejando, encarando os corpos mutilados dos dois soldados mortos que apareciam por baixo da empilhadeira. — O que houve com eles?

— Não importa — disse Grayson rispidamente, soltando a filha e erguendo-se. — Suba a bordo e ligue os motores. É hora de partir.

— Ainda não podemos ir — disse Gillian. Grayson ficou surpreso ao ouvir uma emoção verdadeira em sua voz, em vez da monotonia a que estava acostumado. — Temos de esperar por meus amigos.

— Seus amigos? — perguntou para agradar a filha.

— Hendel, Kahlee e Lemm — respondeu Gillian. — Lemm é quarian.

— Não podemos esperar por eles, querida — falou Grayson com gentileza.

Ela cruzou os braços e se afastou do pai, um gesto que ele nunca a vira usar.

— Não vou sem eles — anunciou, desafiando-o.

Grayson pestanejou, surpreso, depois concordou com a cabeça.

— Tudo bem, querida, vamos procurar por eles.

Enquanto Gillian se afastava para voltar ao interior da *Idenna*, ele se colocou atrás dela e pegou um pequeno atordoador no cinto. Um tiro rápido entre as omoplatas e ela arriou nos braços do pai.

Sentindo-se culpado por usar a arma nela, mas sabendo que tinham um tempo curto e precioso, ele a pegou e carregou para dentro do transportador. Em seu interior, levou-a para o

quarto, colocando-a gentilmente na cama. Retirou o capacete do traje espacial e por um longo momento simplesmente olhou seu rosto, erguendo a cabeça quando ouviu o piloto se dirigir a ele mais uma vez:

— Senhor? — dizia o homem, parado à porta. — Os grampos de ancoragem ainda estão presos.

— Vá soltá-los — ordenou Grayson. — Não sairei do lado de minha filha.

O homem fez que sim, virou-se e os deixou a sós.

— Não se preocupe, Gigi. De agora em diante, terei certeza de que cuidarão bem de você.

VINTE E QUATRO

Kahlee correu pelo convés de troca deserto, indo para o transportador que agora Gillian pensava ser seu lar. Estava tão concentrada em encontrar a menina antes que algo acontecesse que nem mesmo pensou em conferir como estava Hendel no convés.

Ela reduziu o ritmo ao passar pelo corredor que separava o convés de troca da área de embarque, andando em silêncio para o caso de algum soldado da Cerberus estar esperando por ela. Sua cautela se mostrou bem fundamentada: havia um único guarda na frente do transportador. Estava de costas para ela, com a mão num painel de controle para liberar os grampos de ancoragem da nave enquanto a outra pendia de lado, segurando despreocupadamente o fuzil de assalto.

Um disparo podia alertar qualquer outro que estivesse próximo, mas não significava que ela não pudesse usar seu fuzil de assalto como arma. Ela sabia que a armadura dele era equipada com barreiras cinéticas, mas elas eram programadas para reagir especificamente à velocidade. Se você descesse a arma ou batesse nas costas de alguém, elas não se ativariam: para tanto, seria preciso um tiro de alta velocidade. Um golpe forte na cabeça não seria rápido o bastante para ativá-las.

Agindo rapidamente, Kahlee se esgueirou para trás do sujeito, passando os braços na ponta do cano e segurando a arma como um taco de beisebol. Assim que estava ao alcance, deu três passos rápidos para ganhar ímpeto, depois girou a maça improvisada com a maior força que pôde.

O barulho de seus pés batendo no piso de metal da área de atracação durante sua investida rápida deu ao soldado alerta suficiente para reagir. Ele se virou um pouco, erguendo o braço e abaixando a cabeça de forma que o golpe bateu em seu ombro e não na lateral do capacete. A força do impacto derrubou o fuzil de assalto do homem e a arma caiu no chão enquanto ele se jogava de lado, cambaleando para manter o equilíbrio.

Kahlee girou o braço novamente, mas estava perto demais para ter a alavancagem necessária. O golpe o atingiu na lateral do capacete, mas não com força suficiente para derrubá-lo. Tonto, o

soldado se afastou dela, trôpego, as mãos procurando a pistola no quadril.

Girando o fuzil de assalto nas mãos, Kahlee reposicionou o corpo para lançar um golpe com a pesada coronha da arma. Mirou baixo, pouco abaixo da beira do visor três quartos, esmagando seus dentes inferiores. A cabeça dele foi jogada para trás e ele caiu. Kahlee pulou para cima do soldado, descendo a coronha do fuzil em sua cabeça com as duas mãos.

Nem o capacete podia protegê-lo da força selvagem de impactos repetidos. Depois de seis golpes consecutivos, Kahlee teve certeza de que ele não se levantaria novamente. Bateu mais duas vezes para se certificar.

Erguendo-se, percebeu que o fuzil de assalto tinha perdido seu alinhamento com o ataque.

Porcaria volus inútil, pensou ela ao pegar a pistola no cinto do soldado morto.

Com o inimigo abatido, Kahlee deu uma rápida olhada pelo resto da área de embarque. Quando viu os corpos dos dois soldados da Cerberus debaixo da empilhadeira, entendeu que a menina estivera por ali.

Entrou de mansinho no transportador, no maior silêncio possível. A cabine de passageiros estava vazia, assim ela foi para a área de comando, descobrindo que também estava deserta. Quando seguiu aos alojamentos no fundo, ficou um tanto surpresa ao encontrar Gillian deitada na cama, o pai sentado protetoramente ao lado dela.

Erguendo a pistola do soldado, ela apontou para Grayson.

— Afaste-se dela, seu desgraçado.

Ele levantou a cabeça ao ouvir sua voz e seus olhos se arregalaram de choque. Precisou de um instante para reconhecê-la por trás da máscara e do traje espacial.

— Kahlee? — murmurou Grayson.

Ela fez que sim e gesticulou com a pistola, e Grayson lentamente se levantou e se afastou da cama.

Kahlee deu uma olhada em Gillian e percebeu que a garota estava inconsciente.

— O que você fez? Drogou a menina de novo?

— Atordoador — sussurrou Grayson e Kahlee pensou que ele parecia verdadeiramente envergonhado de si mesmo. Ela percebeu que, apesar de tudo o que tinha feito, ele realmente gostava da filha. De algum modo isso tornava a dedicação dele à Cerberus ao mesmo tempo apavorante e mais patética.

E então ela sentiu o golpe forte de uma pistola descendo na lateral de suas costelas.

— Largue a arma — disse uma voz de trás.

Por uma fração de segundo, Kahlee pensou em atirar em Grayson. Mas matar o pai não salvaria Gillian e quase certamente seria a morte da própria Kahlee. Em vez disso, deixou que a pistola caísse das mãos.

— Deite-se de cara para o chão, com as mãos na cabeça — ordenou a voz, batendo novamente com a pistola.

Kahlee obedeceu e ouviu seu atacante desconhecido passando por ela na direção da cama.

— Não toque nela, Golo — avisou Grayson, a raiva fria em sua voz fazendo os passos pararem.

Deitada de bruços, Kahlee atreveu-se a virar a cabeça para olhar. Ficou assombrada ao ver que ele falava com um quarian.

O mundo retornou a Hendel em uma onda de dor. Cada osso e músculo de seu corpo doíam de ser jogado na parede e à medida que ganhava a consciência lentamente, ele ficou deitado ali, tentando se orientar. Depois alguns segundos, tudo começou a lhe voltar. Estava no convés de troca, onde os quarians combatiam a Cerberus.

Ele ouvia tiros, mas vinham de longe.

A luta se deslocou para o convés acima.

Ignorando os músculos que protestavam, obrigou-se a levantar. Teve alguns segundos de vertigem antes de recuperar o equilíbrio. Olhando em volta, localizou seu fuzil de assalto onde tinha caído e o pegou.

Vá ajudar Kahlee e os outros.

Antes que pudesse sair de trás da mesa, porém, ouviu passos pesados descendo a escada. Dois guardas da Cerberus entraram em seu campo de visão repentinamente do convés superior, sua atenção não concentrada em Hendel, mas nos quarians que os perseguiam.

Estão batendo em retirada!», percebeu Hendel. Vencemos!

A biótica estava fora de cogitação. Sua cabeça ainda girava um pouco por ter sido jogado e ele desconfiava de que tinha sofrido uma leve concussão. Mas sentia-se bem o suficiente para usar o fuzil de assalto.

Dependendo dos sistemas de mira automática da arma para superar qualquer instabilidade que ainda pudesse estar sentindo, Hendel mirou no soldado mais próximo da Cerberus e abriu fogo.

Daquela distância, as balas abalaram pouco seus escudos. As defesas duraram tempo suficiente para que o soldado da Cerberus se virasse para Hendel, mas não o bastante para que erguesse a própria arma e retribuísse o fogo.

O segundo soldado girou para ele enquanto primeiro caía no chão e Hendel teve de se abaixar atrás da pesada mesa para se proteger. O primeiro tiro do inimigo arrancou nacos da madeira, mas Hendel conseguiu cobertura a tempo para correr à segurança do depósito.

Meteu a cabeça pela porta para devolver o fogo, vendo que o soldado da Cerberus estava prestes a ser apanhado em fogo cruzado. Hendel disparou, como fizeram vários quarians que desciam a escada do convés acima. Com inimigos na frente e por trás, o soldado não durou mais de três segundos.

— Sou eu, Hendel! — gritou do depósito, sem querer se mostrar repentinamente e ser baleado por acidente.

— Hendel! — ouviu Lemm gritar. — Você está vivo!

Ele saiu do depósito e passou cautelosamente por cima da mesa. Lemm, Mal e outros quatro quarians estavam reunidos ao pé da escada.

— É o último deles? — perguntou Hendel, apontando para os soldados mortos da Cerberus no chão. Ele imaginava que a luta tinha acabado, porque não ouvia mais nenhum tiro.

— Ainda pode haver mais um ou dois — respondeu capitão —, esperando na *Cyniad*.

— Estávamos fugindo deles, quando de repente bateram em retirada — acrescentou Lemm.

— Por que eles... — começou Hendel, depois se interrompeu. — Onde está Kahlee? Cadê Gillian?

Ninguém respondeu.

— A Cerberus a pegou! — gritou Hendel. — Por isso estão indo embora!

O grupo desatou a correr, seguindo para a área de embarque.

— Devo atirar nela? — perguntou Golo.

Grayson olhou para Kahlee, ainda de cara pra baixo no chão com seu traje espacial. O quarian tinha a pistola apontada para sua nuca.

— Não — disse Grayson. — Deixe-a viva. Ela é especialista em configurações de amplificação biótica. A Cerberus pode querê-la para ajudar no novo treinamento de Gillian.

— Jamais ajudarei você com seus experimentos doentios. — Kahlee cuspiu no chão.

— Silêncio — avisou Golo, dando-lhe um chute forte nas costelas. Grayson estremeceu.

Kahlee grunhiu e rolou de costas, com as mãos segurando a lateral do corpo.

— Gillian vai odiar você por isso — ofegou ela, tentando recuperar o fôlego. — Jamais o perdoará.

O quarian se aproximou e chutou novamente, fazendo-a puxar os joelhos para cima numa posição fetal para tentar se proteger.

— Chega! — vociferou Grayson.

— Como pode deixar que façam isto com sua própria filha? — perguntou Kahlee entredentes, ainda enroscada de dor.

— Você viu a empilhadeira ali fora? — perguntou Grayson. — Entende o que Gillian é capaz de fazer? E isto se deve ao que a Cerberus fez!

— Eles querem transformá-la numa arma — argumentou Kahlee, ofegando atrás da máscara. Grayson concluiu que várias de suas costelas tinham sido quebradas. — Eles a estão transformando num monstro.

— Eles a estão transformando na salvadora da raça humana — retorquiu.

— Não temos tempo para isso — avisou Golo.

— Eles a estão destruindo — rosnou Kahlee, suas palavras cheias de dor e raiva. — Aquelas drogas agravaram o problema dela. Sem elas, Gillian tem uma chance de ser quase normal!

Esponaneamente, a lembrança de Gillian lhe dando um abraço do lado de fora da câmara de compressão encheu a mente de Grayson. Ele se lembrou das palavras da filha e de sua surpreendente impertinência.

Temos de esperar por meus amigos. Não vou sem eles.

— Gillian estava feliz aqui — continuou Kahlee. — Você já viu isso antes? Ela estava verdadeiramente feliz!

— Cale-se! — gritou Golo, chutando-a mais uma vez.

Desta vez o quarian não parou, espancando-a até Grayson gritar:

— Chega! Já basta. Acabou.

Golo olhou para ele, ofegando levemente do esforço, e deu de ombros. No chão, Kahlee rolava fraca de um lado a outro, gemendo e choramingando por trás da máscara.

Os olhos de Grayson foram dela para Gillian na cama. A filha parecia tão pequena, vulnerável e indefesa.

A salvação tem um custo, Grayson parecia ouvir O Homem dizendo em sua cabeça. Sua mente voltou ao quarian mutilado no porão do armazém de Pel.

Julgue-nos não por nossos métodos, mas pelo que procuramos realizar.

— Estamos quase sem tempo — lembrou-lhe Golo. — Temos de partir agora. Não podemos esperar pelos demais.

De repente Grayson viu as semelhanças entre o quarian e seu antigo parceiro. Ambos eram sádicos e cruéis. Ambos não tinham escrúpulos para torturar e matar os outros pelo lucro pessoal.

E ambos eram traidores de seu próprio povo. Enchia-se de náuseas ao pensar no tipo de indivíduos com quem ele tinha se aliado.

Assumimos fardos terríveis pelo bem maior. É este o preço que devemos pagar pela causa.

— Ligue os motores e tire-nos daqui — ordenou Grayson.

Enquanto o quarian se virava, Grayson abaixou-se calmamente e pegou a pistola que Kahlee deixara cair no chão. Colocou-se atrás do quarian e bateu o cano atrás de seu capacete, perto demais para que as barreiras cinéticas o salvassem. E então atirou uma vez na cabeça de Golo, a bala saindo pela frente de sua máscara e se alojando na antepara do transportador.

Enquanto o quarian tombava para a frente, Grayson deixou a pistola cair de sua mão. Virou-se e olhou para Kahlee, mas não sabia o que ela estava pensando por trás da máscara.

— A nave em que viemos está cheia de explosivos — disse-lhe ele. — Temos cerca de dois minutos antes que sejam detonados e abram um buraco no casco da *Idenna*. Vou precisar de sua ajuda para evitar isto. Consegue andar? — E estendeu a mão para ajudá-la a se levantar.

Kahlee hesitou por uma fração de segundo antes de pegar a mão e se impelir para cima com um gemido.

— Posso muito bem tentar — respondeu.

Hendel e os quarians corriam à toda pelo convés de troca. A *Cyniad* estava na baia 7, na ponta, depois de todas as outras naves. As longas passadas do ex-chefe de segurança o colocaram um pouco à frente dos outros, mas eles o alcançaram quando pararam para olhar, assombrados, as duas figuras que saíam da câmara de compressão na baia 3.

Kahlee, ainda com o traje espacial climatizado, e Grayson, vestindo a armadura da Cerberus, saíam do transportador. Ela estava com um braço passado pelo pescoço de Grayson e ele parecia ampará-la, como se não pudesse ficar de pé sozinha. Nenhum deles estava armado.

— Hendel! — gritou Kahlee, mas sua voz foi interrompida em um arquejar de dor e a mão livre agarrou o lado do corpo.

— A *Cyniad* — gritou Grayson para eles. — A nave na baia 7. Está cheia de explosivos!

Hendel, perplexo com a cena diante dele, só conseguiu balançar a cabeça.

— O que está havendo? Onde está Gillian?

— Está em segurança — respondeu Grayson, falando rapidamente. — Mas você precisa chegar à *Cyniad*. Desarme a bomba antes que seja detonada!

— Mas do que você está falando?

— A Cerberus. Não pretendíamos escapar na *Cyniad*. Íamos pegar meu transportador. A *Cyniad* está cheia de explosivos programados para detonar e oferecer uma distração enquanto fugimos.

— Quantos explosivos e quanto tempo? — perguntou Hendel.

— Dois minutos e o suficiente para abrir um buraco no casco da *Idenna*.

— Vigiem-no! — disse Hendel, apontando para Grayson ao se virar para correr.

— Espere! — gritou Grayson, fazendo-o parar de repente. — É um sistema de ativação dual sincronizado. Requer que duas pessoas entrem com o código simultaneamente ou explodirá.

— Qual é o código? — perguntou Mal.

— Meia dois três dois um dois.

— Todos os outros, evacuem a área de embarque — ordenou o capitão, virando-se para Hendel. — Vamos.

Precisaram de menos de trinta segundos para chegar à câmara de compressão da *Cyniad*. Os corpos de Isli, Seeto e Ugho jaziam pouco depois dali. A câmara em si fora lacrada.

— Espere — disse Mal, segurando Hendel pelo braço. — E se for uma armadilha?

O chefe de segurança estava pensando a mesma coisa.

— É um risco que precisamos correr.

Eles abriram a câmara e correram para o transportador quarian. O porão de carga continha explosivos suficientes para destruir um pequeno asteroide. Pelo menos cinquenta tambores de combustível líquido de foguete, cada um da altura do ombro de Hendel, estavam reunidos no meio, unidos por um emaranhado de fios. De algum lugar no meio dos tambores, completamente inacessível, ele ouviu o *bip-bip-bip* ritmado de um temporizador em contagem regressiva.

— Encontre a ativação manual! — gritou Hendel, e os dois se separaram, um em sentido horário em torno do anel de explosivos, o outro no sentido anti-horário.

Hendel procurou sincronizar os sinais sonoros agudos com o relógio imaginário que batia em sua cabeça. Imaginava que tinham talvez trinta segundos restantes quando finalmente encontrou o que procurava: um pequeno teclado conectado à lateral de um dos tambores. Dois fios corriam da base para os cabos entrelaçados que cercavam os explosivos. Hendel não tinha dúvida de que desligar qualquer um dos fios detonaria a coisa toda.

— Encontrei o meu! — gritou Mal do outro lado dos tambores.

— Eu também — respondeu Hendel. — Entre com o código no três. Pronto? Um... Dois... Três!

Ele martelou os números, sabendo que havia um hiato de apenas alguns segundos para Mal fazer o mesmo. Se não estivessem em sincronia, se um deles hesitasse ou cometesse um erro, os dois seriam pulverizados instantaneamente.

O bipe constante do temporizador de repente alterou-se para um apito longo e estridente. Por instinto, Hendel fechou os olhos e se preparou para a explosão...

E nada aconteceu.

O apito estridente diminuiu aos poucos e Hendel estendeu a mão para enxugar o suor da testa, batendo a luva na máscara de seu arbitraje.

— Mas que merda de sinal de desativação — murmurou consigo mesmo. E desatou a rir.

VINTE E CINCO

Depois da batalha, os quarians prenderam Grayson. Por quase uma semana, seu destino estava na balança enquanto o Almirantado, o Conclave e o conselho civil da *Idenna* pesavam o que seria feito.

Ele tinha salvado dezenas, possivelmente centenas de vidas avisando sobre os explosivos. Mas Kahlee, como todos, sabia que essas vidas tinham sido colocadas em perigo por causa das ações de Grayson, em primeiro lugar. E ainda havia muito sangue nas mãos dele a ser considerado. Mais de vinte tripulantes da *Idenna* foram mortos no ataque, junto com onze soldados da Cerberus e Golo, o traidor quarian. O custo era alto, mas muito menor do que poderia ter sido.

O capitão Mal compreendia tudo isso e levou tudo em conta ao proferir o julgamento final a Grayson, seu direito como capitão. Kahlee temia que houvesse consequências para ela e Hendel também: nada disso teria acontecido se os quarians não os tivessem recebido quando chegaram. Porém, ela subestimara o valor que a cultura quarian dava à comunidade e à tripulação. Tinham sido admitidos como hóspedes em sua nave, Mal explicara a ela. Faziam parte da família da *Idenna*. Ele não ia expulsá-los agora e não os consideraria responsáveis pelos atos da Cerberus.

No fim, o capitão até concordou em permitir que Kahlee levasse Grayson de volta à Aliança como seu prisioneiro, dando a eles o transportador do próprio Grayson como meio de viagem. Lemm aceitou acompanhá-la como piloto, para ajudá-la a vigiar o cativo.

Hendel e Gillian, porém, não iriam com eles.

— Tem certeza de que sabe o que está fazendo? — perguntou ela a Hendel enquanto os dois estavam na área de embarque, despedindo-se.

— Gillian precisa disso — disse ele. — Você viu a que ponto ela chegou desde que viemos para cá. Não sei se é a nave, o arbitraje, a ausência das drogas... Só sei que está feliz aqui na *Idenna*. E logo ela estará fora do alcance até mesmo da Cerberus — acrescentou depois de um momento.

Kahlee assentiu, aceitando o fato de que não conseguiria fazê-lo mudar de ideia.

A notícia de uma força inimiga infiltrando-se na Frota Migrante abalou o cerne da sociedade quarian. Diante da percepção chocante de que eram vulneráveis mesmo dentro da flotilha, muitos capitães de nave mudaram de perspectiva e aceitaram a ideia de mandar naves exploratórias para as profundezas do espaço em longas missões.

O Conclave debateu acaloradamente a questão, mas no fim aqueles que defendiam as missões exploratórias, como Mal, eram a maioria. O Almirantado poderia ter derrubado a decisão do Conclave, mas também parecia ter mudado de opinião. Aquiesceu com a decisão, embora impusesse regras e restrições estritas com relação ao número de naves que partiriam e quando poderiam partir.

Não surpreendeu que a *Idenna* fosse escolhida como a primeira dessas naves. Em três semanas, viajaria por um retransmissor de massa recentemente ativado em um sistema desabitado, indo para o desconhecido. A nave estava sendo reformada com tecnologia nova que a permitiria sobreviver sozinha por mais de cinco anos sem qualquer contato ou recursos externos. Para que uma jornada desta fosse viável, porém, a tripulação teria de cair de sua população atual de quase setecentas pessoas para pouco mais de cinquenta, escolhidas a dedo pelo próprio Mal.

O capitão já dera a Hendel e Gillian permissão para ir junto.

— Acredita realmente que a Cerberus vai parar de procurar por ela depois de cinco anos? — perguntou Kahlee.

Hendel deu de ombros.

— Não sei. Mas pelo menos isto dará a ela a oportunidade de crescer um pouco antes de ter de lidar com eles mais uma vez.

Ele olhou para o transportador, onde Gillian se despedia em particular e pela última vez do pai. No início Hendel se opôs a essa ideia, mas Kahlee o demovera. Grayson merecia isso, pelo menos.

— O que será que Grayson está dizendo a ela lá dentro? — perguntou-se o chefe de segurança.

— Não sei.

Ela nem mesmo podia imaginar pelo que Grayson passava. Tudo o que fizera na vida adulta — cada ato, cada decisão que tinha tomado — fora a serviço da Cerberus e de sua suposta causa grande e gloriosa. Mas, no fim, ele finalmente escolheu a filha acima desses ideais nebulosos. Infelizmente, essa escolha significava que era impossível que a menina ficasse com ele.

— O que vai contar a Gillian se ela perguntar sobre o pai? — indagou ela a Hendel.

— Vou dizer a verdade — respondeu. — O pai é um homem complicado. Cometeu muitos erros. Mas ele a ama muito e só quer o que é melhor para ela. E, no fim, fez o que era certo.

Kahlee assentiu novamente e puxou Hendel para um abraço.

— Vocês dois tenham cuidado lá fora — sussurrou ela.

— Teremos.

Eles se separaram quando ouviram o bater familiar das botas de Lemm na direção deles.

— Estamos prontos para ir? — perguntou-lhe o rapaz.

Kahlee sabia que o jovem quarian estava ansioso para levá-la com Grayson à colônia mais próxima da Aliança e voltar a tempo de se integrar à *Idenna*. Como Hendel e Gillian, ele também fora escolhido por Mal para fazer parte da jornada longa e perigosa.

Ela já havia se despedido de Gillian e, por mais que detestasse afastar Grayson da filha, era hora de partirem.

— Estou pronta — confirmou.

Eles estavam há poucas horas de desacelerar da velocidade da luz na vizinhança de Cuervo, a mais próxima colônia da Aliança. Lemm já programara seu destino nos sistemas de navegação e Kahlee enviou uma mensagem: haveria uma patrulha de segurança esperando quando pousassem para levar Grayson imediatamente sob custódia.

Agora o quarian tirava um cochilo rápido no alojamento, enquanto Kahlee e Grayson sentavam-se na cabine de passageiros, um de frente para o outro. As mãos de Grayson estavam algemadas no colo. Como precaução a mais, Kahlee estava armada com um atordoador e uma pistola, para o caso de ele mudar de ideia.

Ela sabia que Grayson começava a ficar assustado. Seus olhos disparavam pela cabine como se procurasse uma rota de fuga e os dedos mexiam nervosos no colo.

— Você sabe que isto é uma sentença de morte para mim — disse ele.

— A Aliança o protegerá — garantiu Kahlee. — Você tem informações valiosas sobre a Cerberus. Vão querer você por perto.

— Eles não podem me proteger — respondeu Grayson, balançando a cabeça. — Pode levar um mês, ou talvez um ano, mas cedo ou tarde um dos agentes dentro da Aliança me pegará.

— O que espera que eu faça? — perguntou Kahlee. — Não posso deixar que vá embora.

— Não — falou baixinho. — Não, acho que não pode.

— Devia saber que isto iria acontecer. Mas nos ajudou mesmo assim. Acho que você queria reparar seu passado.

— Prefiro pensar que posso repará-lo sem morrer — respondeu ele com um sorriso sombrio.

— Lembre-se do motivo para você ter feito isso — disse Kahlee, na esperança de melhorar seu estado de espírito. — Foi por Gillian.

A menção da filha trouxe um sorriso tristonho aos lábios do homem franzino.

— Você tinha razão — falou. — O que você me disse antes de eu matar Golo. Gillian agora está feliz. Acho que é só isso que eu posso esperar.

Kahlee concordou.

— Você fez a coisa cer...

Suas palavras foram interrompidas quando Grayson de repente se jogou sobre ela. Agiu com a rapidez de uma serpente, lançando a cabeça para a frente para golpear seu nariz desprotegido. Kahlee abaixou-se de lado no último segundo e ele a atingiu no ombro.

O peso do homem a derrubou, prendendo-a no banco. Suas mãos algemadas tentavam agarrá-la, até que ela meteu os dedos, estendidos e rígidos, em sua traqueia.

Ofegante e asfxiado, Grayson caiu do assento, depois se enroscou numa bola no chão. Kahlee pulou da cadeira e se colocou sobre ele, os músculos retesados para o caso de atacá-la uma segunda vez.

— Tente isso novamente e darei um tiro em você — avisou, mas não havia maldade real em sua ameaça.

Seu coração estava aos saltos e o sangue disparava de adrenalina, mas ele não a tinha machucado de verdade. Kahlee esperava por algo parecido já havia algum tempo; ele estava ficando desesperado. Se alguém tinha culpa ali era ela, por não reconhecer que Grayson ainda representava um perigo.

— Vamos — disse ela numa voz mais mansa, afastando-se um passo dele. — Eu não o machuquei tanto assim. Levante-se.

Ele rolou de lado e Kahlee percebeu que havia algo preso entre os dedos das mãos ainda algemadas. Ela levou um segundo para entender que era um atordoador — ele devia ter arrancado de seu quadril durante a refrega!

Kahlee tentou gritar um alerta a Lemm, mas Grayson disparou e tudo escureceu.

Quando ela despertou, Lemm estava de pé sobre ela, preocupado. Percebeu que estava na cama do transportador, mas os efeitos do atordoador a deixaram desorientada e confusa.

— Onde estamos? — perguntou, esforçando-se para se sentar.

— Daleon — respondeu Lemm. — Uma pequena colônia volus.

— Pensei que íamos pousar em Cuervo. — Sua mente enevoada ainda juntava as peças. Lemm deu de ombros.

— Só o que sei é que alguém me atingiu com um atordoador. Quando voltei à consciência, estávamos aqui, no espaçoporto de Daleon.

— Onde está Grayson? O que aconteceu com ele?

— Sumiu. Podemos procurar por ele, se quiser. É possível que ainda esteja aqui em Daleon. Kahlee balançou a cabeça, percebendo o que acontecera.

— Ele já foi embora há muito tempo. Jamais vamos encontrá-lo.

— O que fazemos? — perguntou o quarian.

— Pegue o transportador e volte para a *Idenna*. Você tem muitos preparativos a fazer para sua viagem.

— E quanto a você?

— Basta me deixar na Academia Grissom — respondeu. — Há muitas crianças no Projeto Ascensão que ainda precisam de minha ajuda.

Com um sorriso, ela acrescentou:

— Tenho certeza de que posso convencer o conselho a me aceitar de volta.

EPÍLOGO

A tela de vídeo emitiu um sinal sonoro, indicando a chegada de uma mensagem. O Homem Ilusivo voltou os olhos do relatório que examinava em sua mesa e notou que a chamada vinha por uma linha segura.

— Atender — disse, e uma imagem de Paul Grayson bruxuleou no visor.

O líder da Cerberus piscou, um tanto surpreso. Tinha suposto que a missão para se infiltrar na flotilha quarian fora um fracasso simplesmente porque havia se passado duas semanas e ele não tivera qualquer notícia. Na maioria das atribuições da Cerberus, ele recebia atualizações gerais pelos vídeos de notícias, mas não havia nenhuma cobertura da mídia do que acontecia nos confins da Frota Migrante e ele estava tão ignorante quanto qualquer cidadão comum e mediano.

— Paul — cumprimentou, tombando levemente a cabeça de lado. — O ativo foi recuperado?

— O nome dela é Gillian — respondeu o homem. Não era possível ignorar a hostilidade em sua voz.

— Gillian, que seja — concordou O Homem, com a voz fria. — O que aconteceu na missão?

— A equipe morreu. Todos eles. Golo. Todos.

— Menos você.

— Estou tão morto quanto — respondeu Grayson. — Agora não passo de um fantasma. Você nunca vai me encontrar.

— E sua filha? Quanto tempo ela será capaz de sobreviver como foragida? Uma vida em fuga não serve para ela. Traga-a, Paul, e podemos conversar sobre o que é melhor para Gillian.

Grayson riu.

— Ela nem está comigo. Está em uma nave quarian de exploração do espaço no meio de algum sistema desconhecido para além da margem da galáxia. Você jamais a encontrará.

O queixo do Homem Ilusivo se cerrou ligeiramente enquanto percebia que a menina estava além de seu alcance. O fato de que Grayson estava disposto a provocá-lo com a informação era uma prova clara de que era impossível localizá-la. Ele dependia de uma rede de informantes da Cerberus no Espaço do Conselho e nos Sistemas Terminus para ter um fluxo constante de informações. Fora dessa rede, ficava literalmente cego.

— Pensei que fosse leal à causa, Paul.

— Eu era — respondeu Grayson. — E então vi que tipo de gente partilha de sua visão e mudei de ideia.

O Homem Ilusivo riu com escárnio na tela.

— Meu trabalho é salvar vidas, Paul. Vidas humanas. Antes você compreendia isso. Agora parece que de repente está tentando salvar sua alma.

— Acho que minha alma está além da salvação.

— Então, por que está ligando? — A mais leve sugestão de frustração aparecia na voz do Homem.

— Estou lhe dando um aviso — respondeu o homem do outro lado da tela de vídeo. — Fique longe de Kahlee Sanders. Se você a procurar, levarei tudo que sei à Aliança.

O líder da Cerberus examinou a imagem na tela de vídeo com atenção. Percebeu que os sinais familiares do uso de areia vermelha por Grayson — as pupilas injetadas, a leve luminosidade nos dentes — estavam ausentes. E entendeu que o homem não estava blefando.

— Por que ela significa tanto para você?

— E isso importa? — contra-atacou Grayson. — Ela não vale nada para você. Não se comparada a todos os segredinhos sujos que possuo. Imagino que meu silêncio em troca da segurança dela seja uma pechincha.

— Vamos encontrá-lo, Paul — prometeu O Homem em um sussurro ameaçador.

— Talvez. Mas não foi por isso que liguei. Sobre Kahlee Sanders... Temos um acordo?

Depois de pesar por um momento a proposta, O Homem Ilusivo balançou a cabeça indicando sua aceitação. A perda de Gillian atrasaria sua pesquisa biótica em uma década inteira, mas a Cerberus tinha muitos outros projetos em andamento para arriscar tudo por isso. Na tela, Grayson sorriu. Um instante depois a imagem escureceu quando a chamada era desconectada.

Ele não se incomodou de tentar rastrear a ligação: Grayson era inteligente demais para cometer um lapso em algo tão simples. Em vez disso, O Homem Ilusivo encarou a tela escura por um longo tempo, cerrando e descerrando lentamente o maxilar.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Mass Effect - Ascensão

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/410117-ascensao>

Wikipedia do jogo

http://pt.wikipedia.org/wiki/Mass_Effect

Wikipedia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Drew_Karpyshyn

Site do autor

<http://drewkarpyshyn.com/>

Twitter do autor

<https://twitter.com/DrewKarpyshyn>

Capa

Outras obras do autor publicadas pela Galera Record

Rosto

Créditos

Dedicatória

Agredecimentos

PRÓLOGO

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

QUATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

EPÍLOGO

Colofão

Saiba mais